

Universidade Aberta



Património das Águas de Angra

Mestrado em Estudos do Património

Vítor Medeiros Brasil

2013

Universidade Aberta



Património das Águas de Angra

Mestrado em Estudos do Património

Vítor Medeiros Brasil

Tese orientada pelo Professor Doutor Paulo Oliveira Ramos

2013

Tábua de matérias

Agradecimentos

Metodologia

Localização e justificação da área estudada

Resumo

Abstract

Introdução

I Parte

Capítulo I

- 1.1. Condicionantes hidrogeológicos de Angra
- 1.2. Os primórdios do povoamento de Angra
- 1.3. A água e a fixação dos primeiros povoadores em Angra
- 1.4. As antigas infraestruturas de captação, condução e aproveitamento da água em Angra

Capítulo II

- 2.1. A gestão da água: propriedade e protagonismos
- 2.2. A administração das águas
- 2.3. As posturas camarárias
- 2.4. A água na toponímia angrense

Capítulo III

- 3.1. A importância e aproveitamento da Ribeira dos Moinhos
- 3.2. Atividades económicas associadas à exploração da Ribeira dos Moinhos
- 3.3. Declínio e abandono da Ribeira dos Moinhos

II Parte

Capítulo IV

- 4.1. Caracterização e mapeamento do património das águas de Angra
- 4.2. Inventário do património das águas de Angra

III Parte

Capítulo V

- 5.1. Património das águas de Angra: do esquecimento à memória renovada
- 5.2. O património das águas de Angra enquanto recurso cultural
- 5.3. O património das águas de Angra salvaguardado

Conclusões

Fontes e bibliografia

Índice de imagens

Anexos

Agradecimentos

Um trabalho desta natureza só se torna realizável graças à colaboração de pessoas e instituições, a quem quero aqui prestar a minha gratidão.

Destes agradecimentos, os primeiros vão naturalmente para o orientador, Professor Doutor Paulo Oliveira Ramos, pelo apoio científico e amizade que me concedeu.

Um agradecimento muito especial ao Engenheiro Paulo José Mendes Barcelos, pela sua paciente e incansável colaboração, através de troca de ideias, sugestões e fornecimento de elementos documentais.

A Jácome Augusto Paim de Bruges Bettencourt, pelo entusiasmo e apoio colocados na inventariação do património integrante no trabalho.

Ao Dr. Jorge Eduardo de Abreu Pamplona Forjaz, pela cedência de informação constante em documentos da sua coleção particular.

Ao Professor Doutor Francisco Cota Rodrigues, pelas horas disponibilizadas na transmissão de informação oral e escrita.

À Dra. Lara Raquel Pereira Braga, à Arquitecta Leonilde dos Santos Costa Fonseca e ao Dr. Miguel Melo Mendonça, pelo grafismo e demais trabalhos informáticos.

Ao Arquitecto Luís Miguel Resendes Fernandes Bettencourt da Silva, pela grande disponibilidade em acompanhar-me a alguns antigos moinhos, sempre com opiniões esclarecidas e, também, pela cedência de desenhos e material fotográfico.

Aos Engenheiro Daniel Cunha Belo Projeto, Engenheiro Gil da Silva Navalho, Engenheiro Humberto Fernando Martins de Oliveira, José Henrique Pereira, José Maria Ferreira Botelho e Paulo Henrique Lopes Mendonça, pelo fornecimento de material impresso e digital.

Aos Doutor Duarte Manuel Gonçalves da Rosa, Dr. José Álvaro Amaral Afonso e Dr. Sérgio Fernandes Toste, pelas cuidadas revisões do texto.

A todos os proprietários que gentilmente franquearam as portas das suas casas, permitindo assim o alcance do inventário.

À Câmara Municipal de Angra do Heroísmo e ao Arquivo Regional de Angra do Heroísmo, pelas facilidades concedidas no acesso a documentação dos seus arquivos.

E, finalmente, agradeço ainda a quantos me receberam com desvelo e me deram informações preciosas que, em muito, enriqueceram este trabalho.

A todos quero deixar gravado um testemunho de gratidão.

Metodologia

A metodologia, adequada a pesquisas em ciências sociais e humanas, desenvolveu-se por diferentes fases, trabalhadas com rigor:

- i) Pesquisa documental e bibliográfica, análise e tratamento das mesmas, aferindo-as, para que a verdade histórica se aplique;
- ii) Planificação do trabalho de campo. Definição dos critérios e conceção das fichas de inventariação do património edificado;
- iii) Trabalho de campo. Averiguação *in loco* do património existente, identificação e estudo dos *espécimes* a seleccionar, com preenchimento das respectivas fichas de inventário e levantamento fotográfico. Nesta fase, também foram feitas entrevistas às pessoas que de algum modo estiveram envolvidas nos processos estudados: antigos moleiros, antigos aguadeiros e moradores ou frequentadores dos espaços a trabalhar;
- iv) Apresentação de estratégias para a salvaguarda e divulgação do património histórico da água da cidade de Angra do Heroísmo;
- v) Redação da dissertação. Compilação do trabalho num relatório final.

Localização e justificação da área estudada

A área geográfica estudada corresponde ao conjunto das cinco freguesias que formam a cidade de Angra do Heroísmo: São Bento, Nossa Senhora da Conceição, Sé, Santa Luzia e São Pedro, num total de 18,02 km².

Mais do que uma questão meramente administrativa, a definição destes limites territoriais justifica-se por duas principais razões:

- i) O estabelecimento inicial da população, na zona sul e oeste da ilha, dá-se aqui com uma dinâmica de desenvolvimento sem igual. A população crescia e com ela as necessidades básicas e as infraestruturas. Chegavam também naus que precisavam de ser abastecidas. Tudo isso obrigou a que nesta zona se criasse uma diversificada e significativa rede de abastecimento de água, cujas estruturas são, ainda hoje, um importante património;
- ii) A maior densidade demográfica, que se regista na cidade, constitui um risco para a preservação deste património, em parte devido a algumas lacunas legislativas que o proteja, em parte pela maior pressão imobiliária e atos de vandalismo a que está sujeito.

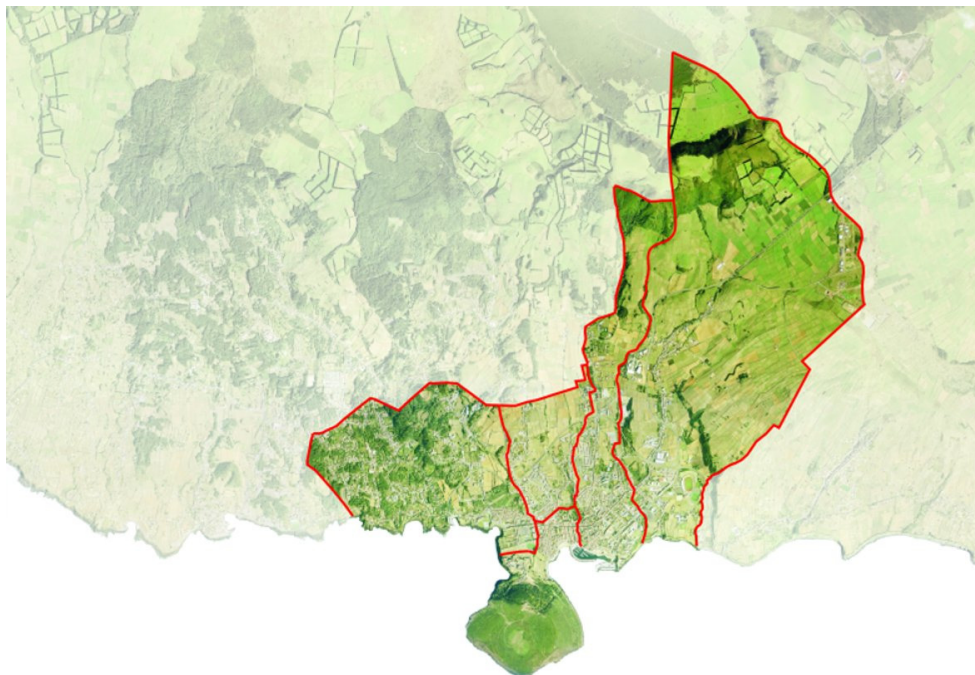


Figura 1 - Carta com delimitação da área estudada. Grafismo de Paulo José Mendes Barcelos.

Resumo

Quer pela sua riqueza e diversidade, quer pelo perigo de desaparecimento, em que boa parte do património das águas de Angra se encontra, torna-se urgente estudá-lo, referenciá-lo e, principalmente, preservá-lo. Conhecer é mais do que saber que existe. Este trabalho representa um esforço para criar uma ferramenta que, de um modo concertado, ajude à gestão desse património de valor cultural inestimável.

Este trabalho está estruturado em três partes. Na primeira, pela pesquisa e tratamento das diversas fontes de informação, organizámos uma síntese histórica da evolução dos sistemas de captação, condução e abastecimento de água em Angra, bem como da sua administração. Na segunda, apresentamos a inventariação — descrição e distribuição —, o mais exaustiva possível, das estruturas relacionadas com o património vernáculo património das águas das cinco freguesias urbanas de Angra do Heroísmo, sejam públicas ou privadas, religiosas ou civis, danificadas ou intatas. Na terceira, e última, apresentamos um conjunto de propostas e estratégias que podem, e devem, ser observadas para a proteção, salvaguarda e valorização deste património, assim como alguns casos de boas práticas a respeitar.

Julgamos ter criado um importante instrumento que permite efetuar pesquisas de natureza quantitativa e qualitativa, fundamentais para delinear estratégias de intervenção, definir planos de manutenção preventiva, de salvaguarda e valorização deste património.

Palavras-chave: Abastecimento de água, chafarizes, moinhos, Ribeira dos Moinhos, património construído.

Abstract

Whether for its richness and diversity, whether due to the danger of disappearance, in which much of the waters heritage of Angra lies, it is urgent to study it, reference it, and especially to preserve it. Knowing is more than just be aware of its existence. This paper represents an effort to create a tool that, in a rightly manner, help the management of this priceless heritage cultural value.

The present paper is structured in three different parts. In the first part, based on the research and treatment of various sources of information, we've organized an historical synthesis of the evolution of the collection, conduction and water supply systems of Angra, as well as its management. In the second part, we present the inventory — description and distribution —, as exhaustive as possible, of the structures related to the vernacular water heritage of the five urban parishes of Angra do Heroísmo, whether public or private, religious or civil, damaged or intact. In the third and final part, we present a set of proposals and strategies that can, and should, be observed for the protection, conservation and enhancement of this heritage, as well as examples of good practices to be followed.

We believe we have created an important tool to perform quantitative and qualitative research, fundamental to outline key intervention strategies, and to define preventive, maintenance, safeguarding and enhancement plans, of this heritage.

Keywords: Water supply, fountains, mills, *Ribeira dos Moinhos*, built heritage.

Introdução

O património cultural é constituído pelos bens e vivências que testemunham a riqueza de uma sociedade. Este património, que congrega todos aqueles que partilham um conjunto de valores, no qual se reconhecem, e que, na consciência de todos, é considerado comum, não se constituiu de modo imediato. A relevância do «bem cultural» sempre foi, ao longo dos tempos, significativa, mas é com a Revolução Francesa que surge o primeiro movimento em defesa desse património, que assumiria protagonismo na esfera pública. Só mais tarde, em meados do século XX, a sensibilização para o património cultural assumiu a sua efetiva dimensão, em parte resultado da devastação do património edificado que a Segunda Guerra Mundial provocou.

O património cultural é um processo histórico de um determinado grupo humano, que traduz a linguagem estrutural e funcional com que foi produzido.

Na sua componente edificada, resulta a arquitetura que o homem foi implementando, ao longo dos tempos, efeito dos seus saberes, da sua tecnologia e da sua cultura. É, seguramente, aquele que mais visível se torna às pessoas, marcando momentos e épocas importantes da sua história, e que hoje possibilita refazê-la.

A cidade de Angra do Heroísmo, inscrita em 1983 na lista do Património Mundial da UNESCO, encerra um património arquitetónico excecional a todos os níveis. Neste património destacam-se, naturalmente, os elementos relacionados com a arquitetura da água, muito representativos, quer na variedade tipológica e estilística, quer na variedade funcional e operacional.

Sem pretensão alguma de esgotar o tema do memorial histórico e patrimonial hidráulico angrense, parece-nos interessante e importante tomar esse ponto de partida, para o estabelecimento de um estudo de carácter académico e científico. Apresentamos nova documentação teórica e colocamos novas hipóteses de abordagem a esta temática, constituindo aquilo que esperamos venha a ser um útil instrumento de base para outros estudos.

I Parte

Capítulo I

1.1. Condicionantes hidrogeológicos de Angra

De um modo geral, os territórios insulares de natureza vulcânica apresentam «[...] morfologias complexas, com orografias acidentadas, grandes pendentes do terreno e altimetrias elevadas. Estas características marcam grande parte da sua hidrologia, induzindo especificidades hidrometeorológicas locais, moldando a escorrência superficial e marcando a hidrodinâmica subterrânea.»¹

O Arquipélago dos Açores localiza-se no Oceano Atlântico Norte, numa faixa circunscrita pelos paralelos 36° 55' 43" e 39° 43' 02" N, e pelos meridianos 24° 46' 15" e 31° 16' 02" W. É composto por nove ilhas: Santa Maria, São Miguel, Terceira, Graciosa, São Jorge, Pico, Faial, Flores e Corvo, que totalizam uma superfície de aproximadamente 2.334 km².



Figura 2 – Mapa dos Açores. Adaptado de *Na Minha Ilha*. Em <http://servicos.sram.azores.gov.pt/naminhailha>.

¹ Francisco Cota Rodrigues, *Hidrogeologia da Ilha Terceira*, p.17.

A Ilha Terceira situa-se entre as coordenadas geográficas de enquadramento 38° 38' 10" N e 38° 47' 40" N de latitude, e 27° 03' 00" W e 27° 24' 00" W de longitude. Possui uma superfície total aproximada de 401,6 km², com um perímetro de cerca de 109,9 km, e uma largura máxima aproximada de 19 km e 30 km de comprimento. A altitude máxima é de 1.021 m atingida no cimo da Serra de Santa Bárbara. De configuração aproximadamente elíptica, é a terceira ilha com maior área, ocupando cerca de 17% do território total do arquipélago.

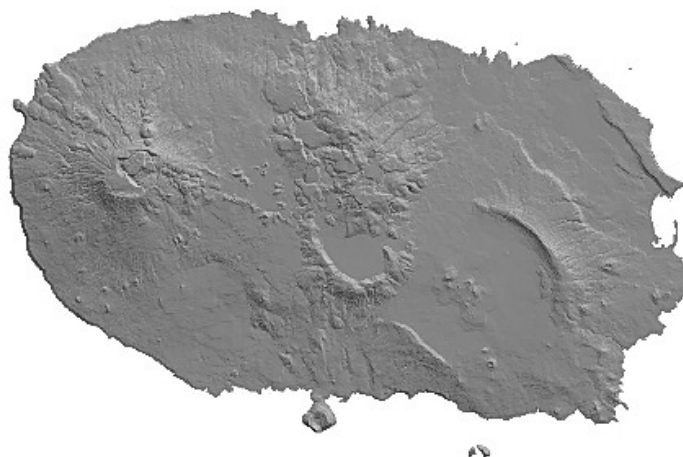


Figura 3 – Carta fisiográfica da Ilha Terceira. Adaptado do *Projeto CLIMAAT*. Em www.climaat.angra.uac.pt.

A estrutura da Ilha é essencialmente ditada por um alinhamento tectónico denominado rifte da Terceira, sendo ao longo deste que emergem os três grandes aparelhos vulcânicos interligados cujas vertentes se prolongam até ao mar, em declives suaves nas costas orientadas a sul e a leste, íngremes e escarpadas a oeste e a norte: o dos Cinco Picos, situado no sector oriental da Ilha, o de Guilherme Moniz, que abrange toda a faixa central insular, e o de Santa Bárbara, localizado na zona ocidental.

A Terceira possui «[...] um grande número de nascentes, estando inventariadas 221 [...]. Estas distribuem-se pelos seus três grandes maciços estruturais e pela zona de transição, desde o nível do mar até aos 930 m de altitude. [...] a maior parte destes pontos de água ocorre nos maciços dos Cinco Picos e de Guilherme Moniz [...].»²

A fração mais significativa destas nascentes brota «[...] nos flancos superior e intermédio dos grandes estratovulcões: no de Santa Bárbara, a principal concentração ocorre nas vertentes

² Francisco Cota Rodrigues, *ibid.*, p.224.

oeste e noroeste [...], enquanto que, no dos Cinco Picos, tendem a dispor-se na vizinhança da escarpa de falha das Fontinhas. No maciço de Guilherme Moniz estas tendem a alinhar-se ao longo de fracturas no sector sul e, de uma forma dispersa, no norte.»³

As potencialidades hídricas subterrâneas da Ilha Terceira enquadram-se sumariamente em dois tipos fundamentais de aquíferos: *suspensos*, associados a intercalações horizontais ou sub-horizontais de materiais pouco permeáveis — paleossolos, superfícies almagrizadas e níveis de materiais alterados —; e *de base*, correspondem a um conjunto de formações saturadas situadas a cotas próximas do nível do mar.

Os cursos de água da Ilha Terceira exibem, na sua quase totalidade, «[...] regimes de escoamento efémeros, funcionando apenas durante a ocorrência de precipitações prolongadas e transportando fluxos superficiais. Os caudais envolvidos são normalmente elevados e as velocidades de escoamento grandes. A torrencialidade do escoamento deve-se à elevada disponibilidade hídrica superficial, à ocorrência de substratos pedológicos pouco permeáveis e aos elevados declives do terreno.»⁴ Os cursos de regime perene estão integralmente relacionados com as nascentes localizadas nos flancos do maciço de Guilherme Moniz, designadamente, as que abastecem a Ribeira dos Moinhos, na vertente orientada a sul, e Urzal, Agualva, Alagoa e Moinhos, dispostas no lado norte.

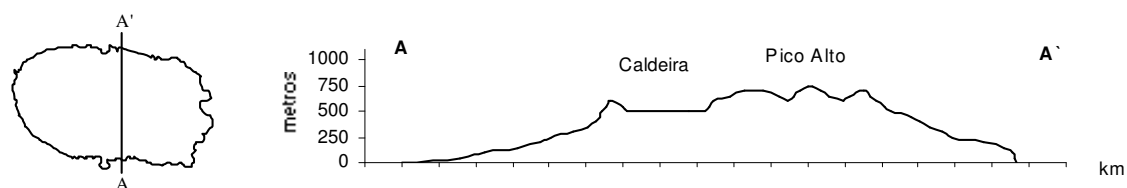


Figura 4 – Perfil topográfico do maciço de Guilherme Moniz elaborado por Francisco Cota Rodrigues a partir da Carta Militar de Portugal na escala de 1: 25 000.

A cidade de Angra do Heroísmo surge na orla costeira sul da Ilha Terceira, numa sucessão de pequenos vales, delimitados por várias escarpas de falha, que condicionaram o assentamento inicial da população. Atualmente, a cidade desenvolve-se para norte até ao flanco da Serra do

³ Id., *ibid.*

⁴ Francisco Cota Rodrigues, *ibid.*, p. 164.

Morião, ligando-se a sul com o promontório que erupuiu do mar e que constitui o vulcão do Monte Brasil.

Formado a partir da atividade vulcânica submarina, em águas pouco profundas, junto à costa de uma ilha já existente, esta península é um elemento determinante das condições naturais e panorâmicas da cidade. Esta elevação está densamente povoada por espécies arbóreas e arbustivas, entre as quais sobrevivem alguns dos endemismos que constituem a vegetação natural da Ilha. Dá origem à formação de duas importantes baías: a do Fanal, situada a poente, ampla e exposta aos ventos dominantes, e a de Angra, do lado nascente, mais encaixada, abrigada e protegida da exposição àqueles ventos.

O povoado foi primitivamente crescendo em semicírculo a partir da baixa — frente litoral —, com maior ênfase no sentido sul/norte, ao longo de uma linha de água bem marcada na paisagem, que foi responsável, direta ou indiretamente, pelo desenvolvimento urbano da cidade de Angra e de muitos dos seus acontecimentos mais marcantes. Foi, efetivamente, a artificialização e desvio do curso natural da Ribeira dos Moinhos, e o seu uso como força motriz para a indústria, uma das obras que mais influenciaram a dinâmica de um povoado que rapidamente se fez cidade.

O relevo envolvente, e mesmo no interior da área de implantação da cidade, é bastante diversificado e por vezes vigoroso, o que justifica que historicamente se tenham desenvolvido também núcleos populacionais associados à topografia, claramente identificáveis, como nos casos dos bairros do Outeiro e Corpo Santo, sobranceiros à baixa.

A maior densidade urbana observa-se junto à orla costeira, também ela bastante escarpada nalguns locais.

Administrativamente, a cidade de Angra compreende as freguesias de Sé, Nossa Senhora da Conceição, São Pedro, Santa Luzia e São Bento. Estando juntas umas às outras e formando uma área de pequena dimensão, assentam sobre uma constituição geológica semelhante, onde predominam os materiais de projeção dos grandes aparelhos vulcânicos do Guilherme Moniz e dos Cinco Picos. Nas escarpas que atravessam a cidade — Falha das Favas, do Espigão, da Memória —, bem como no Pico da Urze, sobressaem formações traquíticas.

Encontram-se também materiais basálticos no derrame da freguesia da Terra Chã, que se estendeu até ao litoral da freguesia de São Pedro, e nas formações surtseianas do Monte Brasil, que, quando da erupção, se depositaram também sobre a zona onde, mais tarde, se daria o povoamento da cidade.

Das cinco freguesias, apenas Santa Luzia não confina com o mar, desenvolvendo-se a norte da freguesia da Sé, e, pela mesma razão, a Sé é a única que fica circunscrita a uma pequena área litoral, não avançando para o interior, nem começando nos marcados declives da encosta sul da Serra do Morião.

A freguesia de Nossa Senhora da Conceição tem uma área de 2,47 km². É nesta freguesia que está a nascente da Nasce Água, situada no flanco sul da Serra do Morião, a 250 m de altitude. Desenvolvendo-se ao longo de uma série de falhas que cortam as formações traquíticas do maciço do Guilherme Moniz, esta é uma das três principais nascentes que asseguram atualmente o consumo público da cidade de Angra, e a única dentro da área objeto do presente estudo.



Figura 5 – Flanco sul da Serra do Morião. Fotografia aérea de Gil da Silva Navalho. Ano de 2011.

Esta freguesia faz fronteira a leste com a freguesia de São Bento, com uma área de 8,66 km², e uma linha de costa elevada, delimitando-as um dos afluentes da Ribeira de São Bento, e, a oeste, as freguesias da Sé e a de Santa Luzia.

A freguesia da Sé tem uma área de 1,84 km², compreendendo sensivelmente metade da baixa de Angra e todo o Monte Brasil, pelo que, na sua maior área, a freguesia é, na realidade, despovoada. É a antiga Ribeira dos Moinhos que a separa, em boa parte, da freguesia de Nossa Senhora da Conceição. Santa Luzia é a freguesia com menor área de todo o concelho, com apenas 1,20 km².

A freguesia de São Pedro tem uma área de 3,85 km², e uma linha de costa que se estende para oeste, a partir da Baía do Fanal, apresentando vários locais de fácil acesso. Tem presente um única linha de água, de regime torrencial, que desagua junto à Silveira.

1.2. Os primórdios do povoamento de Angra

Nas palavras de Álvaro Monjardino, «Ao princípio era a Natureza moldada pelo fogo, pela chuva, pelo vento e pelo mar. A costa sul da ilha, ao tempo ainda sem nome, ou talvez o da Ilha do Brasil, levantava-se em escarpas e penedos basálticos, de quando em quando cortados por uma veia de água.»⁵

Depois de 1439, ano em que D. Afonso V, por carta de 2 de julho, outorgou ao Infante D. Henrique⁶ o povoamento das ilhas dos Açores, foi iniciado o seu processo de humanização.

A chefiar a colonização veio gente da confiança do Infante, homens que se tinham diferenciado nas viagens e descobrimentos, tendo demonstrado o seu dinamismo e competência empreendedora. O resto, as pessoas que com eles vinham, não seriam seguramente a fina flor da sociedade portuguesa, pois ela não se aventuraria a vir povoar ilhas distantes de terra firme, no meio do mar.

Foi por carta datada em Silves, a 2 de março de 1450, que o Infante doou a capitania da ilha, que primeiro foi chamada «do Brasil», depois, «Jesus Cristo da Terceira» e, finalmente, Terceira, ao fidalgo flamengo, radicado na cidade do Porto, Jácome de Bruges, seu servidor, para «[...] que viesse povoar de qualquer gente que quizesse, com a condição que fossem católicos [...]».⁷ Logo que recebeu a doação, e depois de previamente ter largado gado na ilha, recrutou gente no Norte de Portugal e na própria Flandres, e veio para a terra desabitada. Numa

⁵ Álvaro Monjardino, *Angra Cidade Transatlântica*, p. 9.

⁶ Governador e mestre da Ordem de Cristo a que as ilhas dos Açores pertenciam.

⁷ Gaspar Frutuoso, *Saudades da Terra*, vol. 6, p. 6.

organização ainda de raízes medievais, este dianteiro capitão do donatário desencadeou a colonização pelo lado oriental da ilha, fazendo assento na Praia.

O Infante D. Fernando⁸ «[...] não tirava os olhos da ilha Terceira, antevendo os interesses que resultariam de sua povoação, e por isso mandou para ella Alvaro Martins Homem [...]».⁹ Por volta do ano de 1461, desembarcou na ilha o navegador Álvaro Martins Homem, nobre abastado e de espírito empreendedor, designado pelo Infante para vir ajudar Jácome de Bruges no desenvolvimento da agricultura e povoamento da sua capitania. Este fidalgo decidiu fixar-se, após prévio reconhecimento, e sem embargo do acidentado do terreno, na parte sul da ilha, como que percebendo estar ali o embrião de uma pujante urbe marítima, sendo o «[...] responsável por uma primeira fase do processo de urbanização, continuado por Corte Real, algures entre o terceiro quartel do século XV e o seu final [...]».¹⁰

O ano de 1474 carimba o início de uma nova era no mapa administrativo da ilha Terceira. Foi então que, resultado da misteriosa ausência do capitão do donatário Jácome de Bruges, e da anarquia que nesta ilha se instalara, «[...] resolveu a Infanta¹¹ dividir a ilha em duas capitanias independentes concedendo uma a Alvaro Martins Homem, e outra a João Vas Corte Real [...]».¹²

A capitania de Angra foi atribuída, por mercê do direito de opção, consignado na respetiva carta de doação, a João Vaz Corte-Real, prestigiado fidalgo da casa do Infante e grande navegador; e a capitania da Praia foi concedida a Álvaro Martins Homem, que já se encontrava na parte de Angra.

Esta institucionalização de direito, que se traduziu na administração dos novos capitães do donatário, alavancou um período de intenso povoamento. Sob o impulso genial de Corte-Real, a capitania de Angra organizou-se e desenvolveu-se de modo notável, sendo a povoação de São Salvador de Angra, pelo estatuto que depressa alcançou, elevada à categoria de vila, decorria o ano de 1478. O capitão «[...] dedicou-se ao delineamento urbano, numa larga e consciente visão do futuro de Angra cujas ruas ainda hoje mantêm esse admirável traçado primitivo.»¹³

⁸ Sucessor de seu tio Infante D. Henrique no mestrado da Ordem de Cristo.

⁹ Francisco Ferreira Drummond, *Anais da Ilha Terceira*, vol. 1, p. 48.

¹⁰ José Manuel Fernandes, *Angra do Heroísmo – Aspectos Urbano-Arquitectónicos*, p. 22.

¹¹ D. Beatriz como tutora de seu filho D. Diogo, Duque de Viseu.

¹² Francisco Ferreira Drummond, op. cit., p. 55.

¹³ Joaquim Moniz de Sá Corte-Real e Amaral, *Biografias e Outros Escritos*, p. 227.

Considerando o grande desenvolvimento, e como indício do reconhecimento dos serviços prestados pelos angrenses em socorro e provimento das armadas e naus da carreira das Índias, a vila de Angra é elevada à dignidade de cidade, por D. João III, por carta lavrada em Évora, a 21 de agosto de 1534.

1.3. A água e a fixação dos primeiros povoadores em Angra

Os cursos de água encerram singular importância para os novos espaços a ocupar, pois variadas e tão destacadas inter-relações se instituem a partir destes com outros domínios da realidade. Assim, a preexistência de água doce nos territórios que se ambicione humanizar sempre desempenhou um relevante papel na decisão do momento e, mais tarde, na política, influenciando, evidentemente, no processo de fixação das comunidades humanas.

Duvidoso é o tempo e local de desembarque, bem como o primitivo assento dos recém-chegados à ilha, que se viria a denominar por Terceira. Uma corrente defende que a entrada e primeira povoação se deu a norte, no lugar das Quatro Ribeiras; outros diferem, sustentando a teoria de que a inaugural fixação surgiu a sul, junto a uma ribeira que se viria a chamar de Frei João. Ora, em qualquer das situações, um dos fatores que decididamente presidiu ao assentamento foi a preexistência de água doce, pois ambos os lugares eram fartos deste bem essencial.

Certo parece ser o desaprazível «[...] aspecto da ilha Terceira, montanhosa e desigual; porem dava lugar a conceberem-se esperanças de futuro melhoramento e utilidade. E se este era o aspecto no centro da mesma ilha, em suas costas marítimas elevavam-se alcantiladas rochas, de uma altura espantosa, e forma horrenda [...] sem embargo desta desagradável perspectiva da natureza, a ilha Terceira não era um campo estéril e circunscripto [...] antes por toda a parte se respirava um ar vivificante, e se encontravam cristalinas e saudáveis agoas [...]»¹⁴ que constituíam umas das suas maiores riquezas.

Os que primeiro tocaram chão firme encontraram-no encoberto de densa vegetação virgem, sendo que «[...] nos vales e ribeiras havia árvores de monstruosidade rara em grossura e altura [...]»¹⁵ Depois de palmejada a ilha, e da entrega da parte de Angra a Álvaro Martins Homem, foram lançados os fundamentos da povoação. Domados os grossos matos, que foram

¹⁴ Francisco Ferreira Drummond, *op. cit.*, pp. 32-33.

¹⁵ Luís da Silva Ribeiro, *Obras II*, p. 87.

convertidos em chão cultivável de excecional aptidão produtiva, «[...] logo se impôs a procura de correntes de água que não só garantissem o abastecimento das população, como, após as colheitas que se previam abundantes, permitissem o estabelecimento de engenhos capazes de assegurar a farinação de cereais, também indispensável à existência.»¹⁶

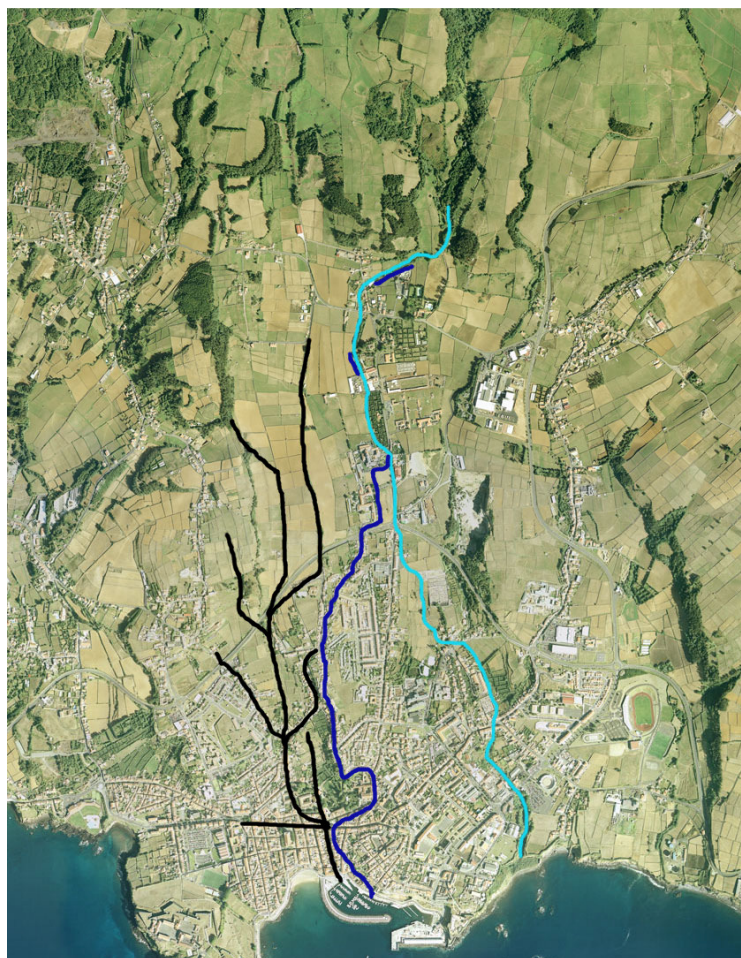
Solo abençoado por Tétis, a deusa titânide da água doce, pela abastança de águas que se derramam pela superfície da ilha. São «[...] mais de cem nascentes, algumas com uns milhares de litros de produção diária e caudal suficiente para acionar diversas azenhas (Ribeira dos Moinhos, Rego de Água, Ribeira da Aqualva, Ribeira Grande) [...] há ainda cursos de água intermitentes (grotas) que só correm no Inverno.»¹⁷

Ao tempo do povoamento, as férteis terras de Angra, localizadas num vale delimitado pelas escarpas de falha de Santa Luzia e Atalaia, cerrado a norte por colinas, e aberto a sul sobre o mar, eram atravessadas por uma ribeira de regime permanente, que vinha da colina mais alta, a norte, e desembocava na Baía das Águas. Na mesma época, a poente daquela ribeira, localizava-se uma rede de linhas de água de regime torrencial, que afluíam à baixa de Angra antes de desaguar na Baía de Angra.

O lugar concedido a Álvaro Martins Homem, não obstante ser um terreno acidentado, com arribas abruptas, reunia, naturalmente, um conjunto de aprazíveis condições, tais como solo fecundo, com grande abundância de águas doces e correntes, litoral acessível, possuindo um porto natural e profundo, posição abrigada dos ventos dominantes, proteção facultada pela topografia do terreno, características que, desde logo, cativaram a preferência dos primeiros povoadores. Este excecionalmente dotado lugar veio a receber o topónimo de Angra, por buscar o nome da sua fundamental característica geográfica — enseada, pequena baía —, perto da qual floresceu o povoado.

¹⁶ Frederico Lopes, *Notas Etnográficas*, p. 206.

¹⁷ Luís da Silva Ribeiro, *op. cit.*, p. 86.






-  Linha de água de regime permanente que desaguava na Baía das Águas.
-  Canal artificial da Ribeira dos Moinhos.
-  Rede de linhas de água de regime torrencial que afluíam à baixa de Angra e desaguava na enseada.

Figura 6 – Decalque das linhas de água e desvio da ribeira à época do povoamento. Implantação em fotografia aérea. Adaptado de Paulo José Mendes Barcelos. Em «Ribeira dos Moinhos – A Ribeira que a Baixa de Angra nunca viu».

1.4. As antigas infraestruturas de captação, condução e aproveitamento da água em Angra

O estabelecimento do povoado angrénsis foi fortemente condicionado pelo acesso e pela disponibilidade de água doce. A importância deste elemento na evolução da cidade cumpre-se, desde logo, no modo como a urbe surge e se estende ao longo dos tempos.

A história documentada das águas de Angra é antiga, quer em relação à sua existência em quantidade e qualidade excepcionais, quer pelo esforço e recursos aplicados na criação de

estruturas de captação, condução e disponibilização deste bem vital. Já no século XVI, surgem escritos sobre a urbe angrése nos quais é relatada a importância da água e os seus equipamentos infraestruturais.

As referências mais antigas que se conhecem do património das águas de Angra aparecem na obra *Saudades da Terra*¹⁸, de Gaspar Frutuoso, dizendo que na fortaleza de São Sebastião está «[...] uma grande cisterna dentro, que levará quinhentas pipas de água [...]»¹⁹, que na residência do bispo se acha «[...] um formoso jardim ornado e regado com uma fresca fonte no meio.»²⁰, que o convento de São Francisco possui um «[...] fresco pomar e horta regada por uma ribeira de água, e na claustra tem chafariz de água [...]»²¹; e refere ainda a importância da ribeira que atravessava Angra, agitando doze moinhos: «[...] a qual ribeira procede de várias fontes, que estão quase uma légua da cidade contra uma serra, e ao pé da mesma nasce outra fonte, de muita cópia de água, com arca fechada, da qual por canos vem ter à cidade e se reparte por quatro principais chafarizes, afora outro que sai junto do cais, donde se provêm todos os navegantes e armadas; e, além disso, se reparte por todos os mosteiros e algumas casas principais, com que fica a cidade muito fresca e abundante, de modo que são por todos doze chafarizes.»²²

Em 1576, empreenderam-se obras que canalizaram a nascente situada no Cerrado das Fontes, no lugar do Posto Santo, que viria abastecer na cidade: «[...] cinco chafarizes principais e sete secundários. Um deles estava junto ao cais e destinava-se, obviamente, a servir os mareantes [...]»²³

No mapa atribuído ao cartógrafo holandês Jan Huygen van Linschoten, gravado em 1595, surgem nitidamente representados quatro chafarizes e as bicas que constituíam o abastecimento público à cidade. Os pontos de provimento público da água potável «[...] foram estrategicamente escolhidos, pois permitem que as populações não tenham que deslocar-se mais de 500,0 metros para efetuar a sua recolha.»²⁴

¹⁸ A obra *Saudades da Terra* foi escrita até 1591.

¹⁹ Gaspar Frutuoso, op. cit., p. 11.

²⁰ Id., ibid.

²¹ Gaspar Frutuoso, ibid., p. 12.

²² Gaspar Frutuoso, ibid., p. 14.

²³ João Marinho dos Santos, *Os Açores nos séculos XV e XVI*, vol. 2, p. 487.

²⁴ Humberto Oliveira, *Angra na Visão de Linschoten*, p. 353.

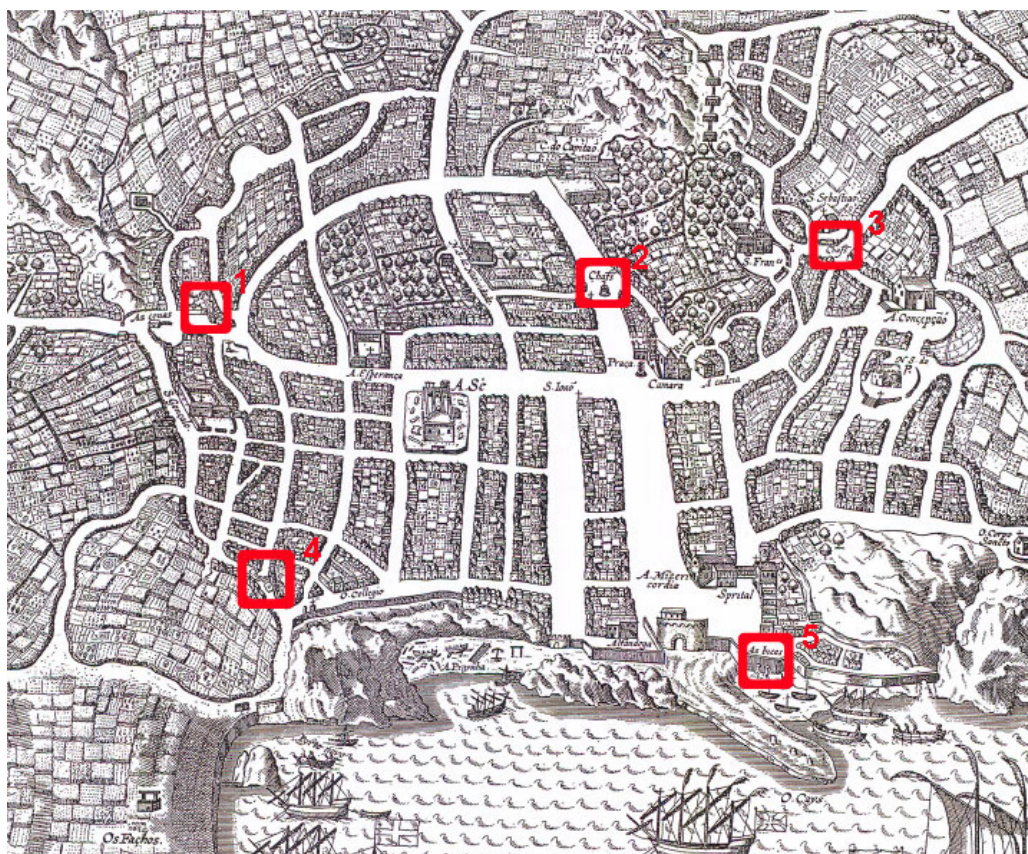


Figura 7 – Pormenor da carta da cidade de Angra, atribuída a Jan Huygen van Linschoten, 1595. Anexa ao «Itinerário, Viagem ou Navegação para as Índias Orientais ou Portuguesas». Demarcação dos pontos de abastecimento público de água. Adaptado de Humberto Fernando Martins de Oliveira. Em «Angra na Visão de Linschoten».

1 – Chafariz do Alto das Covas: Era implantado no *Campo das Covas*, incorporado no muro sul da cerca do antigo Convento da Graça, no espaço onde atualmente se encontra a Escola Básica e Jardim de Infância Infante D. Henrique. Em 1846, fruto da requalificação do largo, o chafariz foi reimplantado a aproximadamente uma centena de metros para poente da localização original. Abastecia de água a população das zonas centro, norte e poente da cidade.

2 – Chafariz das Ruas Direita e do Marquês: Estava situado no extremo norte da Rua Direita, na fronteira com a Rua do Marquês, a poente do acesso principal do atual Jardim Duque da Terceira. «Pela sua situação, deveria ser muito importante, pois abastecia o centro da cidade. Era o único que não ficava adoçado [*sic*] a nenhum imóvel. Pela imagem da carta deveria ser circular, com pelo menos quatro bicas a correrem [...] para um tanque [...], tendo a encimá-lo uma alegoria, talvez uma ave.»²⁵

²⁵ Humberto Oliveira, *ibid.*, p. 356.

3 – Chafariz junto à Igreja de S. Sebastião: Encontrava-se posicionado onde hoje é a Praça Dr. Sousa Júnior, na convergência das atuais Ruas do Galo, da Guarita e do Cruzeiro. Este ponto de água abastecia as zonas sul e nascente de Angra, até aos Portões de São Bento.

4 – Chafariz da Rua dos Canos Verdes: Achava-se localizado no largo onde desembocam as atuais Ruas dos Canos Verdes, Conselheiro José Silvestre Ribeiro e da Rocha. «Era conhecido como o chafariz da Companhia de Jesus, pela sua proximidade com o primitivo Colégio dos Jesuítas.»²⁶ Este chafariz dava de beber à população das zonas centro e sul de Angra.

5 – As bicas do cais da cidade: Segundo a carta, seriam duas, que se situavam paredes meias com o principal cais de Angra, junto às Portas do Mar. Destinavam-se ao abastecimento de água potável das embarcações que à beira da cidade varavam.

Fulcral era também conseguir levar água à fortaleza do Monte Brasil. Em 1593, dá-se início a uma importante obra hidráulica que viria a tornar o castelo autossuficiente, dotando aquela infraestrutura militar de água para beber e para a sua própria edificação. A construção do sistema de encanamento de água, dos tanques, do chafariz e da cisterna foi levada a cabo em três fases diferenciadas: «[...] conduzir a água que se levava desde a fonte das Covas da dita cidade à fortificação do Brasil; esta obra tinha como função o “serviço da fabrica que se faz na montanha do Brasil e para que fique nela perpetuamente uma fonte” e como motivação “la preçissa necesidad y mucho gasto que se haçia en llebar el agua en carros para las dichas obras — un estanque o pila grande capaz de mas de ochenta pipas de agua y outro menor donde cayese el aguas de dos caños para cojer della para” [...] [beber]; os dois tanques deveriam estar juntos um do outro. — “tres çisternas” [...]».²⁷

Nesta obra empregaram-se algumas inovações técnicas construtivas, que possibilitaram haver reservas de água regulares para os militares aquartelados, durante todo o ano. «[...] Porquanto por ser neçessario lleuar agua desde el chafaris o fuente que esta en esta dita ciudad en la parte que llaman Las Cuebas desde adonde esta a la parte y lugar que ha de llegar para el serujcio ansi delo tocante ala fabrica como para que queda para siempre para la gente que en ella quedare que ay distancia de doçientas braças de terreno y en algunas partes y lugares aber de yr el agua encañada por caños de piedra e arcaduzes [...]».²⁸ No percurso de cerca de 200 braças,

²⁶ Humberto Oliveira, *ibid.*, p. 355.

²⁷ Joana Balsa Pinto, «As cisternas do Castelo do Monte Brasil – Contributo das Fontes Contabilísticas para a sua História».

²⁸ *Id.*, *ibid.*

entre o Chafariz do Alto das Covas e a fortaleza, a água era conduzida em canos de pedra, com alcatruzes no interior, ou unicamente por alcatruzes com cal e betume. Por seu lado, os dois tanques, que ficariam conhecidos por Chafariz d`El-Rei²⁹ e Tanque do Azeite³⁰, respeitavam características peculiares; o «[...] grande deveria ser “capaz de mas de ochenta pipas de agua y outro menor a donde caya el agua de dos caños para coxer della para beber”. No caso das cisternas, as suas muralhas deveriam ser de cantaria com dez palmos de comprimento e dez de altura e dois palmos e meio de profundidade [...]»³¹, tendo capacidade para armazenar cerca de 3.000 pipas de água . Este grandioso corpo tripartido deixou de ser utilizado a partir de 1917, ano em que foi canalizada água para o Castelo, desde o Caminho Fundo, na freguesia de Santa Luzia.

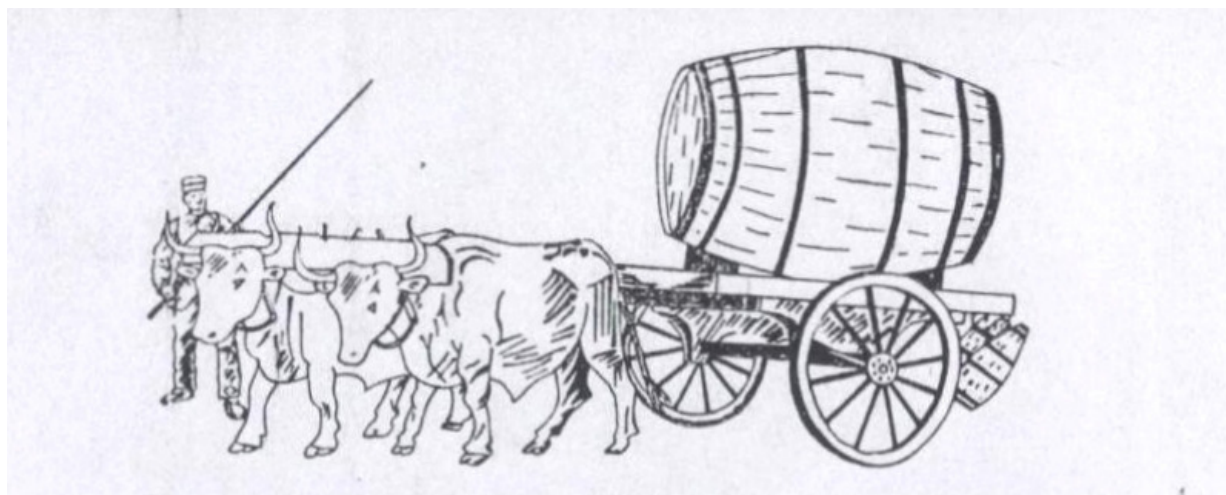


Fig. 8 – Meio de transporte utilizado até ao ano de 1916, para levar a água do Chafariz d`El Rei e do Tanque do Azeite para a grande cisterna da fortaleza do Monte Brasil. Adaptado de Pedro de Merelim, em «As 18 Paróquias de Angra».

A calendarização desta construção prolongou-se por pouco mais de dois anos. Os trabalhos tiveram o seu início «[...] em novembro de 1593 com a condução da água por canos, da fonte localizada no Alto das Covas ao local da fortaleza no Monte Brasil. Esta obra prolonga-se até finais de abril de 1594; de finais de maio a princípios de junho do mesmo ano decorre a obra do tanque grande e do tanque pequeno. Em 15 de julho de 1594 surge a primeira alusão às

²⁹ Neste caso seria Filipe II de Espanha, I de Portugal.

³⁰ Segundo se conta também serviu para armazenar o óleo extraído de vários cetáceos e peixes, como a baleia, o cachalote, golfinho e o albacar. Este óleo misturado com areia – cinzas vulcânicas – e cal servia de argamassa para unir os blocos de tufo vulcânico, que constituem as muralhas do castelo.

³¹ Joana Balsa Pinto, op. cit.

cisternas [...] podemos supor que durante o primeiro trimestre de 1596 a obra já estaria em fase de conclusão ou mesmo terminada [...].»³²

Também foram construídas, no Monte Brasil, outras estruturas com vista à disponibilização de água ao consumo. Na Quinta do Regalo, existiam «[...] duas cisternas cujos eirados partiam amplas escadarias até ao reduto da ermida de Santo António [...] e um chafariz alimentado pelas cisternas.»³³ No forte de Santo António, que possui dez baterias ligadas entre si, na bateria mais baixa estava «[...] uma cisterna, [...] na retaguarda da última bateria foi escavado um pequeno reservatório destinado a recolher a água que escorre da rocha e naturalmente serviria para abastecer a cisterna [...]».³⁴ No reduto de São Gonçalo, «[...] nota-se uma cisterna que era alimentada pela água que escorria da rocha a ela sobranceira.»³⁵ O forte da Quebrada «[...] tem ainda as ruínas duma casa e duma cisterna.»³⁶

O ponto de viragem no abastecimento de água a Angra dá-se em 1605, com o início de uma obra da maior importância para a cidade: o Cano Real, «[...] encanamento real, porque assim se reputava uma obra com tanta magnitude [...]»³⁷, que vinha conduzir e distribuir a água, desde a nascente no flanco sul da Serra do Morião, até aos chafarizes públicos e privados da urbe. Este empreendimento trazia «[...] agoas desde o seu nascimento por alcatruzes the a beira da Cidade que contexta com o moinho nouo onde existe a Arca em que as ditas agoas se repartem. E the aquelle lugar se achão mil cento setenta e coatro braças [...] Reuistos pelos officiaes da Camara, abetumados, e encalados, com a seguranca e fortificação necessaria.»³⁸

Em 1693, o encanamento real alimentava 25 chafarizes públicos com águas «[...] correntes com abundancia, e a major parte deles de duas bicas de mais d anel d agoa, a saber na freguezia da See 10. na Conceipção 8. em Santa Luzia 3. em S. Bento 2. em São Pedro 2. que fazem o dito numero de 23. São estes chafarizes tão continguos hus a outros, que não distão de cada caza hu tiro de Mosquete.»³⁹

³² Id., *ibid.*

³³ Miguel Cristóvão de Araújo, *O Castelo de S. Filipe do Monte Brasil*, p. 18.

³⁴ Miguel Cristóvão de Araújo, *ibid.*, p. 44.

³⁵ Miguel Cristóvão de Araújo, *ibid.*, p. 49.

³⁶ Miguel Cristóvão de Araújo, *ibid.*, p. 52.

³⁷ Félix José da Costa, *Angra do Heroísmo, Ilha Terceira (Açores) – Os seus títulos edifícios e estabelecimentos públicos*, p. 53.

³⁸ Manuel Luís Maldonado, *Fenix Angrence*, vol. 3, p. 301.

³⁹ Id., *ibid.*

O Cano Real, na mesma época, abastecia de água potável «[...] os oito Conuentos e mosteiros dos Relegiozos e relegiozas d Angra, com tal fartura, e abundancia, que todos tem nos seos claustros hu chafaris de coatro bicas, outro no Refeitorio, dois, e muitos tres em suas cercas; As Sacrestias da See e Conceipção, e destas agoas que lhe sobrão a hua e outras sacrestias se aproueitão muitas cazas nobres quazi com desperdicios. Finalmente o que mais he de admirar não hauer caza em Angra de major substancia, que não tenha chafaris em seu quintal, com tamanha superfluidade que comonicão as sobras a outras que podia ser excuzo este regalo; e tanto assim que há Rua sem ser das principais em que se achão sete, e oito chafarizes, com a circunstancia de que muitos o tem á vista em rua publica; com o que não pareça excesso o dizer se que proué o Cano Real das agoas d Angra mais de duzentos chafarizes publicos e particulares, e estes correntes em todos os tempos do anno com o que se mostra estar Angra contaminada d agoas [...]».⁴⁰

As águas eram trazidas, por efeito da gravidade, a todos os pontos necessários da cidade, em canos de barro, onde depois eram repartidas através de pequenos compartimentos denominados «arquinhas», fechados com portinholas de madeira ou ferro. Eram intercalados, estrategicamente, nos aquedutos com a pretensão de ramificar o caudal principal, de modo a que se satisfizessem os interesses públicos e particulares. Com os materiais existentes na época, estes canos eram de produção local, artesanal, fabricados num barro bastante poroso e permeável, com juntas toscas, em que, para além da sempre possível contaminação, havia uma significativa perda de água.

A partir da centúria de setecentos, foi profícua a construção de lavadouros públicos, popularmente designados por «pias de lavar», que eram implantados, maioritariamente, junto dos chafarizes. Até então, em regra, as mulheres lavavam a roupa diretamente na ribeira da cidade.

Em 1717, o Pe. Cordeiro descreve alguns pontos de abastecimento de água que havia, à data, na cidade de Angra, e que foram colocados habilmente em locais de forte confluência de pessoas, referindo que a «Ermda de Nossa Senhora da Boa Nova, que tem seu Hospital para os doentes soldados do Castello [...] & pouco mais de hum tiro de espingarda, está huma fonte perenne com seu chafariz, bicas & tanque, agua boa de que ordinariamente bebe a gente do Castello [...]»⁴¹. E, na praça de armas da fortaleza de São João Baptista, «[...] para a parte do Sueste

⁴⁰ Manuel Luís Maldonado, *ibid.*, pp. 301-302.

⁴¹ António Cordeiro, *História Insulana das Ilhas a Portugal Sujeytas no Oceano Occidental*, p. 265.

estão humas taes cisternas, que levaõ tres mil pipas de agua [...]»⁴². Ao cais da cidade, «[...] se alarga hum terreyro de calçada com hum chafariz no meyo, alto, & de muytas bicas de doce, & boa agua [...]»⁴³. No limite norte da Rua Direita, há um «[...] alto chafariz de muytas bicas, a que chamão o Chafariz do Collegio [...]»⁴⁴. No Alto das Covas, está «[...] hum grande Chafariz de bicas, & tanque, & de excelente agua [...]»⁴⁵. No alto da Rua da Miragaia, próximo do Bairro de Santa Luzia, «[...] também tem seu Chafariz da mesma boa agua da Cidade [...]»⁴⁶. Na freguesia de Nossa Senhora da Conceição, há «[...] huma larga rua, que vay também dar a São Francisco, & com outro Chafariz de boa agua [...]»⁴⁷. A nascente da Praça Velha está a Rua da Garoupinha «[...] que com seu Chafariz vay ao meyo da do Gallo [...] e vem huma larga rua chamada de S. Sebastião, por nella ficar o novo Convento de Freyras de singular Observancia, que tem fora outro Chafariz da Cidade [...]»⁴⁸.



Figura 9 – Antigo edifício dos Paços do Concelho de Angra do Heroísmo, em 1847, com dois chafarizes, de duas bicas cada, adossados às escadarias de acesso ao primeiro piso. Em 13 de junho de 1848, começou a demolição do imóvel. Arquivo da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo.

Em 1867, são arrolados 22 chafarizes de abastecimento público, mandados erigir pela Câmara Municipal: «No alto das Covas: — É um novo e bem construído chafariz de duas bicas: tendo

⁴² António Cordeiro, *ibid.*, p. 266.

⁴³ António Cordeiro, *ibid.*, p. 269.

⁴⁴ António Cordeiro, *ibid.*, p. 270.

⁴⁵ António Cordeiro, *ibid.*, p. 271.

⁴⁶ *Id.*, *ibid.*

⁴⁷ António Cordeiro, *ibid.*, p. 273.

⁴⁸ *Id.*, *ibid.*

em cima as armas da camara. Tem ao lado um grande tanque para beberem os animaes. Na rua do marquez: — Junto ao muro do adro do collegio um novo chafariz de tres bicas, com a corôa da cidade, e a data da sua construção — 1859. No largo sobre o Porto-Novo: — É outro chafariz, com armas da camara, e que fica contiguo a casa da roda dos expostos. Na praça duque de Bragança: — É junto a um dos portões da referida praça. No mercado do peixe: — É situado ao lado do mercado, e tendo a data de 1856. No largo da Boa-Nova, ou chafariz d'El-Rei: — Antigo chafariz mandado construir pela fazenda publica; tendo ao lado um tanque muito amplo, e em semi-circulo para beberem animaes. É situado defronte do campo do relvão, na proximidade do castello de S. João Baptista. Na freguezia de S. Pedro: — O do Portão de S. Pedro, e o da rua do meio. Na freguezia de Santa Luzia: — O de S. João de Deos: o da Pereira: o do Chafariz-velho: o de Santa Luzia: e o da rua da Boa-vista. Na freguesia da Conceição: — O do Porto de pipas: o do Corpo-santo: o do Largo dos Remedios: o da rua de Santo Christo: o da Guarita: o do canto da rua do Desterro: o do Largo do Desterro, próximo á ermida. Na freguezia de S. Bento: — O do largo de S. Bento, e o do sitio dos Melancolicos, detraz dos capuchos.»⁴⁹ De um modo generalizado, os chafarizes recebiam as denominações dos lugares onde estavam implantados.



Figura 10 – Chafariz do Alto das Covas. Alto das Covas, Santa Luzia. Incorporado no muro do antigo Convento da Graça, no espaço onde atualmente se encontra a Escola Básica e Jardim de Infância Infante D. Henrique. Anterior a 1846, data em que o chafariz foi reimplantado a aproximadamente uma centena de metros para poente da localização original. Autor desconhecido.

⁴⁹ Félix José da Costa, op. cit. pp. 54-55.

Em 1886, havia no concelho de Angra, a ofício das Obras Públicas, «[...] 13 nascentes d`agua potável de que derivavam 35 chafarizes, 1 reservatorio, 21 bebedouros de gados, e 17 lavadouros publicos. Estas nascentes abasteciam 10 freguezias com 17.400 habitantes; produzindo por dia 163,400 litros ou 9,39 por habitante; occupando o respectivo encanamento 52 453,m 20 de extensão; custando na sua totalidade 44:507\$671 rs. ou 597,7 por metro.»⁵⁰ Na mesma época, e no mesmo Concelho, a Câmara Municipal explorava oito nascentes que abasteciam as freguesias de Santa Luzia, Sé, Nossa Senhora da Conceição, São Bento, São Pedro, Terra Chã, Serreta, Ribeirinha, Doze Ribeiras e São Sebastião. Estas fontes sustentavam «[...] 790 chafarizes, a saber: 14 em edificios publicos; 58 chafarizes municipais; e 724 em casas particulares. Com estes chafarizes abastecem-se 14:335 habitantes, consumindo diariamente 1:1951,62 litros.»⁵¹

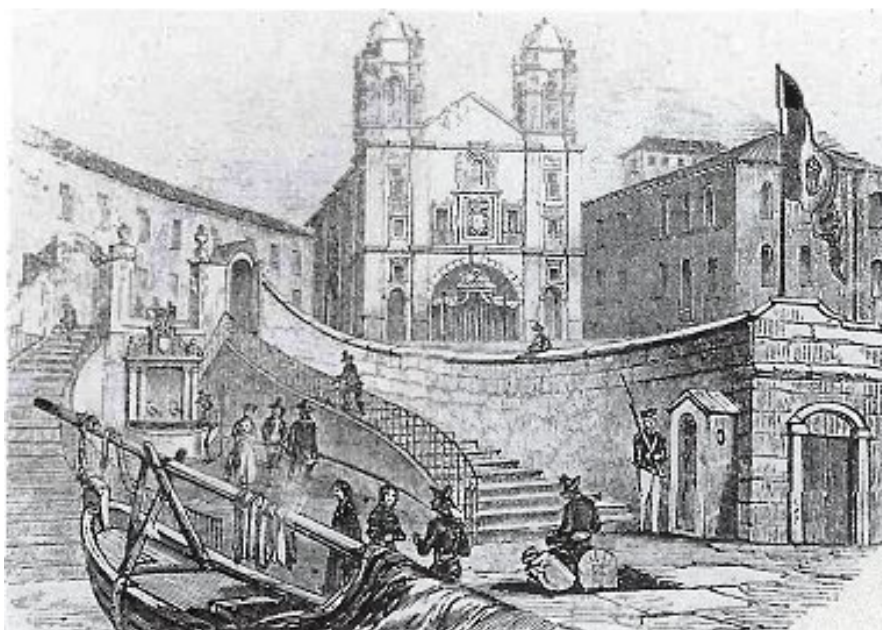


Figura 11 – Chafariz do Cais da Alfândega, Sé. Gravura inglesa do século XIX. Vista da entrada da cidade pelo Cais da Alfândega. Em «Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira», 2003.

Em regra, os chafarizes e tanques foram implantados nos espaços públicos para que todos, sem exceção, pudessem ter acesso a esse bem vital que é a água, razão pela qual eram, na sua quase totalidade, investimentos do poder central ou das autarquias. Fica evidente que houve continuamente um cuidado crescente em emprestar ao chafariz uma importância mais destacada, no lugar onde se insere, do que ser unicamente um simples

⁵⁰ Jerónimo Emiliano de Andrade, *Topographia da Ilha Terceira*, ed. rev., e aum. por José Alves da Silva, p. 25.

⁵¹ Jerónimo Emiliano de Andrade *ibid.*, p. 27.

elemento de fornecimento de água. Estes pontos de água recorreram a uma arquitetura variada, servindo também para requintar espaços públicos, tornando-os recreativos. Este apuro arquitetónico e de construção possibilitou harmonizar a função utilitária com a função estética, contribuindo para a criação de lugares apazíveis na cidade de Angra.



Figura 12 – Chafariz da Rua Direita, Sé. Vista do Jardim Duque da Terceira. Autor desconhecido. Início do século XX.



Figura 13 – Chafariz do Largo de São Bento, São Bento. Em «António José Leite – Artista Fotógrafo». Finais do século XIX.



Figura 14 – Chafariz junto à entrada da propriedade do Conde da Praia da Vitória, Santa Luzia. Em «Santa Luzia de Angra Antiga». Ano de 1946.

Em 1899, o jornal *A União* enfatizava a relevância dos Serviços de Águas no desenvolvimento da rede de abastecimento de água, no concelho de Angra do Heroísmo «[...] por forma que em todo o distrito, construídos pelas obras publicas existem: 261 chafarizes [...]; 3 pias [...]; 36 torneiras [...]; 38 bicas [...]; 171 lavadouros; 67 bebedouros, 1 depósito e 10 reservatórios.»⁵²

Para a construção de um sistema de abastecimento de água, torna-se essencial a elaboração de estudos e projetos com vista à definição das obras a serem empreendidas. Essas obras devem ter o seu alcance determinado, não somente para as necessidades do seu tempo, mas também para tempos futuros. Assim, sob encomenda da vereação camarária angrense, em 1900, foi realizado um estudo para uma nova rede de abastecimento de água à cidade, levado a cabo por um técnico britânico, de nome Taylor, conhecendo-se que a nascente da Nasce Água «[...] produz regularmente 6.000.000 litros de água em 24 horas, dos quais só 4.000.000 podem ser utilizados, visto que um terço desta água corre para a ribeira dos moinhos. Estes 4.000.000 litros reduzidos a anéis⁵³ ou palhas⁵⁴ dão respetivamente 347 anéis ou 1.388 palhas e delas 503 são de propriedade particular. [...] Reduzindo das 1.388 palhas a água dos particulares e ainda

⁵² *A União*, (30-10-1899).

⁵³ Um anel de água equivale a cerca de 1,9 cm de diâmetro.

⁵⁴ Uma palha de água equivale a cerca de 1,0 cm de diâmetro.

60 destinadas a chafarizes públicos, ficam para aplicar 658 palhas ou sejam 1.895.040 litros de água em 24 horas.»⁵⁵

Consegue perceber-se a real dimensão da rede de abastecimento público de águas existente na cidade, em 1911. De facto, a propósito da eventual unificação da tutela dos encanamentos entre a Junta Geral e a Câmara Municipal, a imprensa local noticia que tem «[...] a área urbana da cidade 3.142 metros de canalização [...]».⁵⁶

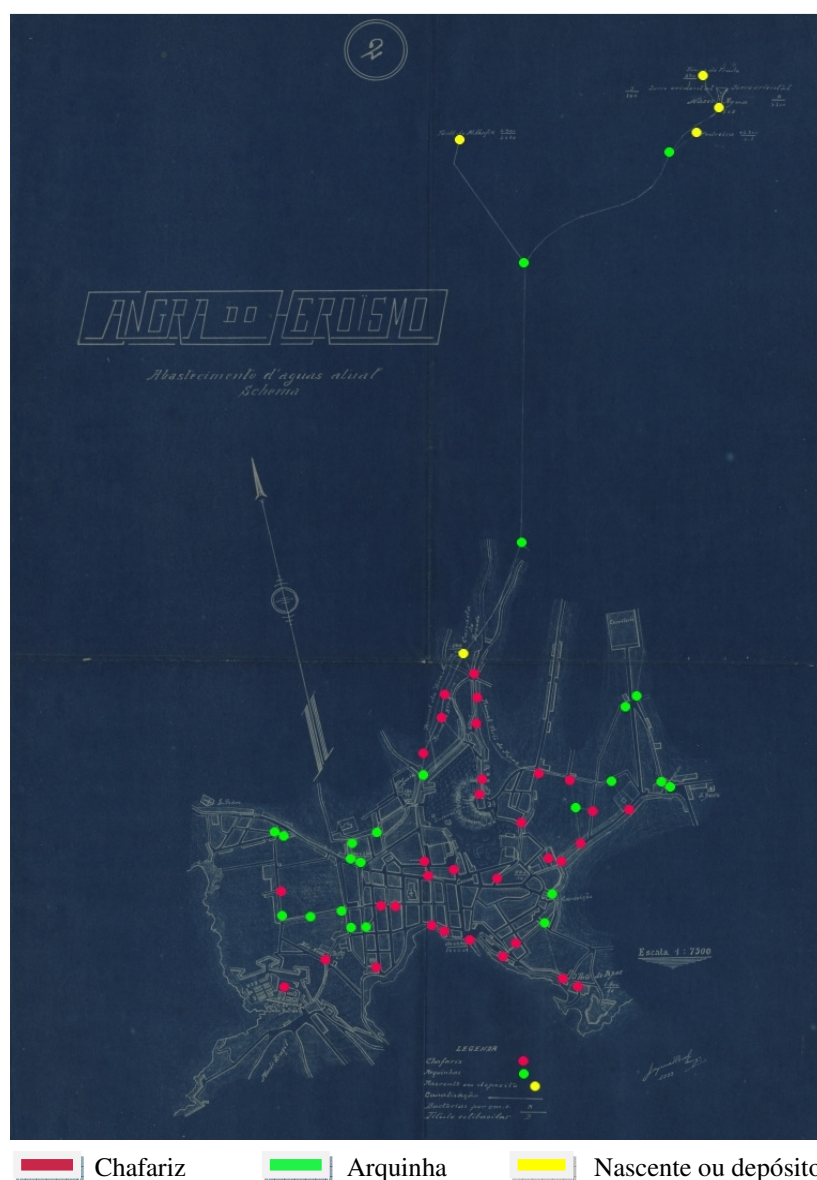


Figura 15 – Sistema de abastecimento de água à cidade de Angra do Heroísmo existente em 1933. Planta incluída no projeto de abastecimento de água à cidade de Angra do Heroísmo também de 1933. Arquivo da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo.

⁵⁵ *O Dia*, (20-5-1905).

⁵⁶ *A Republica*, (8-6-1911).

Em 1945, passados trinta e quatro anos, a extensão da rede tinha quadruplicado, pois um parecer técnico, emitido pelo Município, refere que «[...] os 13.190 metros de canalização de pedra e barro, com os seus já largos anos de serviço, encontram-se completamente deteriorados, pelo que são impotentes todos os esforços da Câmara para eliminar os focos de infecção.»⁵⁷

Durante o século XX, os sistemas de abastecimento de água a Angra do Heroísmo sofreram acentuadas transformações. Os tradicionais canos de barro ou cantaria, até então usados, foram trocados por tubagens, executadas em materiais sintéticos muito mais resistentes e impermeáveis. O sistema de encanamento gravitacional foi paulatinamente substituído pelo sistema de fornecimento de pressão, possibilitando que a água fosse disponibilizada para consumo, em qualquer ponto, sem que a sua localização, no que diz respeito à cota, criasse qualquer tipo de impedimento.

Em 1948, a área urbana de Angra do Heroísmo dispunha de 1.557 indivíduos que pagavam taxa de «conservação de encanamento de água». A freguesia da Sé albergava 425 pagantes, com os seguintes escalões de consumo em palhas: 69 com 1/8 de palha, 177 com 1/4 de palha; 9 com 3/8 de palha; 5 com 1/3 de palha; 113 com 1/2 palha; 13 com 3/4 de palha; 3 com 7/8 de palha; 27 com 1 palha; 2 com 1 ¼ de palha; 3 com 1 ½ de palha; 2 com 2 palhas; 1 com 3 palhas e 1 com 4 palhas. A freguesia de São Pedro recebia 373 utilizadores, sendo que: 4 com 1/16 de palha, 4 com 1/12 de palha; 112 com 1/8 de palha; 5 com 1/6 de palha; 148 com 1/4 de palha; 6 com 3/8 de palha; 1 com 1/3 de palha; 64 com 1/2 palha; 3 com 5/8 de palha; 4 com 3/4 de palha; 12 com 1 palha; 2 com 1 ½ de palha; 2 com 1 ¾ de palha; 4 com 2 palhas; 1 com 2 ½; e 1 com 5 palhas. Na freguesia de Nossa Senhora da Conceição, contavam-se 434 registos: 2 com 1/16 de palha; 142 com 1/8 de palha; 187 com 1/4 de palha; 9 com 3/8 de palha, 62 com 1/2 palha; 2 com 5/8 de palha; 10 com 3/4 de palha, 1 com 7/8 de palha; 12 com 1 palha; 1 com 1 ¼ de palha; 3 com 1 ½ de palha; 1 com 1 ¾ de palha; 1 com 2 palhas e 1 com 3 palhas. A freguesia de Santa Luzia tinha 268 assentamentos: 3 com 1/10 de palha; 89 com 1/8 de palha; 6 com 1/6 de palha; 1 com 1/5 de palha; 114 com 1/4 de palha, 4 com 3/8 de palha; 40 com 1/2 palha; 3 com 3/4 de palha; 5 com 1 palha; 1 com 1 ¼ palha; 1 com 2 palhas e 1 com 2 ½ palhas. E a Freguesia de São Bento, com 57 consumidores registados: 20 com 1/8 de palha; 22

⁵⁷ Informação nº 225/AS, datada de 26 de dezembro de 1945, elaborada pela Repartição de Abastecimento de Água e Saneamento da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, sobre o projeto de abastecimento de água à cidade. Documento pertencente à coleção particular de Jorge Forjaz.

com 1/4 de palha, 9 com 1/2 palha; 1 com 1 ¼ palha; 1 com 1 ¾ palha; 2 com 2 palhas; 1 com 3 palhas e 1 com 3 ¼ palhas.⁵⁸

A esmagadora maioria dos chafarizes, que teimam em resistir em Angra do Heroísmo, e, de um modo geral, na Região, foram implantados, num primeiro momento, durante a segunda metade do século XIX, na época da Monarquia Constitucional. Esta foi uma medida política de abrangência nacional, tendo as ilhas sido objeto de um forte investimento público nesse sentido.



Figura 16 – Chafariz do Largo do Desterro, Nossa Senhora da Conceição, destruído no pós-sismo de 1980. Autor desconhecido.

⁵⁸ Levantamento efetuado pelo Chefe dos Serviços de Águas da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo em 28 de fevereiro de 1948. Documento pertencente à coleção particular de Jorge Forjaz.

Capítulo II

2.1. A gestão da água: propriedade e protagonismos

A Ilha Terceira, tal como o restante arquipélago, foi concedida à figura do donatário, nesta circunstância, ao Infante D. Henrique. Não sendo propósito do príncipe fixar-se nos novos domínios, escolheu homens da sua confiança e, a título perpétuo e hereditário, entregou-lhes essas novas terras, obrigando-os a servirem os seus interesses. Estas pessoas receberam a denominação de «capitães do donatário».

Estes capitães foram, nos primórdios da colonização, «[...] os únicos detentores de quase todos os poderes nas suas capitánias.»⁵⁹ Nestes poderes estavam, naturalmente, o da posse das águas. Os usos e abusos na administração destas terras tornavam-nos despóticos, não passando despercebidos ao poder real. Não admira pois que com «[...] o desenvolvimento das capitánias alguns destes poderes foram-lhes sendo cerceados. Logo com a criação dos Concelhos (organismos estes, neste período, absolutamente independentes dos capitães) se criou um poder novo e onde as classes tinham a sua voz muitas vezes em conflito com as prerrogativas daqueles [...]».⁶⁰ Para tal, contribuiu o rei D. Manuel I, quando interferiu no governo destes, e, por «[...] Alvará do 1.º de julho de 1507, foi-lhes cerceado o poder, vedando-se-lhes a intervenção no governo municipal, de modo tal, que não podiam os donatarios escusarem-se ao cumprimento das posturas e accordãos jurídicos [...]».⁶¹

Não obstante aquela prerrogativa, os capitães, sobretudo fora da área urbana, foram cultivando outros poderes, como estava plasmado no n.º 15 do Foral dos Almojarifados das ilhas dos Açores, de 15 de setembro de 1611: «Quando algumas terras ou agoas se houverem de dar de sesmaria, da-la-ha o capitão comvosco, e com o escrivão de vosso officio que fará as cartas dellas, e outro algum não [...]»⁶²

A governança dos concelhos, no que concerne à administração dos bens relacionados com o interesse comum das populações, nomeadamente a água, excluindo os assuntos do domínio da justiça, foi competência, «[...] ao longo dos séculos XV e XVI (e posteriormente), a outras

⁵⁹ Hélder Fernando Parreira de Sousa Lima, *Os Açores na Economia Atlântica – Contribuição para o seu estudo nos séculos XV, XVI e XVII*, Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, vol. 34, p.120.

⁶⁰ Id., *ibid.*

⁶¹ Alfredo da Silva Sampaio, *Memória sobre a Ilha Terceira*, pp. 432-433.

⁶² Francisco Ferreira Drummond, *op. cit.*, p. 486.

categorias de funcionários, de que acabarão por se destacar os vereadores. Caberiam no vereamento, além do mais: [...] a rede hidráulica (fontes, ribeiras, poços ...) [...].⁶³

Responsável pelo bem comum era, especialmente, a Câmara Municipal. Face aos capitães do donatário, ou aos representantes da coroa, o poder da municipalidade fazia-se notar, com mais proximidade e veemência, nos diferentes aspetos do dia-a-dia das terras e das populações.

O abastecimento da água era uma das maiores preocupações do executivo camarário. Por um lado, a vereação deveria zelar para que as gentes cuidassem de manter as linhas de água desimpedidas, por outro, devia acautelar um fácil acesso das populações a este bem vital. Dada a sua importância, este ramo das obras públicas era um dos que obrigavam a Câmara a maiores despesas.

Com a criação da Junta Geral, no século XIX, os encanamentos e chafarizes, que estavam em território geográfico da sua tutela, passaram para a sua posse administrativa. Na área urbana do concelho, passou a haver duas entidades com competência jurisdicional: a Câmara e a Junta Geral, facto que não tardou a trazer dificuldades na gestão e fiscalização dos serviços de águas.

Sendo reconhecido o inconveniente daquela governança bipartida, em 1911 «[...] leu-se um ofício da Junta Geral, respondendo à proposta da Câmara sobre a troca de encanamentos: diz que [...] para evitar que aqueles encanamentos continuassem a cargo das duas corporações, que toda a extensão dentro da área da cidade devia ficar a cargo do município, para uma só entidade fiscalizar o serviço respetivo.»⁶⁴

Volvidos alguns anos, em 1919, passou para a tutela da Câmara Municipal a administração da restante parte das águas do concelho, que se encontravam ainda sobre a alçada da referida Junta Geral. Uma vez que as nascentes eram propriedade da municipalidade, não era boa política as águas potáveis e seus serviços estarem a cargo de duas diferentes entidades. «Esta medida, sem duvida a melhor e mais importante da Comissão tranzacta, foi muito bem aceite pelo publico, que de ha muito reclamava, tal o estado caótico das aguas deste concelho.»⁶⁵

⁶³ João Marinho dos Santos, op. cit., p. 558.

⁶⁴ *A Republica*, (8-6-1911).

⁶⁵ *A Pátria*, (14-8-1919).

Com a intenção de especializar esta fulcral área das competências da edilidade angrése, em 1953, foi transferida a exploração do abastecimento de água do concelho e a rede de esgotos da cidade, bem como o corpo de aguadeiros municipais, para a gestão dos Serviços Municipalizados,⁶⁶ que até então possuíam competências no fornecimento de energia elétrica.

2.2. A administração das águas

Quando no derradeiro quartel do século XV se instituiu a vila — depois cidade — de Angra, a Câmara Municipal⁶⁷, para a prover de água potável, edificou um conjunto de chafarizes públicos, abastecendo-os com a nascente da Nasce Água, situada nas imediações.

Como a produção excedia largamente as necessidades do consumo público, e os particulares pretendiam abastecer as suas propriedades, a Câmara começou a dispensar-lhes a água remanescente.

O Município garantia, assim, aos privados, o fornecimento da água da nascente municipal, no ponto do encanamento de melhor conveniência, para se estabelecer a derivação para a sua propriedade, mediante o pagamento único da quantia convencionada.

O contrato de provisão da água era perpétuo e deveria ser rigorosamente cumprido pelas partes, e, para garantir o débito adquirido, apunha-se no local donde derivava o novo ramal um registo, um pequeno tubo metálico com a secção exata de forma a libertar o volume ajustado.

A nascente encontrava-se na posse da Câmara, que a explorava, e disponha dela livremente, negociando, com o estatuto perpétuo ou temporário, a sua propriedade plena. Fruto deste mecanismo, a água excedente do consumo público transitava para o domínio privado municipal. Em regra, a água não podia ser apropriada, na totalidade, por um indivíduo; mas parte dela podia ser objeto de apropriação e de transação. Todavia, apenas a edilidade, enquanto entidade pública administrativa, à qual compete pugnar pelo abastecimento de água ao concelho, serviço público sujeito às exigências do interesse da população, podia obrigar a anulação dos contratos. Quando isso se desse, os contratos ficavam sem efeito, porque o interesse público prevalece sobre o particular, sendo os lesados ressarcidos dos prejuízos de natureza patrimonial pelo Município.

⁶⁶ Deliberação do executivo camarário de 5 de maio de 1953.

⁶⁷ Senado angrése fundado em 1478.

Tais convénios não devem confundir-se com as atuais concessões, porque, naquele tempo, era apenas a água que sobrava do consumo público que era transacionada com os privados.

Do mesmo modo que a Câmara vendia a privados a água que lhe sobejava do abastecimento dos chafarizes públicos, também aos privados era permitido vender, uns aos outros, a parte da água excedente dos seus prédios. Por esta via, a água adquiria um valor venal independente.

A autarquia não interferia nas vendas, mas arrolava-as, num livro próprio — Tombo de Águas —, com o propósito de acautelar que as vendas não excedessem a disponibilidade do consumo público, e, deste modo, afetassem o seu normal abastecimento. Estas transações eram igualmente registadas na Conservatória.

A problemática da cedência definitiva da água levantou várias vozes discordantes. As vendas, concessões, permutas e divisões eram tidas como pouco imparciais, alegando-se que os ricos e os políticos influentes eram favorecidos. A Câmara Municipal «[...] como administradora das nascentes tinha por dever procurar a melhor forma de distribuir as suas águas, isto é, o mais equitativamente possível, [...] e não negocia-las e política-las como se podésse dispôr daquilo que é de nós todos, daquilo que é precario, e como tal impossível de garantir e consequentemente de se vender como propriedade immovel.»⁶⁸

Manter em adequadas condições a cada vez mais extensa rede de distribuição de água foi, ao longo dos tempos, uma pesada incumbência para as autoridades competentes, tanto ao nível dos recursos humanos como financeiros. Os materiais empregados nos encanamentos e a falta de manutenção dos mesmos originaram grande embaraço à qualidade do abastecimento público das águas.

Cedo se fez notar a preocupação pela salubridade das águas que os angrenses consumiam. Já no início do século XVIII, o Pe. Maldonado refere que «[...] não pareça excesso o dizer se que proué o Cano Real das agoas d Angra mais de duzentos chafarizes publicos e particulares, e estes correntes em todos os tempos do anno com o que se mostra estar Angra contaminada d agoas, e não permita Deus se corrompão, como já hoie quazi s exprementa.»⁶⁹

⁶⁸ *Atlantida*, (3-7-1912).

⁶⁹ Manuel Luís Maldonado, op. cit., p. 302.

Em 1875, o chefe interino do Distrito Autónomo de Angra do Heroísmo, em substituição do Governador Civil, «[...] officiou á camara municipal d`esta cidade, insinuando vários alvites tendentes a melhorar a hygiene da mesma cidade, chamando toda a atenção d`aquella corporação para a canalização, e em geral para os importantes objectos do seu officio.»⁷⁰

Não obstante a nomeação, no ano de 1863, de uma comissão municipal «[...] com o fim de estudar os meios de se levar a effeito a substituição dos canos de barro por encanamentos de ferro [...]»⁷¹, no ano de 1904, quarenta e um anos depois, portanto, Sampaio dizia que as vereações «[...] consentem e determinam que os encanamentos de agua potavel continuem a ser feitos nos clássicos canos de barro da industria local! E, no fim d`anos, pela humidade da terra e da corrente constante da agua no interior d`aquelles encanamentos, tornam-se as suas paredes completamente permeáveis, e muitas vezes perfurados pelas raizes das arvores que lhes ficam proximas, deixando passar para o seu interior tudo o que possa estar em solução nos liquidos da terra. Em muitos pontos, passa o encanamento á superficie da terra, até chegar á cidade, onde penetra nas arquinhas, verdadeiros focos de imundice, para d`alli ser distribuída a agua por outros encanamentos de chumbo ao barro, para as diferentes cazas particulares. Estas arquinhas, resguardadas do exterior por um pequeno tampo de madeira ou ferro, existem em muitas ruas, á superficie dos passeios, e por cima d`ellas passam, em dias de muita chuva, as enxurradas, levando comsigo tudo o que possa existir nas ruas. E no interior da cidade, nessas pequenas ruas tortuosas e estreitas, lá passa o encanamento de agua potavel ao lado do esgoto e ás vezes em plano inferior. Mas contra isso nada se tem dito, nem se tenta fazer, na actualidade, porque as nossas autoridades atendem mais aos desvarios politicos do que á hygiene publica.»⁷²

Mesmo sendo, ao longo dos séculos, o fornecimento das águas para o consumo humano dos moradores de Angra uma das primordiais competências das sucessivas vereações, «[...] é certo que a incúria e a falta de providências, originadas umas vezes na carência de meios, outras vezes no desleixo ou na condescendência com interesses particulares [...]»⁷³, deixaram a rede de abastecimento chegar a um estado caótico, tornando-se imperioso fixar princípios claros e eficazes para remediar tais supremos inconvenientes.

Para tentar fazer face às sempre crescentes despesas de manutenção e construção dos encanamentos das águas, os poderes central e autárquico recorreram, não poucas vezes, à

⁷⁰ *O Angrense*, (21-2-1875).

⁷¹ *O Angrense*, (26-11-1863).

⁷² Alfredo da Silva Sampaio, op. cit., pp. 326-327.

⁷³ *A União*, (9-9-1904).

criação de taxas e impostos. Em 1612, o governo do Reino ordenou que os residentes em Angra pagassem imposto de 5 mil cruzados para esse fim. Em 22 de junho de 1803, «[...] acordou a camara da cidade, ficasse estabelecido em regra a beneficio das muitas despesas com o encanamento das águas, que estas jámais se concedessem a pessoa alguma, sem a propina, que se achou prudente, a saber: por meia palha 10\$ reis, por uma palha 20\$ reis; por meio anel 30\$ reis, e por um anel 40\$ reis.»⁷⁴

Só em acórdão da vereação de 7 de agosto de 1788, se estabeleceu «[...] hua justa e permanente medida para registarem as agoas publicas, por não haver nesta Camara padrão algum por onde athe o presente se regulasse, vindo a ser em todos os tempos arbitraria, de que se tem seguido muito desigualdade na repartição, concordando-se uniformemente servisse de regime para o futuro [...]».⁷⁵ As medidas padrão homologadas foram: anel de água, meio anel, uma palha e meia palha.

Figura incontornável do universo das águas, era o aguadeiro. Pela imprensa escrita de 1888, percebe-se o papel deste funcionário público: «[...] senhor absoluto das aguas, que elle distribue quando e como quer, sendo por vezes necessarios complicados processos para demover este Neptuno d`aguas potaveis a conceder aos municipes a graça d`uns pucaros d`agua para matar a sede ou lavar as fraldas. [...] Entretanto vão os moradores da cidade sendo altamente lesados, por isso que s. exa. o sr. aguadeiro poucas vezes se dignou attender ás humildes sollicitações de quem pede o que lhe pertence. Elle tem o segredo das aguas, mais ninguem percebe d`este assumpto; pergunta-se, pede-se esclarecimentos, providencias ... é o aguadeiro que sabe, só elle. Fazem-nos favor de nos dizer se morreremos todos á sêde depois d`este Neptuno dos chafarizes morrer?»⁷⁶

2.3. As posturas camarárias

Reconhecendo os homens grande necessidade de relacionar antigos costumes com a lei, de regularizar e normalizar uma governança municipal assente no ato escrito, onde fossem registadas as deliberações tomadas em reunião do executivo vereacional, nomeadamente, sobre novas práticas e proibições a introduzir em benefício do bem comum, fizeram com que as posturas camarárias, de periodicidade aleatória, crescessem exponencialmente.

⁷⁴ Francisco Ferreira Drummond, *op. cit.*, vol. 3, pp. 140-141.

⁷⁵ Luís da Silva Ribeiro, *op. cit.*, p. 462.

⁷⁶ *O Imparcial*, (26-5-1888).

Estes normativos legais, «[...] como regras de convivência em sociedade, acompanharam desde sempre a organização concelhia nos Açores que a elas recorreu para impor a sua autoridade e para zelar pela ordem e bons costumes nos territórios da sua jurisdição.»⁷⁷ Estes escritos, que serviam para julgar e punir em caso de desrespeito ou de negligência no seu cumprimento, permitiam às câmaras municipais a competência necessária para atuar.

As posturas, como reflexo das manifestações multiformes da vivência socioeconómica, «[...] são a expressão mais genuína, não só do exercício do poder autárquico, mas, ainda, dos anseios de toda a comunidade concelhia, onde se atenuavam os privilégios de classe, onde se contrariavam os interesses pessoais ou os abusos de poder [...]»⁷⁸

De um modo geral, quase todas as posturas antigas contêm disposições análogas. As posturas de Angra, no que concerne aos seus princípios, «[...] são semelhantes às de outros concelhos do país em igual tempo, e muitas apenas reproduziam apenas preceitos consignados nas Ordenações [...]».⁷⁹ No seu enunciado, as posturas refletem as ordenações régias, moldadas às especificidades de cada município, ou seja, a simbiose das disposições da coroa com os usos e costumes de cada local; neste campo as características ou vetores das sociedades e economias insulares são bastante evidentes. Não obstante a similitude, ao tempo das suas promulgações, alguns dispostos legitimam especial observação, não só pelo regimento aplicado a determinadas matérias, mas também por facultarem subsídios de valor para estudar e ajuizar as vivências quotidianas no concelho e, em particular, na cidade. O seu articulado era um fiel reflexo da municipalidade e da assimilação das ordenações e normas da coroa, plasmando os sentimentos comuns do justo, do equitativo e do conveniente.

Assim, as posturas são documentos de grande relevância para o estudo da história concelhia, «[...] reflectem a vida das povoações sob múltiplos aspectos, e como no século XVII a jurisdição municipal se estendia a vários ramos de administração depois incluídos na administração central e regulados na lei geral, as dessa época têm um alcance muito maior do que as modernas [...]»⁸⁰. Surgem como fontes da maior utilidade, não só para o estudo e compreensão do direito local, mas também pela importância que assumem ao espelharem, no seu enunciado, as preocupações e campos de atuação do legislador na urbe.

⁷⁷ AA. VV., *Posturas Camarárias dos Açores*, vol. 1, p. vii.

⁷⁸ Id., *ibid.*

⁷⁹ Luís da Silva Ribeiro, *op. cit.*, p. 362.

⁸⁰ Id., *ibid.*

O interesse das autoridades locais passava por zelar pelo bem público. Com o avanço do tempo, estes instrumentos de gestão dos municípios foram-se complexificando, como as próprias geografias camarárias. A centúria de setecentos revela-se claramente a mais fértil na criação de posturas municipais, reformulando e reordenando os preceitos dispersos e uniformizando, progressivamente, os mesmos, até alcançarem uma orgânica centralizada com as capitánias-gerais, e consolidada com o Liberalismo.

A água, elemento vital do dia-a-dia de qualquer local, logrou especial referência e preocupação do município angrése, granjeando cuidada regulamentação onde se procurava regularizar o seu uso. Da intervenção do legislador municipal neste campo «[...] é de destacar o facto de as preocupações sanitárias resultarem da permanência e circulação de animais no burgo, do uso abusivo das águas das fontes, poços, levadas e ribeiras para lavar, beber e uso industrial».⁸¹

As posturas camarárias, de entre outras áreas de abrangência, também pugnavam sobremaneira pelo zelo do património e pelos recursos hídricos.

A importância relevante do património infraestrutural da água implicou, igualmente, uma redobrada ponderação do poder autárquico, pelo que o código de posturas assiste, no seu articulado, à defesa contra o dano destas infraestruturas públicas. «A fonte espaço privilegiado do quotidiano da urbe, teve especial atenção neste contexto mercê da necessidade de regulamentar o seu uso e consumo de água.»⁸² Por outro lado, a animação desusada do espaço envolvente a estes pontos de água tornava necessária a ação do legislador municipal, na definição e estabelecimento de regras de conduta social, no sentido de moralizar e doutrinar o proceder dos usuais utilizadores destes locais.

Das importantes reformas das posturas de 1655 — as mais antigas a que tivemos acesso —, de 1718 e de 1788, extraímos⁸³ as que se relacionam com as águas e património associado no concelho de Angra, não só para consumo humano, mas também relacionadas com outros usos como: lavar, moer, etc.

Reforma das posturas de 1655:

⁸¹ Alberto Vieira, *As posturas municipais dos Açores e Madeira nos séculos XV a XVII – Análise comparada e sistematização do direito local*, Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, vol. 49, p. 34.

⁸² Id., *ibid.*

⁸³ AA. VV., *Posturas Camarárias dos Açores*, vol. 2, pp. 391-408.

Nenhuma pessoa quebre os canos de agoa e quem os quebrar pagará de pena dois mil reis.

Nenhuma pessoa esteja de noite embuçado a longo de chafariz e quem o estiver pagará de couma quinhentos reis.

Nenhuma pessoa vai pela ribeira a falar com mulher alguma ou escrava: quem o fizer pagará cem reis.

Nenhuma pessoa quebre a agoa dos moinhos salvo for moleiro para alguma necessidade, e quem o fizer pagará oitocentos reis.

Nenhuma pessoa desvie a agoa que vem ter a o telhal de Santa Luzia e a bote para a Cidade e quem o fizer pagará de couma quatrocentos reis.

Nenhuma pessoa quebre bicas dos chafarizes e o fizer pagará de couma dois mil reis.

Nenhuma pessoa bote cisco ou esterco de cavallos na ribeira da Cidade ou das Alcaçarias e quem o contrario fizer pagará de couma oitocentos reis.

Nenhuma pessoa lave pipas no cais desta Cidade nem em chafariz algum desta Cidade, e quem o contrario fizer pagará de couma quatrocentos reis.

Nenhuma pessoa lave no chafariz roupa nem outra coiza e quem o contrario fizer pague de couma oitocentos reis.

Nenhuma besta beba nos tanques onde estiverem bicas nos chafarizes e quem o contrario fizer pague de couma dois mil reis.

Nenhuma pessoa crie aves a longo dos chafarizes e quem o contrario fizer pague de couma quinhentos reis.

Nenhuma pessoa de qualquer qualidade que seja encha pipas ou quartos dentro nos tanques dos chafarizes e quem o contrario fizer pagará de couma quatro mil reis.

Reforma das posturas de 1718:

Que todos os moynhos desta ribeira andarão sempre abertos de dia, e de noute, assim os de trigo, como os de milho, e haverá em cada hum delles duas bestas, e dous servos para maior serviço deste povo com pena de seis mil reis, que pagará o dono, ó o rematante dos ditos moynhos, e na mesma penna incorrerão quando não mandarem com cuidado, e deligencia buscar os trigos, e levar as farinhas, e não saira o moleyro do moynho salvo a couza licita pelos furtos, que do contrario se seguem duas partes para o concelho, e a terça parte para o acuzador.

Que nenhuma pessoa de qualquer qualidade, e condição, que seja, que tenha xafariz em sua caza mande abrir as arcas por onde lhe vai a agoa com penna de seis mil reis: e sucedendo ter falta della o mandará dizer ao agoadeiro o qual será obrigado logo que tiver recado a ir dezempedi-la á sua custa, e não a deixará aberta de hum dia para o outro pelo perigo que pode suceder assim naquelles que andão á pe, como a cavallo, e fazendo o contrario pague de penna mil reis, duas partes para o concelho, e a terça parte para o acuzador.

Que nenhum medidor messa pipas em ribeiras immundas desta Cidade, mas em agoa limpa do mar, ou dos tanques dos chafarizes, nem consintão que os seus homens levem as pipas para medirem e trazerem a seus donos se não ás costas, e quem o contrario fizer pague de penna mil reis, duas partes para o concelho, e a terça parte para o acuzador.

Que nenhuma pessoa quebre os canos de agoa, nem as bicas dos chafarizes, nem quebre a agoa das ribeiras dos moinhos salvo for moleyro, e quem o contrario fizer pague de penna mil reis, duas partes para o concelho, e a terça parte para o acuzador.

Reforma das posturas de 1788:

Que toda a pessoa que cobrar canos da agoas publicas, ou os abrir, ou bicas dos chafarizes, ou agoas da Ribeira dos Moinhos, não sendo para o fim de algum immediato concerto pagará de pena dous mil reis.

Que nenhuma pessoa de qualquer qualidade que seja, mande abrir arcas publicas, fundadas no cano real, em que se distribuem as aguas para os xafarizes, tanto publicos, como particulares, nem possa ter xave das dittas arcas, em seu poder, tudo com pena de seis mil reis:

e susedendo faltar-lhe agoa, avizará o aguadeiro, que será obrigado a ir logo admenistrar-lha, sem estipendio algum, e faltando este o farão saber ao presidente do Senado para o providenciar. O ditto aguadeiro, ou outra qualquer pessoa, não deixará arca, ou cova alguma aberta de hum para outro dia; debaixo da mesma pena.

Que toda a pessoa que tiver agoa particular não a terá quebrada pelas ruas publicas desta Cidade; terá muito cuidado em a conservar encanada, ou em proporcionados sumidouros, dentro das proprias cazas, ou quintais, nem igualmente tenham canos, boracos, ou boeiros, que desaguem para as ruas com pena de quinhentos reis.

Que nenhuma pessoa lave nos tanques dos xafarizes publicos qualquer qualidade de roupa, ou outra alguma couza com pena de quinhentos reis.

Que nenhuma pessoa faça lagos para enlugar linho dentro da Cidade, ou junto da Ribeira dos Moinhos, ou estradas publicas com pena de quinhentos reis.

Que nenhuma pessoas de qualquer qualidade que seja faça lagos para enlugar o ditto linho junto dos canos reais, ou de fontes particulares, nem se sirva para esse menisterio da agoa delles, posto que extravazada por alguma rotura com pena de quatro mil reis.

Que nenhuma pessoa deitte entulhos no campo detras da cadeia, nem na ribeira com pena de quinhentos reis; como também na roxa da Prainha: e os poderão deitar assima do Barreiro, á Forca, e roxa da Silveira.

Já o código de posturas da edilidade angrense, de 1861, acerca das arquinhas, estabelecia no seu articulado:⁸⁴

Artigo 15.º: - A pessoa que arrombar ou abrir arquinhas sem licença do inspector das águas; - que quebrar o encanamento dos chafarizes públicos ou particulares; - que alterar ou tapar de algum modo os registos das águas, incorrerá, por qualquer dos ditos factos, na pena de trinta dias de cadeia ou 12\$000 réis de multa.

⁸⁴ Pedro de Merelim, *Memória Histórica da Edificação dos Paços do Concelho de Angra do Heroísmo*, p. 134.

- § 1.º: *Na mesma pena incorrerá toda a pessoa que, ou seja para rega ou para outros objectos, tirar proveito da água extraviada em consequência de arrombamento de canos.*

- § 2.º: *A pessoa que plantar árvores sobre algum cano de água ou junto dele, pagará a multa de 1\$200 rs., pelo dano que causam as raízes aos aquedutos, e, além disso, será a árvore arrancada.*

Como se constata, nas posturas elencadas as águas e o seu património infraestrutural representavam, justificadamente, uma das primordiais preocupações da intervenção do legislador municipal. Neste âmbito, as posturas preconizavam com minúcia a problemática da boa gestão deste bem precioso e do seu património construído.

2.4. A água na toponímia angrense

A toponímia é definida, etimologicamente, como o estudo dos nomes de lugares. A análise dos topónimos, em regra, limita-se às vertentes linguística e histórica da sua origem, sem considerar que a designação dos lugares é, efetivamente, um processo político-cultural que legitima uma abordagem, além do seu significado e importância, como elemento de identificação, orientação, comunicação e localização, concorrendo para um melhor conhecimento da relação entre espaço e cultura, no passado e no presente.

Torna-se evidente que a «[...] necessidade, para a indispensável eficácia das relações sociais e económicas, de fixar a cada um dos sítios da terra específica designação que o distinga dos outros é idêntica à de prender a cada ser humano um nome próprio que o diferencie dos seus semelhantes.»⁸⁵

A toponímia de um lugar resulta de fatores como aspetos geográficos, flora e fauna dominantes ou características, nomes de pessoas, atividade económica instalada, em especial negócio ou serviço que no local se praticava, entre outros. A partir do século XIX, a atribuição de topónimos começou a ser oficializada e sujeita a deliberação de vereação. Até então, as denominações dos lugares eram fixadas por consenso popular.

As cinco freguesias urbanas de Angra do Heroísmo, objeto do presente estudo, mostram uma relação muito estreita entre a toponímia e a nomenclatura relativa às águas, ou seus bens

⁸⁵ Henrique Braz, *Ruas da Cidade*, p. 247.

infraestruturais, ou ainda a atividades industriais que recorriam à água como força motriz, como são os casos de moinhos, pisões ou alcaçarias. A profusão de tais topónimos no património construído em Angra é atestada pelo uso de palavras como: chafariz, bicas, canos, calha, águas, moinhos, alcaçarias, pisão, fonte, arquinha ou ribeira. Após o sismo de 1980, o desaparecimento das estruturas construídas, ou do uso tradicional que possuíam, tornaram agora difícil de perceber a origem dessas denominações.

Outros topónimos desapareceram mesmo, como a Rua da Arquinha, a Rua das Alcaçarias, o Largo do Chafariz ou o Castelo dos Moinhos.

Noutro tempo, uma das vias principais do Bairro do Outeiro a «[...] rua das Maravilhas tinha outro chamamento – rua da Arquinha. É o que se depreende das confrontações de metade de uma casa, vendida a João Oliveira, alfaiate, em escritura de 6 de Março de 1681, nas notas do [...] tabelião Francisco de Sousa. A casa era situada na rua da Arquinha, ao Outeiro [...]»⁸⁶. A reforçar a existência deste topónimo no livro do lançamento das fintas é referenciada esta Rua da Arquinha.⁸⁷

A atual Rua Baixinha «[...] viela que sobe do cais da Alfandega para Cantagalo [...] foi conhecida por rua das alcaçarias [...]»⁸⁸. Arruamento, paredes meias com a levada da Ribeira dos Moinhos, que era essencial ao bom funcionamento da indústria do curtimento de peles.

O largo onde confluíam a Rua do Meio, a Rua de Baixo de São Pedro e Caminho Novo, era chamado por «Largo do Chafariz — ou de São Pedro — Lugar habitado na área da freguesia de São Pedro [...]»⁸⁹. A denominação deriva do facto de ter ali existido um chafariz público, que foi demolido na década de 80 do século XX, acabando este topónimo por cair em desuso.

A par destes nomes já perdidos, outras denominações, de algum modo relacionadas com a água, teimaram em persistir, entre elas encontram-se: Rua dos Canos Verdes, Rua do Pisão, Rua Ribeira dos Moinhos, Bicas de Cabo Verde, Chafariz Velho, Nasce Água, Canadinha das Bicas, Canada do Cano Real, Canada da Fontinha, Pico da Fonte e Beco das Alcaçarias.

⁸⁶ Henrique Braz, *ibid.*, p. 271.

⁸⁷ Segundo Henrique Braz, livro relativo ao biénio 1703/1704.

⁸⁸ Henrique Braz, *op. cit.*, p. 318.

⁸⁹ José Rodrigues Ribeiro, *Dicionário Toponímico, Ecológico, Religioso e Social da Ilha Terceira*, p. 191.

A Rua dos Canos Verdes, que já se chamou também de Afonso VI, é um arruamento que vai da Rua da Sé ao largo da Casa da Roda, no alto da rocha. O seu nome decorre da «[...] semelhança com uma rua que existiu na cidade do Porto, que se chamava dos “Canos” (hoje rua das Flores), por nela passarem os canos que abasteciam de água potável os conventos de S. Domingos e S. Francisco. Neste nosso caso, os canos iam abastecer de água o convento dos Jesuítas e o chafariz [...]. O nome de “verdes”, é devido à acumulação de musgos e fetos nas superfícies exteriores dos canos.»⁹⁰

O lugar das Bicas de Cabo Verde situa-se na freguesia de São Pedro. «Bicas, lugar muito ameno e arborizado [...] tem algumas casas boas, com seus pomares de laranjas e outras fructas. Ás largas bicas de um chafariz, que ha ali, deve o seu nome este aprazível sitio.»⁹¹ O chafariz e pias viriam a ser demolidos logo após o sismo de 1980.

A Canadinha das Bicas é um pequeno arruamento que desemboca no lugar das Bicas de Cabo Verde, próximo do local onde se situava o chafariz.

O lugar do Chafariz Velho tem início no alto da Rua da Miragaia e termina no limite sul da Ladeira Branca. Faz entroncamento com a Rua Padre Manuel Joaquim Máximo, Rua da Pereira e Beco da Pereira. Deve o seu topónimo à existência de um antigo chafariz já desaparecido.

A Canada do Cano Real situa-se nas freguesias de Santa Luzia e Posto Santo. O seu topónimo resulta da proximidade ao «[...] Cano que se diz real [...] cuja obra foi rematada em Vreação de dez d Outubro de 1605 [...]»⁹², que se destinava a prover os chafarizes públicos da cidade.

O lugar da Nasce Água assim chamado por encerrar a «[...] Nascimento de Água: é a primeira e copiosa fonte da ilha donde se encanam as águas para a cidade desde o descobrimento da ilha; dela se forma além disto a ribeira dos moinhos [...]».⁹³

A Rua do Pisão, arruamento que liga a Rua Frei Diogo das Chagas ao Largo da Memória, situa-se na freguesia de Nossa Senhora da Conceição. Recebeu esta designação por naquela artéria «[...] terem existido nos séculos XVI e XVII, engenhos e pisões destinados a triturar a planta trazida dos países baixos, cujas folhas se assemelhavam a alface, e que depois de submetidas a

⁹⁰ Humberto Oliveira, *op. cit.*, p. 216.

⁹¹ Alberto Telles, *Chorographia Geral dos Açores*, p. 48.

⁹² Manuel Luís Maldonado, *op. cit.*, p. 301

⁹³ Francisco Ferreira Drummond, *Apontamentos para a História dos Açores*, p. 129.

várias operações industriais, eram moldadas em bolas a parecerem-se com pasteis, daí ter tomado entre nós o designativo “pastel” [...].⁹⁴ Estas infraestruturas industriais recorriam à água da levada da Ribeira dos Moinhos, como força motriz.

O Beco das Alcaçarias entronca na Rua do Pisão. O seu nome deriva da existência de alcaçarias de curtume de peles, que também se abasteciam na levada dos da Ribeira dos Moinhos.

A Rua Ribeira dos Moinhos localiza-se na freguesia de Santa Luzia, tendo início no Terreiro do Farroco e estendendo-se até à Circular Externa. O nome foi-lhe imposto em razão de acompanhar o serpentear de parte da Ribeira dos Moinhos. Ainda, na atualidade, se vislumbram alguns troços da antiga levada no percurso deste arruamento.

Também é possível encontrar os topónimos «Canada da Fontinha — Lugar desabitado na área rural da freguesia de São Bento [...]»⁹⁵ e «Pico da Fonte — Monte com 350 metros de altitude, na área rural da freguesia de Nossa Senhora da Conceição [...]»⁹⁶.



Figura 17 – Placa toponímia da Canadinha das Bicas. Fotografia do autor. Ano de 2013.

Figura 18 – Placa toponímia da Rua dos Canos Verdes. Fotografia do autor. Ano de 2013.

Figura 19 – Placa toponímia do Beco das Alcaçarias. Fotografia do autor. Ano de 2013.

Figura 20 – Placa toponímia da Rua do Pisão. Fotografia do autor. Ano de 2013.

Figura 21 – Placa toponímia da Rua da Ribeira dos Moinhos. Fotografia do autor. Ano de 2013.

Figura 22 – Placa toponímia da Canada do Moinho. Fotografia do autor. Ano de 2013.

⁹⁴ Augusto Gomes, *Filósofos de Rua*, p. 131.

⁹⁵ José Rodrigues Ribeiro, op. cit., p. 52.

⁹⁶ José Rodrigues Ribeiro, op. cit., p. 228.

Capítulo III

3.1. A importância e aproveitamento da Ribeira dos Moinhos

A história da Ribeira dos Moinhos confunde-se com a dos primeiros homens que pisaram o chão de Angra. No dealbar da fixação de gentes em Angra, uma das muitas ribeiras que escorriam dos outeiros a norte distinguia-se por, ao contrário das outras linhas de água, ter um curso farto e constante, tanto no verão como no inverno, que escavava um vale, desaguando no mar.

Falamos do curso de água que ficou conhecido como Ribeira dos Moinhos, que nascia na encosta sul da Serra do Morião, alimentado por fortes nascentes e pela precipitação na altura das chuvas.

Encetado o talho da mata, em harmonia com o traçado dos primeiros arruamentos delineados, logo surgiria a necessidade de proceder ao desvio e regularização da ribeira, para trazer a água de modo a servir a emergente urbe, abastecendo-a de água potável, mais tarde apenas para animais. O caudal foi também rentabilizado como força motriz, em diversas indústrias, e utilizado na irrigação das hortas e jardins, vindo igualmente a servir para a limpeza das ruas e lavadouro de roupas. A ribeira não era explorada apenas para consumo próprio da urbe, foi também essencial ao provimento das Armadas que, na gesta das descobertas portuguesas e espanholas, percorriam o Atlântico e tinham em Angra ponto de escala obrigatória. Este manancial de funcionalidades fez com que a Ribeira dos Moinhos se tornasse um dos vetores fulcrais para o sucesso do povoamento e crescimento do núcleo urbano, em termos económicos e sociais.



Figura 23 – Ribeira dos Moinhos. Lavadeiras. Em «António José Leite – Artista fotógrafo».

A empreitada de construção da levada artificial foi posta em marcha graças à pertinácia e génio empreendedor do povoador Álvaro Martins Homem⁹⁷. No ano de 1474⁹⁸, o complexo projeto de desviar e canalizar o curso das águas da ribeira tinha sido praticamente executado, criando-se, assim, infraestruturas de que o povoado carecia para o seu rápido crescimento. «[...] Álvaro Martins Homem empreendia a realização da obra que iria dotar a povoação nascente com uma autêntica infra-estrutura industrial. Esta obra foi a levada da Ribeira dos Moinhos.»⁹⁹.

Basilar para o desenvolvimento de Angra foi, a partir de 1474, a chegada do nobre João Vaz Corte-Real.¹⁰⁰ Figura de envergadura que havia de estar à frente de múltiplas realizações, entre elas «[...] aplicando-se ao commercio, e ás grandes obras que em seu tempo se começaram, como foram o completo encanamento da ribeira que atravessa a cidade [...]»¹⁰¹. Um homem que soube imprimir uma nova e decisiva dinâmica na construção de Angra, cuja edificação se revestiu de um modelo generoso e de amplo alcance, tornando-a na primeira vila terceirense, em 1478. «[...] João Vaz escolheu a de Angra [...] considerando que já era no tempo presente

⁹⁷ Álvaro Martins Homem (n. ??? - m. c. 1482) foi explorador português e fundador do povoado angrense. Terá viajado pelo Atlântico Norte acompanhando João Vaz Corte-Real, e, em expedição conjunta, chegaram às costas da Gronelândia e Terra Nova. Fidalgo da Casa da Infanta D. Beatriz. Primeiro Capitão do Donatário da Praia por carta de 17 de fevereiro de 1474.

⁹⁸ Divisão da Ilha em duas capitânias: Angra e Praia. Nesta data, Álvaro Martins Homem torna-se capitão do donatário da Praia.

⁹⁹ Álvaro Monjardino, op. cit., pp. 9-10.

¹⁰⁰ João Vaz Corte-Real (n. c. 1426 - m. 1496) foi um dos mais notáveis navegadores e exploradores portugueses do século XV. Foi o descobridor da Terra Nova em 1472, território que passou a ser conhecida por «Terra dos Corte-Reais». Para além desta expedição, organizou ainda outras viagens à costa da América do Norte, explorando desde as margens do Rio Hudson e São Lourenço, até ao Canadá e Península do Labrador. Porteiro-mor do Infante D. Pedro, foi nomeado o primeiro Capitão do Donatário de Angra em 1474. Assumiu também a Ilha de São Jorge em 1483.

¹⁰¹ Francisco Ferreira Drummond, op. cit., vol. 1, p. 69.

aventejada á Praja, e o muito que a depois veria a ser em rezão do porto, a cuja beira már está fundada a Cidade, e da grandioza Ribeira que pelo mejo della corre, tão despenhada desde o seu principio donde vem formada, que por toda ella se comonicação as suas agoas com tal abundancia, que este uem a ser o seu major regalo».¹⁰²

É assinalável a maneira extremamente eficaz como o curso desta levada foi aproveitado para diferentes fins. As águas soltas e torrenciais, captadas a montante, foram orientadas num mais extenso e melhor trajeto. O perfil, a profundidade, e a secção transversal do canal foram desenhados com grande engenho e precisão, de forma a passar pelos locais pretendidos. O declive era moderado, e a levada desenvolvia-se em curva, para possibilitar que o movimento das águas fosse vagaroso. O que era torrente acelerada no fundo de um vale converteu-se em fluxo suave, num extenso leito artificial a céu aberto, de cantaria aparelhada com abóbodas e câmaras de descarga.

A importância da Ribeira dos Moinhos é referida no século XVI por Frutuoso: «Afora a ribeira do Telhal, que corre pela parte do oriente, perto da freguesia da Concepção, pelo meio desta cidade corre outra grossa ribeira de água, a qual vem ter ao porto, com que se regam muitos jardins que nela há e moem doze moinhos dentro, na cidade, que são serventia de toda esta parte do sul [...]».¹⁰³

Mais tarde, já no início do século XVIII, o Maldonado escreve que «Distão menos de quatro de legoa dos confins d Angra, na parte do Sentrião ao pee de hua alta serra, varias fontes natiuas, quazi huas com outras comonicadas com poucos passos de distancia, e como seirão as mais abundantes das muitas que há na Ilha; incorporadas formão hua grande Ribeira, que occupa hua braça de largura; esta desde seu principio se despenha corrente a Cidade ficando lhe em todo o inferior sem padrasto algu que a impida; tão acomodada enfim a este menisterio essencial a uida, que parece se conformou a natureza em tudo o que pudera appetecer o major dezejo das creaturas. [...] São as agoas destas fontes, a meu parecer (como quem as exprementou) as de major substancia de toda a Ilha, emquanto ao regalho, tão frescas, e saborozas, que esse vem a ser o seu major deffeito, pelo muito que naturalmente se appetecem, e como o comteparamento da sua cildade, he quazi frio in summo não deichão de ser nociuas áquelles que com demazio se metem nellas.»¹⁰⁴

¹⁰² Manuel Luís Maldonado, op. cit., vol. 1, p. 98.

¹⁰³ Gaspar Frutuoso, op. cit., p. 14.

¹⁰⁴ Manuel Luís Maldonado, op. cit., vol. 3, pp. 300-301.

O curso artificial da água, então criado, foi feito com um grande sentido de funcionalidade e de acautelar desperdícios. A água da ribeira corria em direção a Angra, no mesmo leito, sendo dividido em dois canais, na zona das alcaçarias da Rua do Pisão: «[...] um inferior, de águas sujas, que passava pelos moinhos, pelo matadouro e por outros locais; outro superior, que garantia água limpa para beber e que era canalizada para vários chafarizes espalhados pela cidade ou para as casas senhoriais, que ao tempo possuíam água potável no seu interior [...]»¹⁰⁵

No trajeto das suas águas, a utilidade da ribeira ia-se modificando, por força da sua crescente contaminação. No derradeiro troço, o canal, para além de fornecer energia para acionar as rodas da serra de água e dos moinhos, também era utilizado como esgoto público, recebendo as águas sujas dos prédios da Ruas Direita e de Santo Espírito e os despejos do hospital e do matadouro da cidade.



Figura 24 – Troço final da Ribeira dos Moinhos. Rua do Faleiro, Nossa Senhora da Conceição. Em «António José Leite – Artista fotógrafo».

¹⁰⁵ Francisco dos Reis Maduro-Dias, «Ribeira de Angra – Água que deu vida à urbe», *Diário Insular*, (29-5-2009), p. 10.

No dizer de Correia Guedes, a cidade de Angra «[...] está indelevelmente ligada à Ribeira dos Moinhos. Os angrenses devem, de facto, a sua cidade à ribeira [...] naquela que foi a peça fundamental para o desenvolvimento da cidade. [...] havia duas construções estruturantes na economia e na estratégia da Região, com uma importância internacional na altura da expansão marítima portuguesa: uma era a Ribeira dos Moinhos, a outra era a porta do Mar associada à alfândega [...]».¹⁰⁶ O mesmo autor vai ainda mais longe afirmando que «[...] Angra se fez cidade desenvolvida a partir do monumental sistema de distribuição de águas desenvolvido na Ribeira dos Moinhos. [...] Era uma cidade muito evoluída, com belíssimas infraestruturas e que ombreava com outras cidades modernas. Tudo isso devido à ribeira e a outros cursos de água, nomeadamente o Cano Real, um pouco mais à frente da Ribeira dos Moinhos.»¹⁰⁷

3.2. Atividades económicas associadas à exploração da Ribeira dos Moinhos

A economia ligada à atividade produtiva e de transformação, na Ilha Terceira, à semelhança do restante arquipélago, operou-se com o propósito de assegurar o autoabastecimento e, ao mesmo tempo, contribuir para interesses comerciais de Portugal e, nos tempos de domínio, da Espanha. Assim, coexistiram «[...] dois tipos de economia: uma de subsistência virada para o provimento local e outra de mercado assente na exportação. [...] A actividade económica de subsistência assenta numa agricultura mais ou menos variada e num comércio insular de pequena dimensão [...] Paralelamente o arquipélago mantém importantes relações comerciais com todas as parcelas do reino português e com grandes centros comerciais europeus. Nestas ligações assume grande importância a exportação de produtos [...] cujos exemplos mais característicos na segunda metade do século XVI são o trigo e o pastel.»¹⁰⁸

Com a chegada dos primeiros colonos, e lançados os fundamentos da povoação, «[...] logo se impôs a procura de correntes de água que não só garantissem o abastecimento da população, como, após as colheitas que se previam abundantes, permitissem o estabelecimento de engenhos capazes de assegurar a farinação de cereais, também indispensável à existência.»¹⁰⁹

Desde os primórdios do povoamento da Ilha Terceira que se encontram referências escritas aos moinhos de água. Estas infraestruturas foram erigidas junto de linhas de água com caudal suficiente para gerar a energia necessária ao seu bom funcionamento. «Justificou-se a

¹⁰⁶ José Correia Guedes, «A Ribeira é Testemunha» *Diário insular*, (30-9-2012), p.12.

¹⁰⁷ Id., *ibid.*

¹⁰⁸ Avelino de Freitas de Meneses, *Os Açores e o domínio Filipino: 1580-1590*, vol. 1, p. 237.

¹⁰⁹ Frederico Lopes, «Azenhas na Ilha Terceira dos Açores», *Separata da Revista Geographica*, n.º 6, p. 74.

construção dessas fábricas de farinha em 5 ribeiras da ilha: Ribeira dos Moinhos (Angra), Ribeira do Frei João (São Sebastião), Ribeira da Agualva (Agualva), Ribeira Grande (Quatro Ribeiras) e Ribeira da Areia (São Brás).»^{110 111}

Em tempos recuados, o pão era a base do sustento das pessoas, mormente das mais pobres. Sem moenda não havia farinha, e sem farinha não havia pão. A população, até aos finais do século XIX, consumia principalmente pão de trigo. Depois, começou a cultura do trigo a ser substituída pela do milho. O moinho era então uma peça fundamental, num ciclo que se iniciava com o cultivo dos cereais nas terras e acabava com o pão nas mesas.

Por volta de 1580, em *Saudades da Terra*, vem a primeira nota sobre os moinhos de Angra: «[...] pelo meio desta cidade corre outra grossa ribeira de água, a qual vem ter ao porto [...] que nela há e moem doze moinhos dentro, na cidade, que são serventia de toda esta parte do sul [...].»¹¹²

Na interpretação que Humberto Oliveira faz da carta de Angra de 1595, atribuída a Linschoten, «[...] desde o Terreiro de S. João de Deus até um pouco mais abaixo do Castelo de S. Luís e antes do Convento de S. Francisco estão desenhados nove moinhos com a mesma figura, [...] isto é com telhados de duas águas, com duas aberturas no alçado virado a sul, passando a ribeira no meio da construção, indicando que eram moinhos de água, [...] a seguir a estes moinhos e ainda antes do Convento distinguem-se [...], seis construções iguais [...] que pela sua localização, também devem ser moinhos, mas mais pequenos e de menor importância, talvez “Azenhas”, pela sua situação lateral relativamente à ribeira. [...]»¹¹³ Ora, segundo esta visão, nos finais do século XVI, eram quinze as moendas que a Ribeira dos Moinhos alimentava.

¹¹⁰ Paulo José Mendes Barcelos, *Ribeira dos Moinhos – A ribeira que a baixa de Angra nunca viu*, Atlântida, vol. 57, p. 204.

¹¹¹ Paulo José Mendes Barcelos afirma que, para além das cinco ribeiras já referidas, tomou conhecimento de que a Ribeira das Sete, na freguesia de Santa Bárbara, também teve, pelo menos, um moinho de água a funcionar – comunicação oral.

¹¹² Gaspar Frutuoso, op. cit., p. 14.

¹¹³ Humberto Oliveira, op. cit., p. 168.

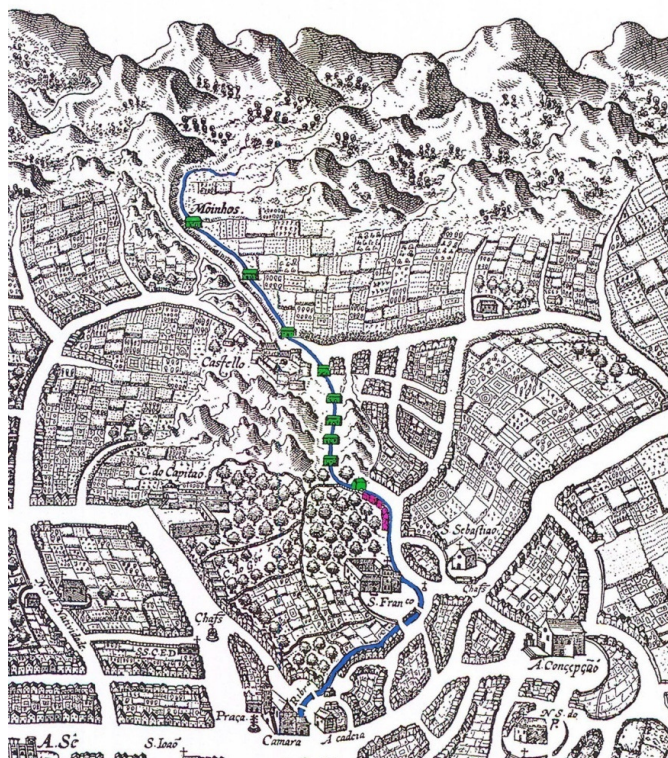


Figura 25 – Pormenor da carta da cidade de Angra, atribuída a Jan Huygen van Linschoten, 1595. Anexa ao «Itinerário, Viagem ou Navegação para as Índias Orientais ou Portuguesas». Demarcação dos moinhos e azenhas. Adaptado de Humberto Fernando Martins de Oliveira. Em «Angra na Visão de Linschoten».

Todavia, vem expresso na *Fénix Angrence* que «Tem Angra doze moinhos na sua famoza Ribeira, que uem a ser a sua major grandeza, na openião comua de todos os frosteiros, que virão e correrão mundo. São contiguos com a Cidade, e tanto que o ultimo delles pela parte do Oriente está pegado com os muros da cerca de São Francisco, e pelo Ponente corresponde a major parte delles com o bairro de Santa Luzia, com o que vem a ficar quazi entranhados na Cidade. Rendem para o Cappitam Donatario, como Senhor das agoas da Ilha.»¹¹⁴ Estes doze moinhos existiriam pelo menos em 1694, data em que foram arrematados por vários moleiros, por valores indicados em alqueires semanais de trigo. Eram conhecidos por: o Moinho da Janela, arrematado a Sebastião Rodrigues, o Moinho da Cova, arrematado a André Dias, o Moinho do Pisão, arrematado a Manuel Fragoso, o Moinho do Rego, arrematado a Ambrósio de Sousa, o Moinho da Madeira, arrematado a Francisco Ferreira, o Moinho da Calçada, arrematado a João da Costa, o Moinho Novo, arrematado a Manuel de Almeida, o Moinho de São João de Deus, arrematado também a Manuel de Almeida, o Moinho do Muro, arrematado a Nicolau Machado, o Moinho das Duas Portas, arrematado a Manuel Fernandes Carvalhal, o

¹¹⁴ Manuel Luís Maldonado, op. cit., p. 288.

Moinho da Calçadinha, arrematado a Manuel Rodrigues, e o Moinho do Fabião, igualmente a Manuel Fernandes Carvalhal.¹¹⁵

Em regra, a moagem era um privilégio apenas detido pela coroa, grande nobreza, alto funcionalismo régio e ordens militares e religiosas. Em Angra, tal como nas restantes ilhas dos Açores, esse monopólio era do Donatário, e os moinhos eram pertença exclusiva do seu Capitão. Só quem este autorizava podia manter ou construir novos moinhos, sendo que parte do lucro lhe estava destinada por ordem régia. «A ribeira, canalizada em notável obra de engenharia, fazia mover os moinhos essenciais à subsistência e símbolo do poder senhorial dos capitães do donatário, seus únicos proprietários por lei.»¹¹⁶

O primeiro documento que se conhece sobre os direitos de posse dos moinhos é a carta de doação da capitania de Angra a João Vaz Corte-Real, passada decorria o ano de 1474. «Outrossi me apraz que o dito João Vaz haja pera si todos os moinhos de pão que houver a dita ilha de que assi lhe dou carrego, e que ninguém não faça hi moinhos, somente ele ou quem lhe aprouver; e isto não se entenda em mó de braço, que a faça quem quiser, não moendo a outrem, nem atafonas não tenha outrem, somente ele, ou a quem ele aprouver. Item me apraz que haja de todas as serras de água que se aí fizerem, de cada uma, um marco de prata, ou em cada um ano seu certo valor, ou duas tábuas cada semana, das que hi costumarem serrar, pagando porém ao dito senhor o dízimo de totalas ditas serras, e segundo pagam das outras coisas, quando serrar a dita serra.»¹¹⁷

O monopólio régio só começaria a abrir brechas cerca de três centúrias mais tarde. No ano de 1765, surge uma primeira tentativa, pela mão do Marquês de Pombal. Todavia, a legislação criada teve prática restrita. «Em 1820, o Mordomo-mor do Reino escreve a Stockler, barão da Vila da Praia, governador e capitão geral dos Açores, queixando-se que muitos indivíduos estavam a construir moinhos na ilha, sem licença do Rei, o que constituía não só uma usurpação dos direitos da Real Coroa mas também um atentado contra os legítimos rendimentos do declarante, como donatário a quem os moinhos de água pertenciam por mercê

¹¹⁵ Manuel Luís Maldonado, *ibid.*, p. 289.

¹¹⁶ José Guilherme Reis Leite, *Enciclopédia Açoriana*, [versão eletrónica]. Acedido a 18 de julho de 2012, em <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/default.aspx?id=4253>.

¹¹⁷ Transcrição de excerto da carta da Infanta D. Beatriz de doação de Capitania de Angra a João Vaz Corte-Real, passada em 2 de abril de 1474. Gaspar Frutuoso, *op. cit.*, p. 34. Confirmada esta carta pelo Duque de Viseu, D. Diogo, a 3 de maio de 1483; e pelo Duque D. Manuel, a 6 de abril de 1488.

de el-Rei.»¹¹⁸ Assim, conclui-se que, pelo menos até ao final da segunda década do século XIX, não ocorreram significativas alterações no regime dos direitos sobre as moendas das ilhas, mantendo-se em vigor o normativo real, que conferia aos capitães o rendimento dos moinhos existentes e o monopólio da construção de outros.



Figura 26 – Moinho de água – azenha – da Nasce Água, Nossa Senhora da Conceição. Coleção particular de Luís Bettencourt.

A importância dos moinhos e do respetivo aproveitamento hidráulico é evidenciada pelo elevado número destas construções. «A moagem de cereaes constituiu, sem duvida alguma, a primeira industria da ilha Terceira, [...]»¹¹⁹. Esta relevância vem atestada nos «inquéritos industriais»¹²⁰, «[...] apesar de todas as deficiências, permitem captar a importância desta industria que se afirmou como a primeira do arquipélago [...]»¹²¹

Popularmente chamados de moinhos de água, ou simplesmente moinhos, tratava-se, na maioria dos casos, de azenhas. Em bom rigor, estamos perante mecanismos moageiros com diferentes especificidades, como é o caso do posicionamento da roda hidráulica — horizontal ou vertical. Estas variações dependem muitas vezes da orografia local e do caudal de água, repercutindo-se no respetivo volume de produção.

¹¹⁸ Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamim Pereira, *Tecnologia Tradicional Portuguesa – Sistemas de Moagem*, p. 397.

¹¹⁹ Alfredo da Silva Sampaio, op. cit., p. 370.

¹²⁰ Inquérito Industrial de 1890.

¹²¹ Carlos Manuel Pimentel Enes, *Enciclopédia Açoriana*, [versão eletrónica]. Acedido a 13 de junho de 2012, em <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/default.aspx?id=8348>.

Na Ribeira dos Moinhos, destacaram-se as azenhas, com as suas grandes rodas de madeira colocadas verticalmente, empurradas para baixo, na sua parte dianteira, pelo caudal de água, trazido por uma caleira, também de madeira. A roda gira pelo impacto e peso, fornecendo a tão desejada energia motriz. A força assim obtida é transmitida e desmultiplicada por eixos e engrenagens, acionando, já no interior da casa, a mó. O cereal é triturado, por percussão oblíqua, por uma mó fixa — a inferior — e outra móvel — a superior. Estas estruturas utilizavam como materiais, além das mós em pedra, predominantemente a madeira e alguns elementos em ferro.



Figura 27 – Moinho de água – azenha – da Ponta do Muro, Nossa Senhora da Conceição. Coleção particular de Luís Bettencourt.

Tipologicamente, as edificações onde se instalavam as moendas da Ribeira dos Moinhos eram de planta retangular de um ou dois pisos e serviam também de habitação à família do moleiro. Tinham cobertura de duas ou quatro águas, em telha regional. Os alçados eram construídos em pedra, rebocados com argamassa de cal e barro, e caiados de branco. Possuíam forno e chaminé, de modo a propiciar a cozedura do próprio pão. Na quase generalidade, eram estabelecimentos de exploração familiar, com uma única moenda. «É de assinalar a pouca rusticidade que apresentam as azenhas da ilha Terceira se considerarmos o seu aspeto exterior, em confronto com as existentes no continente e mesmo nas restantes ilhas. De um modo geral tais engenhos encontram-se na habitação ou no aglomerado familiar e não adjacentes à moradia ou mesmo distantes dela, como se observa na maior parte das regiões pelas quais se acham disseminadas em todo o país. Na maioria dos casos situam-se no primeiro piso, reservando-se o

segundo apenas à habitação propriamente dita, tendo quando muito, uma dependência reservada a depósito de sacaria e cereal.»¹²²



Figura 28 – Moinho de água – azenha – da Rua do Pisão, Nossa Senhora da Conceição. Em «Arquitectura nos Açores – Subsídios para o seu Estudo».

O aproveitamento da energia hidráulica da Ribeira dos Moinhos não foi exclusivamente usado nas moendas. Esmagar o pastel, pisoar tecidos, pregaria e fundição, serração de madeiras, estopas, papel e tabaco, para além da limpeza que proporcionava à indústria de curtumes e matadouro, tudo isso era alimentado por esta levada.

Em 22 de maio de 1534, é passada uma carta régia, dando licença a Vasco Anes Corte-Real para construir um pisão na ribeira de Angra, nos seguintes termos: «Dom Joham etc. A quantos esta minha carta virem façam saber que Vasquo Anes Corte Reall do meu conselho m enviou dizer que elle he capitam da Ilha Terceira da parte dAmgra e tem os direytos dos moynhos que se fazem e sam feytos em hua ribeira que per a dita villa dAmgra pasa e por que na dita villa avia huu pisam de hua Joana Diaz e seus filhos e o dito pysam não abastava ao povo, elle sopricante mandou fazer na dita Ribeyra outro pysam e tendo já muyta parte feyta a dita Joana Diaz lhe veio com embargos dizendo que ho nam podia fazer por que lhe fazia nojo e também por que era julgado pela dita ribeira nam fizesse alguém nada sem licença do meu almoxarife e sem licença do capitam e que elle sopricante nam tinha minha licença por o que

¹²² Frederico Lopes, *Notas Etnográficas*, p. 208.

nam podia fazer o dito pysam e que vistos seus embargos em relaçam se julgou que visto como o dito pysam era necessario á villa que elle sopricante o fisesse e ouvese primeiro licença minha pera o fazer e porque os direitos das moendas da dita villa sam delle sopricante como capitam [...]».¹²³

Persistem algumas dúvidas quanto à diversidade de infraestruturas que a levada potencializou: «[...] muito embora haja divergências quanto à diferença do significado dos vocábulos engenho e pisão, pois que, dizem uns, serem os engenhos destinados a triturar o pastel, enquanto os pisões se destinavam a cilindrar os tecidos fabricados em rudimentos teares, adelgaçando-os e eliminando-lhes as rugosidades [...]».¹²⁴ Parece que laboraram nos «[...] séculos XVI e XVII engenhos e pisões destinados a triturar a planta trazida dos países baixos, cujas folhas se assemelhavam a alface, e que depois de submetida a várias operações industriais, era modelada em bolas a parecerem-se com pastéis, daí o ter tomado entre nós o designativo de pastel. A cultura de tal planta constitui uma riqueza da nossa terra, fazendo-se larga exportação para Inglaterra, Holanda e Espanha, que a empregavam na indústria dos tecidos, para lhes dar as cores preta e azul [...]».¹²⁵ Por outro lado, há notícia de que «[...] por meio de um açude fazia girar a roda tosca de um moinho e esta imprimia o movimento de êmbolo a uns pesados paus que, à guisa de martelos, batiam o tecido. A este engenho se chamava pisão.»¹²⁶

Não obstante a distinção que os autores procuram fazer, entre engenho de triturar a folha do pastel e o pisão de pisoar o pano, parece que não será de difícil aceitação que a ribeira terá sido aproveitada para ambas as funções.

A ação das águas da Ribeira dos Moinhos também foi usada na indústria metalúrgica. Situada na Ponta do Muro «[...] no edifício onde operou uma fábrica dos pregos funcionou, também, um moinho movido com a força motriz das águas do canal da Ribeira dos Moinhos. A mesma roda foi aproveitada para fazer mover o engenho dos pregos, como ficou conhecido.»¹²⁷

Em 1870, «[...] Teotónio de Bettencourt Pita empregava 6 operários numa fábrica de pregadura e moagem que utilizava um motor a água. [...] a pregadura, que se destinava em boa parte às caixas e malotes de laranja, não terá resistido à quebra desta exportação a partir de 1880, tendo-

¹²³ Ernesto do Canto, *Arquivo dos Açores*, [versão eletrónica]. Acedido a 25 de julho de 2012, em <http://arquivodigital.uac.pt/yii/arquivodigital/index.php?r=site/page&view=aa1&id=vol04&search=166>

¹²⁴ Augusto Gomes, op. cit., p. 132.

¹²⁵ Augusto Gomes, ibid., p. 131.

¹²⁶ Henrique Braz, op. cit., p. 277.

¹²⁷ Isabel Coelho da Silva, *Ribeira dos Moinhos de Angra do Heroísmo – Memória Histórica e Gestão Patrimonial*, p. 64.

-se provavelmente fundido ou sido substituída, por uma outra unidade do mesmo ramo, a *Perseverança*, fundada em 1875, apenas para a produção de pregos, e ampliada em 1878 [...]»¹²⁸ com uma oficina de fundição que produzia fogões, charruas, arados, escrepas, enxadas, alviões, varandas, varandins, gradeamentos, camas e grades.

Em conformidade com o «inquérito industrial» realizado em 1881, a este tempo, «[...] era seu gerente José Maria Correia d'Ávila, sendo [...] propriedade da firma Azevedo Soares & Cia. Esta unidade laborará por longos anos [...]. Apesar de estar sujeita a pagar um preço elevado pela matéria-prima importada da Inglaterra e da Bélgica e do mercado regional ser escasso, esta fábrica estava protegida dos produtos estrangeiros que pagavam elevados direitos alfandegários. A crescente utilização do ferro na construção e na esfera doméstica, também deve ter ajudado ao seu relativo sucesso.»¹²⁹

No dia 6 de abril de 1966, esta unidade industrial encerrou o seu funcionamento como fundição.

Outra atividade económica agregada à Ribeira dos Moinhos foi a produção de papel. Em 1883, noticia o jornal *Angrense* que «Um dia António Gil pensou em fazer-se industrial. As disposições naturais da ilha terceira cortada em diversos sentidos por caudalosas ribeiras, já aproveitadas como motor para fábricas de moagem e pregadura, fizeram despertar-lhe a ideia de fundar uma fábrica de papel. Veio a Lisboa, visitou as diversas fábricas do paíz, fez aquisição de operários práticos e regressou à ilha muito satisfeito com o êxito assegurado da sua empresa. Ia-se-lhe adiantando no entanto, uma lesão no coração. Não esmoreceu, porém. A Fábrica fundou-se e vinte e cinco dias antes de falecer teve o prazer de ler um jornal impresso em excelente papel da sua fábrica, a primeira que funcionava nos Açores.»¹³⁰ Esta unidade foi instalada «[...] no lugar da Pateira em Angra, produzia esmagadoramente papel de embrulho, tendo no entanto realizado ensaios para a produção de papel de escrever [...]».¹³¹

Nas proximidades, e também recorrendo à força motriz do caudal da ribeira, laborou uma «[...] fábrica de estopas fundada em 1938 acima da Nasce-água [...]».¹³²

¹²⁸ Paulo Silveira e Sousa, *As Actividades Industriais no Distrito de Angra do Heroísmo, 1852-1910 – Um Mundo de Possibilidades Escassas*, p.133.

¹²⁹ Paulo Silveira e Sousa, *ibid.*, nota de roda pé, p. 133.

¹³⁰ *Angrense*, (9-8-1883).

¹³¹ Paulo Silveira e Sousa, *op. cit.* p. 135.

¹³² José Correia Guedes, *op. cit.*, p.12.

No caminho da Ribeira dos Moinhos, junto ao Convento de São Francisco, laborou a Fábrica de Tabaco Âncora, cuja maquinaria era, numa fase inicial do seu funcionamento, movida a energia hídrica. A fábrica tratava as «[...] folhas de tabaco, já devidamente secas, provenientes dos secadores na zona de Vale de Linhares [...] produzindo várias marcas de tabaco e fazendo o aproveitamento da força motriz das águas da Ribeira dos Moinhos para o funcionamento das máquinas. A partir de meados do século XX começou a funcionar com motores elétricos.»¹³³

A carta de Angra de 1595 já referenciava o matadouro da cidade, que se encontrava localizado nas proximidades do cais. Foi construído sobre a Ribeira dos Moinhos, aproveitando o seu caudal para levar os despejos para o mar, ao mesmo tempo que recorria às águas para lavar esta unidade industrial. Este matadouro fornecia a cidade «[...] e, como estava junto ao cais e porto das Pipas, deveria fornecer de carne diretamente às embarcações que demandavam o porto.»¹³⁴

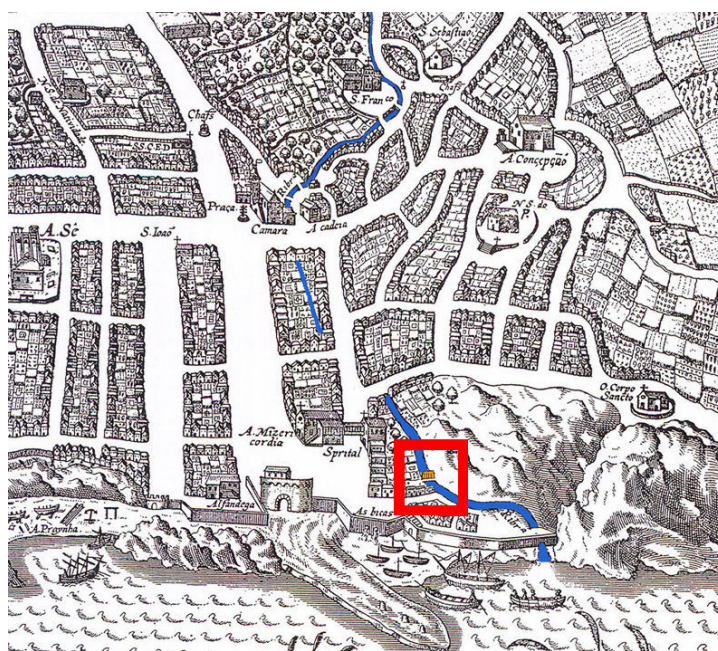


Figura 29 – Pormenor da carta da cidade de Angra, atribuída a Jan Huygen van Linschoten, 1595. Anexa ao «Itinerário, Viagem ou Navegação para as Índias Orientais ou Portuguesas». Demarcação do matadouro da cidade. Adaptado de Humberto Fernando Martins de Oliveira. Em «Angra na Visão de Linschoten».

Pelo menos um engenho de serrar a madeira, movido a água, pontuou na Ribeira dos Moinhos. Praticamente no fim da levada, foi montada uma serra de água, balançada pelo vigor do caudal. Mais tarde, esta serração foi alimentada por energia elétrica.

¹³³ Isabel Coelho da Silva, op. cit., p. 69.

¹³⁴ Humberto Oliveira, op. cit., p. 351.

Ainda a indústria das curtimentas de peles serviu-se da ribeira da cidade, como meio de prover o funcionamento desta atividade. Como se pode testemunhar na toponímia, as alcaçarias deram nome a um arruamento, a nascente da Rua do Pisão, denominado Beco das Alcaçarias, paredes-meias com a levada; ou na atual Rua Baixinha, junto ao caudal, que, por noutro tempo albergar umas alcaçarias, igualmente era chamada Rua das Alcaçarias.

A exploração do potencial industrial da Ribeira dos Moinhos conheceu, ao longo dos séculos, um notável crescimento, de tal forma que, no século XVI, comportava doze moinhos, e, em meados do século XX, a água da levada agitava mais de quarenta moendas. Este sistema transformava Angra numa verdadeira cidade industrial para a época, o que contribuiu para o desenvolvimento da urbe. A Ribeira dos Moinhos «[...] foi durante cinco séculos a espinha dorsal da indústria da cidade».¹³⁵

3.3. Declínio e abandono da Ribeira dos Moinhos

A grande maioria dos autores defende que a ribeira deixou de correr, em meados da década de cinquenta do século XX, por força do desvio das suas águas para alimentar as centrais hidro-elétricas¹³⁶, de modo a garantir energia elétrica a Angra do Heroísmo. «Mas este velho caudal, que viu nascer a cidade das mãos de Álvaro Martins Homem no terceiro quartel do século XV e que alimentou as azenhas dos Corte-Reais, donatários de Angra e pioneiros da Terra Nova, está condenada a secar-se. A era atómica não quer nada com mós nem maquinas ... A água que deu pão aos avós da cidade vai agora dar luz fluorescente aos netos.»¹³⁷

Também Frederico Lopes dá conta de a Ribeira dos Moinhos em «[...] virtude dos aproveitamentos hidroelétricos, ter sido posteriormente desviada dos seus fins primitivos, não dispondo hoje de caudal que satisfaça as exigências dos engenhos ali jacentes, quase todos por tal motivo paralisados.»¹³⁸

Mas não terá sido esta a razão para o efetivo «morrer» da ribeira da cidade: «[...] nos anos de 1949 e seguintes Angra assiste a um grande projeto, de responsabilidade camarária: as obras de

¹³⁵ Francisco dos Reis Maduro-Dias, op. cit., p.7.

¹³⁶ Para a distribuição de energia elétrica à ilha, o papel de maior relevo cabe à Central Térmica de Angra, primitivamente montada em 1904. Substituída por nova central, cuja inauguração se verificou a 4 de abril de 1931. Equipada com novo gerador desde 29 de junho de 1949. Em 1954, a capacidade aumentou consideravelmente, graças ao aproveitamento hidro-elétrico de três quedas de águas: Nasce-Água, São João de Deus e Angra/Jardim.

¹³⁷ Vitorino Nemésio, *Corsário das Ilhas*, p. 204.

¹³⁸ Frederico Lopes, op. cit., p. 207.

Abastecimento de Águas e Rede de Esgotos [...]. Foram substituídas e aumentadas redes de água e esgotos, mas também construído um grande reservatório de água em São João de Deus, junto à Ribeira do Moinho. Essas obras terão sido o princípio do fim dos moinhos a água, em São João de Deus e daí para sul.»¹³⁹

Quanto ao motivo que originou a diminuição do caudal da ribeira, ao contrário do que recorrentemente se afirma, «[...] a entrada em funcionamento das centrais hidroelétricas não terá tido qualquer papel nessa matéria. Não foram desviadas águas do curso da ribeira ou das nascentes da Nasce-água para essas centrais. Todas elas funcionam em série, com a mesma água que nasce no interior das furnas d'Água e do Cabrito, a vários quilómetros de distância. Mesmo depois de iniciarem a sua atividade houve moinhos em funcionamento ainda por vários anos.»¹⁴⁰ Assim, a razão para a redução do caudal da levada prende-se com a maior necessidade de abastecimento público de água, e com a falta de sobras de água que mantivessem os moinhos a funcionar.

Para minimizar os prejuízos dos moleiros, a Câmara Municipal assumiu o encargo financeiro inerente à substituição da força motriz dos moinhos, passando estes a operar a energia elétrica, ou, em alguns casos, a combustão. Esta mudança, associada ao aparecimento de moagens mecânicas, com nova tecnologia — uma das quais ainda hoje funciona junto ao velho cais da alfândega, onde durante séculos desaguou a Ribeira dos Moinhos —, fez com que a transição dos anos 50 para os anos 60, do século passado, fosse funesta para os tradicionais moinhos, acabando por fechar muitos deles.



Figura 30 – Motor elétrico que foi instalado no moinho da Ladeira de São Francisco, n.^{os} 2 e 4, Nossa Senhora da Conceição. Fotografia do autor. Ano de 2012.

¹³⁹ Paulo José Mendes Barcelos, op. cit., p. 214.

¹⁴⁰ Paulo José Mendes Barcelos, op. cit., p. 215.

Certo é que, após 500 anos a dar de beber, a irrigar as hortas, a lavar as roupas e as ruas, e a empurrar as rodas dos moinhos, a ribeira da cidade deixou de correr na envelhecida e cansada levada de pedra aparelhada.

II Parte

Capítulo IV

4.1. Caracterização e mapeamento do património das águas de Angra

O inventário do Património das Águas de Angra propõe-se caracterizar, de modo sistemático e estruturado, diferentes bens imóveis que, pelo seu interesse histórico e cultural, urge serem preservados, conservados e/ou recuperados.

O inventário constitui-se como uma ferramenta auxiliar no conhecimento, gestão e divulgação do património hidráulico construído, bem como dos seus componentes, fundamento da memória coletiva e individual, e concorre, também, para sustentar a respetiva reabilitação, de modo informado e sustentado. Este inventário ambiciona assumir-se como um instrumento de registo de informação, relativa ao conjunto edificado, e de distinção da singularidade de cada unidade.

O inventário consiste na recolha e tratamento de dados sobre elementos relativos ao património edificado em espaços públicos e privados, sendo estes alicerçados numa metodologia de levantamento própria, que, ao invés de tutelar unicamente bens de valor excecional, procura abarcar o património amplo e plural, erigido nas cinco freguesias citadinas de Angra do Heroísmo.

Cada imóvel é inventariado de modo a registar as suas características gerais e/ou particulares — no caso de imóveis de acrescido valor patrimonial.

Do ponto de vista prático, o inventário fundou-se na identificação e registo através de pesquisa e levantamento das características e particularidades dos bens culturais selecionados, adotando-se, para sua execução, critérios técnicos objetivos e fundamentados de natureza histórica, artística e arquitetónica, entre outros.

4.2. Inventário do património das águas de Angra

Código do imóvel

10 a 50 – Identifica a freguesia onde a espécie inventariada se localiza

10 – Freguesia da Sé

20 – Freguesia de São Pedro

30 – Freguesia de Santa Luzia

40 – Freguesia de Nossa Senhora da Conceição

50 – Freguesia de São Bento

1 a 5 – Identifica a tipologia da espécie inventariada

1 – Chafariz

2 – Tanque

3 – Moinho

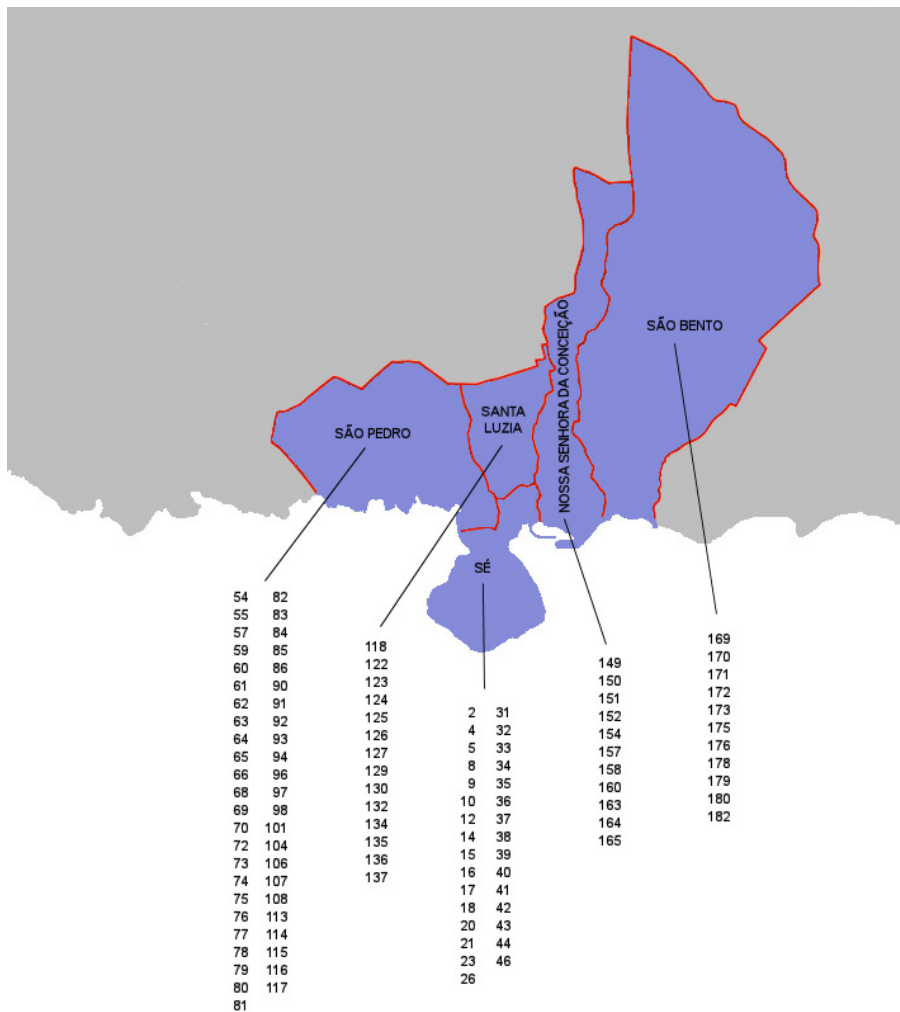
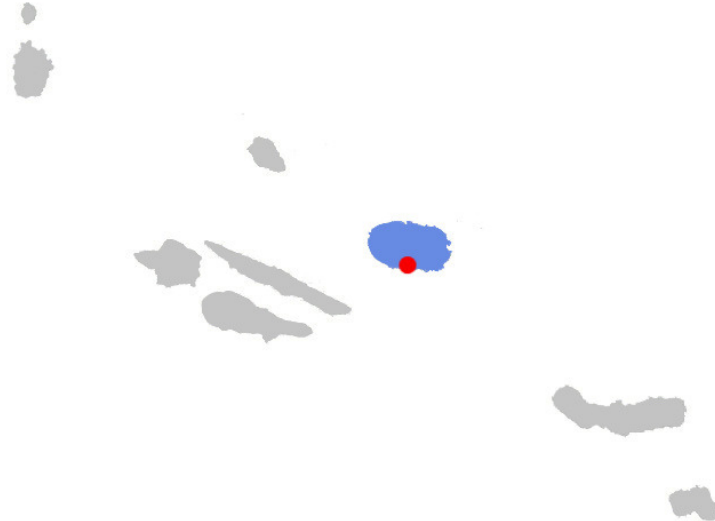
4 – Arquinha

5 – Outro

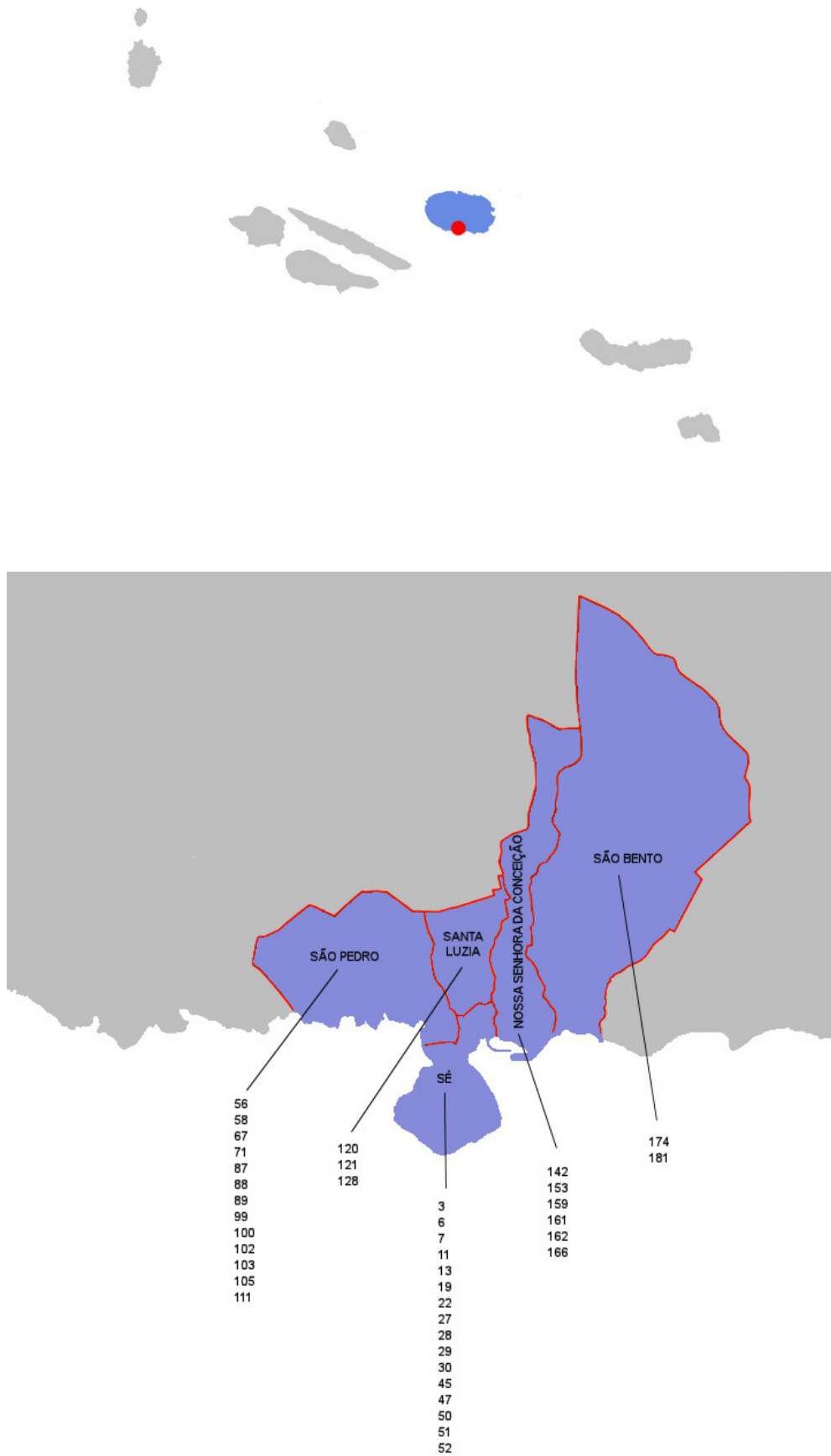
1 a 182 – Identifica o número de ordem da espécie no inventário

Mapas

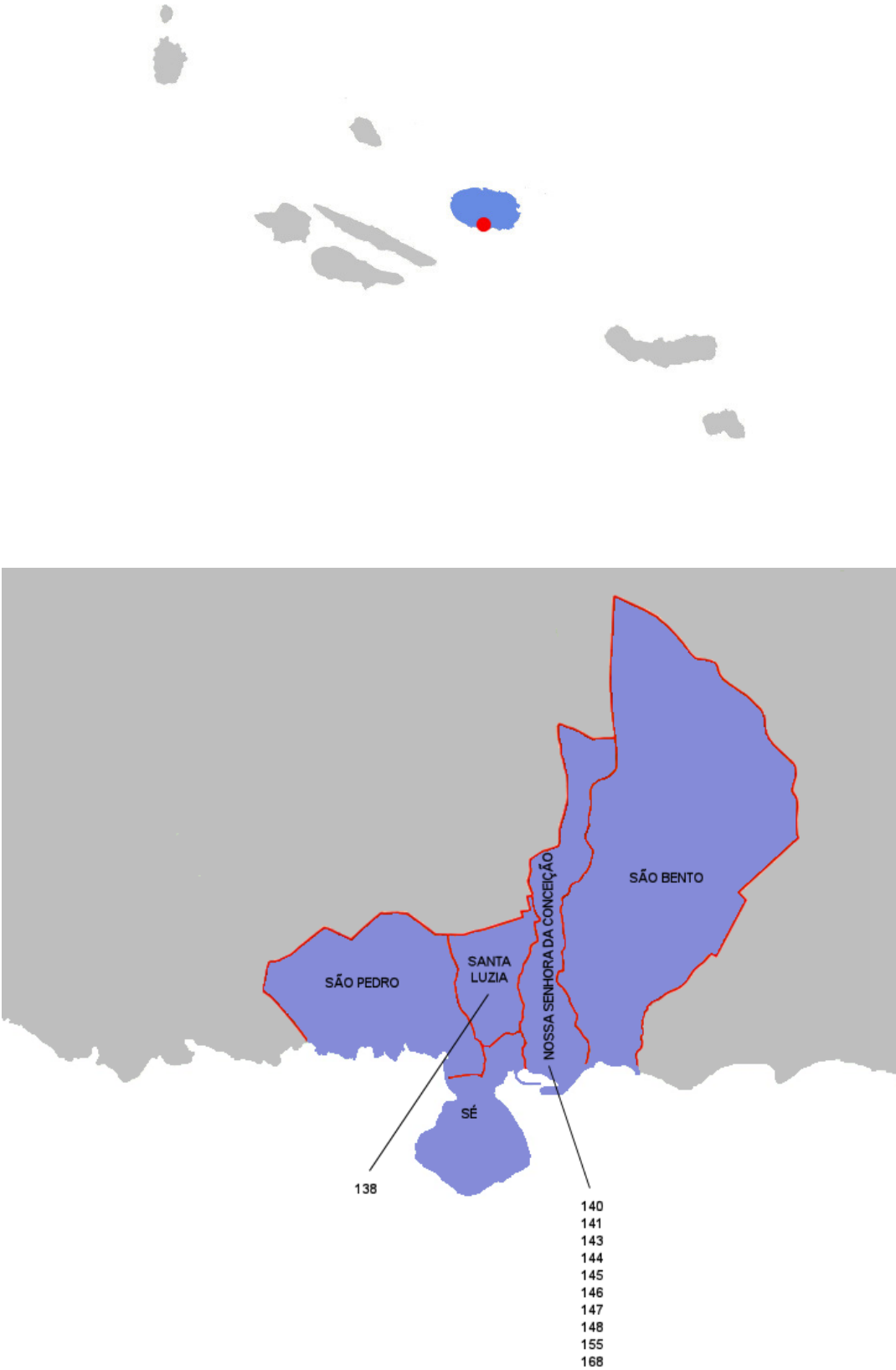
1 – Chafariz



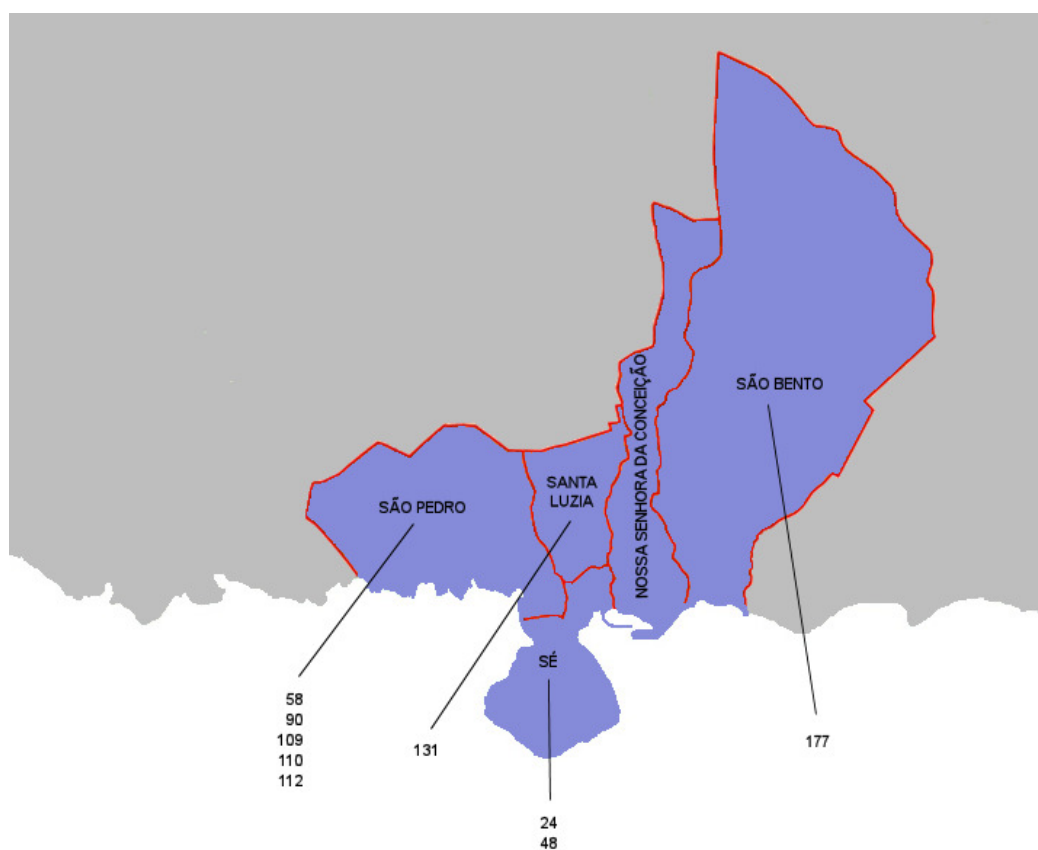
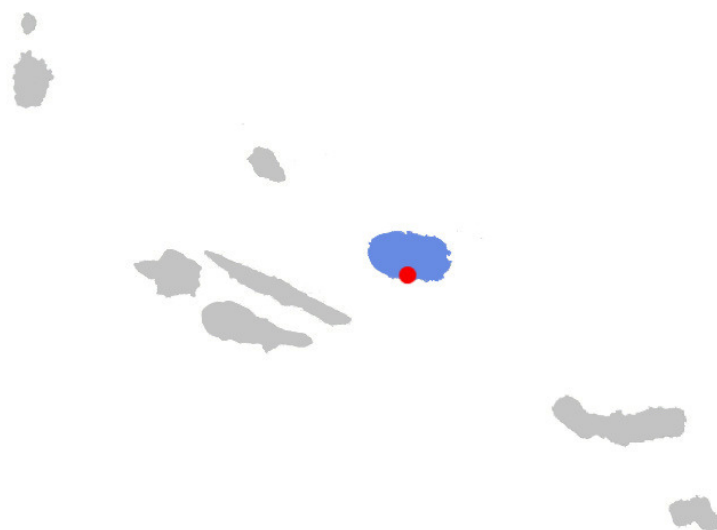
2 – Tanque



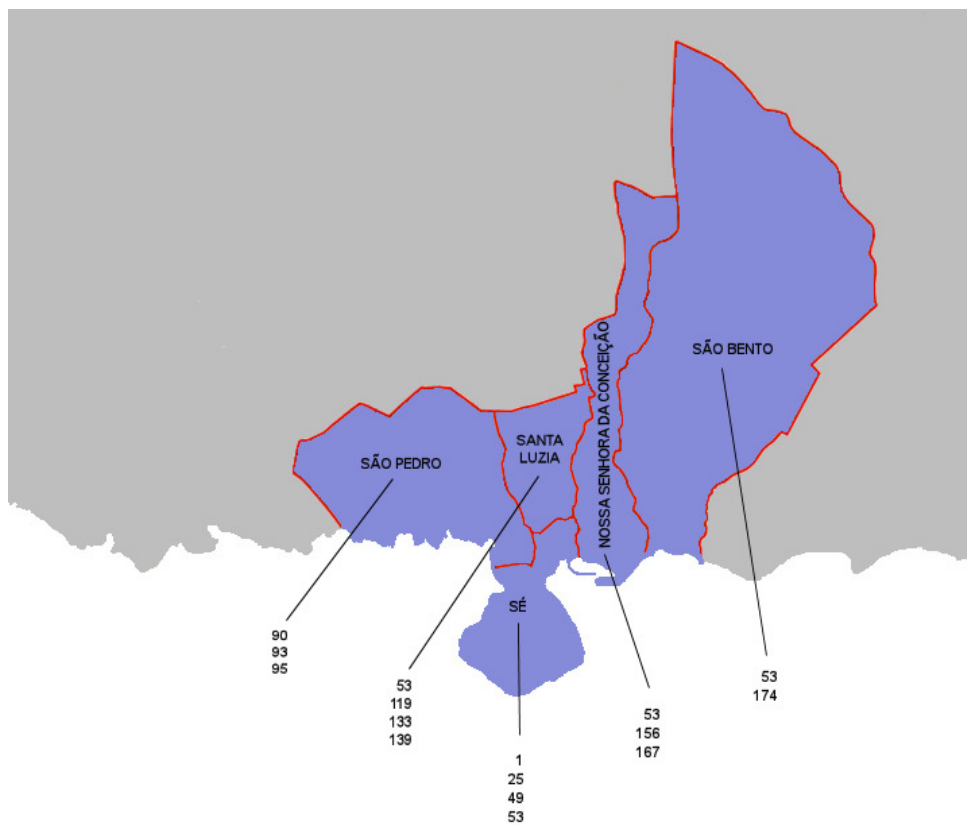
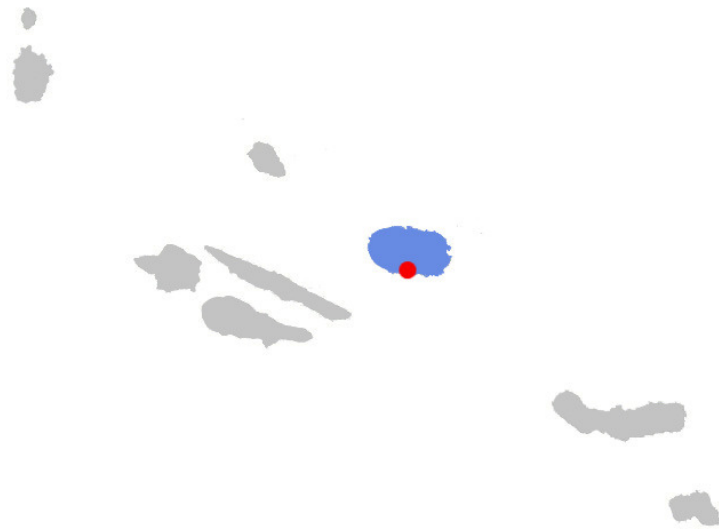
3 – Moinho



4 – Arquinha



5 – Outro



Fichas de caracterização

10.5.1**CISTERNA DA FORTALEZA DE SÃO JOÃO BAPTISTA****Sé** – Monte Brasil

Descrição: Cisterna composta por três corpos interligados com capacidade para armazenar 3.000 pipas de água. Três dos alçados prolongam-se em altura para além da cota da cobertura da cisterna, que ostenta três gargantas cilíndricas.

Estrutura de secção quadrangular construída em blocos de pedra de tufo extraídos do próprio Monte Brasil; as gargantas são em cantaria.

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Armazenamento de água.

Função atual: Desativada.

Observações: Um documento do livro II da conta do pagador Martim Ruiz de Laris — Archivo General de Simancas — atesta que em 1596 as obras das cisternas estavam em fase de conclusão.

Data de levantamento: 19/03/2012

GPS: 38°39'02.19``N | 27°13'32.84``W



10.1.2**CHAFARIZ D'EL REI**

Sé – Largo da Boa Nova

Descrição: Chafariz parietal, colocado lateralmente em relação ao «Tanque do Azeite». Apresenta um tanque de receção de água de formato paralelepípedo, em cantaria, para onde correm duas bicas em pedra muito proeminentes, encimadas por tubos metálicos, por onde brota a água. A parede, em alvenaria de pedra rebocada, é pintada de branco; está-lhe adossado o tanque, e é ladeada por duas pilastras, pintadas de amarelo ocre e arrematada por uma cornija, onde assenta um frontão, que ostenta duas volutas, pintadas de branco e contornadas a amarelo ocre.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Desativado.

Observações: Um documento do livro II da conta do pagador Martim Ruiz de Laris — Archivo General de Simancas — atesta que em 1594 foram realizadas as obras do «tanque pequeno».

Data de levantamento: 20/12/2011

GPS: 38°39'09.95``N | 27°13'28.39``W



10.2.3

TANQUE DO AZEITE

Sé – Largo da Boa Nova

Descrição: Tanque em semicírculo, construído em cantaria, ladeado por dois muros altos com ângulo de 90° em alvenaria de pedra rebocada com argamassa de cimento, e pintados de branco, ao longo dos quais corre uma calha da mesma pedra e que termina junto ao muro exterior do semicírculo, onde se forma um pequeno bebedouro de pouca profundidade ao longo de todo o muro de semicírculo, e que é delimitado por um outro semicírculo, interior, e que delimita o tanque. No topo NE do semicírculo, há uma bica em pedra, pintada de branco, colocada a 60 cm do muro do tanque, acima do qual há uma bica metálica.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Desativado.

Observações: Um documento do livro II da conta do pagador Martim Ruiz de Laris — Archivo General de Simancas — atesta que em 1594 foram realizadas as obras do «tanque grande».

Data de levantamento: 06/06/2011

GPS: 38°39'10.28"N | 27°13'27.99"W



10.1.4

CHAFARIZ DO ALTO DAS COVAS

Sé – Alto das Covas

Descrição: Chafariz de duas bicas simétricas, com escudetes circulares de pedra trabalhada e pintada de amarelo ocre, em alçado alto e largo, emoldurado por dois frisos, e contendo, ao centro, uma cartela com a inscrição «1846». É encimado por uma cornija com dois frisos, rematada com um medalhão central, encerrando o antigo brasão de armas da cidade de Angra, duas volutas laterais e dois pináculos engrinaldados nas extremidades. O tanque de receção de água encontra-se junto ao chão, apresenta a largura do alçado emoldurado, é recortado na face frontal por três ordens de grossas nervuras. Os lados são decorados com duas colunas adossadas e pintadas de amarelo ocre.

O conjunto é pintado de branco e ocre.

O bebedouro para animais é em cantaria.

Elementos datados: Cartela com inscrição «1846».

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Desativado.

Observações: Encontrava-se implantado no muro da cerca do Convento da Graça, no espaço onde, atualmente, está edificada a Escola Infante D. Henrique, a cerca de 100 metros da localização atual.

Data de levantamento: 01/06/2011

GPS: 38°39'21.72"N | 27°13'26.96"W



10.1.5

CHAFARIZ EM CASA DA RUA RECREIO DOS ARTISTAS

Sé – Rua Recreio dos Artistas, n.º 27 - A

Descrição: Chafariz parietal e respetivo tanque de receção de água em cantaria.

O alçado alto, rebocado com argamassa de cimento, pintado de branco, ostenta um painel de doze azulejos brancos com a inscrição e cercadura a azul «1998» — data do restauro — e, em posição inferior, encerra três nichos, sendo que no central, de maior dimensão, encontra-se uma bica em tubo metálico.

O tanque, de igual largura do espaldar, é de secção retangular.

Os cunhais, a cimalha, o emolduramento dos nichos e o tanque encontram-se na cor da pedra.

Denotam-se vestígios da inscrição «1902» em baixo-relevo na pedra.

Elementos datados: Painel de azulejos com inscrição «1998» — data do restauro.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 21/02/2013

GPS: 38°39'12.82"N | 27°13'27.07"W



10.2.6**TANQUE DO CONVENTO DE SÃO GONÇALO I**

Sé – Rua da Rosa

Descrição: Estrutura isolada, constituída por um tanque, situada no claustro norte do Convento de São Gonçalo.

O tanque de receção de água, de secção circular, apresenta na parte superior da face externa do alçado um friso côncavo em todo o seu perímetro. A eixo, surge uma coluna de secção quadrangular onde assenta uma bacia concheada que ostenta quatro tubos metálicos, por onde brota a água, e, a encimar, estão lavrados na pedra motivos vegetalistas.

A estrutura é integralmente construída em cantaria.

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Ornamentação.

Função atual: Ornamentação.

Data de levantamento: 19/03/2012

GPS: 38°40'45.55``N | 27°12'46.84``W



10.2.7

TANQUE DO CONVENTO DE SÃO GONÇALO II

Sé – Rua da Rosa

Descrição: Estrutura isolada, constituída por um tanque, situada no claustro sul do Convento de São Gonçalo.

O tanque de receção de água, de secção circular, com face superior desalinhada, apresenta, a eixo, uma coluna de secção quadrangular com vértices cortados, onde assenta uma cúpula lavrada com motivos vegetalistas.

A estrutura é inteiramente construída em cantaria.

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Ornamentação.

Função atual: Ornamentação.

Data de levantamento: 19/03/2012

GPS: 38°39'18.71"N | 27°13'25.42"W



10.1.8**CHAFARIZ DA CASA DA RODA DOS EXPOSTOS**

Sé – Rua dos Canos Verdes

Descrição: Chafariz parietal, constituído por um alçado alto adossado à antiga casa da roda.

O espaldar é delimitado por cunhais, soco e encimadas por uma cornija que, por sua vez, suporta, nas extremidades, dois pináculos. Entre estes existe, enquadrado por uma bordadura retangular, o antigo brasão de armas da cidade, ladeado por duas volutas. Ao centro do pano de parede há, em relevo, um florão com uma bica plástica; logo abaixo, encontra-se uma bacia recetora em consola.

Junto ao chão, há um tanque retangular cuja maior dimensão é inferior, em ambos os lados, ao pano de parede, ostentando, ao centro, duas barras de ferro paralelas, colocadas perpendicularmente à face do chafariz.

O imóvel é construído em alvenaria de pedra rebocada e pintada de azul, exceto os cunhais, a cornija, os pináculos, o brasão e respetiva bordadura, as volutas, a bacia e o florão, que são pintados de branco; o tanque e o soco são pintados de preto.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 21/12/2011

GPS: 38°39'08.21``N | 27°13'18.43``W



10.1.9

CHAFARIZ DO MERCADO DUQUE DE BRAGANÇA

Sé – Rua do Rego

Descrição: Chafariz parietal, adossado ao muro de suporte da escadaria do acesso norte do mercado municipal com o respetivo tanque de receção de água em semicírculo construído em pedra serrada. O interior do tanque é revestido com azulejos de cor verde. O pano de parede, de formato quadrangular, encerra uma placa de bronze alusiva às obras de requalificação do mercado municipal e um elemento muito saliente por onde brota a água.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 03/01/2012

GPS: 38°39'23.56"N | 27°13'20.24"W



10.1.10**CHAFARIZ DA CASA DA FAMÍLIA ABREU**

Sé – Rua da Sé, n.º 26

Descrição: Chafariz constituído por alçado alto e respetivo tanque de receção de água, adossado ao muro de vedação do prédio.

O espaldar é emoldurado por cimalha, soco, cunhais e faixa de arremate superior. O pano central dispõe a eixo, em relevo, uma coroa; em posição inferior a esta, há um nicho em arco de volta inteira «arquinha» e um motivo saliente, em figura de estrela de oito pontas, que recebe a bica metálica.

O tanque, de secção retangular, encontra-se junto ao chão, em posição anterior ao chafariz, sendo alinhado com o corpo do alçado.

A estrutura é construída em alvenaria de pedra, sendo o pano central rebocado em argamassa de cimento, pintado de ocre; os emolduramentos e a estrela são pintados de branco; o tanque e a coroa encontram-se na cor da pedra.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 23/01/2013

GPS: 38°39'21.99"N | 27°13'10.08"W



10.2.11

TANQUE DA CASA DO MORGADO JOAQUIM DE ALMEIDA TAVARES DO CANTO

Sé – Rua da Sé, n.º 103

Descrição: Tanque de receção de água, de secção retangular, que se encontra junto ao chão, contíguo ao alçado tardoz da casa. Adossada, no lado direito, está uma pia de lavagem de roupa.

O conjunto é construído em cantaria na cor natural da pedra.

Estado de conservação: Mau.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 21/08/2013

GPS: 38°39`20.47``N | 27°13`18.26``W



10.1.12

CHAFARIZ EM CASA DA RUA DA SÉ

Sé – Rua da Sé, n.º 153

Descrição: Chafariz constituído por um alçado alto com corpo adossado a muro de vedação emoldurado por soco, cunhais, barra de arremate superior e coroado por uma cimalha. A eixo do espaldar, encontra-se um elemento circular em alto-relevo, com uma bica metálica; mais acima, está um nicho «arquilha» em arco de volta perfeita com uma estreita moldura com o mesmo contorno.

Em posição anterior, junto ao chão, encontra-se o tanque de receção de água de secção retangular, ladeado à direita por uma pia de lavagem de roupa.

A estrutura é construída em cantaria, pintada de cinzento, com exceção do pano de fundo e parcialmente, o florão, que estão pintados de branco.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 05/09/2013

GPS: 38°39'20.49"N | 27°13'21.14"W



10.2.13

TANQUE EM CASA DA RUA DA SÉ

Sé – Rua da Sé, n.º 153

Descrição: Estrutura isolada, constituída por um tanque de secção circular, situada no reduto do prédio.

O tanque de receção de água apresenta a largura do alçado liso com uma grossa nervura côncava e a face superior boleada. A eixo, possui um elemento de secção troncónica, desprovido de ornamentação.

A estrutura é construída em mármore na sua cor natural, sendo o interior do tanque e a metade inferior da coluna pintados de azul-marinho.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Ornamentação.

Função atual: Ornamentação.

Data de levantamento: 05/09/2013

GPS: 38°39'20.50"N | 27°13'20.83"W



10.1.14**CHAFARIZ EM CASA DA RUA DE JESUS I**

Sé – Rua de Jesus, n.º 85

Descrição: Chafariz parietal inserido no muro de vedação do reduto.

O alçado alto é delimitado por cunhais, soco e cornija e encimado por um volume paralelepípedo. A eixo, encontra-se um nicho «arquinha» com um estreito emolduramento em alto-relevo.

A estrutura é construída em cantaria e alvenaria de pedra rebocadas e pintadas de branco, com exceção do soco, e, parcialmente, dos cunhais, cornija e moldura do nicho, que são pintados de cinzento.

Adossada, em posição anterior, corre uma escada em pedra e argamassa de cimento que descarateriza completamente o chafariz.

A bica e o tanque foram removidos.

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 06/05/2013

GPS: 38°39'14.39"N | 27°13'19.35"W



10.1.15

CHAFARIZ EM CASA DA RUA DE JESUS II

Sé – Rua de Jesus, n.º 97

Descrição: Chafariz e tanques inseridos num volume aberto em arco de volta abatida.

O espaldar, de secção quadrangular, é delimitado por cunhais, soco e cornija. A eixo, encontra-se um nicho «arquinha»; logo abaixo, está um florão, em alto-relevo, com orifício por onde saía a bica, ambos envolvidos por um estreito emolduramento; acima do nicho surge uma cartela ovoide com um pequeno friso de contorno, com a inscrição «1868».

Junto ao chão, ainda dentro da arcada, assente no lajeado de pedra e adossado ao pano de fundo, está um tanque de receção de água de maior dimensão, alinhado com o alçado alto, e enquadrado por outros dois tanques de menor dimensão.

A estrutura é construída em cantaria, pintada de branco, com exceção dos elementos de delimitação do corpo do chafariz, cartela, emolduramento do nicho e florão, bem como do capeamento dos tanques, que são pintados de azul.

Elementos datados: Cartela com inscrição «1868».

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 06/09/2013

GPS: 38°39'15.20``N | 27°13'19.30``W



10.1.16**CHAFARIZ DO SOLAR DA FAMÍLIA
PACHECO DE MELO**

Sé – Rua de Jesus, n.º 119

Descrição: Chafariz com respetivo tanque de receção de água.

O alçado alto é delimitado por soco, cunhais e faixa de arremate superior, sendo emoldurado por um friso quadrangular interior e encimado por coroaamento simples. A eixo do pano de parede encontra-se um nicho «arquinha»; logo abaixo, está um escudete em relevo com uma bica em ferro.

O tanque, de secção retangular, ocupando a largura do espaldar, encontra-se junto ao chão, implantado numa plataforma, em posição anterior ao chafariz.

A estrutura é integralmente construída em cantaria à vista.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 01/03/2013

GPS: 38°39`16.18``N | 27°13`20.07``W



10.1.17

CHAFARIZ EM CASA DA RUA DE JESUS III

Sé – Rua de Jesus, n.º 131

Descrição: Chafariz e respetivo tanque adossados ao muro de vedação do reduto.

O espaldar é emoldurado por cunhais, soco, barra de arremate superior adornado com um friso interior com os cantos cortados; é coroado por uma cimalha. A eixo, incorpora-se um nicho «arquinha» e, logo abaixo, um florão em alto-relevo, com uma bica metálica, ambos envolvidos por um estreito emolduramento; em posição superior, encontra-se uma cartela retangular, também com os cantos cortados, com a inscrição «1853/Mendonça».

O tanque de receção de água, de secção retangular, encontra-se junto ao chão, alinhado à largura do alçado.

A estrutura é construída em cantaria, pintada de cinzento, excetuando o pano de parede, o interior do nicho, o fundo da cartela e o florão, que são pintados de branco; o tanque está na cor natural da pedra.

Elementos datados: Cartela com inscrição «1853».

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 04/04/2013

GPS: 38°39'17.56``N | 27°13'19.91``W



10.1.18**CHAFARIZ DO PARQUE DE ESTACIONAMENTO DA RUA DA ROCHA — ANTIGA CASA DA FAMÍLIA OURIQUE**

Sé – Rua da Rocha

Descrição: Chafariz e respetivo tanque de receção de água adossado ao muro de vedação do parque de estacionamento.

É construído em cantaria e alvenaria de pedra com o corpo do alçado alto delimitado por soco, cunhais e cimalha. O pano do espaldar recebe um nicho «arquinha» e, logo a baixo, um escudete, em alto-relevo, com uma bica em ferro.

O tanque, de secção retangular, centrado por duas pias de lavagem de roupa, apresenta nos vértices anteriores dois elementos de reforço em ferro «gatos».

O conjunto é caiado de branco.

Estado de conservação: Mau.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 11/04/2013

GPS: 38°39'12.37"N | 27°13'16.65"W



10.2.19

TANQUE DOS ANTIGOS PAÇOS DA JUNTA GERAL

Sé – Rua Carreira dos Cavalos

Descrição: Estrutura isolada constituída por um tanque de secção circular recortado em todo o perímetro da face externa por três ordens de nervuras; possui quatro saliências em «ponta de seta» uniformemente distribuídas no seu contorno; é assente numa plataforma com o mesmo perfil. Ao centro, possui uma coluna encimada por um elemento de secção vasiforme com quatro saídas de água em tudo metálico.

A estrutura é integralmente construída em cantaria à vista.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Ornamentação.

Função atual: Ornamentação.

Data de levantamento: 29/12/2011

GPS: 38°39'16.34``N | 27°13'17.45``W



10.1.20**CHAFARIZ DO PALÁCIO
BETTENCOURT**

Sé – Rua da Rosa, n.º 49

Descrição: Chafariz de interior, constituído por um corpo de secção paralelepipedica com alçado frontal delimitado por cunhais e coroado por uma cimalha. A eixo, está um elemento quadrangular, que contém um motivo vegetalista, por onde outrora brotava a água; é contornado por uma moldura com duas ordens e arrematado, na face superior, por uma pequena cornija, em forma de peitoril, onde assenta um nicho «arquinha», arrematado com arco de volta inteira.

O chafariz é construído em alvenaria de pedra rebocada e pintada de branco, com exceção dos cunhais, cimalha, nicho e elemento quadrangular que são em cantaria à vista.

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 29/12/2011

GPS: 38°39`17.23``N | 27°13`15.00``W



10.1.21

CHAFARIZ DA PORTA DA PRATA

Sé – Estrada Gaspar Corte-Real

Descrição: Chafariz constituído por um pano de parede retangular vertical com corpo parcialmente embutido num muro de suporte. É rematado por cunhais e uma cornija e encimado por um frontão. No tímpano existe uma cartela elíptica sem inscrição — inscrição corroída pelo tempo. A bica, inserida num elemento circular em relevo, situa-se ao centro do pano de parede.

O chafariz é construído em alvenaria de pedra rebocada e pintada de branco, com exceção dos cunhais, do contorno do frontão, da cartela e do elemento circular da bica, que são em cantaria à vista.

O tanque de receção de água em cantaria à vista está adossado em posição anterior ao espaldar assente numa plataforma do mesmo material.

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 01/07/2010

GPS: 38°39'07.06``N | 27°13'20.86``W



10.2.22**TANQUE EM CASA DA RUA DA ESPERANÇA**

Sé – Rua da Esperança, n.º 28

Descrição: Estrutura isolada, constituída por um tanque de secção circular, situada no reduto do prédio.

O tanque de receção de água apresenta a largura do alçado emoldurado; é recortado na face exterior com grossa ordem a toda a largura. A eixo, surge um elemento bojudo onde assenta uma taça gomiada que ostenta um tubo metálico por onde é expulsa a água.

A estrutura é integralmente construída em cantaria à vista.

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Ornamentação.

Função atual: Ornamentação.

Data de levantamento: 28/02/2013

GPS: 38°39'22.94"N | 27°13'15.66"W



10.1.23

CHAFARIZ EM CASA DA RUA DA PALHA

Sé – Rua da Palha, n.º 83

Descrição: Chafariz e tanque de receção de água adossados ao muro de vedação do reduto. O espaldar, assente num embasamento, é emoldurado por cunhais, soco, larga barra de arremate superior adornada com um friso; é coroado por cimalha; ao centro, incorpora dois frisos quadrangulares, contendo um motivo vegetalista e uma bica metálica.

O tanque encontra-se junto ao chão, alinhado com a largura do alçado alto e tem visíveis elementos em ferro «gatos», nos dois ângulos anteriores, para travamentos das lajes.

O conjunto é construído em cantaria, pintada de amarelo e castanho.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 28/02/2013

GPS: 38°39'19.96``N | 27°13'13.18``W



10.4.24**ARQUINHAS DO PALÁCIO DOS
CAPITÃES GERAIS**

Sé – Rua do Palácio

Descrição: Conjunto de vinte e oito arquinhas de seis diferentes dimensões, embutidas no muro de vedação de pedra rebocada com argamassa de cimento e pintado de branco. Vinte e seis delas ostentam emolduramento em relevo em cantaria pintado de amarelo ocre. Vinte e uma arquinhas encontram-se tapadas por portinholas de madeira pintadas de verde-garrafa e as restantes sete abertas.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 22/07/2010

GPS: 38°39'25.24``N | 27°13'14.34``W



10.5.25

FONTANÁRIO DO LARGO PRIOR DO CRATO

Sé – Largo Prior do Crato

Descrição: Bacia recetora de água em forma de concha encimada por um elemento em forma de peixe onde pela boca sai uma bica. A infraestrutura está adossada à parede de encosto sul do reduto do Palácio dos Capitães Gerais.

A bacia e o peixe são em cantaria à vista. A parede de encosto é em alvenaria de pedra rebocada com argamassa de cimento pintada de branco com o soco pintado de preto.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 20/12/2011

GPS: 38°39'23.45"N | 27°13'12.13"W



10.1.26**CHAFARIZ EM CASA DO LARGO
PRIOR DO CRATO**

Sé – Largo Prior do Crato, n.º 7

Descrição: Chafariz constituído por um nicho rematado com arco de volta inteira, encimado por cartela e assente em impostas e semicolumnelos, embutido no muro de vedação da propriedade. Ao eixo do alçado do chafariz encontra-se uma torneira de passagem que emana de um painel de quatro azulejos policromáticos com motivos florais.

Na parte inferior, junto ao chão, encontra-se o tanque de receção de água ladeado à direita por uma pia de lavagem de roupa; em posição mais destacada, há uma banquetta de três pedras com tampo moldado.

O conjunto é construído em cantaria à vista com as juntas arrematadas em argamassa de cimento.

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 01/07/2010

GPS: 38°39'22.27"N | 27°13'09.66"W



10.2.27

**TANQUE DO PALÁCIO DOS CAPITÃES
GENERAIS I**

Sé – Largo Prior do Crato

Descrição: Estrutura isolada, situada na parte sul do reduto do Palácio dos Capitães Gerais.

É constituída por um tanque de secção circular, construída em cantaria com as juntas arrematadas em argamassa de cimento. O tanque de receção de água, que assenta num embasamento de igual secção, apresenta a largura do alçado emoldurado com diferentes ordens de nervuras a toda a largura. A eixo, surge uma coluna troncónica profusamente ornada, com maior preenchimento volumétrico a $\frac{3}{4}$ do corpo, a qual ostenta três tubos metálicos por onde sai a água.

A estrutura é integralmente construída em cantaria à vista.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Ornamentação.

Função atual: Ornamentação.

Data de levantamento: 20/12/2011

GPS: 38°39'23.87"N | 27°13'11.82"W



10.2.28

**TANQUE DO PALÁCIO DOS CAPITÃES
GENERAIS II**

Sé – Largo Prior do Crato

Descrição: Estrutura isolada, constituída por tanque de secção circular, situada no claustro do Palácio dos Capitães Generais.

O tanque de receção de água apresenta a largura do alçado emoldurado; é recortado na face exterior com diferentes ordens de nervuras a toda a largura. A eixo, surge uma coluna troncónica, onde assenta um elemento vasiforme que ostenta sete tubos metálicos por onde é expulsa a água, encimado por um pináculo de secção hexagonal, com maior preenchimento volumétrico na parte central.

A estrutura é integralmente construída em cantaria à vista.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Ornamentação.

Função atual: Ornamentação.

Data de levantamento: 20/12/2011

GPS: 38°39'24.78``N | 27°13'12.15``W



10.2.29

**TANQUE DO PALÁCIO DOS CAPITÃES
GENERAIS III**

Sé – Largo Prior do Crato

Descrição: Bacia de cantaria de secção semicircular alongada com face exterior decorada com nervuras e o rebordo em folha de louro que confluem para um elemento central vegetalista. Estrutura assente em peanha e adossado a um muro de encosto, de onde saí uma bica metálica, ambos em pedra rebocada com argamassa de cimento e pintados de branco.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 20/12/2011

GPS: 38°39'25.71``N | 27°13'12.00``W



10.2.30**TANQUE DO PALÁCIO DOS CAPITÃES
GENERAIS IV**

Sé – Largo Prior do Crato

Descrição: Tanque de secção retangular, adossado a uma parede de encosto, onde se encontra um florão com uma bica metálica, encimada por um nicho «arquinha». O tanque, o florão e o nicho, com respetiva moldura, são de cantaria à vista com as juntas arrematadas com argamassa de cimento. A parede de encosto é em alvenaria de pedra rebocada de argamassa de cimento pintada de branco.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 20/12/2011

GPS: 38°39'25.85``N | 27°13'11.58``W



10.1.31

CHAFARIZ DO PALÁCIO DOS CAPITÃES GENERAIS

Sé – Largo Prior do Crato

Descrição: Chafariz monumental, situado a norte do jardim do Palácio dos Capitães Generais.

É constituído por um corpo paralelepípedo que, no seu alçado principal, ostenta três semicolunelos assentes em impostas e dos quais surgem semicapitéis, que são arrematados por uma cimalha que respeita as proeminências do alçado. A eixo do chafariz, encontra-se uma bacia gomiada de receção de água em consola.

Junto ao chão, sob dois arcos abatidos, assentes em impostas, estão dois tanques de reduzidas dimensões.

A estrutura é construída em cantaria pintada de branco com os elementos decorativos salientes pintados de amarelo ocre.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Observações: Chafariz transferido, em 1983, do reduto do prédio de Guilherme Fisher, na Rua Direita, n.º 67, freguesia da Sé, por doação da família Reis Simões.

Data de levantamento: 19/12/2011

GPS: 38°39'27.00``N | 27°13'13.88``W



10.1.32**CHAFARIZ EM CASA DA RUA DE SÃO JOÃO I**

Sé – Rua de São João, n.º 17 - A

Descrição: Chafariz parietal inserido no muro de vedação da propriedade com respetivo tanque de receção de água, com os vértices adiantados boleados, adossado à parte anterior. Justaposta à esquerda do tanque, encontra-se uma pia de lavagem.

O espaldar é delimitado por cunhais, soco, e rematado por uma cimalha. No eixo do pano de parede encontra-se um nicho «arquinha» e uma roseta com uma bica metálica envolvidos por um estreito emolduramento.

É construído de alvenaria em pedra rebocada e pintada de branco, com exceção dos elementos de delimitação, de adorno, da pia e do tanque que são em cantaria à vista.

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 07/08/2013

GPS: 38°39'15.36"N | 27°13'09.98"W



10.1.33

CHAFARIZ EM CASA DA RUA DE SÃO JOÃO II

Sé – Rua de São João, n.º 76

Descrição: Pequeno chafariz adossado à parede do alpendre da propriedade.

É constituído por um alçado retangular com moldura em alto-relevo e cimalha. Em posição inferior central ao pano de parede insere-se um motivo decorativo em forma de flor de seis pétalas por onde surge um orifício para saída da água. A bacia de receção de água é adossada ao corpo do alçado e apoiada num pé torneado que vai perdendo volumetria na medida que se aproxima do chão.

O conjunto é construído em cantaria à vista, com exceção do pano de parede, que é revestido por um painel composto por trinta e oito azulejos com padrão policromático com tons de azul, branco e amarelo.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 28/01/2013

GPS: 38°39'18.73"N | 27°13'09.31"W



10.1.34**CHAFARIZ EM CASA DA RUA DE SÃO JOÃO III**

Sé – Rua de São João, n.º 76

Descrição: Chafariz e respetivo tanque de receção de água adossado à parede de vedação da propriedade.

É constituído por um alçado retangular com moldura em relevo. Em posição inferior, central ao pano de parede, insere-se também em relevo um motivo decorativo em forma de flor com seis pétalas, por onde se abre um orifício para saída da água.

O alçado alto é delimitado por soco, cunhais e faixa de arremate superior, encimado por uma cornija.

O tanque, de secção retangular, encontra-se junto ao chão. Justaposta em posição anterior a este, no lado esquerdo, encontra-se uma pia de lavagem de roupa.

O conjunto é construído em cantaria à vista com exceção do pano do espaldar que é rebocado com argamassa de cimento.

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 28/01/2013

GPS: 38°39' 18.79``N | 27°13' 09.15``W



10.1.35

CHAFARIZ EM CASA DA RUA DE SÃO JOÃO IV

Sé – Rua de São João, n.^{os} 115 e 117

Descrição: Chafariz, tanques e pia constituídos por um volume aberto pela frente em arco de volta perfeita.

Na parede de fundo há um nicho «arquinha», logo abaixo, encontra-se, em relevo, um florão com orifício, onde outrora estava a bica, ambos envolvidos por um estreito emolduramento com um pequeno elemento circular a encimar.

Junto ao chão, dentro da arcada, adossado ao pano de fundo, estão dois tanques geminados e uma pia de lavagem de roupa.

A estrutura é construída em cantaria à vista, com exceção do pano de fundo do chafariz que é em pedra tosca rebocada com barro.

Estado de conservação: Mau.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 05/08/2013

GPS: 38°39'19.86``N | 27°13'11.56``W



10.1.36**CHAFARIZ EM CASA DA RUA DIREITA
I**

Sé – Rua Direita, n.º 22

Descrição: Chafariz parietal inserido no muro da propriedade com tanque de receção de água adossado à parte anterior, situado dentro de um espaço delimitado à entrada por um arco abatido assente em impostas e encimado por uma cartela retangular de cantos cortados com a inscrição «1852».

O pano de parede é delimitado por soco, cunhal e arrematado por uma cimalha. Ao eixo encontra-se um nicho «arquinha» em semicírculo e, abaixo, um escudete com bica de ferro, ambos envolvidos por um estreito emolduramento.

A estrutura é construída em alvenaria de pedra rebocada e lajes de cantaria pintada de cinzento, com exceção do pano de fundo do alçado alto que se encontra pintado de branco.

Elementos datados: Cartela com inscrição «1852».

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 01/06/2011

GPS: 38°39'16.99"N | 27°13'06.37"W



10.1.37

**CHAFARIZ EM CASA DA RUA DIREITA
II**

Sé – Rua Direita, n.º 42

Descrição: Chafariz constituído por bacia de receção de água gomiada que recebe uma coluna de secção quadrangular disposta na vertical que encerra a bica e um baixo-relevo quadrangular, encimada por uma cartela retangular de cantos cortados, com a inscrição «1888». A bacia assenta num elemento também quadrangular, desta feita disposto na horizontal, precedido de um apoio proeminente de secção retangular em posição vertical.

A estrutura é construída integralmente em cantaria à vista.

Elementos datados: Cartela com inscrição «1888».

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 02/04/2013

GPS: 38°39'18.00"N | 27°13'06.40"W



10.1.38**CHAFARIZ DA CASA DA FAMÍLIA
BASÍLIO SIMÕES**

Sé – Rua Direita, n.º 54

Descrição: Chafariz parietal inserido no muro da propriedade, com respetivo tanque de receção de água adossado à parte anterior.

É construído de alvenaria em pedra rebocada pintada de branco, com exceção do soco, dos cunhais, da cornija que são em cantaria pintada de cinzento. Ao eixo do pano de parede, encontra-se um nicho «arquinha» e uma torneira de passagem canalizada por tubo galvanizado. Justaposta à direita do tanque está uma pia de lavagem de roupa, ambos em cantaria com vestígios de aplicação de tinta branca.

Estado de conservação: Mau.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 01/06/2011

GPS: 38°39'18.68``N | 27°13'06.73``W



10.1.39

**CHAFARIZ EM CASA DA RUA DIREITA
III**

Sé – Rua Direita, n.º 67

Descrição: Chafariz de interior adossado à parede do saguão da propriedade.

Estrutura constituída por um alçado quadrangular com moldura em alto-relevo. Em posição inferior central do pano de parede existe uma representação, em alto-relevo, dum anjo, cuja boca tem a bica. A bacia de receção de água é apoiada num pé que se estreita ao centro e enquadrada por dois maciços volumes de secção retangular.

O conjunto é construído em cantaria com a aplicação de verniz pedra incolor.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 01/07/2010

GPS: 38°39'18.30"N | 27°13'07.98"W



10.1.40

**CHAFARIZ EM CASA DA RUA DIREITA
IV**

Sé – Rua Direita, n.º 74

Descrição: Chafariz parietal e respetivo tanque de receção de água incorporado no muro de vedação norte do prédio.

O alçado alto é rematado por moldura em alto-relevo, encimado por uma cornija que se prolonga para além do emolduramento do espaldar. Em posição central, inferior ao pano de parede, existe uma representação, em alto-relevo, de uma deusa da fertilidade, cuja região abdominal tem a bica; em posição superior, encontram-se três pequenos nichos quadrangulares onde outrora existiram outras tantas caraças. A coroar o alçado principal, surgem duas volutas que centram um elemento cruciforme e uma caveira sobre dois ossos cruzados.

O tanque, de secção retangular, encontra-se junto ao chão, em posição anterior ao chafariz.

O conjunto é construído em cantaria à vista.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 22/07/2010

GPS: 38°39' 19.26``N | 27°13' 06.99``W



10.1.41

CHAFARIZ EM CASA DA RUA DIREITA V

Sé – Rua Direita, n.º 75

Descrição: Chafariz parietal inserido no muro de vedação da propriedade com respetivo tanque de receção de água adossado à parte anterior.

Estrutura construída em alvenaria de pedra rebocada e pintada de branco, com exceção do soco, dos cunhais, da cimalha que são em cantaria pintada de cinzento de cinzento. Ao eixo do pano de parede encontra-se um nicho «arquinha» e uma bica em ferro que sai de um escudete circular liso de cor cinzenta.

O tanque encontra-se junto ao chão, apresentando igual largura do alçado, e tem visíveis elementos de reforço em ferro «gatos» nos dois ângulos anteriores; justaposta, à esquerda do tanque, encontra-se uma pia de lavagem de roupa, ambos em cantaria com vestígios de tinta branca.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 28/02/2013

GPS: 38°39'19.09``N | 27°13'08.98``W



10.1.42**CHAFARIZ EM CASA DA RUA DIREITA VI**

Sé – Rua Direita, n.º 80

Descrição: Chafariz e respetivo tanque de receção de água adossado ao muro de vedação sul do prédio.

O alçado alto é delimitado por soco, cunhais, faixa de arremate superior e encimado por uma cornija. Em posição inferior central do pano de parede existe uma representação, em alto-relevo, dum anjo cuja boca tem a bica.

O tanque, de secção retangular, encontra-se junto ao chão, implantado numa pequena plataforma retangular, em posição anterior ao chafariz.

O conjunto é construído em cantaria à vista com aplicação de verniz pedra incolor.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 22/07/2010

GPS: 38°39'19.50``N | 27°13'07.08``W



10.1.43

CHAFARIZ DA CASA DO CONDE DE VILA FLOR I

Sé – Rua Direita, n.º 115

Descrição: Chafariz com respetivo tanque de receção de água adossado ao muro de vedação do prédio.

O espaldar é delimitado por moldura quadrangular arrematado por cimalha; contém, em alto-relevo, um friso também quadrangular que encerra, ainda em alto-relevo, alguns elementos geométricos, uma ave, uma concha e a bica metálica.

O tanque, de secção retangular, tem os dois vértices anteriores boleados, tendo ao centro duas barras de ferro paralelas, colocadas perpendicularmente à face do chafariz.

O conjunto é construído em cantaria caiado de branco, com exceção do tanque que está na cor natural da pedra.

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 26/04/2013

GPS: 38°39'20.25"N | 27°13'09.60"W



10.1.44

CHAFARIZ DA CASA DO CONDE DE VILA FLOR II

Sé – Rua Direita, n.º 115

Descrição: Chafariz constituído por um nicho rematado com arco de volta inteira assente em impostas e cunhais, embutido no alçado da casa. Ao eixo do pano de fundo do chafariz, encontra-se um motivo de geometria retangular com múltiplos frisos, que ostenta ao centro um florão com uma bica em ferro. Na parte inferior, junto ao chão, encontra-se o tanque de receção de água. Na parte superior, existe um vão de janela com gradeamento de ferro. No alçado lateral esquerdo, encontra-se uma torneira de passagem.

A estrutura é construída em cantaria pintada de branco, excetuando o tanque e cunhais, que são pintados de cinzento; a janela de madeira tal como o gradeamento de ferro são pintados de verde-garrafa.

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 26/04/2013

GPS: 38°39'20.08"N | 27°13'09.13"W



10.2.45

TANQUE DO JARDIM DUQUE DA TERCEIRA «BABÃO»

Sé – Rua Direita

Descrição: Tanque em lioz, denominado popularmente por «Babão», com dois pratos com diferentes diâmetros e tanque circulares; coluna central, na parte inferior de secção quadrangular e com maior preenchimento volumétrico e, na parte superior, de menor preenchimento volumétrico, de secção circular, encimada com pináculo em formato cilíndrico

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Ornamentação.

Função atual: Ornamentação.

Observações: Inicialmente encontrava-se na Praça Velha, tendo sido inaugurado a 25 de dezembro de 1877. Foi deliberado em 9 de abril de 1879 «[...] que fosse apeado o dito chafariz [...]» pelo motivo da praça «[...] ser muito pequena, nos dias de grande concorrência». A Câmara oferece-o ao Conselho da Agricultura para decorar o Passeio Público. Não se conhece referência à data da sua transferência; apenas o jornal «A Terceira», de 8 de julho de 1882, refere a instalação da antiga fonte ornamental no Largo do Colégio, fonte que julgamos ser a desta ficha, antes de ser definitivamente colocada no atual Jardim Público.

Data de levantamento: 20/12/2011

GPS: 38°39'24.12``N | 27°13'07.04``W



10.1.46

CHAFARIZ DO JARDIM «A PRETA»

Sé – Rua Direita

Descrição: Pequeno busto de uma mulher de pedra, popularmente denominada por «a preta», com dois seios arredondados e por cujos mamilos escorreu água. Sob o corpo antropomórfico, e em posição anterior, encontra-se um tanque recetor de água de secção quadrangular.

O conjunto é construído em pedra esculpida na sua cor natural com exceção dos mamilos que são em argamassa de cimento.

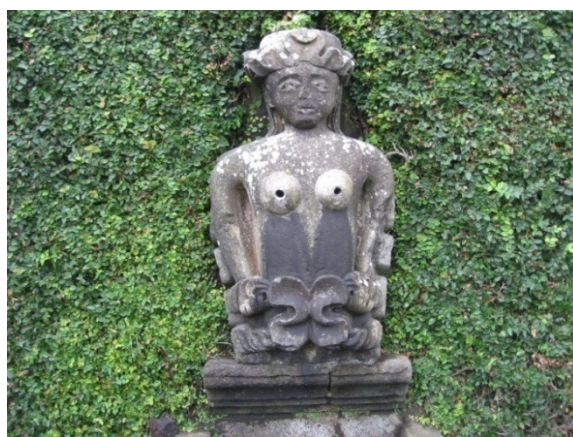
Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 27/12/2011

GPS: 38°39'27.17``N | 27°13'04.08``W



10.2.47

TANQUE DO PRETO

Sé – Rua Direita

Descrição: Tanque retangular em pedra de basalto aparelhada. Está implantado na antiga cerca do Convento dos Franciscanos que se localiza nas proximidades. O «Tanque do Preto», antigo tanque de rega da cerca, tem, no topo sul, assente numa peanha e ladeada por duas volutas, uma híbrida estátua de negro grotescamente esculpido com cocar de índio brasileiro, soprando água por um tubo de metal. O tanque é flanqueado por espaço de circulação em pavimento de calçada, limitada por um muro baixo de pedra rebocada, pintado de branco, com o coroamento em lajes de cantaria à vista; nos dois vértices a sul encontram-se dois pináculos, também em cantaria à vista.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Armazenamento e rega.

Função atual: Ornamentação.

Data de levantamento: 27/12/2011

GPS: 38°39'27.56``N | 27°13'04.30``W



10.4.48

ARQUINHA DA CASA DO JARDIM

Sé – Rua do Marquês, n.º 4

Descrição: Nicho «arquinha» com frente quadrangular, contíguo, em posição superior, a um florão com oito pétalas e com orifício ao centro por onde existia a bica.

Elementos construídos em cantaria, insertos em parede de encosto, em pedra de basalto regional em tosco.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 18/04/2013

GPS: 38°39'26.43"N | 27°13'09.93"W



10.5.49

LAVADOURO DA CASA DO JARDIM

Sé – Rua do Marquês, n.º 4

Descrição: Bacia/lavadouro de secção paralelepípedica com a face anterior boleada; tem dois escoadouros laterais em baixo-relevo e vazadouro frontal. É assente em duas peanhas disjuntas, de secção também paralelepípedica.

Na parede de encosto está uma torneira de passagem.

Estrutura construída em cantaria na sua cor natural.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Lavadouro.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 18/04/2013

GPS: 38°39'25.93"N | 27°13'09.05"W



10.2.50

TANQUE DA CASA DO JARDIM I

Sé – Rua do Marquês, n.º 4

Descrição: Tanque de receção de água em semicírculo, com a face exterior gomiada, assente numa plataforma com igual contorno. No limite superior da face posterior — reta —, encontra-se um elemento vegetalista tridimensional. Na parede de encosto existe uma laje com uma representação antropomórfica grosseira, em alto-relevo, com uma torneira de passagem na boca.

A estrutura é construída em cantaria na sua cor natural com algumas incursões de argamassa de cimento.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 18/04/2013

GPS: 38°39'26.92``N | 27°13'09.44``W



10.2.51

TANQUE DA CASA DO JARDIM II

Sé – Rua do Marquês, n.º 4

Descrição: Estrutura isolada, constituída por tanque, de secção redonda, situada no reduto da casa.

O tanque de receção de água encontra-se assente numa plataforma com o mesmo contorno que, por sua vez, se apoia num pequeno socalco de pedra miúda — cascalho —, apresentando a largura do alçado emoldurado; é recortado na face exterior com diferentes ordens de nervuras a toda a largura; a face superior apresenta elementos de reforço em ferro «gatos» com a função de travamento das lajes.

A estrutura é construída em pedra de cantaria à vista.

Estado de conservação: Mau.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 18/04/2013

GPS: 38°39'27.74"N | 27°13'07.06"W



10.2.52**TANQUE DA CASA DO JARDIM III**

Sé – Rua do Marquês, n.º 4

Descrição: Tanque de receção de água de secção quadrangular com vértices boleados construído em cantaria à vista.

No limite superior da face frontal encontra-se um vazadouro em tubo metálico.

Na parede de encosto está um escudete circular liso, que ostenta uma torneira de passagem.

A estrutura é assente num lajeado de pedra de calçada pedra.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 18/04/2013

GPS: 38°39'25.32"N | 27°13'09.24"W



10/30/40/50.5.53

LEVADA DA RIBEIRA DOS MOINHOS

Sé, Santa Luzia, Nossa Senhora da Conceição e São Bento

Descrição: Canal artificial de transporte de água — levada.

Troços da antiga levada da Ribeira dos Moinhos construída em lajes de pedra aparelhada.

A levada delimitava as freguesias de Nossa Senhora da Conceição, São Bento, Santa Luzia e Sé.

Era alimentada pelas nascentes da encosta sul da Serra do Morião, de onde escoava em leito natural até à união dos riachos na Nasce-Água e terminava no cais da cidade.

Estado de conservação: Ruína.

Função inicial: Transporte e distribuição da água.

Função atual: Desativado.

Observações: Está a decorrer processo de classificação como imóvel de interesse municipal.

Data de levantamento: 06/06/2010

GPS: 38°40'41.03``N | 27°12'58.46``W



20.1.54**CHAFARIZ EM CASA DA RUA DE SÃO PEDRO I**

São Pedro – Rua de São Pedro, n.º 118

Descrição: Chafariz e respetivo tanque de receção de água adossados ao muro de vedação do reduto.

O espaldar é delimitado por cunhais, soco, barra de arremate superior e é coroado por uma cimalha. A eixo, incorpora-se uma cartela retangular com a inscrição «1878» e, logo abaixo, um duplo florão em alto-relevo, com uma bica metálica.

O tanque, de secção retangular, está em posição anterior ao alçado alto, encontrando-se assente numa plataforma com igual secção.

A estrutura é construída em cantaria à vista, sendo o pano de fundo do espaldar, o florão e o tanque pintados de branco.

Elementos datados: Cartela com inscrição «1878».

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 16/09/2013

GPS: 38°39'25.27"N | 27°13'33.13"W



20.1.55**CHAFARIZ DA CASA DA FAMÍLIA
PACHECO DE LIMA****São Pedro** – Rua de São Pedro, n.º 160

Descrição: Chafariz constituído por um nicho rematado com arco de volta inteira rebaixado, assente em impostas, embutido no muro do soalco do terreno agrícola. Ao eixo do alçado do chafariz está um nicho em semicírculo «arquinha» e, logo abaixo, um orifício onde existiu uma bica. Na parte inferior, junto ao chão, encontra-se o tanque de receção de água. Na parte superior, no prolongamento das impostas, corre um friso ornamental em alto-relevo. A encimar o chafariz está uma cornija. A estrutura é construída em cantaria e pedra tosca — cascalho miúdo — rebocada a argamassa e barro e cal. Denotam-se vestígios de ter sido caiado de branco.

Estado de conservação: Mau.**Função inicial:** Abastecimento privado de água.**Função atual:** Desativado.**Data de levantamento:** 04/04/2013**GPS:** 38°39'30.14``N | 27°13'36.88``W

20.2.56**TANQUE DA CASA DA FAMÍLIA
PACHECO DE LIMA**

São Pedro – Rua de São Pedro, n.º 160

Descrição: Estrutura isolada, constituída por tanque de secção circular, situada no jardim do prédio.

O tanque de receção de água apresenta a largura do alçado emoldurado na face exterior; é recortado por três diferentes ordens de nervuras a toda a largura; assenta numa plataforma com o mesmo contorno. A eixo, possui uma coluna de secção circular, com desiguais preenchimentos volumétricos e efeitos parcialmente destorcidos.

A estrutura é integralmente construída em cantaria à vista.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Ornamentação.

Função atual: Ornamentação.

Data de levantamento: 04/04/2013

GPS: 38°39'27.67"N | 27°13'38.54"W



20.1.57

CHAFARIZ EM CASA DA RUA DE SÃO PEDRO II

São Pedro – Rua de São Pedro, n.º 200

Descrição: Chafariz constituído por um alçado alto e respetivo tanque de receção de água, adossados a um muro de vedação.

O espaldar é delimitado por cunhais, soco, faixa de arremate superior e coroadado por uma cimalha. A eixo, encontra-se um nicho em semicírculo «arquinha» e, logo abaixo, um florão com uma bica metálica, ambos envolvidos por estreito emolduramento; mais acima está uma cartela retangular de cantos cortados com a inscrição em baixo-relevo «1893».

A estrutura é construída em cantaria à vista, sendo o pano de fundo pintado de branco.

Elementos datados: Cartela com inscrição «1893».

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 05/09/2013

GPS: 38°39'28.12``N | 27°13'40.75``W



20.2/4.58**TANQUE E ARQUINHAS DO SOLAR DO CONDE DE SIEUVE DE MENEZES**

São Pedro – Rua de São Pedro, n.º 212

Descrição: Tanque em cantaria, de secção retangular, contíguo ao muro de vedação, em alvenaria de pedra, rebocada com argamassa de cimento; é recortado nas três faces por três ordens de grossas nervuras, a toda a largura.

No vértice superior esquerdo do muro, estão implantadas duas arquinhas em cantaria.

Ao centro do alçado alto, há uma pequena cartela com um orifício onde existiu uma bica.

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 13/12/2010

GPS: 38°39'28.34``N | 27°13'42.11``W



20.1.59**CHAFARIZ EM CASA DA RUA DE SÃO PEDRO III**

São Pedro – Rua de São Pedro, n.º 163

Descrição: Chafariz constituído por um alçado alto e respetivo tanque de receção de água, enquadrado em dois muros, mais baixos, com as faces superiores cortadas em curva.

O espaldar é delimitado por cunhais, soco, faixa superior e coroado por uma cimalha. A eixo, ostenta um elemento saliente de secção circular dentado, com uma torneira de passagem. Em posição imediatamente superior, encontra-se um nicho «arquinha» emoldurado.

A estrutura é construída em cantaria à vista, sendo o pano frontal e os muros de enquadramento rebocados com argamassa de cimento, pintados de branco, com a exceção de uma faixa vertical que une a arquinha ao soco, que é também em pedra à vista.

O tanque de receção de água de secção semicircular, em posição anterior, junto ao chão, apresenta toda a largura da face exterior emoldurada.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 02/04/2013

GPS: 38°39'26.31``N | 27°13'48.80``W



20.1.60**CHAFARIZ EM CASA DA RUA DE SÃO PEDRO IV**

São Pedro – Rua de São Pedro, n.º 163

Descrição: Chafariz constituído por um alçado alto desprovido de delimitações ornamentais. A eixo, encontra-se um pequeno motivo circular com uma bica metálica; mais abaixo, existem outras duas bicas simétricas igualmente em metal.

Adossado ao alçado, encontra-se, junto ao chão, um grande tanque retangular de receção de água.

O chafariz e tanque são em alvenaria de pedra rebocada com argamassa de cimento e estão pintados de branco. As bicas e o elemento circular estão pintados de verde-garrafa.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 02/03/2013

GPS: 38°39'26.25``N | 27°13'48.80``W



20.1.61

CHAFARIZ DOS PORTÕES DE SÃO PEDRO

São Pedro – Portões de São Pedro

Descrição: Chafariz monumental em cantaria, constituído por alto alçado, com duas colunas de secção quadrangular de cada um dos lados, pintadas de branco; ao centro, um friso retangular, em branco, encerra dois medalhões circulares com bicas; estes medalhões são rematados por volutas e arabescos em branco e o resto da parede de alçado em cor-de-rosa; a cimalha, larga e em branco, apresenta, de cada um dos lados, um pináculo de secção quadrangular e, ao centro, um frontão com volutas com um friso circular com a coroa e timbre do antigo brasão de armas da cidade e, logo abaixo, uma cartela com a inscrição «1850».

O tanque é constituído por dois semicírculos disjuntos entre si e contíguos ao alçado, sendo as paredes deste tanque côncavas. O conjunto está integrado no muro de uma casa senhorial do séc. XVIII. Ao lado do chafariz, há dois tanques em pedra de secção retangular que serviam de bebedouro para animais e de pia para lavagem de roupa.

Elementos datados: Cartela com inscrição «1850».

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Desativado.

Observações: Imóvel classificado de interesse



público (Resolução n.º 189/98, de 6 de agosto, publicada no Jornal Oficial da Região Autónoma dos Açores, I Série, n.º 32). Inserido na classificação do Solar dos Portões de São Pedro.

Data de levantamento: 24/12/2010

GPS: 38°39'28.03``N | 27°13'50.59``W

20.1.62

CHAFARIZ DO SOLAR DA FAMÍLIA BORGES DO CANTO

São Pedro – Portões de São Pedro, n.º 6

Descrição: Chafariz em cantaria integrado no muro de uma casa senhorial do séc. XVIII, constituído por alto alçado, com duas colunas de secção quadrangular, de cada um dos lados, soco e cimalha, que trespassa, em altura, a parede de enquadramento; ao centro, um friso retangular encerra, em relevo, uma peanha, um vaso com enramados e uma ave; em cada um dos lados encontram-se cartelas retangulares com os cantos cortados e, abaixo, um escudete quadrangular com florão e bica em tubo de ferro.

O tanque de receção de água, em semicírculo, é contíguo ao alçado, sendo a face exterior emoldurada em toda a extensão.

A estrutura é pintada de branco, excetuado o pano de parede, que é pintado em cor-de-rosa.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Observações: Imóvel classificado de interesse público (Resolução n.º 189/98, de 6 de agosto, publicada no Jornal Oficial da Região Autónoma dos Açores, I Série, n.º 32). Inserido na classificação do Solar dos Portões de São Pedro.

Data de levantamento: 28/02/2013

GPS: 38°39'27.94``N | 27°13'52.35``W



20.1.63**CHAFARIZ DA QUINTA DE SÃO PEDRO****São Pedro** – Rua do Capitão João de Ávila, n.º

10

Descrição: Chafariz parietal, inserido no muro de vedação do prédio, e respetivo tanque de receção de água.

O espaldar é delimitado por duas pilastras e coroado por uma cimalha. A eixo, encontra-se um escudete liso com uma bica metálica.

O tanque, de secção retangular, tem largura igual ao alçado alto, está junto ao chão em posição anterior; recebe duas barras de ferro paralelas na perpendicular ao alçado de maior dimensão, posicionadas no alinhamento da bica; contígua ao tanque, do lado esquerdo, há uma pia de lavagem de roupa.

Do muro de vedação eleva-se um corpo de secção quadrangular tendo no topo uma «arquinha».

A estrutura é em cantaria com aplicação de verniz pedra, à exceção do pano de parede que é revestido com argamassa de cimento, pintado de branco.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 23/08/2013

GPS: 38°39'30.38``N | 27°13'50.68``W



20.1.64

**CHAFARIZ EM CASA DA RUA
CAPITÃO DO JOÃO DE ÁVILA I**

São Pedro – Rua do Capitão João de Ávila, n.º
18

Descrição: Chafariz parietal, inserido na fachada da casa, e respetivo tanque de receção de água, ladeado por duas janelas de guilhotina de duas folhas de madeira pintadas na cor verde-garrafa e emolduradas por barras pintadas de cinzento. O conjunto provoca um original efeito estético.

O espaldar é delimitado por soco, cunhais, barra de arremate superior, sendo coroado por uma cimalha. Ao centro encontra-se um florão com uma bica metálica.

O tanque, de largura ligeiramente inferior ao alçado alto, está junto ao chão em posição anterior.

A estrutura é em cantaria, com aplicação de verniz pedra, à exceção do pano de parede, que é pintado de branco.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 28/02/2013

GPS: 38°39'33.39``N | 27°13'52.47``W



20.1.65**CHAFARIZ DA RUA DO CAPITÃO
JOÃO DE ÁVILA II**

São Pedro – Rua do Capitão João de Ávila

Descrição: Chafariz adossado na parte anterior por um tanque de receção de água, enquadrado num muro de encosto, construído de alvenaria em pedra rebocada.

É constituído por um pano de parede retangular, arrematado por cunhais e faixa de arremate superior. Ao eixo, tem uma bica, inserida num elemento circular saliente e, acima, uma cartela ovoide com a inscrição «1882».

Justaposta à esquerda do chafariz, encontra-se uma caixa cúbica com torneira de passagem.

O chafariz e muro de enquadramento são pintados de branco; tanque, bordadura da cartela, cunhais, motivo circular da bica e caixa são pintados de cinzento.

Elementos datados: Cartela com inscrição «1882».

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 01/07/2010

GPS: 38°39'42.79``N | 27°13'54.29``W



20.1.66**CHAFARIZ DA QUINTA DA SAGRADA FAMÍLIA**

São Pedro – Caminho de Cima do Pico da Urze, n.º 97

Descrição: Chafariz integrado num murete constituído por largo espaldar, delimitado por cunhais e encimado por uma frondosa cornija. A eixo encontra-se a figura de «Nagini, deusa birmanesa, mãos segurando os seios, rodeada de motivos vegetalísticos [...]. A cauda de peixe não aparece. Emoldurada por trombas e orelhas estilizadas de elefante. [...] Da Índia terá sido trazida e mais tarde adaptada a ornamento do chafariz do antigo solar (Pico da Urze) do dr. Diogo de Barcelos.»¹⁴¹ Pela boca e mamilos brotava a água.

O tanque de receção de água, de invulgar dimensão, triplica a largura do alçado alto.

Estrutura construída em cantaria à vista, sendo os panos de parede frontal e laterais do chafariz pintados de branco.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 18/03/2013

GPS: 38°39'48.30``N | 27°13'55.82``W



¹⁴¹ MERELIM, Pedro de, *18 Paróquias*, 1974, p. 853.

20.2.67**TANQUE DA QUINTA DA SAGRADA FAMÍLIA**

São Pedro – Caminho de Cima do Pico da Urze, n.º 97

Descrição: Estrutura isolada, constituída por tanque de secção elíptica disforme, situada no reduto da quinta.

O tanque de receção de água apresenta a largura do alçado emoldurado; é recortado na face exterior com três ordens de nervuras a toda a largura. A eixo, surge uma coluna de secção elíptica onde assenta uma taça gomiada com rebordo em forma de pétalas de flor; ao centro, encontra-se um tudo metálico por onde é expulsa a água.

A estrutura é integralmente construída em cantaria à vista.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Ornamentação.

Função atual: Ornamentação.

Data de levantamento: 18/03/2013

GPS: 38°39'48.36``N | 27°13'55.45``W



20.1.68

**CHAFARIZ EM CASA DO CAMINHO DE
CIMA DO PICO DA URZE**

São Pedro – Caminho de Cima do Pico da Urze, n.º 15

Descrição: Chafariz constituído por uma coluna de secção quadrangular encimada por uma cornija com três ordens embutida num muro de encosto erigido em pedra no toco.

O alçado frontal do corpo é delimitado por uma moldura simples, que enquadra um florão em alto-relevo com uma bica metálica. O volume tem em posição anterior, junto ao chão, um tanque de receção água de secção retangular.

A estrutura é integralmente construída em cantaria à vista.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 05/09/2013

GPS: 38°39'52.64``N | 27°13'56.90``W



20.1.69

CHAFARIZ DA QUINTA DE JESUS MARIA JOSÉ

São Pedro – Caminho de Cima do Pico da Urze, n.º 17

Descrição: Chafariz constituído por um volume paralelepípedo que tem adossado, em posição anterior, um tanque de receção água de secção retangular, que recebe duas barras de ferro paralelas, na perpendicular, ao alçado de maior dimensão, posicionadas no alinhamento da bica; do lado esquerdo do tanque está, contígua, uma pia de lavagem de roupa. O pano de fundo é delimitado pelos cunhais, soco, faixa de arremate superior e cornija; a encimar, dois pináculos que centram um elemento decorativo em jeito de frontão. A eixo do pano de fundo, está um nicho «arquinha» e, logo abaixo, em alto-relevo, um motivo vegetalista de secção quadrangular com a bica em ferro.

A estrutura é construída em cantaria pintada de branco, com exceção dos limites do alçado alto, e parcialmente, dos elementos sobre a cornija, bem como do florão, que são pintados de castanho claro.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 14/04/2013

GPS: 38°39'54.20``N | 27°13'59.56``W



20.1.70

CHAFARIZ DA QUINTA DA FAMÍLIA BRITO DO RIO

São Pedro – Bicas de Cabo Verde

Descrição: Chafariz e respetivo tanque de receção de água adossado ao muro de vedação do prédio.

É constituído por um pano de parede quadrangular, delimitado por cunhais e faixa de arremate superior. Ao eixo, tem um nicho «arquinha» emoldurado e, em posição inferior, um proeminente elemento de secção quadrangular, com uma bica metálica.

O tanque de secção retangular, que se encontra em posição anterior ao alçado alto, junto ao chão, é ladeado, à esquerda, por uma pia de lavagem de roupa.

Estrutura construída em cantaria à vista, excetuado o pano de parede, que é rebocado com argamassa cal e cimento.

Estado de conservação: Mau.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 04/04/2013

GPS: 38°40'06.97"N | 27°14'10.12"W



20.2.71**TANQUE DA QUINTA DA FAMÍLIA BRITO DO RIO**

São Pedro – Bicas de Cabo Verde

Descrição: Estrutura isolada, constituída por tanque de secção oval, situada no reduto da quinta.

O tanque de receção de água apresenta a largura do alçado liso. A eixo, possui um elemento de secção redonda com maior preenchimento volumétrico na base e menor na parte superior, que incorpora no topo um tubo plástico por onde outrora brotava a água.

A estrutura é em pedra rebocada com argamassa de barro e cal e, na face superior do alçado, em cantaria travada com elementos de ferro «gatos».

Estado de conservação: Mau.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 04/04/2013

GPS: 38°40'06.15``N | 27°14'09.32``W



20.1.72

CHAFARIZ DA QUINTA DAS BICAS I

São Pedro – Bicas de Cabo Verde, n.º 47

Descrição: Chafariz parietal rematado com arco de volta perfeita, enquadrado em dois muretes mais baixos, e coroadado com corpo em contracurva com a inscrição em relevo «1925». O alçado alto, delimitado por um arco de emolduramento, tem a eixo um escudete circular, em alto-relevo, com a bica metálica, mais acima, contido numa moldura retangular na vertical, de friso simples, está o símbolo heráldico da família «Teive».

O tanque de receção de água, de secção retangular, encontra-se em posição anterior, implantado numa plataforma, alinhado com o corpo do chafariz.

A estrutura é construída em cantaria revestida, pintada de amarelo, com exceção do tanque e brasão de armas, que se encontram em pedra à vista; os restantes elementos de delimitação e adorno estão pintados de branco.

Elementos datados: Inscrição «1925».

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 16/04/2013

GPS: 38°40`10.50``N | 27°14`11.87``W



20.1.73**CHAFARIZ EM CASA DAS BICAS DE CABO VERDE I**

São Pedro – Bicas de Cabo Verde, n.º 48

Descrição: Chafariz com respetivo tanque de receção de água de secção retangular contíguo, em posição anterior, parcialmente embutido no terreno.

O espaldar de secção paralelepípedica é delimitado por cunhais, soco e coroadado por cimalha. O pano de parede ostenta um elemento em alto-relevo, com motivo antropomórfico grosseiro, com um orifício na boca, onde existiu uma bica.

O chafariz é construído em cantaria, sendo o pano frontal revestido de argamassa de cimento pintado de branco; o tanque, cunhais, cimalha, soco, e elemento antropomórfico encontram-se na cor natural da pedra.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 11/04/2013

GPS: 38°40'09.91``N | 27°14'09.63``W



20.1.74

CHAFARIZ EM CASA DAS BICAS DE CABO VERDE II

São Pedro – Bicas de Cabo Verde, n.º 49

Descrição: Tanque de receção de água de secção retangular em cantaria pintada de cinzento, contíguo em duas faces aos muros de vedação do reduto. Na parede adossada ao lado maior do tanque, encontra-se um nicho em semicírculo «arquinha» e, logo abaixo, um florão com uma bica metálica, ambos envolvidos por estreito emolduramento.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 31/03/2013

GPS: 38°40`10.83``N | 27°14`12.09``W



20.1.75**CHAFARIZ DA QUINTA DAS BICAS II**

São Pedro – Bicas de Cabo Verde, n.º 53

Descrição: Chafariz constituído por um largo espaldar parcialmente inserido num muro e respetivo tanque de receção de água.

O pano de fundo do alçado alto é delimitado por cunhais, soco, faixa de arremate superior e coroado por cimalha. A eixo, surge um elemento de secção paralelepipedica, bastante proeminente, com a bica; acima está um nicho «arquinha».

O tanque, de farta dimensão, construído em cantaria à vista, em parte embutido no pavimento, contém um elemento que o divide parcialmente em duas partes simétricas, dispõe de dois degraus em posição anterior.

O espaldar é construído em alvenaria de pedra rebocada e pintada de castanho; soco, cunhais, faixa de arremate superior, cornija e suporte da bica são de cantaria, pintada de branco.

No alçado tardoz, encontra-se um painel de azulejos, de finais do séc. XVIII, em quadro cerâmico limitado por cercadura concheada, de pintura policromática, envolvendo na parte inferior a gárgula de uma bica. A parte central mostra uma cena familiar tendo como cenário um jardim: à esquerda, um cavalheiro de chapéu abado parece apontar para um grupo central, onde uma senhora está em jeito de esconder três crianças; mais à direita outro grupo de três meninos brinca. Sobre o grupo central dois anjos seguram uma filistera, onde se pode ler duas linhas de um verso em latim.



<p>Estado de conservação: Bom.</p> <p>Função inicial: Abastecimento privado de água.</p> <p>Função atual: Desativado.</p> <p>Data de levantamento: 31/03/2013</p> <p>GPS: 38°40'10.89"N 27°14'15.25"W</p>	
--	--

20.1.76**CHAFARIZ DA QUINTA DE NOSSA SENHORA DOS MILHAGRES**

São Pedro – Bicas de Cabo Verde, n.º 59

Descrição: Chafariz constituído por alto alçado, delimitado por duas colunas encimadas por pináculos e rematado por uma pequena cimalha de três ordens com vários frisos, tudo de secção quadrangular; a parte superior do alçado recebe um capeamento ondulado que, em linha ascendente, liga as colunas à cimalha. A eixo do pano de parede encontra-se uma cartela oval com a inscrição «1855» e, abaixo, um elemento decorativo de secção quadrangular com uma bica metálica.

O tanque de receção de água, que se encontra contíguo ao espaldar, é de secção retangular, com os limites alinhados à face interior das colunas. A estrutura está enquadrada em dois muros laterais cortados onduladamente nas faces superiores, em linha descendente.

O conjunto é construído em alvenaria de pedra, pintado de branco, com exceção do capeamento, pilastras, soco e, parcialmente, dos elementos decorativos que são em verde-garrafa e branca.

Elementos datados: Cartela com inscrição «1855».

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 04/04/2013

GPS: 38°40'12.44"N | 27°14'18.60"W



20.1.77

CHAFARIZ DA QUINTA DA MISERICÓRDIA

São Pedro – Avenida Tomás de Borba, n.º 30

Descrição: Chafariz com complexo programa escultural e tanque de receção de água.

É constituído por alçado alto, com duas colunas de secção quadrangular, terminado por uma cimalha convexa, que recebe três pináculos também de secção quadrangular: dois nas extremidades e um no ponto mais alto. O tanque, de farta dimensão e pouca profundidade, com o lado anterior convexo, é contornado na face exterior por um degrau ou banqueteta.

Dentro do tanque, adossado ao espaldar, está um corpo robusto de secção quadrangular, profusamente esculpido, com maior preenchimento volumétrico na base. A leitura iconológica mostra uma transposição para a pedra das ideias contidas na doutrina de fusão entre o mundo animalista e o vegetalista. A bica sai pela boca de um animal proeminente na face dianteira do volume.

A estrutura é construída em cantaria, sendo o pano do alçado alto revestido a azulejaria com motivos do mundo animal e vegetal.

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 04/04/2013

GPS: 38°39'46.58``N | 27°13'59.82``W



20.1.78**CHAFARIZ EM CASA DA AVENIDA TOMÁS DE BORBA I**

São Pedro – Avenida Tomás de Borba, n.º 34

Descrição: Tanque de receção de água, de secção retangular, em cantaria na sua cor natural, contíguo a um pequeno alçado em blocos revestidos com argamassa de cimento. O tanque tem visíveis elementos em ferro «gatos» nos dois ângulos dianteiros, para reforço das lajes. No pano de parede, pintado de branco, encontra-se adornado, em três lados, com uma faixa de azulejos de cor azul escura e, sensivelmente a meio, tem um elemento quadrangular em alto-relevo com uma torneira de passagem.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 04/04/2013

GPS: 38°39'47.03``N | 27°14'04.00``W



20.1.79

CHAFARIZ EM CASA DA AVENIDA TOMÁS DE BORBA II

São Pedro – Avenida Tomás de Borba, n.º 37

Descrição: Chafariz constituído por um alçado alto e respetivo tanque de receção de água, enquadrado em dois muretes com corte descendente na diagonal, ligeiramente côncavo.

O pano de parede é delimitado por cunhais e rematado com uma cimalha. A eixo, insere-se um pequeno nicho «arquinha» e, em posição inferior, um elemento retangular que recebe um escudete com uma bica metálica.

O tanque, de secção retangular, está adossado ao alçado alto e assente numa plataforma.

A estrutura é construída em cantaria, pintada de branco, com exceção dos elementos que delimitam o espaldar, e adornos que recebem a bica pintados de cor-de-rosa; o tanque e plataforma estão na cor natural da pedra.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 04/04/2013

GPS: 38°39'45.31``N | 27°14'03.89``W



20.1.80**CHAFARIZ EM CASA DA AVENIDA TOMÁS DE BORBA III**

São Pedro – Avenida Tomás de Borba, n.º 39

Descrição: Chafariz e respetivo tanque de receção de água em cantaria adossado ao muro de vedação do prédio.

O alçado alto é rematado por cimalha, soco e cunhais. A eixo do pano de parede, está uma torneira de passagem canalizada por tubo galvanizado; abaixo, um nicho «arquinha» quadrangular e um escudete circular em alto-relevo, contendo um elemento decorativo com motivo em estrela com a bica metálica.

O tanque, de secção retangular, encontra-se em posição anterior, junto ao chão, sendo ladeado, à direita, por uma pia de lavagem de roupa.

A estrutura apresenta vestígios de ter sido caiada de branco.

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 04/04/2013

GPS: 38°39'45.47``N | 27°14'05.13``W



20.1.81

**CHAFARIZ EM CASA DA AVENIDA
TOMÁS DE BORBA IV**

São Pedro – Avenida Tomás de Borba, n.º 47

Descrição: Chafariz parietal, inserido no muro da propriedade, com tanque de receção de água, situado em espaço alpendrado.

O alçado alto é delimitado por quatro barras, formando um quadrado. A eixo, encontra-se um nicho «arquinha» em semicírculo e, abaixo deste, um florão em alto-relevo com a bica metálica, tudo envolvido por um estreito emolduramento; junto à barra inferior, está uma torneira de passagem, alimentada por um tubo galvanizado.

Adossado à parte anterior do alçado, está o tanque de secção retangular; no lado direito, existe uma pia de lavagem de roupa.

O conjunto é construído em cantaria, sendo o pano de parede revestido com argamassa de cal e cimento. É pintado de branco, com exceção da delimitação do alçado alto e dos elementos no seu eixo, que são pintados de vermelho sangue-de-boi.

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 04/04/2013

GPS: 38°39'47.40``N | 27°14'07.89``W



20.1.82

CHAFARIZ DA QUINTA VELHA I

São Pedro – Canada do Catalão

Descrição: Chafariz constituído por um amplo alçado retangular delimitado por cunhais, soco, faixa de arremate superior e coroado por uma cimalha. A eixo, encontra-se um elemento circular em relevo com uma bica metálica, encimada por um nicho «arquinha» quadrangular.

Adossado a toda a largura do espaldar, junto ao chão, está um largo tanque de receção de água de secção retangular, que recebe duas barras de ferro paralelas na perpendicular ao alçado de maior dimensão do tanque, posicionadas no alinhamento da bica; é ladeado, à esquerda, por uma pia de lavagem de roupa.

O corpo alto do chafariz é em alvenaria de pedra rebocada; o tanque e as delimitações do alçado e a pia são de cantaria.

O conjunto apresenta vestígios de ter sido integralmente pintado de branco.

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 04/04/2013

GPS: 38°39'42.98``N | 27°14'07.66``W



20.1.83

CHAFARIZ DA QUINTA VELHA II

São Pedro – Canada do Catalão

Descrição: Chafariz parietal delimitado por duas pilastras e uma cimalha.

Ao centro do pano de parede, há um conjunto ornamental que, em relevo, envolve um nicho «arquinha» em semicírculo e um elemento quadrangular de duas ordens que ostenta a bica metálica; em posição inferior, encontra-se bacia recetora de água em consola; em posição superior, está uma pequena cornija que nas extremidades sustenta dois pináculos, que enquadram um florão ladeado por duas volutas que amparam um motivo vegetalista.

A estrutura é construída em pedra revestida com argamassa de cimento pintada de branco, com exceção dos elementos de delimitação que são pintados de amarelo ocre. O conjunto ornamental, bem como o nicho e a bacia, são em pedra à vista.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 04/04/2013

GPS: 38°39'43.39``N | 27°14'08.91``W



20.1.84

CHAFARIZ EM CASA DA CANADA DO CATALÃO

São Pedro – Canada do Catalão, n.º 7

Descrição: Chafariz constituído por alçado alto adossado a muro de vedação e respetivo tanque de receção de água.

O pano de fundo é delimitado por cunhais, soco e cimalha. A eixo, encontra-se um nicho «arquinha» e, logo abaixo, um florão em alto-relevo com uma bica metálica, tudo envolvido por um estreito emolduramento.

O tanque de secção retangular encontra-se adossado ao espaldar na parte anterior e junto ao chão.

A estrutura é construída em cantaria pintada de branco, exceto os cunhais, cimalha, soco, florão e emolduramento que são pintados de castanho claro.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 04/04/2013

GPS: 38°39'44.72"N | 27°14'06.50"W



20.1.85

CHAFARIZ DO PICO DA URZE

São Pedro – Caminho do Pico da Urze

Descrição: Chafariz constituído por um paralelepípedo que se eleva ligeiramente acima do muro onde está incorporado; na parte anterior encontra-se uma banqueta, onde outrora existiu um tanque de receção de água, ladeada por duas pias de lavagem de roupa. O pano de fundo é delimitado pelos cunhais e encimado por uma cornija. A eixo deste, há um elemento circular saliente com uma bica metálica e, mais acima, quatro arquinhas com diferentes dimensões — uma delas como porta de ferro —, um azulejo com a inscrição «4» pintada a azul e uma cartela retangular de cantos cortados com a inscrição em baixo-relevo «CM 18 16 1868».

O complexo é construído em cantaria, pintada de branco, exceto os cunhais, a cornija, a cartela, o florão, as pias e a banqueta, que são pintados de cinzento.

Elementos datados: Cartela com inscrição «1868».

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 23/12/2011

GPS: 38°39'48.09``N | 27°14'08.65``W



20.1.86**CHAFARIZ DA PENHA DE FRANÇA****São Pedro** – Canada da Penha de França**Descrição:** Chafariz parietal inserido no muro de uma propriedade junto à estrada.

É composto por um alçado quadrangular, delimitado lateralmente e superiormente por três barras pintadas de cinzento. O pano de parede tem um corpo de secção retangular com a bica metálica; encerra também dois nichos «arquinhãs» e, mais acima, dois azulejos de diferentes dimensões: o maior com a inscrição «1898» e, no colocado em posição superior, de menor dimensão, a inscrição «CM».

Junto ao chão, está o bebedouro, que contém um pequeno compartimento de secção retangular e duas barras de ferro paralelas na perpendicular ao alçado de maior dimensão do tanque. A ladear o bebedouro, à direita, existe uma pia de lavagem de roupa.

O chafariz é construído em alvenaria de pedra rebocada e pintado de branco; o tanque o compartimento e a pia são de cantaria, pintada de cinzento.

Elementos datados: Azulejo com inscrição «1898».

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 23/12/2011

GPS: 38°39'55.78``N | 27°14'13.05``W



20.2.87

TANQUE EM CASA DO CAMINHO DO MEIO DE SÃO CARLOS I

São Pedro – Caminho do Meio de São Carlos, n.º 1

Descrição: Estrutura isolada, constituída por tanque de receção de água, situada no jardim do prédio.

O tanque é constituído por quatro círculos parcialmente sobrepostos recortado em todo o perímetro e largura do alçado por três ordens de nervuras; encontra-se assente numa plataforma com o mesmo perfil. Ao centro, possui uma coluna formada por quatro elementos cilíndricos contíguos, que sustenta a representação tridimensional de um casal de jovens namorados em andamento.

O tanque de receção de água encontra-se assente numa plataforma com o mesmo contorno.

A estrutura é construída em cantaria pintada de branco e cinzento, com o embasamento em lajes à vista.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Ornamentação.

Função atual: Ornamentação.

Data de levantamento: 29/08/2013

GPS: 38°39'25.22``N | 27°14'14.27``W



20.2.88**TANQUE DA QUINTA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO**

São Pedro – Caminho do Meio de São Carlos, n.º 7

Descrição: Tanque de receção de água, de secção retangular, em cantaria à vista, apresentando a largura do alçado liso e com inclusão na face superior de três elementos de reforço em ferro «gatos». Está contíguo a um alto muro de vedação do reduto, pintado de branco. Na parede adossada encontra-se um elemento proeminente de secção quadrangular com uma bica metálica.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 16/09/2013

GPS: 38°39'26.73"N | 27°14'16.11"W



20.2.89

TANQUE EM CASA DO CAMINHO DO MEIO DE SÃO CARLOS II

São Pedro – Caminho do Meio de São Carlos, n.º 17

Descrição: Estrutura isolada, constituída por tanque de receção de água, embutida no solo a $\frac{3}{4}$ do corpo.

O tanque é recortado em curva e contracurva, com inserção equidistante de quatro ângulos agudos «ponta de seta». Adossado ao extremo poente encontra-se uma coluna erigida em tempo recente que, a eixo, recebe uma bica metálica.

A estrutura é construída em cantaria à vista.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Ornamentação.

Função atual: Ornamentação.

Data de levantamento: 07/09/2013

GPS: 38°39'31.52``N | 27°14'19.48``W



20.1/4/5.90

**CHAFARIZ ARQUINHA E CISTERNA
EM CASA DO CAMINHO DO MEIO DE
SÃO CARLOS I**

São Pedro – Caminho do Meio de São Carlos,
n.º 19

Descrição: Chafariz e respetivo tanque de
receção de água adossados a um muro de
encosto da propriedade.

O alçado alto é delimitado por cunhais e
cimalha. A eixo, encontra-se um nicho em arco
de volta perfeita «arquinha», logo abaixo, está,
em alto-relevo, uma roseta com a bica
metálica, ambos envolvidos por um estreito
emolduramento; acima destes há uma cartela
retangular com os cantos cortados.

O tanque, de secção retangular, encontra-se
junto ao chão, em posição anterior ao espaldar,
sendo ladeado à esquerda por uma pia de
lavagem de roupa.

A estrutura é construída em cantaria, com
vestígios de aplicação de tinta branca; os
elementos de delimitação e contorno estão
pintados de cinzento.

Em posição posterior ao chafariz, no lado
direito, existe um depósito para
armazenamento de água, construído em
alvenaria de pedra rebocada com cobertura de
betão ciclópico; também em posição posterior,
mas à esquerda está uma estrutura de
distribuição de água esculpida numa pedra
única, com quatro compartimentos de
diferentes dimensões «arquinhas».

Estado de conservação: Mau.



<p>Função inicial: Abastecimento privado de água.</p> <p>Função atual: Desativado.</p> <p>Data de levantamento: 07/09/2013</p> <p>GPS: 38°39'32.18``N 27°14'18.55``W</p>	
--	--

20.1.91**CHAFARIZ DA CASA DOS LEÕES**

São Pedro – Caminho do Meio de São Carlos, n.º 20

Descrição: Chafariz constituído por um corpo paralelepípedo, parcialmente embutido num muro, e respetivo tanque de receção de água.

O alçado alto é delimitado por cunhais, soco e barra de arremate superior, e coroado por uma cimalha. A eixo, encontra-se um nicho em arco de volta perfeita «arquinha» e logo abaixo está a bica metálica, ambas envolvidas por um emolduramento; mais acima está uma cartela retangular de cantos cortados contornada por um friso em alto-relevo com a inscrição «9-6-1880/LCO».

O tanque, de secção retangular, encontra-se assente numa plataforma com igual secção, em posição anterior ao chafariz, tendo, ao centro, duas barras de ferro paralelas, colocadas perpendicularmente à face do chafariz, no alinhamento com a bica.

A estrutura é construída em cantaria à vista, exceto o pano de fundo do espaldar, que é pintado de verde.

Elementos datados: Cartela com inscrição «9-6-1880».

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 04/09/2013

GPS: 38°39'32.05``N | 27°14'16.94``W



20.1.92

CHAFARIZ DA QUINTA DE SANTO ANTONINHO

São Pedro – Caminho do Meio de São Carlos, n.º 25

Descrição: Chafariz em cantaria, constituído por espaldar, com duas colunas de secção quadrangular de cada um dos lados, que trespassem um robusto soco; ao centro, um escudete com a bica metálica; mais acima, está uma cartela retangular, com um friso simples com a inscrição «1901»; a cimalha, larga, apresenta, de cada um dos lados, um vaso cerâmico de secção circular e, ao centro, um frontão com um elemento ornamental com as iniciais sobrepostas «AS» — Alfredo Sampaio, antigo proprietário da quinta.

O tanque de receção de água encontra-se junto ao chão, alinhado à largura do soco; apresenta o alçado emoldurado na face exterior por três ordens de grossas nervuras a toda a largura; no interior recebe duas barras de ferro paralelas, na perpendicular ao alçado de maior dimensão, posicionadas no alinhamento da bica.

A estrutura é pintada de cor-de-rosa, com exceção do pano do alçado alto, que é pintado de branco; a cartela e o elemento decorativo do frontão estão na cor da pedra com aplicação de verniz incolor.

Elementos datados: Cartela com inscrição «1901».

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.



Função atual: Desativado. Data de levantamento: 16/04/2013 GPS: 38°39'35.96``N 27°14'19.31``W	
--	--

20.1/5.93

CHAFARIZ E CISTERNA DA QUINTA DE SANTO ANTÓNIO

São Pedro – Caminho do Meio de São Carlos, n.º 26

Descrição: Conjunto constituído por chafariz com respetivo tanque de receção de água e cisterna.

O chafariz é delimitado por soco e cunhais, e rematado por uma cimalha que recebe um elemento cónico de vértice cortado «arquinha». A eixo do pano de parede, em posição inferior, está um nicho «arquinha» e, logo abaixo, um escudete liso em alto-relevo, com uma bica metálica, tudo envolvido por um estreito emolduramento.

O tanque, de formato retangular, encontra-se em posição anterior, junto ao chão, sendo ladeado, à direita, por uma pia de lavagem de roupa e à esquerda por outro tanque de pequena dimensão, os três em cantaria à vista.

A cisterna é constituída por um amplo corpo paralelepípedo com o alçado frontal delimitado por um cunhal e por uma pilastra, estando aberto um vão quadrangular emoldurado.

O chafariz é construído em cantaria à vista, sendo o pano de fundo do alçado alto em alvenaria de pedra rebocada pintada de branco. O interior da cisterna, bem como os elementos de emolduramento e contorno, são em cantaria à vista; os alçados exteriores são rebocados e pintados de branco.

Estado de conservação: Razoável.



<p>Função inicial: Abastecimento privado de água.</p> <p>Função atual: Desativado.</p> <p>Data de levantamento: 16/09/2013</p> <p>GPS: 38°39'36.80``N 27°14'19.35``W</p>	
--	--

20.1.94

CHAFARIZ DA QUINTA DO LEÃO

São Pedro – Caminho do Meio de São Carlos, n.º 30

Descrição: Chafariz constituído por um corpo de secção paralelepípedica situado dentro de um espaço delimitado, à entrada, por um arco de volta inteira, assente em impostas. O espaldar é delimitado por cunhais e soco, e coroado por uma cimalha. A eixo do chafariz, em posição inferior, encontra-se uma bacia de receção de água, em consola; mais acima, está uma cartela retangular com os cantos cortados e um friso interior com o mesmo contorno, com a inscrição «1869»; logo abaixo, está um elemento circular vegetalista com uma torneira de passagem.

O chafariz é construído em alvenaria de pedra rebocada e pintada de branco, com exceção dos cunhais, soco, cimalha, cartela e roseta, bem como o rebordo da bacia, que são pintados de cinzento.

Elementos datados: Cartela com inscrição «1869».

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 28/08/2013

GPS: 38°39'38.59"N | 27°14'20.14"W



20.5.95**CISTERNA DA QUINTA DA MACACA**

São Pedro – Caminho do Meio de São Carlos, n.º 32

Descrição: Cisterna constituída por um corpo de secção paralelepipedico, apresentando, no alçado menor sul, um vão quadrangular, com uma porta de madeira pintada de verde-garrafa. Em frente, encontra-se uma pequena pia de lavagem de roupa.

A estrutura é construída em cantaria à vista, parcialmente revestida com argamassa de cimento pintada de branco.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Observações: A casa tem lavrada em pedra de cantaria uma macaca com a inscrição «1844», depreendendo-se que a cisterna seja da mesma data.

Data de levantamento: 16/09/2013

GPS: 38°39'38.96"N | 27°14'20.95"W



20.1.96

CHAFARIZ DA QUINTA DE SÃO PEDRO

São Pedro – Caminho do Meio de São Carlos, n.º 36

Descrição: Chafariz e respetivo tanque de receção de água adossado ao muro de vedação poente do prédio.

O alçado alto é delimitado por soco e cunhais, sendo coroado por uma cimalha. A eixo do pano de fundo, insere-se um nicho «arquinha» em semicírculo e, logo abaixo, está um escudete circular que recebe um motivo vegetalista com uma torneira de passagem.

O tanque, de secção retangular, encontra-se em posição anterior, junto ao chão, é ladeado, à direita, por uma pia de lavagem de roupa.

A estrutura é construída em alvenaria de pedra rebocada e cantaria apresentando vestígios de ter sido caiada de branco.

Estado de conservação: Boa.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 16/09/2013

GPS: 38°39'41.71``N | 27°14'23.89``W



20.1.97**CHAFARIZ DA QUINTA DAS PALMEIRAS I**

São Pedro – Caminho do Meio de São Carlos, n.º 38

Descrição: Grande chafariz parietal e respetivo tanque de receção de água incorporado num muro de encosto do prédio.

O alçado alto é delimitado por três pilastras e uma cornija que se prolonga para além do emolduramento do espaldar; a encimá-lo estão três pináculos de secção quadrangular com menor preenchimento volumétrico a meio corpo e um gradeamento em ferro.

O tanque em semicírculo apresenta a largura do alçado liso, e é contornado por cinco elementos triangulares «ponta de seta» encastrados no chão.

A estrutura é construída em cantaria, pintada de azul; as pilastras, a cornija e os pináculos são pintadas de branco; as «pontas de seta» estão na cor natural da pedra.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 29/08/2013

GPS: 38°39'43.13``N | 27°14'25.15``W



20.1.98**CHAFARIZ DA QUINTA DAS PALMEIRAS II**

São Pedro – Caminho do Meio de São Carlos, n.º 38

Descrição: Chafariz constituído por um alçado vertical retangular com corpo adossado ao muro de vedação rematado por cimalha e cunhais. O pano de fundo apresenta um elemento em alto-relevo de secção retangular profusamente lavrado com motivos vegetalistas, onde se insere uma bica metálica e, mais acima, está um nicho «arquinha» também de secção retangular; sobre esta, há uma cartela retangular com um friso de cantos cortados, com a inscrição «1873».

Em posição anterior, junto ao chão, encontra-se o tanque de receção de água, de secção retangular.

A estrutura é construída em pedra de cantaria, pintada de azul; as delimitações do espaldar e da cartela são pintadas de branco; o tanque e o elemento ornamental do alçado alto são em cantaria à vista.

Elementos datados: Cartela com inscrição «1873».

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 29/08/2013

GPS: 38°39'43.98``N | 27°14'26.75``W



20.2.99**TANQUE DA QUINTA DAS PALMEIRAS**

São Pedro – Caminho do Meio de São Carlos, n.º 38

Descrição: Estrutura isolada, constituída por tanque de secção octogonal, situada no jardim do prédio.

O tanque de receção de água encontra-se assente numa plataforma com o mesmo contorno, apresentando a largura do alçado liso, com inclusão de elementos de reforço em ferro «gatos». A eixo, está uma coluna ornamentada, de secção quadrangular, com um prato encimado por um pináculo, ambos de secção octogonal; no prato, abrem-se quatro orifícios em tubo metálico para a escorrência da água.

A estrutura é construída em cantaria à vista e o embasamento em pedra no tosco.

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Ornamentação.

Função atual: Ornamentação.

Data de levantamento: 29/08/2013

GPS: 38°39'44.32``N | 27°14'25.42``W



20.2.100**TANQUE DA QUINTA DOS FOURNIER**

São Pedro – Caminho do Meio de São Carlos, n.º 50

Descrição: Estrutura isolada, constituída por tanque de secção circular, situada no jardim do prédio.

O tanque de receção de água encontra-se assente numa plataforma com o mesmo contorno, apresentando a largura do alçado emoldurado; é recortado na face exterior, com três ordens de nervuras a toda a largura. No seu interior, encerra um gradeamento em inox para repuxo.

A estrutura é construída em cantaria, pintada de branco, e o embasamento em lajes à vista.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Ornamentação.

Função atual: Ornamentação.

Data de levantamento: 14/04/2013

GPS: 38°39'47.14``N | 27°14'32.29``W



20.1.101

**CHAFARIZ EM CASA DO CAMINHO DO
MEIO DE SÃO CARLOS II**

São Pedro – Caminho do Meio de São Carlos,
n.º 52

Descrição: Chafariz constituído por alçado alto adossado ao muro de vedação de meia altura e respetivo tanque de receção de água de seção retangular. O alçado alto é delimitado por cunhais, soco e cimalha. No pano de fundo encontra-se, na parte superior, uma cartela oblonga, de arestas curvas e faces com saída pontiaguda, com a inscrição «13-3-1893»; em posição inferior, está um motivo decorativo com a bica, que, por sua vez, é ladeado simetricamente por duas cabeças de felídeo.

A estrutura é construída em cantaria, pintada de branco, exceto os cunhais, cornija, soco e cartela, que são pintados a cinzento; e as figuras zoomórficas são pintadas a castanho.

Elementos datados: Cartela com inscrição «13-3-1893».

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 18/03/2013

GPS: 38°39'47.51``N | 27°14'33.97``W



20.2.102

**TANQUE EM CASA DO CAMINHO DO
MEIO DE SÃO CARLOS III**

São Pedro – Caminho do Meio de São Carlos,
n.º 52

Descrição: Estrutura isolada, situada no reduto
do prédio.

É constituída por tanque de secção circular,
construído em cantaria, com as juntas
arrematadas em argamassa de cimento. O
tanque de receção de água, que assenta num
embasamento com o mesmo contorno,
apresenta a largura do alçado emoldurado por
diferentes ordens de nervuras a toda a largura.
A eixo, surge uma coluna troncónica que, na
metade inferior, é de secção quadrangular lisa
e, na metade superior, de secção circular
ornamentada de diferentes preenchimentos
volumétricos, a qual tem no topo um tubo
metálico.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Ornamentação.

Função atual: Ornamentação.

Data de levantamento: 02/04/2013

GPS: 38°39'48.85"N | 27°14'34.36"W



20.2.103

**TANQUE EM CASA DO CAMINHO DO
MEIO DE SÃO CARLOS IV**

São Pedro – Caminho do Meio de São Carlos,
n.º 54

Descrição: Estrutura isolada, constituída por tanque de secção circular, situada no jardim do prédio.

O tanque de receção de água apresenta a largura do alçado emoldurada na face exterior; é recortado por diferentes ordens de nervuras a toda a largura; assenta numa plataforma com o mesmo contorno. A eixo, possui uma coluna troncónica, de secção redonda, com desiguais preenchimento volumétricos e efeitos parcialmente destorcidos; no terço superior, agrega um elemento decorativo gomiado, que é encimado por outro elemento em escamas de peixe.

A estrutura é construída em pedra de cantaria à vista.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Ornamentação.

Função atual: Ornamentação.

Data de levantamento: 14/04/2013

GPS: 38°39'47.15``N | 27°14'38.95``W



20.1.104

**CHAFARIZ DA CASA DE FREDERICO
AUGUSTO VASCONCELOS**

São Pedro – Caminho do Meio de São Carlos,
n.º 64

Descrição: Chafariz e respetivo tanque de
receção de água adossado ao muro de vedação
poente do prédio.

O espaldar é delimitado por soco, cunhais e
faixa de arremate superior, coroado por uma
cimalha. O pano de parede tem uma cartela
retangular em mármore com a inscrição
«1880», abaixo, uma arquinha quadrangular
encontra-se tapada e, em posição inferior, um
florão circular em relevo, com bica metálica.

O tanque, de secção retangular, encontra-se
junto ao chão em posição anterior ao chafariz.

A estrutura é construída em cantaria, pintada a
branco, com exceção do pano de parede, tal
como do muro de enquadramento, que estão
pintados de amarelo ocre, e da cartela, que se
encontra na cor natural da pedra.

Elementos datados: Cartela com inscrição
«1880».

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de
água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 18/03/2013

GPS: 38°39'46.36``N | 27°14'43.64``W



20.2.105**TANQUE DA QUINTA DOS CASTANHEIROS**

São Pedro – Caminho do Meio de São Carlos, n.º 66

Descrição: Estrutura isolada, constituída por tanque de secção circular, situada no jardim de acesso à quinta.

O tanque de receção de água, assente numa plataforma com o mesmo contorno, apresenta a largura do alçado lisa com uma grossa nervura côncava junto à face superior. A eixo, surge uma coluna que, na metade inferior, é de secção quadrangular lisa, com as quinas parcialmente boleadas; a metade superior de secção circular, com corpo com menor preenchimento volumétrico, é ornada com sulcos verticais; a $\frac{3}{4}$ tem uma taça gomiada que recebe um pináculo.

A estrutura é construída em cantaria na sua cor natural.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Ornamentação.

Função atual: Ornamentação.

Data de levantamento: 07/09/2013

GPS: 38°39'45.50"N | 27°14'45.43"W



20.1.106

CHAFARIZ EM CASA DO CAMINHO DO MEIO DE SÃO CARLOS III

São Pedro – Caminho do Meio de São Carlos, n.º 67

Descrição: Chafariz e respetivo tanque de receção de água adossado ao muro de vedação poente do prédio.

O corpo alto é delimitado por soco, cunhais e faixa de arremate superior, recebendo como coroamento uma cimalha. A eixo do pano de parede, encontra-se uma cartela retangular com friso boleado e os cantos cortados onde se observa a inscrição «1899»; abaixo, está um nicho «arquinha» e um florão circular com uma bica metálica, tudo envolvido por um estreito emoldramento.

O tanque, de secção retangular, encontra-se assente numa plataforma com igual secção, em posição anterior ao chafariz, apresentando quatro elementos de reforço em ferro «gatos».

O conjunto é construído em cantaria à vista, com exceção do pano de fundo do espaldar, que é rebocado com argamassa de cimento pintado de branco.

Elementos datados: Cartela com inscrição «1899».

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 16/09/2013

GPS: 38°39'44.67"N | 27°14'44.71"W



20.1.107

CHAFARIZ DO PASSAL DE SÃO CARLOS

São Pedro – Largo de São Carlos, n.^{os} 73 e 75

Descrição: Chafariz parietal e respetivo tanque de receção de água inserido num dos alçados de um volume cúbico com a função de depósito de água.

O corpo alto do chafariz é delimitado por cunhais, soco e encimado por uma cornija. A eixo, encontra-se uma cartela retangular de cantos cortados, com um friso oval com a inscrição «1897/J.I.A.»; mais abaixo está um nicho «arquinha» e um elemento em forma de estrela, em alto-relevo, com a bica metálica, ambos contornados por uma estreita moldura.

O tanque, de secção retangular, encontra-se junto ao chão, em posição anterior ao chafariz, tendo, ao centro, duas barras de ferro paralelas, colocadas perpendicularmente à face do chafariz; do lado direito, está uma pia de lavagem de roupa.

O depósito de água, de interior abobadado, é coroado por um terraço murado; no alçado poente, há um vão quadrangular, enquadrado por duas banquetas.

O conjunto é construído em cantaria, parcialmente revestido com argamassa de cimento, sendo pintado de branco; os limites do espaldar, o tanque, os lados das banquetas, a estrela e o friso oval da cartela estão pintados de amarelo; os outros adornos são pintados de cinzento; os cunhais do depósito estão na cantaria à vista.



<p>Elementos datados: Cartela com inscrição «1897».</p> <p>Estado de conservação: Bom.</p> <p>Função inicial: Abastecimento privado de água.</p> <p>Função atual: Desativado.</p> <p>Data de levantamento: 14/04/2013</p> <p>GPS: 38°39'44.88``N 27°14'49.48``W</p>	
---	--

20.1.108**CHAFARIZ DA CASA DE JOÃO MACHADO BARCELOS**

São Pedro – Caminho do Meio de São Carlos, n.º 84

Descrição: Chafariz constituído por um paralelepípedo que se eleva ligeiramente acima do muro onde está incorporado; na parte anterior, encontra-se um tanque de receção de água de secção retangular; na parte posterior, está uma pia de lavagem de roupa. O pano de fundo é delimitado pelos cunhais, soco e barra de arremate superior e coroado por uma cimalha. A eixo deste, há um elemento circular saliente com uma bica metálica.

A estrutura é construída em cantaria, pintada de branco, exceto os elementos de emolduramento do alçado alto e da roseta da bica, que são pintados de verde; a pia e o interior do tanque estão na cor natural da pedra.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 04/09/2013

GPS: 38°39'46.99"N | 27°14'54.08"W



20.4.109

ARQUINHAS DA CANADA DOS FOLHADAIS I

São Pedro – Canada dos Folhadais

Descrição: Conjunto de dez arquinhas de secção quadrangular alinhadas paralelamente, embutidas em muro de vedação de pedra rebocada com argamassa de cimento e cal, pintado de branco, com a barra de arremate superior pintada de cinzento.

Estado de conservação: Mau.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 23/12/2011

GPS: 38°39'47.31``N | 27°14'36.38``W



20.4.110**ARQUINHAS DA CANADA DOS FOLHADAIS II**

São Pedro – Canada dos Folhadais

Descrição: Duas arquinhas tapadas de secção quadrangular encimadas por elementos de secção triangular, embutidas em muro de vedação da via pública. No triângulo da esquerda lê-se «[CM]» e no triângulo da direita lê-se «1[9]05/CM». As arquinhas são numeradas com azulejos brancos com as inscrições a azul «2» e «3».

As arquinhas são construídas em cantaria e argamassa de cimento, e estão caiadas de branco.

Elementos datados: Inscrição «1[9]05».

Estado de conservação: Mau.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Desativada.

Data de levantamento: 23/12/2011

GPS: 38°39'48.06"N | 27°14'37.31"W



20.2.111

TANQUE EM CASA DA CANADA DOS FOLHADAIS

São Pedro – Canada dos Folhadais, n.º 1

Descrição: Tanque de receção de água, de secção retangular, construído em alvenaria de pedra tosca, parcialmente rebocada com argamassa de cal, e capeado com lajes de cantaria travadas com duas barras de ferro, nos alçados menores, para reforço da estrutura.

A eixo da parede de encosto, erigido em pedra irregular à vista, encontra-se um nicho «arquinha» em semicírculo e, logo abaixo, está um florão em alto-relevo com uma bica metálica.

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 05/09/2013

GPS: 38°39'49.41``N | 27°14'40.08``W



20.4.112**ARQUINHAS DA CANADA DOS FOLHADAIS III**

São Pedro – Canada dos Folhadais

Descrição: Conjunto de sete arquinhas formando um corpo de secção trapezoidal isósceles: uma de maior dimensão e seis de pequena dimensão; duas delas encontram-se tapadas com portinholas de ferro com fechadura.

A estrutura encontra-se situada no cimo de um muro de vedação da via pública, sendo construída em alvenaria de pedra e argamassa de cimento. Apresenta vestígios de ter sido caiada de branco.

As arquinhas são construídas em cantaria e argamassa de cimento e estão caiadas de branco.

Estado de conservação: Mau.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Desativada.

Data de levantamento: 17/09/2013

GPS: 38°39'54.45``N | 27°14'41.02``W



20.1.113

CHAFARIZ DA QUINTA DA VINHA

São Pedro – Caminho de Baixo de São Carlos, n.º 9

Descrição: Chafariz constituído por um alçado alto e três tanques de receção de água, enquadrado em dois muros, mais baixos, com corte descendente na diagonal.

O espaldar é delimitado por cunhais, soco e faixa superior, e coroado por uma cimalha. A eixo, insere-se uma bica metálica e, mais acima, há uma cartela de formato retangular com os cantos cortados, com a inscrição «1766».

A estrutura é construída em cantaria pintada de azul, com exceção dos elementos que delimitam o espaldar, bem como da cartela, que são pintados de branco.

Os tanques, de secção quadrangular, geminados estão adossados ao alçado alto e muros de enquadramento.

Elementos datados: Cartela com inscrição «1766».

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 04/04/2013

GPS: 38°39'24.36``N | 27°14'20.81``W



20.1.114**CHAFARIZ DA QUINTA DA ESTRELA**

São Pedro – Caminho de Baixo de São Carlos, n.º 37

Descrição: Chafariz parietal, inserido no muro da vedação nascente da propriedade, com respetivo tanque de receção de água adossado à parte anterior.

É construído em cantaria, com o corpo do alçado alto delimitado por soco, duas pilastras e cornija. O pano do espaldar é rebocado a argamassa de barro e cal, recebendo a eixo um nicho «arquinha» e logo abaixo um motivo floral saliente com a bica metálica, envolvidos por uma estreita moldura. Neste pano, em posição cimeira, encontra-se um azulejo retangular com a inscrição «V. DE BRUGES», que marcava a posse nas propriedades do 1.º Visconde de Bruges, Theotónio de Ornelas Bruges (n.1807- m.1870).

A estrutura apresenta vestígios de ter sido caiada de branco.

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Observações: Imóvel classificado de interesse público (Resolução n.º 175/99, de 18 de novembro, publicada no Jornal Oficial da Região Autónoma dos Açores, I Série, n.º 46). Inserido na classificação da Quinta da Estrela.

Data de levantamento: 23/01/2013

GPS: 38°39'21.60"N | 27°13'36.19"W



20.1.115**CHAFARIZ DA VILLA OLIVIA**

São Pedro – Caminho de Baixo de São Carlos

Descrição: Chafariz adossado na parte anterior por tanque de receção de água e ladeado, à esquerda, por pia de lavagem de roupa construídos ambos em cantaria. O alçado alto é constituído por um pano de parede quadrangular, arrematado por cunhais, soco e cimalha. Ao eixo, tem um nicho «arquinha» e, logo abaixo, uma bica em tubo metálico, ambos envolvidos num estreito emolduramento.

O espaldar está pintado de castanho claro; os elementos de adorno e arremate estão pintados de branco; e o tanque e pia encontram-se na cor natural da pedra.

Estado de conservação: Bom.

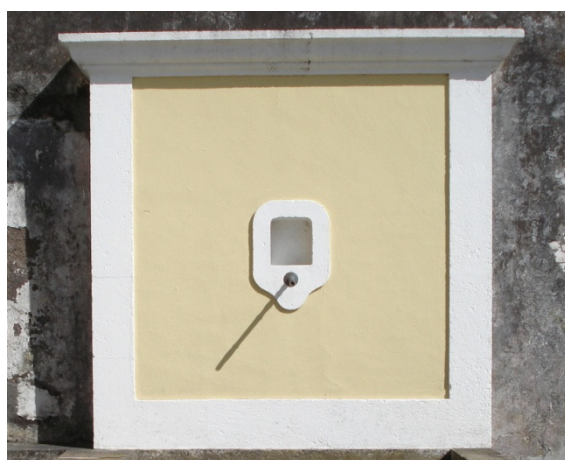
Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Observações: A casa foi acabada de construir em 1914, depreende-se que o chafariz seja da mesma data.

Data de levantamento: 21/02/2013

GPS: 38°39'22.12``N | 27°14'37.19``W



20.1.116

CHAFARIZ DA QUINTA DO LEÃO

São Pedro – Caminho de Baixo de São Carlos, n.º 42

Descrição: Chafariz adossado na parte anterior por tanque de receção de água de secção quadrangular.

O alçado alto é constituído por um pequeno pano de parede cortado em curva e contracurva, com maior preenchimento volumétrico na parte inferior e menor preenchimento na parte superior. Ao eixo, tem um elemento cónico com uma bica em ferro.

A estrutura é construída em cantaria caiada de branco, com exceção do elemento cónico, que está pintado de amarelo.

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 28/08/2013

GPS: 38°39'24.94"N | 27°14'39.31"W



20.1.117**CHAFARIZ DA QUINTA DE SANTA RITA DE CÁSSIA**

São Pedro – Caminho de Baixo de São Carlos, n.º 54

Descrição: Chafariz constituído por um volume paralelepípedo que tem adossado, em posição anterior, junto ao chão, um tanque de receção água de secção retangular.

O espaldar é delimitado por cunhais e coroado por uma cimalha. A eixo do pano de fundo, está em alto-relevo um florão com a bica em ferro.

A estrutura é construída em cantaria pintada de branco, com exceção do pano de fundo do espaldar, que é pintado de cor-de-rosa.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Desativado.

Observações: Chafariz público, primitivamente implantado na Canada dos Melancólicos. Transferido na segunda metade da década de 1980.

Data de levantamento: 22/08/2013

GPS: 38°39'22.59"N | 27°14'47.35"W



30.1.118**CHAFARIZ DO SOLAR DA MADRE DE DEUS**

Santa Luzia – Rua da Madre de Deus

Descrição: Chafariz parietal, delimitado por duas pilastras encimadas por pináculos esféricos. O alçado alto prolonga-se acima do muro e é rematado por uma pequena cimalha, onde assenta um elemento de secção quadrangular com os vértices superiores bolinados; o alçado é arrematado por um capeamento. A eixo do pano de parede, encontra-se um nicho «arquinha», uma bacia recetora, com orifício da bica e um escudete.

O tanque, de secção retangular, tem recorte côncavo nas três faces, encontra-se junto ao chão, implantado sobre pequena plataforma também retangular, em posição anterior ao chafariz.

A estrutura é construída em alvenaria de pedra rebocada com argamassa de cimento e pintada de branco, com exceção do capeamento, pináculos, cimalha, elementos colocados no pano de parede, plataforma de implantação e borda do tanque, que são em cantaria vista.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 03/01/2012

GPS: 38°39'26.33"N | 27°13'25.81"W



30.5.119**LAVADOURO DO SOLAR DA MADRE DE DEUS****Santa Luzia – Rua da Madre de Deus****Descrição:** Lavadouro situado na parte posterior do solar.

Apresenta uma estrutura em alvenaria de pedra rebocada a argamassa de cimento pintada de azul com o soco pintado de preto. A cobertura é de uma água em telha de meia-cana tradicional com beiral simples, assente em traves de madeira que, por sua vez, no lado aberto, é suportada por um esteio monolítico. No interior, sobre o pavimento em lajes de pedra aparelhada, existem duas pias de lavagem geminadas em cantaria; o alçado maior exhibe duas bicas proeminentes também em cantaria.

Estado de conservação: Bom.**Função inicial:** Lavagem de roupa.**Função atual:** Desativado.**Data de levantamento:** 03/01/2012**GPS:** 38°39'27.18``N | 27°13'27.43``W

30.2.120**TANQUE DO SOLAR DA MADRE DE DEUS I**

Santa Luzia – Rua da Madre de Deus

Descrição: Estrutura isolada, constituída por tanque de receção de água de secção circular, encimado por capeamento em todo o perímetro. Ao centro do tanque, encontra-se uma peanha de secção quadrangular coroada com uma taça que, na face exterior, ostenta quatro frisos contíguos e quatro carrancas ornamentais antropomórficas, pela boca das quais sai água.

A estrutura é em cantaria à vista, com exceção do alçado externo do tanque, que é pintado de azul.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Ornamentação.

Função atual: Ornamentação.

Data de levantamento: 03/01/2012

GPS: 38°39'27.07``N | 27°13'25.32``W



30.2.121**TANQUE DO SOLAR DA MADRE DE DEUS II****Santa Luzia – Rua da Madre de Deus**

Descrição: Tanque de receção de água de secção circular sobre embasamento com o mesmo contorno, construídos ambos em cantaria, situado junto ao muro de vedação norte do solar. Este muro, em pedra irregular à vista, encerra dois nichos «arquinhas» toscamente abertos, num dos quais surge um elemento proeminente para saída da água.

O alçado exterior do tanque e as molduras dos nichos encontram-se caiados de branco; o remanescente, na cor natural da pedra.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 03/01/2012

GPS: 38°39'28.85"N | 27°13'26.38"W



30.1.122

**CHAFARIZ EM CASA DA RUA DO PAU
SÃO**

Santa Luzia – Rua do Pau São, n.º 7

Descrição: Chafariz parietal e respetivo tanque de receção de água incorporado ao muro de vedação do prédio, enquadrado por dois simétricos nichos «arquinhas» em arco de volta perfeita com pequenos peitoris.

O alçado alto é delimitado por soco, pilastras e faixa de arremate superior, coroado por uma cimalha. A eixo, encontra-se uma cartela retangular com a inscrição da data de restauro «2006» e um nicho «arquinha» semicircular; em posição inferior, existe uma representação antropomórfica, em alto-relevo, cujo nariz tem a bica; nos limites superior e inferior do pano de parede, encontram-se dois elementos retangulares com um corte semicircular.

O tanque, de secção retangular, tem a particularidade de incorporar o esfregador da pia da lavagem de roupa.

O conjunto é construído em cantaria pintada de branco, com exceção dos elementos de adorno, que são pintados de cinzento; o tanque encontra-se na cantaria à vista.

Elementos datados: Cartela com inscrição «2006» — data do restauro.

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 06/08/2013

GPS: 38°39'24.29"N | 27°13'20.98"W



30.1.123

**CHAFARIZ EM CASA DA RUA DE
BAIXO DE SANTA LUZIA I**

Santa Luzia – Rua de Baixo de Santa Luzia,
n.º 30

Descrição: Chafariz parietal, inserido num muro divisório de propriedades geminadas, com tanque de receção de água de secção retangular, ladeado à esquerda por uma pia de lavagem de roupa. O alçado alto é delimitado por duas pilastras e encimado por cornija, recebendo ao centro um nicho «arquinha» e uma bica metálica, ambos com emolduramento simples.

A estrutura é construída em pedra, sendo o pano de parede do espaldar rebocado com argamassa de cimento.

O conjunto é pintado de branco.

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Observações: A casa foi acabada de construir em 1890, depreendendo-se que o chafariz seja da mesma data.

Data de levantamento: 30/01/2013

GPS: 38°39'27.70"N | 27°13'17.14"W



30.1.124**CHAFARIZ EM CASA DA RUA DE BAIIXO DE SANTA LUZIA II**

Santa Luzia – Rua de Baixo de Santa Luzia, n.º 38

Descrição: Chafariz parietal, inserido num muro divisório de propriedades geminadas, com tanque de receção de água de secção retangular, ladeado à esquerda por uma pia de lavagem de roupa. O alçado alto é delimitado por duas pilastras e encimado por uma cornija, recebendo ao centro um nicho «arquilha» e uma bica metálica, ambas com emolduramento simples.

A estrutura é construída em pedra, com o pano de parede do espaldar rebocado com argamassa de cimento; o interior do tanque é revestido com azulejos de cor azul — aplicação recente.

O conjunto é pintado de branco.

Estado de conservação: Razoável.

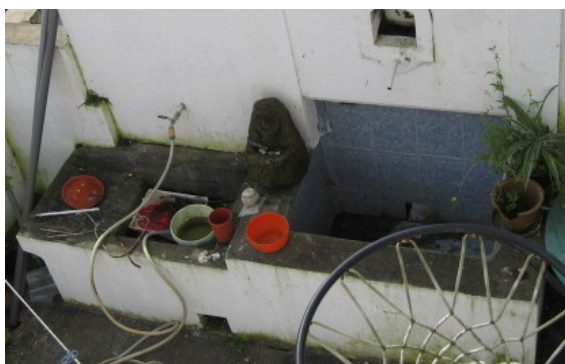
Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Observações: A casa foi acabada de construir em 1890, depreendendo-se que o chafariz seja da mesma data.

Data de levantamento: 30/01/2013

GPS: 38°39'27.70"N | 27°13'17.15"W



30.1.125

CHAFARIZ EM CASA DA RUA DA MIRAGAIA I

Santa Luzia – Rua da Miragaia, n.º 14

Descrição: Chafariz constituído por alçado quadrangular, com corpo parcialmente embutido no muro de vedação e respetivo tanque de receção de água.

O alçado alto é delimitado por cunhais, soco e coroado por uma cimalha que é trespassada por uma viga de betão armado. A eixo, encontra-se um nicho em arco de volta perfeita «arquinha» e, logo abaixo, um elemento em alto-relevo de secção quadrangular com a bica metálica.

O tanque, de secção retangular, está em posição anterior ao chafariz sendo assente numa plataforma com igual secção, revestida com mosaicos — aplicação recente.

A estrutura é construída em cantaria pintada de cinzento, com exceção do pano de fundo do corpo do chafariz, que está pintado de branco.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 06/09/2013

GPS: 38°39`28.58``N | 27°13`14.87``W



30.1.126**CHAFARIZ EM CASA DA RUA DA MIRAGAIA II**

Santa Luzia – Rua da Miragaia, n.º 28

Descrição: Chafariz constituído por um alçado vertical retangular, com corpo adossado a muro de vedação rematado por cimalha, cunhais e soco, que são contornados, a interior, por um friso também retangular. A bica, inserida num florão circular em relevo, situa-se ao centro do pano de parede; logo acima, está um nicho «arquilha», com um estreito emolduramento ostentando uma pequena figura antropomórfica.

Em posição anterior, encontra-se o tanque de receção de água de secção retangular, que recebe duas barras de ferro paralelas na perpendicular ao alçado de maior dimensão do tanque, posicionadas no alinhamento da bica.

O chafariz e tanque são construídos em cantaria pintada de branco, sendo o espaldar rebocado com argamassa de cimento; cimalha, friso, emolduramento do nicho e florão são pintados de cor salmão; o interior do tanque é pintado a azul-marinho.

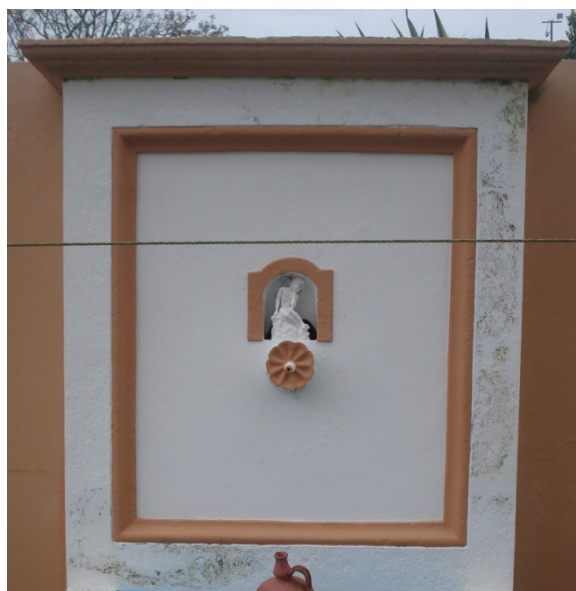
Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 18/03/2013

GPS: 38°39'29.36``N | 27°13'14.70``W



30.1.127**CHAFARIZ DA CASA DO MORGADO
JOSÉ BORGES LEAL CORTE-REAL****Santa Luzia** – Rua da Miragaia, n.º 51

Descrição: Chafariz com tanque de receção de água de secção retangular contíguo em posição anterior. O espaldar de corpo paralelepipedico é delimitado por soco, cunhais e cimalha. A eixo, está um elemento com motivo vegetalista com uma bica metálica. Em posição superior, encontra-se uma cartela retangular com os cantos cortados, com a inscrição «1903».

O chafariz e o tanque são construídos em cantaria com algumas intervenções recentes com argamassa de cimento, sendo o pano frontal e os dois panos laterais pintados de branco; os restantes elementos são na cor natural da pedra.

Elementos datados: Cartela com inscrição «1903».

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 20/02/2013

GPS: 38°39'32.20"N | 27°13'17.24"W



30.2.128**TANQUE DA CASA DO MORGADO
JOSÉ BORGES LEAL CORTE-REAL**

Santa Luzia – Rua da Miragaia, n.º 51

Descrição: Estrutura isolada, constituída por tanque de secção octogonal de lados côncavos, situada no jardim da casa.

O tanque de receção de água encontra-se assente numa plataforma com o mesmo contorno; apresenta a largura do alçado emoldurado; é recortado na face exterior com diferentes ordens de nervuras a toda a largura; a face superior é boleada. A eixo, surge um elemento troncónico de secção circular com diferentes preenchimentos volumétricos.

A estrutura é integralmente construída em cantaria à vista.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Ornamentação.

Função atual: Ornamentação.

Data de levantamento: 06/09/2013

GPS: 38°39'31.81"N | 27°13'16.64"W



30.1.129

CHAFARIZ EM CASA DA LADEIRA BRANCA I

Santa Luzia – Ladeira Branca

Descrição: Chafariz constituído por um corpo paralelepípedo e respetivo tanque de receção de água.

O alçado alto é delimitado por cunhais, soco e coroado por uma cimalha. A eixo, encontra-se uma roseta em alto-relevo com a bica de ferro.

O tanque, de secção retangular, enquadrado por duas pias de lavagem de roupa, encontra-se junto ao chão, em posição anterior ao chafariz, tendo, ao centro, duas barras de ferro paralelas, colocadas perpendicularmente à face do chafariz, alinhadas com a bica; e tem, em todo o comprimento da face superior do alçado frontal do bebedouro, outra barra de ferro.

A estrutura é construída em cantaria rebocada e pintada de branco; os cunhais, cimalha, soco e roseta são pintados de cinzento; as pias e tanque encontram-se em pedra à vista.

Estado de conservação: Mau.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 18/08/2013

GPS: 38°39'43.92``N | 27°13'32.81``W



30.1.130**CHAFARIZ DA LADEIRA BRANCA II****Santa Luzia – Ladeira Branca**

Descrição: Chafariz constituído por um pano de parede retangular sobre embasamento proeminente, cunhais, faixa de arremate superior e encimado por cornija saliente, com tanque de receção de água adossado à parte anterior.

Está enquadrado por muros — curvo do lado direito e plano do lado esquerdo —; à esquerda do chafariz encontram-se duas pias de lavagem de roupa e uma banqueteta.

A água sai de uma bica inserida num elemento floral em alto-relevo situado ao eixo do alçado. Entre a bica e a cornija, está uma cartela ovoide com a inscrição «1888».

A construção é em alvenaria de pedra rebocada e pintada de branco, com exceção dos cunhais, do escudete, da bordadura da cartela, do embasamento e da cornija, que são em cantaria pintada a castanho claro.

No muro de encosto, há uma arquinha tapada com argamassa de cimento e com um azulejo com a inscrição em azul «J.G./311».

Elementos datados: Cartela com inscrição «1888».

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 13/12/2010

GPS: 38°39'48.82"N | 27°13'32.84"W



30.4.131

ARQUINHAS EM CASA DA LADEIRA BRANCA

Santa Luzia – Ladeira Branca

Descrição: Conjunto de três arquinhas retangulares — duas paralelas, na vertical, de dimensão idêntica e uma, na horizontal, de reduzida dimensão — em cantaria, embutidas em muro de suporte em pedra, parcialmente rebocado no tosco com argamassa de cimento. Sobre a arquinha central está afixado um azulejo com a inscrição a azul «J.G./310».

Estado de conservação: Mau.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 01/07/2010

GPS: 38°39'49.16"N | 27°13'33.22"W



30.1.132

CHAFARIZ DA LADEIRA BRANCA III

Santa Luzia – Ladeira Branca

Descrição: Chafariz e respetivo tanque de receção de água em cantaria, sendo o alçado alto pintado de branco rematado por soco, cunhais, faixa de arremate superior e coroado por uma cimalha pintada de castanho claro; a eixo, está uma cartela de friso oval com a inscrição «1888» e, em posição inferior, há um escudete circular pintado de castanho claro com uma bica em ferro.

O tanque, de secção retangular, é pintado de branco, com o topo das paredes pintado de castanho claro; extravasa, nas laterais, a dimensão do pano do alçado e recebe duas barras de ferro paralelas colocadas transversalmente ao sentido do alçado, estando posicionadas abaixo da bica.

Elementos datados: Cartela com inscrição «1888».

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 13/12/2010

GPS: 38°40'01.62``N | 27°13'32.72``W



30.5.133

AQUEDUTO DO «CANO REAL»

Santa Luzia – São João de Deus

Descrição: Aqueduto que foi construído para levar água ao castelo de São João Baptista, no contexto do abastecimento de água potável à zona alta da cidade de Angra.

Consiste numa estrutura construída em alvenaria de pedra irregular, parcialmente rebocada com argamassa de cal; apresenta seis arcos de volta perfeita, em cantaria; no remate superior da estrutura corre uma caleira cerâmica — atualmente muito degradada e parcialmente visível — por onde a água corria por ação da gravidade.

Estado de conservação: Mau.

Função inicial: Transporte e distribuição da água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 01/07/2011

GPS: 38°39'45.98``N | 27°13'18.09``W



30.1.134**CHAFARIZ DA MEMÓRIA****Santa Luzia – Largo D. Pedro IV**

Descrição: Chafariz constituído por um volume vertical paralelepípedo, com corpo adossado a um muro de vedação de uma propriedade, delimitado por cunhais, rematado por uma cornija e encimado por um frontão. O tímpano ostenta, em alto-relevo, a coroa mural e o timbre do antigo brasão de armas da cidade. A bica, inserida num elemento decorativo em relevo, situa-se ao centro do alçado e, mais acima, há uma cartela com a inscrição «1876». A bacia recetora de água, em consola, está na parte inferior do pano de parede.

O chafariz é construído em alvenaria de pedra, rebocada e pintada de branco, com exceção dos cunhais, do contorno do frontão, da cartela, do elemento decorativo da bica, os cunhais e a bacia, que são em cantaria à vista.

No muro lateral direito do chafariz, encontram-se duas arquinhas tapadas por portinholas de madeira pintadas de azul.

Elementos datados: Cartela com inscrição «1876».

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 22/01/2012

GPS: 38°39'32.47``N | 27°13'06.68``W



30.1.135**CHAFARIZ DO BAIRRO DE SÃO JOÃO DE DEUS**

Santa Luzia – Bairro de São João de Deus

Descrição: Alçado de chafariz parietal em alvenaria de pedra rebocado a argamassa de cal, pintado de branco, delimitado por cimalha, soco e pilastras pintadas de cinzento. Nos quatro cantos interiores do pano de parede, encontram-se flores-de-lis em alto-relevo; no vazio das pilastras, encontram-se seis florões igualmente em alto-relevo.

Já não existe o tanque de receção de água nem a bica.

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 22/01/2012

GPS: 38°39'39.93``N | 27°13'08.52``W



30.1.136**CHAFARIZ EM CASA DO TERREIRO DE SÃO JOÃO DE DEUS I**

Santa Luzia – Terreiro de São João de Deus

Descrição: Chafariz e respetivo tanque de receção de água em cantaria, sendo o pano de parede rebocado com argamassa de barro e cal. O alçado alto é pintado de branco; é rematado por cimalha, soco e cunhais, também em cantaria, pintados de verde. A eixo, encontra-se uma cartela, e, em posição inferior, envolvidos por um pequeno emolduramento, estão um nicho «arquinha» e um florão circular com uma bica metálica.

Estado de conservação: Ruína.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 22/01/2012

GPS: 38°39'47.45``N | 27°13'09.97``W



30.1.137

CHAFARIZ DO TERREIRO DE SÃO JOÃO DE DEUS II

Santa Luzia – Terreiro de São João de Deus

Descrição: Chafariz constituído por alçado de três segmentos retos estremados por dois cunhais e duas pilastras, e arrematado por soco e cimalha, que delimitam os três lados mais pequenos de uma reentrância com forma de um trapézio isósceles. No alçado frontal, insere-se um elemento circular em relevo com uma bica metálica e, mais acima, há uma cartela retangular com um friso de cantos cortados com a inscrição «1849».

O tanque, hoje tapado e transformado em poial, encerra uma barra de ferro ao longo do lado maior e duas barras paralelas, também em ferro, colocadas perpendicularmente à face do chafariz.

A estrutura é construída em alvenaria de pedra rebocada e pintada de branco, com exceção do soco, pilastras, cimalha, cartela e medalhão, que são de cantaria, pintada de azul; o tanque, também em cantaria, é pintado de preto e os seus elementos metálicos são pintados de verde-garrafa.

Elementos datados: Cartela com inscrição «1849».

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 22/01/2012

GPS: 38°39'47.28``N | 27°13'10.02``W



30.3.138**MOINHO DE ÁGUA DO «CEBOLINHO»****Santa Luzia** – Rua Ribeira dos Moinhos

Descrição: Edifício de habitação e moinho de água abastecido pela antiga levada da Ribeira dos Moinhos, posteriormente a energia elétrica. Imóvel de dois pisos, de planta retangular, construído em alvenaria de pedra rebocada e pintada de branco, sendo o soco, as molduras dos vãos das portas e janelas e os cunhais em cantaria pintados de cinzento. Tem cobertura de duas águas em telha de meia-cana tradicional, com beiral duplo. A guarda da varanda é em ferro fundido. Há, adossado ao alçado principal, um corpo cúbico com a função de garagem, que suporta um terraço murado.

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Moagem.

Função atual: Moagem.

Observações: O moinho ainda labora ocasionalmente, agora alimentado a energia elétrica.

Imóvel classificado de interesse municipal. (Resolução n.º 234/96, de 3 de outubro, publicada no Jornal Oficial, I Série, n.º 40).

Data de levantamento: 25/07/2010

GPS: 38°39'52.36``N | 27°13'07.24``W



30.5.139**ENGENHO DOS PREGOS****Santa Luzia** – Rua Ribeira dos Moinhos

Descrição: Moinho de água e «engenho dos pregos», em ruínas, que eram abastecidos pela antiga levada da Ribeira dos Moinhos, da qual ainda é visível parte do troço a norte.

Imóvel de planta retangular construído em alvenaria de pedra rebocada com argamassa de barro e cal, sendo as molduras dos vãos em cantaria. Tem cobertura de duas águas, que outrora foi de telha de meia-cana tradicional, com beiral simples, mas que atualmente é de telha ondulada de fibrocimento.

Estado de conservação: Ruína.

Função inicial: Moagem e engenho de fundição.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 01/07/2011

GPS: 38°40'01.10"N | 27°13'02.37"W



40.3.140**MOINHO DE ÁGUA DA LADEIRA DE SÃO FRANCISCO I**

Nossa Senhora da Conceição – Ladeira de São Francisco, n.^{os} 2 e 4

Descrição: Moinho de água e habitação — piso superior — em edifício de planta retangular, com dois pisos.

A cobertura é de três águas, em telha de meia-cana tradicional e rematada com beiral duplo no alçado principal e simples nos restantes.

O imóvel é construído em alvenaria de pedra rebocada com argamassa de cimento e pintada de branco, com exceção dos cunhais, da cimalha e das molduras dos vãos das portas e janelas, que são em cantaria pintada de almagre; o soco é pintado de preto.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Habitação e moagem

Função atual: Turístico-didática.

Observações: Imóvel classificado de interesse municipal. (Resolução n.º 234/96, de 3 de Outubro, publicada no Jornal Oficial, I Série, n.º 40).

Data de levantamento: 01/07/2011

GPS: 38°39'22.49"N | 27°13'05.03"W



40.3.141**MOINHOS DE ÁGUA DA LADEIRA DE SÃO FRANCISCO II e III**

Nossa Senhora da Conceição – Ladeira de São Francisco

Descrição: Conjunto constituído por dois moinhos de água de planta quadrangular, em ruínas, que outrora foram alimentados pela levada da Ribeira dos Moinhos e que funcionavam com rodas verticais. Ambos construídos em alvenaria de pedra rebocada, sendo os cunhais e as molduras dos vãos em cantaria. Teriam tido cobertura de duas águas em telha de meia-cana tradicional com beiral simples.

Estado de conservação: Ruínas.

Função inicial: Moagem.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 19/12/2011

GPS: 38°39'22.53"N | 27°13'02.96"W



40.2.142**TANQUE DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO**

Nossa Senhora da Conceição – Ladeira de São Francisco

Descrição: Estrutura isolada, construída em pedra de cantaria à vista, com dois pratos circulares com diferentes diâmetros em forma de bacias e com tanque de secção circular recortado em toda a extensão da face externa, que assenta numa plataforma com o mesmo contorno; coluna central, na parte inferior, de secção quadrangular e com maior preenchimento volumétrico, e, na parte superior, de menor preenchimento volumétrico, de secção circular, encimada com pináculo em formato cilíndrico.

Da bacia inferior saem oito bicas em metal.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Ornamentação.

Função atual: Ornamentação.

Data de levantamento: 19/03/2012

GPS: 38°39'26.27``N | 27°13'00.64``W



40.3.143

**MOINHO DE ÁGUA DA RUA FREI
DIOGO DAS CHAGAS**

Nossa Senhora da Conceição – Rua Frei
Diogo das Chagas, n.^{os} 11 e 13

Descrição: Moinho de água e habitação —
piso superior — em edifício de planta
irregular, com dois pisos.

A fachada principal tem quatro vãos em
cantaria: dois com janelas de duas folhas e
bandeiriola e duas portas, sendo uma larga.

O edifício é construído em alvenaria de pedra
rebocada e pintada de branco, com exceção das
molduras dos vãos e da cimalha, que são em
cantaria pintadas de verde, e do soco, pintado
de preto. A cobertura é de duas águas em telha
do tipo marselha com beiral simples de telha
de meia-cana tradicional.

Estado de conservação: Mau.

Função inicial: Habitação e moagem.

Função atual: Desativado.

Observações: Ainda conserva as mós, não
existindo vestígios do restante mecanismo.

Data de levantamento: 19/01/2012

GPS: 38°39'28.58``N | 27°12'59.93``W



40.3.144**MOINHO DE ÁGUA DO PISÃO I**

Nossa Senhora da Conceição – Beco das Alçaçarias

Descrição: Moinho de água, em ruínas, situado a nascente da antiga levada da Ribeira dos Moinhos.

O imóvel é de planta retangular, construído em alvenaria de pedra rebocada com argamassa de barro e cal, sendo as molduras dos vãos em cantaria. Terá tido cobertura de duas águas em telha de meia-cana tradicional com beiral simples.

Atualmente subsistem apenas o alçado norte e o alçado nascente, sendo que este último se encontra, na maior parte, murado com blocos.

Estado de conservação: Ruína.

Função inicial: Moagem.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 11/01/2011

GPS: 38°39'29.13``N | 27°13'02.55``W



40.3.145**MOINHO DE ÁGUA DO PISÃO II****Nossa Senhora da Conceição** – Rua do Pisão

Descrição: Habitação — piso superior — e moinho de água — piso térreo — abastecido pela antiga levada da Ribeira dos Moinhos, posteriormente alimentado a energia elétrica. Está construído em alvenaria de pedra rebocada, pintada de branco. Tem cobertura de duas águas em telha de meia-cana tradicional com beiral simples.

O acesso ao moinho, que ocasionalmente labora, é feito através do vão de uma garagem que o precedente.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Habitação e moagem.

Função atual: Habitação e moagem.

Observações: Moinho ainda labora ocasionalmente, desta feita alimentado a energia elétrica.

Data de levantamento: 27/07/2010

GPS: 38°39'29.68``N | 27°13'02.55``W



40.3.146**MOINHO DE ÁGUA DO PISÃO III**

Nossa Senhora da Conceição – Rua do Pisão

Descrição: Moinho de água e habitação, em edifício de planta retangular em ruínas, situado a nascente da antiga levada da Ribeira dos Moinhos.

Teve cobertura de duas águas em telha de meia-cana tradicional, rematada com beiral simples.

O imóvel é construído em alvenaria de pedra rebocada com argamassa de cal e pintado de branco, com exceção dos cunhais, das molduras dos vãos das portas e janelas, que são em cantaria pintada de ocre.

Estado de conservação: Ruína.

Função inicial: Habitação e moagem.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 08/08/2011

GPS: 38°39`29.59``N | 27°13`04.73``W



40.3.147

MOINHO DE ÁGUA DO PISÃO IV

Nossa Senhora da Conceição – Rua do Pisão

Descrição: Moinho de água abastecido pela antiga levada da Ribeira dos Moinhos.

Edifício de planta regular, construído em alvenaria de pedra rebocada com argamassa de barro e cal, sendo as molduras dos vãos das portas e janelas em cantaria. Tem cobertura de duas águas em telha de meia-cana tradicional, com beiral simples.

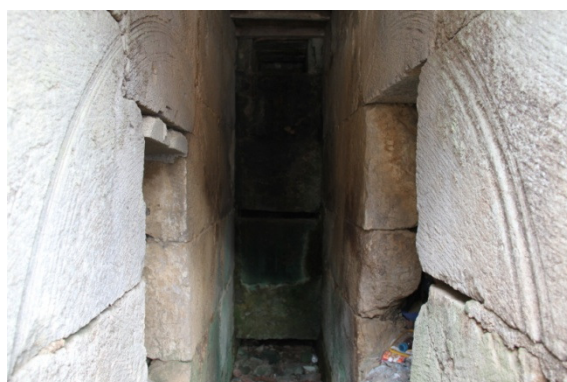
Estado de conservação: Ruína.

Função inicial: Moagem.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 25/10/2011

GPS: 38°39'30.67``N | 27°13'05.10``W



40.3.148**MOINHO DE ÁGUA DO PISÃO V****Nossa Senhora da Conceição** – Rua do Pisão

Descrição: Casa de dois pisos de planta em «L» de um antigo moinho de água e habitação, outrora abastecido pela antiga levada da Ribeira dos Moinhos. Está construído em alvenaria de pedra rebocada com argamassa de cimento e argamassa de cal, sendo as molduras dos vãos das portas e janelas em cantaria. A cobertura é, no lado maior do «L», de quatro águas, e, no menor, de duas águas, ambos em telha de meia-cana tradicional com beiral simples.

Atualmente, a alvenaria está à vista na empena esquerda, onde o reboco se encontra parcialmente recortado. Sob o pavimento, está um troço da levada em cantaria, que foi tapado, com aglomerado de madeira marítimo.

Estado de conservação: Bom.**Função inicial:** Habitação e moagem.**Função atual:** Habitação.**Data de levantamento:** 25/10/2010**GPS:** 38°39'31.82"N | 27°13'05.17"W

40.1.149

**CHAFARIZ EM CASA DA RUA DO
CRUZEIRO**

Nossa Senhora da Conceição – Rua do
Cruzeiro, n.º 12

Descrição: Chafariz constituído por um alçado quadrangular, com corpo adossado a muro de vedação, rematado por cimalha simples e cunhais. A eixo, encontra-se um florão circular em argamassa de cimento com a bica em tubo plástico; em posição cimeira, está uma cartela retangular de cantos cortados, com a inscrição «2011» — data do restauro.

Em posição anterior, enquadrado por dois canteiros hortícolas, encontra-se o tanque de receção de água de secção retangular em cantaria à vista, com juntas tapadas com argamassa de cimento.

O alçado alto é construído em blocos rebocados com argamassa de cimento pintado de branco; cimalha, cunhais, florão e cartela são pintados a castanho.

Elementos datados: Cartela com inscrição «2011» — data do restauro.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 18/03/2013

GPS: 38°39'23.26``N | 27°12'58.82`W



40.1.150**CHAFARIZ DO ANTIGO MERCADO DE SÃO SEBASTÃO**

Nossa Senhora da Conceição – Rua Nova

Descrição: Alçado de chafariz parietal de pedra, parcialmente rebocado a argamassa de barro e cimento, com vestígios de ter sido pintado de branco, delimitado por cimalha, soco e pilastras em cantaria com sinais de terem sido pintados de cinzento. No pano de parede, encontra-se um nicho de secção quadrangular «arquinha».

Já não existem o tanque de receção de água nem a bica.

Estado de conservação: Mau.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 14/04/2013

GPS: 38°39'28.30"N | 27°12'57.39"W



40.1.151

CHAFARIZ DO LARGO DO DESTERRO

Nossa Senhora da Conceição – Largo do Desterro

Descrição: Da antiga construção apenas se conserva o tanque de receção de água e parte do soco, construídos em cantaria, e dois pares de barras de ferro paralelas colocadas na perpendicular ao maior alçado do tanque, que se encontram parcialmente cobertos pelo muro de vedação da propriedade.

Estado de conservação: Ruína.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 20/07/2011

GPS: 38°39'35.78``N | 27°12'57.86``W



40.1.152

CHAFARIZ MILAGROSO**Nossa Senhora da Conceição** – Rua Dr.

Aníbal Bettencourt

Descrição: Chafariz definido por um pano de fundo e por dois troços de muro perpendiculares ao arruamento, encimados, em toda a extensão, por uma cornija. O tanque ocupa a totalidade da largura e profundidade entre aqueles, tendo, ao centro, duas barras de ferro paralelas, colocadas perpendicularmente à face do chafariz, e encosta ao alçado frontal, onde a eixo se insere um florão com a bica e, mais acima, há uma cartela quadrada com um friso de cantos cortados com a inscrição «1858».

Na face interna do alçado lateral direito, há um painel de quatro azulejos, com desenho do chafariz e a inscrição a azul «Restaurado em 1997/Neste chafariz já correu cerveja».

Estrutura construída em cantaria à vista com aplicação de verniz de pedra incolor, com exceção do painel de fundo e parcialmente os panos laterais, que são rebocados a argamassa de cimento pintada de amarelo.

Elementos datados: Cartela com inscrição «1858»; azulejo com inscrição «Restaurado em 1997».

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Desativado.

Observações: O painel de azulejos alude ao facto de o chafariz ser utilizado para servir



cerveja, aquando da tourada realizada, anualmente, pelas festas populares do lugar.

Data de levantamento: 22/12/2011

GPS: 38°39'47.08``N | 27°12'57.36``W

40.2.153**TANQUE DA QUINTA DA VINHA BRAVA**

Nossa Senhora da Conceição – Rua Dr. Aníbal Bettencourt

Descrição: Estrutura isolada, constituída por tanque de secção circular, situada no jardim da quinta.

O tanque de receção de água, que apresenta a largura do alçado emoldurado, é recortado, na face exterior, com diferentes ordens de nervuras a toda a largura, assentando numa plataforma com o mesmo contorno. A eixo, possui uma coluna de secção quadrangular com simples moldura reta, com maior preenchimento volumétrico na base e menor na parte superior, que incorpora dois elementos decorativos circulares, com diferentes diâmetros.

A estrutura é integralmente construída em pedra de cantaria à vista.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Ornamentação.

Função atual: Ornamentação.

Data de levantamento: 11/01/2013

GPS: 38°40'30.68``N | 27°13'01.58``W



40.1.154

**CHAFARIZ DA QUINTA DA NASCE
ÁGUA**

Nossa Senhora da Conceição – Vinha Brava

Descrição: Chafariz e respetivo tanque de
receção de água.

O alçado alto é delimitado por cunhais, soco e
cimalha. A eixo, em posição superior,
encontra-se uma cartela retangular de cantos
cortados com a inscrição «QNA»; mais abaixo,
está uma rosácea em alto-relevo, com a bica
metálica e, em posição inferior, há uma concha
em baixo-relevo.

A estrutura é construída em cantaria, sendo o
pano de fundo revestido com argamassa de
cimento.

O espaldar é pintado de castanho claro; são
pintados de branco os elementos decorativos; o
tanque, de formato retangular, mais pequeno
do que o espaldar de ambos os lados, encontra-
-se parcialmente embutido na terra, está na sua
cor natural.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de
água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 11/04/2013

GPS: 38°40'37.40``N | 27°12'50.51``W



40.3.155**MOINHOS DE ÁGUA DA NASCE ÁGUA****Nossa Senhora da Conceição – Nasce Água**

Descrição: Conjunto constituído por cinco moinhos de água e pela união dos riachos situados na Nasce Água.

Quatro dos moinhos encontram-se em ruínas e um foi alvo de intervenção de restauro.

Têm planta retangular: quatro com um piso e um com dois pisos; são construídos em alvenaria de pedra rebocada, com exceção dos vãos das portas e janelas, que são em cantaria; já não conservam as coberturas; o que foi restaurado apresenta a cobertura de duas águas em telha de marselha, com beiral da mesma telha, e foram deixados à vista os cunhais e as molduras dos vãos em cantaria.

A união dos riachos, que recebe águas vindas da Serra do Morião, consiste numa infraestrutura de secção circular, ligeiramente irregular, construída em cantaria.

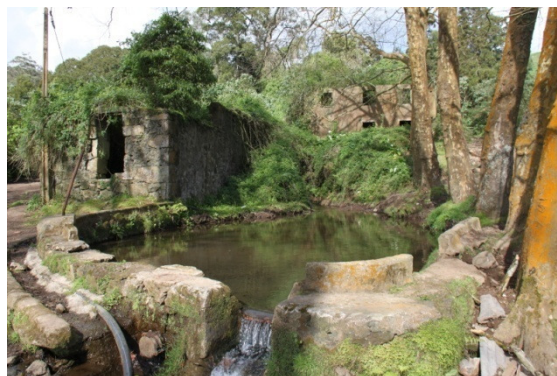
Estado de conservação: Quatro em ruínas e um em bom estado.

Função inicial: Habitação e moagem.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 19/03/2012

GPS: 38°40'45.55"N | 27°12'46.84"W



40.5.156

CASA DA ÁGUA — «MÃE D'ÁGUA»

Nossa Senhora da Conceição – Serra do Morião

Descrição: Pequena construção de planta regular, de um piso, com cobertura em laje, situada a sul da Serra do Morião.

A fachada principal tem um portal de entrada com arco de volta abatida, assente em impostas. É rematada por uma cornija, onde assenta um frontão. O centro do frontão ostenta o antigo brasão de armas da cidade e uma cartela com a inscrição «Foi feito este aqueducto pela Câmara Municipal de 1846».

A construção é em alvenaria de pedra, rebocada e pintada de branco, com exceção dos cunhais, soco, cornija, molduras do brasão e da legenda, que são em cantaria pintada de cinzento. O brasão de armas, em policromia, também é em cantaria.

Elementos datados: Cartela com inscrição «1846».

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Abastecimento público de água.

Data de levantamento: 10/01/2011

GPS: 38°41'00.85"N | 27°12'43.51"W



40.1.157**CHAFARIZ EM CASA DA RUA DE SANTO ESPÍRITO**

Nossa Senhora da Conceição – Rua de Santo Espírito, n.º 110

Descrição: Chafariz parietal e respetivo tanque de receção de água integralmente construídos em cantaria à vista, com aplicação de argamassa de cimento nas juntas das lajes.

O alçado alto, inserido no muro de vedação do prédio, é arrematado superiormente por uma cimalha, que recebe ao centro um pináculo de secção quadrangular encimado por um elemento esférico; no pano de fundo, estão três nichos com arco de volta inteira; em posição inferior, encontra-se um escudete em alto-relevo com a bica metálica.

Junto ao chão, em posição anterior ao corpo do chafariz, assentes numa plataforma de secção retangular, estão o tanque e a pia de lavagem de roupa.

Adossado ao muro perpendicular esquerdo, encontra-se uma banqueteta, também em cantaria à vista, com o espaldar formado por um painel azulejar policromático, com motivos geometrizados.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 03/09/2013

GPS: 38°39'19.88"N | 27°13'04.17"W



40.1.158

CHAFARIZ EM CASA DA RUA DA GAROUPINHA

Nossa Senhora da Conceição – Rua da Garoupinha, n.^{os} 29 e 31

Descrição: Chafariz e respetivo tanque de receção de água adossados ao muro encosto do reduto.

O espaldar, coroado por uma cimalha, incorpora, a eixo, um elemento retangular com frisos de emolduramento que recebem, ao centro, um nicho «arquinha» em semicírculo, e, logo abaixo, em alto-relevo, um escudete liso com uma bica metálica.

Contíguos, em posição anterior ao pano de parede do chafariz, encontram-se, junto ao chão, um tanque de receção de água e uma banqueta de secção paralelepédica.

A estrutura é construída em cantaria à vista, com exceção do alçado alto e da cimalha, que são caiados de branco.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 23/08/2013

GPS: 38°39'23.20``N | 27°13'01.92``W



40.2.159

TANQUE EM CASA DA RUA DA GAROUPINHA

Nossa Senhora da Conceição – Rua da Garoupinha, n.ºs 29 e 31

Descrição: Estrutura isolada, situada no jardim do prédio. É constituída por um tanque de receção de água, de secção circular, que assenta num embasamento com igual contorno; apresenta a largura do alçado emoldurado com diferentes ordens de nervuras a toda a largura e a face superior boleada. Ao centro do tanque, encontra-se uma coluna troncónica, ornada com maior preenchimento volumétrico na base; no ¼ superior da coluna, incorpora-se uma taça concheada, que, na face exterior, apresenta quatro carrancas ornamentais, duas antropomórficas e duas zoomórficas; a coroar o corpo está um pináculo de secção circular.

A estrutura é integralmente construída em cantaria à vista; o tanque é travado por elementos em ferro «gatos».

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Ornamentação.

Função atual: Ornamentação.

Data de levantamento: 23/08/2013

GPS: 38°39'23.26"N | 27°13'02.13"W



40.1.160

CHAFARIZ EM CASA DA RUA DO GALO I

Nossa Senhora da Conceição – Rua do Galo, n.º 70

Descrição: Chafariz constituído por um espaldar vertical de secção retangular adossado ao muro de vedação do prédio.

O alçado alto é delimitado por cunhais, soco e faixa de arremate superior, e coroado por uma cimalha.

O pano de fundo é revestido por um painel azulejar branco com motivos geometrizados em azul. A eixo, contidos numa estreita moldura, estão um nicho «arquinha» e, logo abaixo, um florão em alto-relevo com uma bica metálica.

O tanque de receção de água foi demolido. À esquerda do chafariz, encontra-se uma pia de lavagem de roupa.

A construção é em cantaria à vista, excetuando o painel de fundo, que é revestido a azulejos.

Estado de conservação: Mau.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 03/09/2013

GPS: 38°39'20.25``N | 27°13'01.19``W



40.2.161

TANQUE EM CASA DA RUA DO GALO I
Nossa Senhora da Conceição – Rua do Galo,
n.º 74

Descrição: Estrutura isolada, constituída por um tanque, embutida a $\frac{3}{4}$ no chão do pátio do prédio.

O tanque de parede em curva e contracurva é construído em cantaria à vista. A eixo, surge uma coluna em mármore ornamentada, com maior preenchimento volumétrico na metade inferior.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Ornamentação.

Função atual: Ornamentação.

Data de levantamento: 21/08/2013

GPS: 38°39'20.43"N | 27°13'00.53"W



40.2.162

**TANQUE EM CASA DA RUA DO GALO
II**

Nossa Senhora da Conceição – Rua do Galo,
n.º 74

Descrição: Estrutura adossada a um murete, constituída por dois tanques de receção de água de diferentes dimensões e uma pia de lavagem de roupa, geminados.

A pia e o tanque menor recebem no pano do murete de encosto um painel de azulejo com motivos geométricos pintados a azul; no alçado frontal das peças, está um friso simples em baixo-relevo.

O conjunto é construído em cantaria pintada de branco.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 21/08/2013

GPS: 38°39'20.27``N | 27°13'00.45``W



40.1.163

CHAFARIZ EM CASA DA RUA DO GALO II

Nossa Senhora da Conceição – Rua do Galo, n.º 109

Descrição: Chafariz parietal, com corpo delimitado por pilastras e arrematado superiormente por cimalha simples; a eixo, encerra um escudete circular em relevo com uma bica metálica.

Em posição anterior, junto ao chão, encontra-se o tanque de receção de água, ladeado, à esquerda, por uma pia de lavagem de roupa e, à direita, por uma banqueta.

A estrutura é construída em cantaria à vista, com exceção do pano do alçado, que é revestido a argamassa de cimento pintado de branco.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 21/02/2013

GPS: 38°39'22.20"N | 27°12'58.40"W



40.1.164

**CHAFARIZ DA CASA DE FRANCISCO
JORGE SILVEIRA E PAULO**

Nossa Senhora da Conceição – Rua do Galo,
n.º 118

Descrição: Chafariz e respetivo tanque de recepção de água adossado ao muro de vedação. O espaldar é rematado por uma moldura que assenta num soco, encimado por uma cornija que, por sua vez, suporta, nas extremidades, dois pináculos de secção quadrangular, que enquadram um frontão limitado superiormente por duas volutas e decorado na base com motivos geométricos, e, no restante, com arabescos e elementos vegetalistas; também apresenta a inscrição «1806». O pano de fundo exibe um friso com bordadura nas faces interiores, que, por sua vez, alberga motivos vegetalistas; a eixo, encontra-se um florão com a bica metálica.

O tanque, de secção retangular, cuja maior dimensão é ligeiramente mais larga do que o pano de parede, encontra-se junto ao chão, em posição anterior ao chafariz.

A estrutura é construída em cantaria à vista com pequenas intervenções com argamassa de cimento.

Elementos datados: Inscrição «1806».

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 07/04/2013

GPS: 38°39'21.49"N | 27°12'57.02"W



40.1.165**CHAFARIZ DA CASA DO MORGADO BARCELOS**

Nossa Senhora da Conceição – Rua Francisco de Ornelas, n.º 12

Descrição: O chafariz é constituído por um alçado alto retangular, delimitado por dois cunhais, soco e faixa de arremate superior, que acompanha uma cimalha convexa. O pano de parede é ornado com motivos vegetalistas em alto-relevo; a eixo, surge um elemento proeminente de secção quadrangular com os cantos cortados, que recebe um escudete bojudo, por onde sai a bica metálica; acima está um nicho «arquinha» em meia-lua.

Em posição inferior ao chafariz, junto ao chão, está um tanque de receção de água, de secção retangular, que extravasa, nas laterais, a dimensão do pano do alçado; é reforçado nos vértices anteriores por dois elementos metálicos «gatos» e recebe duas barras de ferro paralelas colocadas transversalmente ao sentido do alçado, estando posicionadas abaixo da bica. Ladeando o alçado alto, estão duas volutas, alinhadas com as extremas do tanque.

O chafariz e o tanque encontram-se enquadrados por duas banquetas adossadas ao muro de encosto do chafariz e por dois nichos «arquinhas»; na parede lateral esquerda, encontra-se uma terceira banqueteta.

O conjunto encontra-se abrigado por uma estrutura revestida a argamassa de cimento pintada de branco, com cobertura de uma água, em madeira envernizada à vista e telha de meia



<p>cana tradicional com beiral simples, e com o pavimento em lajes de cantaria. A fachada principal, de corte reto, é aberta e a lateral direita semiaberta.</p> <p>O chafariz, tanque e as banquetas são construídos em cantaria à vista.</p> <p>Estado de conservação: Bom.</p> <p>Função inicial: Abastecimento privado de água.</p> <p>Função atual: Desativado.</p> <p>Data de levantamento: 07/04/2013</p> <p>GPS: 38°39'21.61"N 27°12'55.67"W</p>	
---	--

40.2.166**TANQUE DA CASA DO MORGADO BARCELOS**

Nossa Senhora da Conceição – Rua Francisco de Ornelas, n.º 12

Descrição: Estrutura isolada, constituída por tanque de secção octogonal de faces côncavas, situada no jardim da casa.

O tanque de receção de água encontra-se assente numa plataforma com o mesmo contorno, que, por sua vez, se insere num lajeado circular de pedra da calçada preta; apresenta a largura do alçado emoldurado; é recortado na face exterior com diferentes ordens de nervuras a toda a largura. A eixo, possui um elemento troncónico com divergentes preenchimentos volumétricos; no terço superior, incorpora outro elemento decorativo gomiado, encimado por um botão de flor por onde emana um tubo metálico.

A estrutura é integralmente construída em cantaria à vista.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Ornamentação.

Função atual: Ornamentação.

Data de levantamento: 07/04/2013

GPS: 38°39'21.58"N | 27°12'55.55"W



40.5.167

SERRA DE ÁGUA DA FIRMA BASÍLIO SIMÕES

Nossa Senhora da Conceição – Estrada Pêro Barcelos

Descrição: Imóvel de um piso de planta retangular. Construído em alvenaria de pedra rebocada com argamassa de cal pintada de branco, sendo o soco pintado de preto e as molduras dos vãos das portas e janelas em cataria pintados de azul.

A cobertura é de duas águas estruturada por traves de madeira à vista, que suportam telha de fibrocimento ondulada, prolongando-se para o beiral.

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Serração.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 19/12/2011

GPS: 38°39'11.66"N | 27°13'00.64"W



40.3.168

**MOINHO DE ÁGUA DA FIRMA BASÍLIO
SIMÕES**

Nossa Senhora da Conceição – Estrada Pêro
Barcelos

Descrição: Moinho de água situado sobre a
antiga levada da Ribeira dos Moinhos. Imóvel
confrontante com a Serra de Água. Está
construído em alvenaria de pedra, rebocada e
caiada de branco, sendo as molduras dos vãos
em cantaria caiadas de azul.

Tem cobertura de uma água, estruturada por
traves de madeira à vista, que suportam telha
de fibrocimento ondulada, rematada com beiral
simples de telha de meia-cana tradicional.

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Moagem.

Função atual: Desativado.

Observações: Imóvel classificado de interesse
municipal. (Resolução n.º 234/96, de 3 de
Outubro, publicada no Jornal Oficial, I Série,
n.º 40).

Data de levantamento: 19/12/2011

GPS: 38°39'11.46"N | 27°12'59.72"W



50.1.169

CHAFARIZ DO CAMBALIM

São Bento – Cambalim

Descrição: Chafariz e respetivo tanque de receção de água construído em cantaria.

O alçado alto, pintado de branco, é delimitado por soco, cunhais, faixa de arremate superior e coroado por uma cimalha. Na barra superior do alçado, encontra-se, em baixo-relevo, a inscrição «1878»; ao centro do pano de parede, está lavrado na pedra o antigo brasão de armas da cidade e, em posição inferior, há um florão circular com uma bica metálica. A cimalha, os cunhais, o soco, o brasão e o florão são pintadas em azul claro. O tanque de secção retangular é pintado de branco, no exterior, e de azul claro, no interior, sendo protegido por dois pilaretes troncónicos, pintados de preto.

Em posição anterior, sob o lado direito, encontram-se um conjunto de quatro pias geminadas para lavagem de roupa, pintadas no exterior de branco e no interior de azul claro.

Elementos datados: Inscrição em baixo-relevo «1878».

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 22/07/2010

GPS: 38°39'47.45``N | 27°13'30.28``W



50.1.170

CHAFARIZ DO ARCO

São Bento – Ao Arco

Descrição: Chafariz constituído por um alçado retangular, delimitado por cunhais e por uma cornija. A eixo, junto à cimalha, tem um elemento retangular vertical em baixo relevo, sob o qual surge uma roseta com uma bica.

Adossado ao alçado encontra-se, junto ao chão, em posição central, um tanque retangular de receção de água, que recebe duas barras de ferro paralelas na perpendicular ao alçado de maior dimensão do tanque, posicionadas no alinhamento da bica; o tanque é ladeado em cada uma das extremas por uma pia de lavagem de roupa. À frente do tanque, encontram-se dois pilaretes troncónicos para proteção ao imóvel.

O chafariz, tanque e pias são em alvenaria de pedra rebocada e pintada de branco, exceto os cunhais, a cornija, os elementos circular e retangular, os interiores das pias e os pilaretes, que são pintados a castanho claro.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 23/12/2011

GPS: 38°40'03.10"N | 27°12'22.40"W



50.1.171

**CHAFARIZ DA QUINTA DA FAMÍLIA
PACHECO DE LIMA**

São Bento – Largo de São Luís — Antigo
Largo das Bicas do Contador.

Descrição: Chafariz parietal com alçado delimitado por pilastras, soco e cornija. A eixo, encontram-se, em alto-relevo, o brasão de armas da família Pacheco de Lima; mais abaixo, uma cartela retangular com os cantos cortados, e, em posição equidistante, dois florões com duas bicas metálicas. Em posição anterior e adossado ao pano de parede, existe um tanque de receção de água de secção retangular; sob a direita deste, duas pias de lavagem de roupa geminadas e, em posição destacada, uma banqueta. No muro lateral direito ao enquadramento do chafariz, existem dois nichos abertos.

O pano do chafariz é construído em alvenaria de pedra, rebocada e pintada de branco, com exceção das pilastras, da cornija, da cartela e dos elementos circulares das bicas, que são pintados de almagre. O tanque, as pias e a banqueta, também em cantaria, são pintados de preto e almagre. O soco de cantaria está pintado de preto e o brasão de armas, em cantaria, de cinzento.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 01/07/2010

GPS: 38°40'22.83``N | 27°13'27.42``W



50.1.172

CHAFARIZ DO REGUINHO

São Bento – Caminho do Reguinho

Descrição: O chafariz é constituído por um pano de parede retangular delimitado por dois cunhais, soco e faixa de arremate superior, encimado por uma cornija. Ao eixo, tem uma bica metálica e, mais acima, encontram-se dois nichos «arquinhas», com portas igualmente em metal.

Adossado à parte anterior do pano de parede do chafariz encontra-se, junto ao chão, em posição central, um tanque de receção de água, ladeado, em cada uma das extremas, por pias de lavagem de roupa. O chafariz encontra-se enquadrado por dois muretes curvos e as pias estão enquadradas por duas banquetas, também em formato curvo, acompanhando os muretes.

O conjunto encontra-se abrigado por uma estrutura de secção semicircular, com cobertura de uma água em madeira envernizada à vista, e telha de meia cana tradicional com beiral simples, e com o pavimento em pedra de calçada. A fachada principal, de corte reto e aberto, ostenta quatro pilares de secção quadrangular.

Todo o imóvel é pintado de branco, com exceção dos cunhais, soco, faixa de arremate superior, cornija, interior das pias e do tanque, moldura do muro, frente das banquetas e pilares, que são pintados de azul.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento público de água.



<p>Função atual: Abrigo de passageiros de transportes públicos.</p> <p>Data de levantamento: 01/07/2010</p> <p>GPS: 38°40'35.26``N 27°12'22.83``W</p>	
--	--

50.1.173**CHAFARIZ DA QUINTA DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS**

São Bento – Canada do Manuel Vaz

Descrição: Chafariz parietal e respetivo tanque de receção de água, implantado no atual parque de estacionamento da propriedade.

É constituído por duas pilastras com acabamento superior em triângulo; ao centro, há uma roseta em alto-relevo e dois nichos «arquinhas», um semicircular e outro retangular.

O tanque, de secção retangular, encontra-se assente numa plataforma, em posição anterior ao chafariz.

É construído em alvenaria de pedra rebocada com argamassa de cimento, pintada de branco, exceto as pilastras, nichos, roseta, tanque e plataforma, que são em cantaria à vista.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 09/08/2013

GPS: 38°39'48.78``N | 27°12'19.05``W



50.2/5.174**PIAS, TANQUE E CISTERNA DO CABOUCO DOS FARIAS****São Bento** – Cabouco dos Farias

Descrição: Complexo formado por quatro pias de lavagem de roupa geminadas, um tanque retangular, uma cisterna de planta quadrangular e cinco banquetetas.

As pias são de cantaria, pintada de branco, nas faces exteriores, e de verde, nas faces interiores; os restantes elementos são construídos em alvenaria de pedra rebocada, pintada de branco, com exceção dos topos, que são pintados de verde.

O conjunto encontra-se adossado a um muro em alvenaria de pedra, toscamente rebocado e pintado de branco.

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: A cisterna — armazenamento de água; pias — lavagem de roupa.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 22/12/2011

GPS: 38°40'32.44"N | 27°12'12.72"W



50.1.175

CHAFARIZ DA CANADA DA FONTINHA

São Bento – Canada da Fontinha – Pico Redondo

Descrição: Chafariz constituído por um paralelepípedo, que se eleva acima de um muro, que assenta na parte posterior do tanque de receção de água, de secção quadrangular, ladeado por duas pias de lavagem de roupa. O pano de fundo é delimitado pelos cunhais, pela faixa de arremate inferior e coroado por uma cimalha. A eixo do alçado alto, encontra-se, em alto-relevo, um motivo circular com a bica metálica, ao lado um nicho «arquinha» de secção quadrangular e, mais acima, também em alto-relevo, uma cartela ovoide, com a inscrição «1889».

O complexo é construído em alvenaria de pedra rebocada e pintada de branco, exceto os cunhais, a cornija, a cartela, as pias e o tanque, que são em cantaria pintada de verde.

Elementos datados: Cartela com inscrição «1889».

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 22/12/2011

GPS: 38°40'45.21``N | 27°12'00.04``W



50.1.176

CHAFARIZ DA POVOAÇÃO DAS ACHADAS

São Bento – Via Vitorino Nemésio, km 4

Descrição: Largo chafariz e respetivo tanque de receção de água.

É constituído por cinco módulos de dimensão crescente das extremas para o centro, divididos por seis pilastras e arrematados por um capeamento. O módulo central, de maior volumetria, recebe um elemento vertical onde se insere uma cartela retangular com a inscrição «C.M./1947» e, mais abaixo, está um proeminente corpo de secção quadrangular por onde sai a bica em tubo metálico; a coroar este elemento, encontra-se um pequeno oratório com a inscrição «1963».

A estrutura é construída em cantaria à vista, com exceção dos panos dos módulos, que são rebocados e pintados de branco.

O tanque, que acompanha todo o espaldar, é de secção retangular, assente numa plataforma, é seccionado em quatro partes por elementos em pedra, tendo os vértices anteriores arredondados.

Em posição posterior ao espaldar, sob a direita, está um bebedouro para animais, de secção retangular, construído em cantaria à vista.

Elementos datados: Cartela com inscrição «1947» e oratório com inscrição «1963».

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Bebedouro para gado.



Data de levantamento: 09/08/2013 GPS: 38°41'27.68``N 27°11'09.66``W	
---	--

50.4.177

ARQUINHAS DA POVOAÇÃO DAS ACHADAS

São Bento – Via Vitorino Nemésio, km 4

Descrição: Estrutura de secção triangular, assente num muro de vedação do prédio.

Dispõe de três nichos: um no alçado principal, um no lateral poente e outro no tardoz.

É construída em alvenaria de pedra toscamente rebocada, pintada de branco, com exceção do alçado posterior, que está por pintar.

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 09/08/2013

GPS: 38°41'27.95``N | 27°11'08.79``W



50.1.178**CHAFARIZ EM CASA DA CARREIRINHA**

São Bento – Carreirinha, n.º 35

Descrição: Chafariz constituído por um corpo paralelepípedo adossado ao muro de vedação e respetivo tanque de receção de água.

O alçado alto é delimitado por cunhais, soco e coroado por uma cimalha. A eixo, encontra-se uma roseta em alto-relevo com a bica em ferro; logo acima está um nicho «arquilha» de secção quadrangular; encontra-se também um painel com seis azulejos com a representação de uma criança a pescar — aplicação recente.

O tanque, de secção retangular, encontra-se junto ao chão, contíguo ao chafariz, tendo, ao centro, no alinhamento com a bica, duas barras de ferro paralelas, colocadas perpendicularmente à face do chafariz, ladeado, à esquerda, por uma pia de lavagem de roupa.

A estrutura é construída em cantaria à vista, com pequenas incursões de argamassa de cimento e pó de pedra, exceto o pano de parede do espaldar, que está pintado de branco.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Observações: Chafariz transferido em 1992 de um prédio em São Luís, freguesia de São Bento.

Data de levantamento: 29/08/2013

GPS: 38°39'33.59"N | 27°12'31.49"W



50.1.179**CHAFARIZ DA CASA DE PEDRO DE MENESES PARREIRA**

São Bento – Grota do Vale, n.º 8

Descrição: Chafariz constituído por um corpo paralelepípedo, que se eleva ligeiramente acima do muro onde está inserido, e respetivo tanque de receção de água.

O alçado alto é delimitado por cunhais, soco e coroado por uma cimalha. A eixo, encontra-se uma pequena roseta em alto-relevo com a bica metálica.

O tanque de secção retangular, que tem nos vértices superiores quatro elementos de ferro para reforço «gatos», encontra-se adossado ao espaldar na parte anterior e junto ao chão.

A estrutura é construída em cantaria rebocada e pintada de branco, exceto os cunhais, cimalha, soco, roseta e tanque, que são em pedra à vista.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 09/08/2013

GPS: 38°39'24.91"N | 27°12'19.12"W



50.1.180

CHAFARIZ EM CASA DA GROTA DO VALE I

São Bento – Grota do Vale, n.º 23

Descrição: Chafariz e respetivo tanque de receção de água em cantaria à vista.

O alçado alto é delimitado por cunhais e coroado por uma cimalha. O painel de fundo é recortado com elementos retos e contracurvos; a eixo, está um nicho em semicírculo «arquinha» e em posição inferior um florão circular com a bica metálica.

O tanque, de secção retangular, encontra-se junto ao chão, em posição anterior ao chafariz, tendo, ao centro, no alinhamento com a bica, duas barras de ferro paralelas, colocadas perpendicularmente à face do chafariz.

Estado de conservação: Bom.

Função inicial: Abastecimento privado de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 09/08/2013

GPS: 38°39'26.82"N | 27°12'06.62"W



50.2.181**TANQUE EM CASA DA FAMÍLIA SIMÕES****São Bento** – Grota do Vale, n.º 111

Descrição: Estrutura isolada, constituída por tanque de secção circular, situada no pátio frontal da casa.

O tanque de receção de água é construído em cantaria à vista, encontrando-se assente numa plataforma, com o mesmo contorno, em empedrado de calçada, apresentando a largura do alçado emoldurado; é recortado na face exterior com três ordens de nervuras a toda a largura; a face superior apresenta elementos de reforço em ferro «gatos»; o interior da estrutura é pintado de branco.

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Ornamentação.

Função atual: Ornamentação.

Data de levantamento: 09/08/2013

GPS: 38°39'27.28``N | 27°12'17.46``W



50.1.182**CHAFARIZ DA GROTA DO VALE II**

São Bento – Caminho Velho da Grotta do Vale

Descrição: Chafariz e respetivo tanque de receção de água em cantaria.

O alçado alto, pintado de branco, encontra-se assente em embasamento, sendo delimitado por cunhais e rematado por uma cimalha — com falta das duas lajes das extremas. A eixo do pano de parede, encontra-se um florão circular com uma bica metálica e, mais acima, tem um azulejo octogonal com a inscrição a azul «C.M/1901».

A moldura de remate do embasamento, os cunhais, a cimalha e o florão são pintados de cor-de-vinho. O tanque de formato retangular, ligeiramente encastrado no pavimento do arruamento, é pintado de preto no exterior e de cinzento no interior.

Elementos datados: Azulejo com inscrição «1901».

Estado de conservação: Razoável.

Função inicial: Abastecimento público de água.

Função atual: Desativado.

Data de levantamento: 18/12/2011

GPS: 38°39'23.52"N | 27°12'05.08"W



III Parte

Capítulo V

5.1. Património das águas de Angra: do esquecimento à memória renovada

Em Angra do Heroísmo, o património cultural edificado ligado à gestão da água não se limita à monumentalidade. As antigas estruturas, relacionadas com a captação, condução e abastecimento de água, mantêm ainda, no pensamento e na vida dos angrenses, sinais expressivos, que tendem, no entanto, a esbater-se com o tempo.

Se bem que os conhecimentos práticos e as técnicas usadas na construção destas estruturas ligadas ao património da água em Angra estejam hoje obsoletos, não é menos verdade que é imperioso e urgente resgatar essa enorme variedade de saberes, antes que se percam irremediavelmente, e com eles parte importante da memória das populações.

Uma abrangente e consistente pesquisa da história e da cultura locais são de primordial importância para a redescoberta da identidade cultural de um povo, e para a proteção e promoção dos seus valores. A salvaguarda deste património está ainda secundarizada diante outras matérias de importância socioeconómica.

Nas últimas décadas, o homem aperfeiçoou vertiginosamente a sua capacidade inventiva. A energia elétrica e a água sob pressão vieram trazer grandes alterações ao seu *modus vivendi*. As azenhas foram, de há muito, abandonadas, deixadas à mercê dos agentes erosivos, naturais e humanos. Já não se escuta a zoada monótona do incessante rodar da mó, nem se ouve o cantar das águas na pedra da levada. Os chafarizes deixaram de dar de beber às gentes e aos animais, e as arquinhas foram, na sua maioria, tapadas.

Resultado de uma incessante modernização, destruiu-se de forma continuada, desde meados do século XX, este elaborado sistema hidráulico, outrora fundamental para as necessidades da população.

Perdendo-se o uso e utilidade destas estruturas, e porque a avaliação do património cultural é hoje, frequentemente, assente em critérios estéticos, em detrimento da sua real pluralidade de valores, é imperioso inverter mentalidades, «[...] a preservação dos monumentos antigos é, antes de mais, produto de uma mentalidade [...]»¹⁴². Há que tomar consciência de que é dever coletivo amparar, com zelo, estas antigas manifestações da tecnologia e do trabalho do homem, que mesmo destituídas de monumentalidade, e muitas vezes esteticamente pobres, marcam e transportam as raízes das gentes de Angra.

Urge, pois, respeitar, compreender, defender e valorizar o património construído da água, em Angra do Heroísmo, como um «bem cultural» ímpar e insubstituível para todos, articulando a sua existência com a exigência de um crescimento sustentável. Só assim se previne o colapso de património tão relevante como este, não poucas vezes sacrificado por interesses menos nobres, e se acautela uma estabilidade civilizacional.

5.2. O património das águas de Angra enquanto recurso cultural

Em primeira instância, é à comunidade que compete zelar pelo seu património cultural. Só com uma comunidade desperta e sensibilizada para os seus valores culturais, é possível pensar na salvaguarda destes bens.

É unanimemente aceite que a preservação do património é uma obrigação que se impõe a todos, mesmo porque, em bom rigor, ninguém põe em causa a importância da proteção e valorização da herança dos nossos antepassados. Não obstante, em regra, as pessoas ficam-se pelos princípios e não agem em sintonia.

O estatuto daquilo que é considerado património pode modificar-se com o tempo. «Esta variação de valores específicos define a particularidade de cada património. Em virtude deste processo de mudança, cada comunidade desenvolve uma consciência e um conhecimento da necessidade de cuidar dos valores próprios do seu património.»¹⁴³

De forma lenta mas gradual, tem sido visível o despertar para o património das águas de Angra do Heroísmo, nomeadamente pelas mãos de estudiosos, que se interessam pela defesa e

¹⁴² Fraçoise Choay, *A alegoria do património*, p. 127.

¹⁴³ Carta de Cracóvia 2000 – *Princípios para a conservação e restauro do património construído*, preâmbulo, Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

conservação desse acervo histórico construído, e pela mais-valia utilitária e cultural que representa.

Muitas das dificuldades que, até há pouco tempo, concorreram para a falta de estudo e negligência na salvaguarda do património hidráulico antigo em Angra do Heroísmo advêm da dispersão do mesmo, muitas vezes situado em domínio privado, e do seu abandono, como consequência da falta de uso, não se efetuando ainda as necessárias intervenções de conservação e manutenção.

Os chafarizes, os moinhos de água e a levada da Ribeira dos Moinhos habitam o imaginário coletivo e cursam a História dos angrenses. São estruturas arquitetónicas com características distintas, quer nos materiais empregues, quer nas funções que desempenharam. Mas todas interpretam a expressão visível do génio empreendedor e, por vezes, criativo do Homem.

A conservação, restauro, reutilização e divulgação deste vasto património só tem sentido se aprofundar a sensibilidade do público, principalmente o jovem, para a riqueza cultural que constitui este edificado, pois, sem essa opinião pública formada e atuante, serão volúveis as políticas integradas de salvaguarda e valorização integradas destes bens que possam vir a ser tomadas.

É inquestionável que o culto do património é, desde logo, uma questão de mentalidade. Nestes termos «[...] a primeira linha de defesa activa do património histórico-artístico situa-se nos bancos das escolas de todos os níveis, do escalão pré-primário até ao superior. Impõe-se, portanto, a integração graduada de matéria da especialidade nestes diferentes níveis como elemento de formação cultural e cívica do cidadão [...]».¹⁴⁴

Para preservar o património cultural, é imperioso conhecê-lo. «Cada comunidade, tendo em conta a sua memória colectiva e consciente do seu passado, é responsável pela identificação e pela gestão do seu património.»¹⁴⁵

Sendo certo que tudo pode perecer às mãos do Homem ou pelo efeito do tempo, também é verdade que «[...] um eficaz registo ajuda-nos a conservar a memória do que foi antes.

¹⁴⁴ Jorge Henrique Pais da Silva, «Preservar Como? (I)», *O Património Local e Regional – Subsídios para um trabalho transdisciplinar*, p. 25.

¹⁴⁵ Carta de Cracóvia 2000, op. cit., preâmbulo.

Inventariar o património [...] é o primeiro passo para se conhecer o que existe de modo a programar o que continua [...]. Evidentemente que não podemos dizer que inventariar é suficiente, mas sim o necessário e o imprescindível [...]. E nenhum inventário é perfeito ou definitivo. Pelo contrário, é um processo em permanente continuação, não apenas de recolha de dados, mas sobretudo refazendo e melhorando os dados antigos.»¹⁴⁶

Às entidades responsáveis, em conjunto com as comunidades, cumpre inventariar e catalogar o património material, concorrendo para um melhor conhecimento e documentação, facilitando quaisquer intervenções sobre estes bens. A completa informação e uma eficaz planificação, por parte dos técnicos e investigadores, são fatores indispensáveis ao delineamento das políticas de salvaguarda e valorização do património cultural, bem como para a boa gestão dos recursos. Este procedimento também se torna relevante para os angrenses criarem uma identidade social e cultural.

Por conseguinte, «[...] a promoção do recenseamento do património histórico-artístico regional e local constitui uma tarefa primária mas de tal alcance que exige referência específica. Este cadastro e seu aproveitamento adequado vai permitir a identificação de certos tipos de valores culturais e tende a dar consciência à população em geral — e às autarquias, e às colectividades, às associações de base — da existência destes bens, concelhios ou regionais».¹⁴⁷

Neste contexto, na parte II desta dissertação, apresentámos a inventariação, tão exaustiva quanto possível, das estruturas relacionadas com o património vernáculo das águas das cinco freguesias urbanas de Angra do Heroísmo, quer este seja público ou privado, religioso ou civil, danificado ou íntegro. Julgamos, assim, ter criado, desde já, um instrumento útil, que ajudará nas pesquisas de natureza quantitativa e qualitativa, fundamentais na definição de uma estratégia de intervenção e manutenção preventiva.

A classificação de bens culturais é um importante modo de proteção e valorização dos mesmos. Traduz-se num conjunto de ações administrativas, levadas a cabo pelos órgãos públicos, que, fundadas em legislação própria, visam proteger e salvaguardar o património com especial valor cultural. É muitas vezes essa classificação que impede a sua descaraterização ou destruição.

¹⁴⁶ Pedro Gomes Barbosa, «Preservação e Memória», *O Património Local e Regional*, p. 28.

¹⁴⁷ Jorge Henrique Pais da Silva, «Preservar Como? (II)», *Ibid.*, p. 28.

Alguns edifícios, conjuntos edificados ou sítios têm uma identidade própria e constituem uma memória comum para uma comunidade ou para um povo. Quando é reconhecido relevante valor cultural, pode e deve proceder-se à classificação e registo oficial do bem, de âmbito internacional, nacional, regional ou municipal. Os bens assim identificados passam a ser designados por património classificado.

A Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, estabelece o regime jurídico relativo à inventariação, classificação, proteção e valorização do património cultural material; teve adaptação à Região Autónoma dos Açores, por força do Decreto Legislativo Regional n.º 29/2004/A, de 24 de agosto. Nestes termos, nos Açores, é competência da Direção Regional da Cultura manter atualizado o Registo Regional de Bens Culturais, no qual constam os bens culturais classificados, ou em vias de classificação, no arquipélago dos Açores, quer pela administração regional, quer pela administração local.

Os bens culturais classificados, associados ao património das águas, localizados na área geográfica do presente estudo são:¹⁴⁸

Identificação do Imóvel: Moinho de Água da Estrada Pêro de Barcelos.

Localização: Freguesia de Nossa Senhora da Conceição.

Classificação: Imóvel de Interesse Municipal — Resolução n.º 234/96, de 3 de outubro, publicada no Jornal Oficial, I Série, n.º 40.

Data de Resolução do Diário da República: 7 de novembro de 2005.

Data de Publicação do Diário da República: 3 de outubro de 1996.

Propriedade: Basílio Simões e Filhos, Lda.

Identificação do Imóvel: Moinho de Água da Ladeira de São Francisco.

Localização: Freguesia de Nossa Senhora da Conceição.

Classificação: Imóvel de Interesse Municipal — Resolução n.º 234/96, de 3 de outubro, publicada no Jornal Oficial, I Série, n.º 40.

Data de Resolução do Diário da República: 7 de novembro de 2005.

Data de Publicação do Diário da República: 3 de outubro de 1996.

Propriedade: Câmara Municipal de Angra do Heroísmo.

¹⁴⁸ Registo Regional dos Bens Culturais, [versão eletrónica]. Acedido a 20 de maio de 2013, em <http://www.culturacores.azores.gov.pt/rrbc/listagem.aspx>.

Identificação do Imóvel: Moinho de Água da Nasce Água.

Localização: Freguesia de Nossa Senhora da Conceição.

Classificação: Imóvel de Interesse Municipal — Resolução n.º 79/97, de 10 de abril, publicada no Jornal Oficial, I Série, n.º 15.

Data de Resolução do Diário da República: 7 de novembro de 2005.

Data de Publicação do Diário da República: 10 de abril de 1997.

Propriedade: Maria Margarida B. S. de Rego Botelho.

Identificação do Imóvel: Moinho de Água de São João de Deus.

Localização: Freguesia de Santa Luzia.

Classificação: Imóvel de Interesse Municipal — Resolução n.º 234/96, de 3 de outubro, publicada no Jornal Oficial, I Série, n.º 40.

Data de Resolução do Diário da República: 7 de novembro de 2005.

Data de Publicação do Diário da República: 3 de outubro de 1996.

Propriedade: Alberto Toste Machado dos Santos.

Identificação do Imóvel: Chafariz dos Portões de São Pedro.

Localização: Freguesia de São Pedro.

Classificação: Imóvel de Interesse Público — Resolução n.º 189/98, de 6 de agosto, publicada no Jornal Oficial, I Série, n.º 32.

Data de Resolução do Diário da República: 7 de novembro de 2005.

Data de Publicação do Diário da República: 6 de agosto de 1998.

Propriedade: Luísa Margarida Pamplona de Oliveira Ribeiro de Meireles.

Observações: Classificação incluída no conjunto do Solar dos Portões de São Pedro.

Identificação do Imóvel: Chafariz da Quinta da Estrela.

Localização: Freguesia de São Pedro.

Classificação: Imóvel de Interesse Público — Resolução n.º 175/99, de 18 de novembro, publicada no Jornal Oficial, I Série, n.º 46.

Data de Resolução do Diário da República: 7 de novembro de 2005.

Data de Publicação do Diário da República: 18 de novembro de 1999.

Propriedade: Jácome de Bruges Bettencourt.

Observações: Classificação incluída no conjunto da Quinta da Estrela.

Contudo, o estatuto de bem classificado, por si só, não é condição que garanta uma total salvaguarda e valorização do património cultural. «Querer e saber “classificar” monumentos é uma coisa. Saber depois conservá-los é outro assunto, que assenta sobre outros conhecimentos.»¹⁴⁹

A melhor forma de preservar o património é usá-lo. A integração na vida contemporânea de «[...] um monumento desafetado no circuito das utilizações vivas, [...] arrancá-lo a um destino museológico [...] e atribuir-lhe novo destino é operação difícil e complexa, que não se deve fundar apenas sobre uma semelhança com o destino original.»¹⁵⁰

Para assegurar a sobrevivência de um imóvel, após o restauro, é fundamental atribuir-lhe um uso estável e adequado, satisfazendo programas originais, sempre que possível, garantindo assim, atempadamente, as regulares intervenções de manutenção e conservação que forem necessárias. «A prática da reutilização deveria ser objeto de uma pedagogia particular. Ela depende do bom senso, mas também de uma sensibilidade inscrita na longa duração das tradições urbanas e dos comportamentos patrimoniais.»¹⁵¹

A refuncionalização deste património flutua «[...] entre a reativação, a reinvenção e a idealização, adquire formas muito diversas. [...] A recodificação [...] tanto pode consistir em reativar algo que já existia, mas que tenha deixado de estar integrado nas práticas quotidianas é redescoberto para novas funções (uma segunda via), como manifestar-se através de operações de invenção e de encenação de uma singularidade e de uma continuidade que traduzam esse carácter *sui generis* e a harmonia que sustenta as comunidades imaginadas [...]»¹⁵²

A utilização de um bem cultural não deve implicar uma má preservação, ao nível das suas características formais, quer da integridade da sua estrutura, ou da qualidade dos materiais construtivos. Tais projetos devem ter em atenção todas essas componentes, valorizando, em primeiro lugar, a preservação dos materiais e da arquitetura original, que são parte fundamental da identidade do bem. A reutilização implica adaptação ao bem, e nunca o inverso.

¹⁴⁹ Fraçoise Choay, op. cit., p. 127.

¹⁵⁰ Fraçoise Choay, *ibid.*, p. 191.

¹⁵¹ Fraçoise Choay, *ibid.*, p. 193.

¹⁵² Paulo Peixoto, «Centros Históricos e Sustentabilidade Cultural das Cidades», apresentado no colóquio. *A Cidade entre Projectos e Políticas*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 30 de junho de 2003.

No caso dos antigos moinhos da Ribeira dos Moinhos, que encerram um significativo potencial de reutilização, qualquer solução deve alicerçar-se num sólido conhecimento dos mesmos, para que se possa respeitar a sua autenticidade e acautelar a sua preservação para as próximas gerações.

A utilidade a dar a estas antigas moendas, que atualmente estão na sua grande parte em estado de ruínas, depois de recuperadas, está estritamente relacionada «[...] com a necessidade de compreender o seu papel determinante para a constituição e desenvolvimento da cidade de Angra e toda a sua dinâmica [...]. Para além das funções pedagógica e científica, a finalidade turística é bastante grande. O mais importante, no entanto, tem a ver com a sustentabilidade, ou seja, a recuperação e a valorização do percurso da ribeira e dos moinhos deverá ser feita em estreita ligação com os seus proprietários e populações locais, visando garantir a sua utilização plena, transmitindo os saberes e as técnicas antigas e também como um sustentáculo da nossa história e identidade e satisfazendo necessidades locais.»¹⁵³

A importância, cada vez mais notória, que o património cultural tem assumido junto do poder local é consequência do crescente reconhecimento deste como elemento de identidade das populações e de desenvolvimento da comunidade. Nesta perspetiva, os municípios, pela sua proximidade às pessoas e aos bens culturais, encontram-se numa posição privilegiada para a adoção de políticas de gestão, à escala concelhia, com expressão e consequência.

Nestes termos, impõe-se a criação de um Gabinete para o Património Histórico no Município de Angra do Heroísmo, constituído por um corpo técnico e científico, que integre diversas áreas disciplinares e serviços camarários, com responsabilidades na área do património cultural, tendo como competência orgânica e funcional intervir ao nível da gestão das áreas classificadas, ou em vias de classificação, e em edifícios e espaços com interesse cultural relevante.

A esse gabinete importará a salvaguarda e valorização dos bens culturais, imateriais, móveis, edificados ou paisagísticos, como fator de desenvolvimento sustentado da comunidade, estimulando a transmissão de valores do passado, e agindo de modo a prover as necessidades de preservação e revitalização do edificado, e espaços com interesse cultural.

¹⁵³ Olívio Rocha, «Não é possível abandonar os nossos moinhos de água», *Diário Insular*, (20-9-2012), p. 16.

Outra importante vertente que se associa ao património cultural é o turismo. O chamado turismo cultural é hoje uma certeza para muitos municípios que procuram o seu desenvolvimento de modo sustentado, agregando mais valor aos seus territórios. Com o terreno que esta vertente do turismo tem vindo a conquistar, há que diferenciar e personalizar a nossa oferta, e integrar harmoniosamente, com imaginação, este património na nossa realidade. A cidade de Angra do Heroísmo já tem o seu centro histórico inscrito na Lista do Património Mundial da UNESCO, desde 1983. Portanto, já faz parte dos roteiros internacionais do turismo cultural. A inclusão do antigo património das águas, que extravasa os limites da zona classificada, será certamente mais um relevante atrativo para os visitantes.

A chave para o sucesso está em encontrar equilíbrios entre a definição de objetivos, o planeamento, e formas de promoção e integração da população neste processo. Só assim será possível rentabilizar, cultural e economicamente, este significativo património.

A exploração turística não pode ser vista como oposta à salvaguarda do património cultural. Todavia, há cuidados redobrados a ter no respeito pela preservação das suas referências patrimoniais e identitárias.

Como mecanismo de medição do fluxo turístico sobre os bens culturais, «[...] devem existir programas correntes de avaliação dos impactos progressivos das atividades turísticas e do desenvolvimento sobre um sítio ou sobre uma comunidade em particular.»¹⁵⁴

As novas tecnologias da informação, aplicadas no inventário, conservação, interpretação e divulgação do património cultural, junto dos diferentes públicos, à escala global e em tempo real, têm-se revelado uma ferramenta de inesgotáveis potencialidades.

No caso de Angra do Heroísmo, os novos sistemas de informação geográfica da autarquia, que integram já o património edificado das águas do concelho, facilitam a partilha da informação aos técnicos e especialistas e a troca de conteúdos entre diferentes serviços.

Este património oferece um vasto potencial a ser trabalhado pelas novas tecnologias, desde a reprodução virtual das estruturas, o desenvolvimento e simulação de alternativas arquitetónicas de recuperação e valorização, até à projeção das possibilidades turísticas e científicas.

¹⁵⁴ Carta Internacional do Turismo Cultural – Gestão do turismo nos sítios com significado patrimonial. Adotada pelo ICOMOS na 12.ª Assembleia Geral no México, em outubro de 1999. Trad. de António de Borja Araújo, janeiro de 2007, p. 6.

Como vemos, há mecanismos disponíveis para que sejam iniciados processos de efetiva salvaguarda e valorização destas estruturas hidráulicas, que marcaram, de forma tão particular, uma vivência de cinco séculos na história de Angra.

5.3. O património das águas de Angra salvaguardado

Sendo certo que muito do património das águas de Angra sucumbiu, de modo irreversível, às mãos do tempo e do Homem, também não é menos certo que, quer por iniciativa da administração pública, quer por iniciativa privada, hoje, em Angra do Heroísmo, são diversos os casos que foram, ou estão sendo, sujeitos a boas práticas de preservação. Eis alguns destes casos:

Chafariz Ao Salto, São Bento

Em 1987, com as obras de construção da circular externa de Angra do Heroísmo, a Junta de Freguesia de São Bento, então presidida por Manuel Celestino da Siva Bettencourt, temendo pelo desaparecimento do chafariz do lugar «Ao Salto», propõe em Assembleia de Freguesia «[...] que o mesmo seja demolido pedra por pedra (com cuidado), dado as suas características, e implantado novamente dentro daquela área, em uma das bermas da circular externa, demonstrando assim o nosso respeito ao património e consideração aos nossos antepassados.»¹⁵⁵

A Assembleia de Freguesia deliberou favoravelmente, por unanimidade, a proposta de mudança da localização do chafariz, notificando a Câmara Municipal¹⁵⁶.

A 18 de fevereiro de 1988, em reunião do executivo camarário, é deliberado dar conhecimento da proposta à Direção Regional das Obras Públicas e Equipamentos, entidade promotora da obra da estrada.¹⁵⁷

¹⁵⁵ Ofício da Junta de Freguesia de São Bento s/n.º, datado de 2 de dezembro de 1987.

¹⁵⁶ Ofício da Assembleia de Freguesia de São Bento s/n.º, datado de 14 de dezembro de 1987.

¹⁵⁷ Ofício da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo n.º 1559, datado de 16 de março de 1988.



Figura 31 – Chafariz Ao Salto, São Bento, Estrada de Vale de Linhares. Implantação primitiva. Enxurrada da noite de 22 para 23 de julho de 1891. Fotografia de José Leite. Ano de 1891.



Figura 32 – Chafariz Ao Salto, São Bento. Implantação atual. Fotografia do autor. Ano de 2010.

Chafariz em casa da Rua Direita, n.º 74, Sé

Durante os anos de 1996 e 1997, empreenderam-se obras de fundo na reabilitação do prédio da Rua Direita, n.º 74, Sé. Nesta intervenção, foi depositada especial atenção na recuperação do chafariz, bem como dos canais das águas, corrigindo-se algumas dissonâncias.



Figuras 33 e 34 – Chafariz da Rua Direita, n.º 74, Sé. Obras de reabilitação. Fotografias propriedade de José C. Parreira – Arquitetos. Ano de 1996.



Figura 35 – Chafariz da Rua Direita, n.º 74, Sé. Após reabilitação. Fotografia do autor. Ano de 2010.

Chafariz do Palácio dos Capitães Generais, Sé

Outro exemplo salutar reporta-se ao chafariz monumental, transferido, em 1983, do reduto do prédio de Guilherme Fisher, na Rua Direita, n.º 67, Sé, para o jardim do Palácio dos Capitães Generais, por doação da família Reis Simões ao património regional dos Açores.

A sua montagem inseriu-se nos trabalhos de recuperação do Palácio dos Capitães Generais, bastante atingido pelo sismo de 1 de janeiro de 1980.



Figuras 36, 37, 38, 39, 40 e 41 – Chafariz do Palácio dos Capitães Generais. Evolução da montagem do chafariz da Rua Direita no Jardim do Palácio dos Capitães Generais. Fotografias propriedade da Direção Regional da Cultura. Ano de 1983.

Arquinhãs do Palácio dos Capitães Generais, Sé

O Palácio dos Capitães Generais foi muito danificado e alguns dos seus espaços foram mesmo totalmente destruídos. Nas obras de restauro e reabilitação do imóvel, que duraram até 1988,

também foi recuperado um conjunto de vinte e oito arquinhas, que se encontram embutidas no muro de vedação poente do palácio.



Figuras 42 e 43 – Conjunto de vinte e oito arquinhas embutidas no muro de vedação poente do Palácio dos Capitães Gerais. Rua do Palácio, Sé. Fotografias do autor. Ano de 2011.

«Chafariz Milagroso», Lameirinho, Nossa Senhora da Conceição

Após o sismo de 1980, o Chafariz do Lameirinho esteve em vias de ser demolido, quando José Maria Nunes, proprietário do terreno onde a estrutura está implantada, ponderou criar por ali o acesso à sua residência.

Não sendo destruído, durante alguns anos serviu, tal como muitos outros chafarizes da ilha, como depósito de lixo, ou esteve com terra, servindo de floreira. Em 1997, António Augusto Romeiros dos Santos e José Maria de Meneses Martins Nunes, por sua conta, decidiram recuperar o chafariz. No ano seguinte, os responsáveis pela sua reconstrução resolveram colocar um barril de cinquenta litros de cerveja no chafariz, fazendo com que, em vez de água, brotasse cerveja, ficando, desde então, apelidado de «chafariz milagroso». Em regra, todos os anos, pelas festas daquela localidade, o chafariz surge pintado com diferente cor, e a fornecer gratuitamente cerveja a quem por lá passa. Chega a haver anos em que na tourada o chafariz jorra mil litros de cerveja. Esta feliz iniciativa popular tornou este chafariz num crescente caso de popularidade.



Figura 44 – «Chafariz Milagroso», Rua Dr. Aníbal Bettencourt, Nossa Senhora da Conceição. Tourada à corda das Festas do Lameirinho do ano de 2006. Propriedade da fotografia: António Augusto Romeiro dos Santos e José Maria de Meneses Martins Nunes.



Figura 45 – «Chafariz Milagroso», Rua Dr. Aníbal Bettencourt, Nossa Senhora da Conceição. Tourada à corda das Festas do Lameirinho do ano de 2009. Propriedade da fotografia: António Augusto Romeiro dos Santos e José Maria de Meneses Martins Nunes.

Chafariz do Reguinho, São Bento

Para além da natural função de abastecimento público de água, o Chafariz do Reguinho, com a sua estrutura de abrigo, a partir de 1963, passou a acumular a função de paragem de passageiros dos transportes públicos. Com a desativação da sua principal função, na década de oitenta, foi mantido até hoje o abrigo de passageiros. Mesmo com um uso diferente do original, este facto em muito tem contribuído para a boa manutenção do conjunto.



Figura 46 – Chafariz do Reguinho, São Bento. Fotografia do autor. Ano de 2010.

Troço da levada da Ribeira dos Moinhos – Convento de São Francisco –, Nossa Senhora da Conceição

O Convento de São Francisco foi seriamente danificado pelo sismo de 1 de janeiro de 1980, deixando-o em difíceis condições de segurança. As obras de consolidação, restauro e adaptação à função de museu, que decorreram entre os anos de 1991 e 1997, puseram a descoberto um importante troço da levada da Ribeira dos Moinhos, com dois canais a nascente da edificação, que se encontrava subterrâneo. O processo de recuperação desta estrutura em boa hora foi incluído no conjunto da intervenção no imóvel.



Figuras 47, 48 e 49 – Troço da Levada da Ribeira dos Moinhos – Convento de São Francisco –, Nossa Senhora da Conceição. Fotografias obtidas no âmbito do acompanhamento da obra de recuperação do Convento de São Francisco. Fotografias de autor desconhecido. Década de 90.



Figura 50 – Troço da levada da Ribeira dos Moinhos – Convento de São Francisco –, Rua Frei Diogo das Chagas, Nossa Senhora da Conceição. Fotografia do autor. Ano de 2012.

Troço da levada da Ribeira dos Moinhos – Rua Ribeira dos Moinhos, Santa Luzia

Na Rua Ribeira dos Moinhos, encontra-se um troço da levada da Ribeira dos Moinhos que foi recuperado graças à iniciativa privada. Esta iniciativa deve-se ao esforço de preservação levado a cabo por Renato Silva, familiar de antigos moleiros.



Figura 51 – Troço da levada da Ribeira dos Moinhos, Rua Ribeira dos Moinhos, Santa Luzia. Fotografia de Paulo José Mendes Barcelos. Ano de 2011.

Limpeza e pintura de fontes e chafarizes públicos

O programa camarário de limpeza e pintura das fontes e chafarizes públicos do concelho, que ocorre regularmente desde o ano de 2011, tem por objetivo a preservação da memória de lugares que outrora foram espaços de abastecimento de água, de convívio e lazer das populações.



Figura 52 – Chafariz do Alto das Covas, Alto das Covas, Sé. Intervenção camarária na limpeza. Fotografia de José Henrique Pereira. Ano de 2011.



Figura 53 – Chafariz da Casa da Roda dos Expostos, Rua dos Canos Verdes, Sé. Vandalizado. Fotografia do Jornal *A União* de 21-8-2010.



Figura 54 – Chafariz da Casa da Roda dos Expostos, Rua dos Canos Verdes, Sé. Pintado. Fotografia do autor. Ano de 2011.

Casa com moinho da Ladeira de São Francisco, n.ºs 2 e 4, Nossa Senhora da Conceição

A casa com moinho foi adquirida, em 1994, pela Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, que procedeu ao seu restauro e adaptação a serviços camarários. Atualmente, é um espaço aberto a visitas do público, e está a ser projetada a sua conversão em Centro Interpretativo da Ribeira dos Moinhos. O objeto do projeto é a redescoberta da levada e dos seus moinhos, ajudando a compreender como funcionavam, e também a apreciar o engenho humano de tirar partido da água através de complexos sistemas, evidenciando assim os valores histórico, cultural e socioeconómico que estão corporizados neste património.



Figura 55 – Interior da casa com moinho em laboração da Ladeira de São Francisco, n.ºs 2 e 4, Nossa Senhora da Conceição. Autor e data desconhecidos.

Figuras 56 e 57 – Interior da casa com moinho da Ladeira de São Francisco, n.ºs 2 e 4, Nossa Senhora da Conceição. Fotografias do autor. Ano de 2011.



Figura 58 – Casa com moinho da Ladeira de São Francisco, n.^{os} 2 e 4, Nossa Senhora da Conceição. Fotografia do autor. Ano de 2011.

Casa com moinho da Rua Frei Diogo das Chagas, n.^{os} 11 e 13, Nossa Senhora da Conceição

José Manuel Fernandes de Sousa Pedroso está a reabilitar a casa com moinho, bem como o troço da levada que se encontra na propriedade da Rua Frei Diogo das Chagas, n.^{os} 11 e 13. Este projeto passa por um rigoroso levantamento da arquitetura de todas as estruturas preexistentes, com o objetivo de lhes devolver a tipologia primitiva.



Figura 59 – Trabalhos de remoção de entulho no fosso da roda do moinho da Rua Frei Diogo das Chagas, n.^{os} 11 e 13, Nossa Senhora da Conceição. Fotografia do Gabinete de Arquitetura LBa. Ano de 2013.

Figura 60 – Trabalhos de remoção de entulho e argamassas do canal da ribeira que alimentava o moinho da Rua Frei Diogo das Chagas, n.^{os} 11 e 13, Nossa Senhora da Conceição. Fotografia do Gabinete de Arquitetura LBa. Ano de 2013.



Figura 61 – Casa com moinho da Rua Frei Diogo das Chagas, n.ºs 11 e 13, Nossa Senhora da Conceição. Fotografia do autor. Ano de 2013.

Figura 62 – Levantamento de arquitetura da cave e dos pisos 0 e 1 da casa com moinho da Rua Frei Diogo das Chagas, n.ºs 11 e 13, Nossa Senhora da Conceição. Desenho do Gabinete de Arquitetura LBa. Ano de 2013.

Casa e troço da levada da Rua da Garoupinha, n.ºs 31 a 33, Nossa Senhora da Conceição

Pela mão e entusiasmo de Francisco dos Reis Maduro-Dias, foi colocado a descoberto um troço da levada da Ribeira dos Moinhos que passa por baixo de sua casa na Rua da Garoupinha. Este trabalho consistiu na remoção de entulho até encontrar o leito do canal em cantaria. Posteriormente, procedeu-se à consolidação das partes menos consistentes e à eletrificação do túnel. Mais uma vez, graças à iniciativa privada, foi salvaguardado um significativo pedaço de memória dos angresses.



Figura 63 – Troço da levada restaurada. Rua da Garoupinha, n.ºs 31 e 33, Nossa Senhora da Conceição. Fotografia do autor. Ano de 2012.



Figura 64 – Casa sobre um troço da levada restaurada. Rua da Garoupinha, n.ºs 31 e 33, Nossa Senhora da Conceição. Fotografia do autor. Ano de 2013.

Como é possível atestar pelos exemplos apresentados, com algum investimento inicial, imaginação, espírito criativo e inovador, pode-se salvaguardar este património e torná-lo numa mais-valia cultural para a comunidade, sem com isso se criarem encargos difíceis de comportar.

Conclusões

No evoluir do presente estudo académico, houve o intuito de identificar e compreender o património relacionado com os antigos sistemas de abastecimento de água, em Angra, e de obter respostas no sentido de permitir uma efetiva preservação, salvaguarda e valorização das infraestruturas remanescentes.

Esta abordagem, pautada por uma vertente de análise, teve a pretensão de criar um instrumento de base para futuros trabalhos, concorrendo para o desenvolvimento de novas atitudes perante este património.

Muitas destas estruturas, ao perderem as suas funções originais, não foram recuperadas. Transformaram-se muitas vezes num estorvo para o Homem, precipitando assim o seu desaparecimento ou adulteração. Como se pôde observar, a história recente, sobretudo após o sismo de 1980, foi particularmente madrastra para este património.

Pelo facto de este património estar muito disperso, e maioritariamente em propriedade privada, tomou-se consciência das imensas dificuldades que as entidades públicas e privadas têm na implementação de medidas para a sua salvaguarda e valorização.

A salvaguarda do património das águas de Angra, algo para o qual julgamos ter contribuído com este trabalho, coloca atualmente grandes desafios aos poderes públicos. Cremos que este desiderato só será plenamente alcançado com uma estrita colaboração entre a administração pública e os particulares. Neste sentido, há um trabalho educativo e de sensibilização a fazer, junto dos cidadãos, relativamente a bens culturais que pertencem a todos. Essa é uma condição essencial para o sucesso das boas práticas patrimoniais.

É, naturalmente, evidente que a proteção, preservação e valorização do património cultural estudado obrigam a um enorme trabalho e motivação de vontades, e que este trabalho é inadiável. Mas também se faz ver que os ganhos com este esforço são uma via para o desenvolvimento sustentável da Região.

Relevamos ainda a importância do património das águas, na transmissão às gerações vindouras dos valores identitários e memorialistas da comunidade angrense.

Para assegurar vida a este rico e diversificado património, necessitamos apenas de vontade e saber, cumprindo um dever que é de todos: dar futuro ao passado!

Fontes e bibliografia

Fontes impressas

Carta de Cracóvia, «Princípios para a Conservação e Restauro do Património Construído», Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 2000.

Carta Internacional do Turismo Cultural, «Gestão do Turismo nos Sítios com Significado Patrimonial». Adotada pelo ICOMOS na 12.^a Assembleia Geral no México, 1999. Trad. de António de Borja Araújo, 2007.

PEIXOTO, Paulo, «Centros Históricos e Sustentabilidade Cultural das Cidades», apresentado no colóquio *A Cidade entre Projectos e Políticas*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 30 de junho de 2003.

PINHO, Joana Balsa de, «As Cisternas do Castelo do Monte Brasil – Contributo das Fontes Contabilísticas para a sua História», Levantamento dos Fortes Açorianos e das Fontes Açorianas existentes no Archivo General de Simancas, Instituto Açoriano de Cultura/Universidade dos Açores/Centro de Estudos de História do Além-Mar, s.l, s.d.

OLIVEIRA, Humberto, «Angra na Visão de Linschoten». Vers. 2, Porto, 2012.

RODRIGUES, Francisco Cota, «Hidrogeologia da Ilha Terceira», Dissertação apresentada à Universidade dos Açores para o efeito de obtenção do grau de doutor no ramo da engenharia do ambiente, Angra do Heroísmo, 2002.

Fontes em linha

CANTO, Ernesto do, *Archivo dos Açores*. [Versão eletrónica]. Acedido a 25 de julho de 2012, em <http://arquivodigital.uac.pt/yii/arquivodigital/index.php?r=site/page&view=aa1&id=vol04&search=166>.

ENES, Carlos Manuel Pimentel, *Enciclopédia Açoriana*. [Versão eletrónica]. Acedido a 13 de junho de 2012, em <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/default.aspx?id=8348>.

LEITE, José Guilherme Reis, *Enciclopédia Açoriana*, Centro de Conhecimento dos Açores, DRC – Governo dos Açores. [Versão eletrónica]. Acedido a 28 de julho de 2012, em <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/default.aspx?id=4253>.

Na Minha Ilha. [Versão eletrónica]. Acedido a 11 de fevereiro de 2012, em <http://servicos.sram.azores.gov.pt/naminhailha>.

Projeto CLIMAAT. [Versão eletrónica]. Acedido a 20 de fevereiro de 2012, em www.climaat.angra.uac.pt.

Registo Regional dos Bens Culturais. [Versão eletrónica]. Acedido a 20 de maio de 2013, em <http://www.culturacores.azores.gov.pt/rrbc/listagem.aspx>.

Bibliografia

AA. VV., *Arquitectura Popular dos Açores*, 2.^a ed., Presidência do Governo Regional dos Açores - Ordem dos Arquitectos, Ponta Delgada, 2007.

-----, *Arquivo dos Açores*, 4 vols., Presidência do Governo Regional dos Açores/Direcção Regional da Cultura, Ponta Delgada, 1999-2007.

-----, *História dos Açores do Descobrimento ao Século XX*, 2 vols., Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo, 2008.

-----, *In Memoriam de Luís da Silva Ribeiro*, Secretaria Regional da Educação e Cultura, Angra do Heroísmo, 1982.

-----, *Posturas Camarárias dos Açores*, 2 vols., Instituto Histórico da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo, 2007-2008.

AFONSO, João, *Açores em Novos Papéis Velhos*, Secretaria Regional da Educação e Cultura, Angra do Heroísmo, 1980.

AMARAL, Joaquim Moniz de Sá Corte-Real e, *Biografias e Outros Escritos*, Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, Angra do Heroísmo, 1989.

ANDRADE, Jerónimo Emiliano de, *Topographia da Ilha Terceira*, 2.^a ed. rev. e aum. por José Alves da Silva, Angra do Heroísmo, 1891.

ARAÚJO, Miguel Cristóvão de, *O Castelo de S. Filipe do Monte Brasil*, Angra do Heroísmo, 1973.

ATAÍDE, Luís Bernardo Leite de, *Etnografia, Arte e Vida Antiga dos Açores*, Biblioteca Geral da Universidade, Coimbra, 1973-74.

BARBOSA, Pedro Gomes, «Preservação e Memória», *O Património Local e Regional – Subsídios para um Trabalho Transdisciplinar*, Editorial do Ministério da Educação, s.l., 1998, 19-37.

BRAZ, Henrique, *Ruas da Cidade e Outros Escritos*, Instituto Histórico da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo, 1985.

CHAGAS, Diogo das, *Espelho Cristalino em Jardins de Várias Flores*, Secretaria Regional da Educação e Cultura/Direcção Regional dos Assuntos Culturais/Universidade dos Açores/Centro de Estudos Doutor Gaspar Frutuoso, Angra do Heroísmo/Ponta Delgada, 1989.

CHOAY, Françoise, *A Alegoria do Património*, Lisboa, Edições 70, 2008.

CORDEIRO, António, *História Insulana das Ilhas a Portugal Sugeytas no Oceano Occidental*, 2.^a ed. fac-similada da edição de 1717, Presidência do Governo Regional dos Açores/Direcção Regional da Cultura, Angra do Heroísmo, 2007.

COSTA, Félix José da, *Angra do Heroísmo, Ilha Terceira (Açores – Os Seus Títulos, Edifícios e Estabelecimentos Públicos)*, Tipografia do Governo Civil, Angra do Heroísmo, 1867.

COSTA, Susana Goulart, *Açores – Nove Ilhas, Uma História*, Direcção Regional da Cultura, s.l., 2008.

DIAS, Maria Alice Borba Lopes, *Ilha Terceira – Estudo de Linguagem e Etnografia*, Secretaria Regional da Educação e Cultura/Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Angra do Heroísmo, 1982.

DRUMOND, Francisco Ferreira, *Anais da Ilha Terceira*, 4 vols., Reimpressão fac-similada da edição de 1850-1864, Secretaria Regional de Educação e Cultura, s.l., 1981.

-----, *Apontamentos para a História dos Açores – Apontamentos Topográficos, Políticos, Cíveis e Eclesiásticos para as Nove Ilhas doas Açores*, Instituto Histórico da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo, 1990.

FERNANDES, José Manuel, *Angra do Heroísmo – Aspectos Urbano-Arquitectónicos*, Instituto Açoriano de Cultura, s.l., 2008.

FRUTUOSO, Gaspar, *Saudades da Terra*, vol. 6, Instituto Cultural de Ponta Delgada, Ponta Delgada, 2005.

GOMES, Augusto, *Filósofos de Rua*, Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, Angra do Heroísmo, 1993.

GREGÓRIO, Rute Dias, *Terra e Fortuna – Os Primórdios da Humanização da Ilha Terceira (1450? -1550)*, Centro de História de Além-Mar, Ponta Delgada, 2007.

LIMA, Gervásio, *Esboço Histórico da Ilha Terceira*, Tipografia Andrade, Angra do Heroísmo, 1924.

LOPES, Frederico, *Da Praça às Covas – Memórias de Uma Velha Rua*, Tipografia Andrade, Angra do Heroísmo, 1971.

-----, *Notas Etnográficas – Algumas Achegas para o Conhecimento da História, da Linguagem, dos Costumes, da Vida e do Folclore do Povo da Ilha Terceira dos Açores*, Instituto Histórico da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo, 2003.

MALDONADO, Manuel Luís, *Fénix Angrence*, 3 vols., Instituto Histórico da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo, 1989-1997.

MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira, *Arquitectura nos Açores – Subsídios para o seu Estudo*, Direcção Regional do Turismo, Horta, 1983.

-----, *António José Leite – Artista Fotógrafo*, Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, Lisboa, 1984.

MENESES, Avelino de Freitas de, *Açores e o Domínio Filipino (1580-1590)*, 2 vols., Instituto Histórico de Angra do Heroísmo, Angra do Heroísmo, 1987.

MERELIM, Pedro de, *As 18 Paróquias de Angra – Sumário Histórico*, Angra do Heroísmo, 1974.

-----, *Memória Histórica da Edificação dos Paços do Concelho de Angra do Heroísmo*, Angra do Heroísmo, 1984.

-----, *Memorial Histórico dos Serviços Municipalizados de Angra*, Angra do Heroísmo, 1979.

MONJARDINO, Álvaro, MENDES, Irina e BESSA, Sandra, *Angra Cidade Transatlântica*, BLU Edições, Angra do Heroísmo, 2005.

MONTEREY, Guido, *Terceira (Açores) – A Ilha de Jesus Cristo*, Edição de Autor, Porto, 1982.

NEMÉSIO, Vitorino, *Corsário das Ilhas*, Livraria Bertrand, Lisboa, 1956.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, GALHANO, Fernando e PEREIRA, Benjamim, *Tecnologia Tradicional Portuguesa – Sistemas de Moagem*, Instituto Nacional de Investigação Científica/Centro de Estudos de Etnologia, Lisboa, 1983.

RIBEIRO, José Rodrigues, *Dicionário Toponímico, Ecológico, Religioso e Social da Ilha Terceira*, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Angra do Heroísmo, 1998.

RIBEIRO, Luís da Silva, *Obras – História II*, Instituto Histórico da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo, 1983.

SAMPAIO, Alfredo da Silva, *Memória sobre a Ilha Terceira*, Imprensa Municipal, Angra do Heroísmo, 1904.

SANTOS, João Marinho dos, *Os Açores nos Séculos XV e XVI*, 2 vols., Direcção Regional dos Assuntos Culturais/Secretaria Regional da Educação e Cultura, s.l., 1989.

SANTOS, Avelino e SANTOS, Lúcia, *Santa Luzia de Angra Antiga*, BLU Edições, Angra do Heroísmo, 2009.

SILVA, Isabel Coelho da, *A Ribeira dos Moinhos de Angra do Heroísmo – Memória Histórica e Gestão Patrimonial*, Angra do Heroísmo, 2012.

SILVA, Jorge Henrique Pais da, «Preservar Como?», *O Património Local e Regional – Subsídios para um trabalho transdisciplinar*. Editorial do Ministério da Educação, s.l, 1998, 19-37.

TELLES, Alberto, *Chorographia Geral dos Açores*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1889.

Publicações periódicas

A União, Angra do Heroísmo, (30/10/1899).

«Administração Republicana – Interesses Locaes», *A Republica*, Angra do Heroísmo, (08/06/1911).

«Água», *O Dia*, n.º 140, Angra do Heroísmo, (20/05/1905).

«Águas», *A Pátria*, Angra do Heroísmo, (14/08/1919).

BARCELOS, Paulo José Mendes, «*Ribeira dos Moinhos – A Ribeira que a Baixa de Angra Nunca Viu*», *Revista Atlântida*, vol. 57, Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo, 2012, 199-218.

GUEDES, José Correia, «A Ribeira é Testemunha», *Revista D.I.*, n.º 494, Diário Insular, Angra do Heroísmo, 30/09/2012, 12-13.

LIMA, Hélder Fernando Parreira de Sousa, «Os Açores na Economia Atlântica – Contribuição para o seu Estudo nos Séculos XV, XVI e XVII», *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, vol. 34, Instituto Histórico da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo, 1976, 103-121.

LOPES, Frederico, «Azenhas na Ilha Terceira dos Açores», *Separata da Revista Geographica*, n.º 6, s.l., 1965, 73-80.

MADURO-DIAS, Francisco dos Reis, «Ribeira de Angra – Água que Deu Vida à Urbe», *Revista D.I.*, n.º 320, Diário Insular, Angra do Heroísmo, 24/05/2009, 4-11.

MONTENEGRO, A. «As Aguas Potaveis», *A União*, n.º 3.171, Angra do Heroísmo, (09/09/1904).

«Noticiario», *O Angrense*, Angra do Heroísmo, (26/11/1863).

O Angrense, n.º 1.567, Angra do Heroísmo (21/02/1875).

O Angrense, Angra do Heroísmo, (09/08/1883).

«O Serviço das Aguas» *O Imparcial*, Angra do Heroísmo, (26/05/1888).

ROCHA, Olívio, «Não é Possível Abandonar os Nossos Moinhos de Água», *Diário Insular*, n.º 20.592, Angra do Heroísmo, (20/09/2012).

SOUSA, Paulo Silveira e, «As Actividades Industriais no Distrito de Angra do Heroísmo, 1852-1910 – Um Mundo de Possibilidades Escassas», *Revista Arquipélago*, História, 2.ª série, IV, n.º 2, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 2000.

«Vendas de Agua – A Camara de Angra Não Pode Nem Deve Vender Agua», *Atlantida*, n.º 12, Angra do Heroísmo, (03/07/1912).

VIEIRA, Alberto, «As Posturas Municipais dos Açores e Madeira nos Séculos XV a XVII – Análise Comparada e Sistematização do Direito Local», *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, vol. 49, Instituto Histórico da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo, 1991, 11-52.

Índice de imagens

Figura	Descrição	Página	Fonte
1	Carta com delimitação da área estudada.	7	Grafismo de Paulo Barcelos.
2	Mapa dos Açores.	13	http://servicos.sram.azores.gov.pt/naminhailha .
3	Carta fisiográfica da Ilha Terceira.	14	www.climaat.angra.uac.pt .
4	Perfil topográfico do maciço de Guilherme Moniz.	15	Desenho de Francisco Cota Rodrigues.
5	Flanco sul da Serra do Morião.	17	Fotografia de Gil Navalho.
6	Decalque das linhas de água e desvio da ribeira à época do povoamento.	22	Adaptado de Paulo Barcelos.
7	Pormenor da carta da cidade de Angra de 1595. Demarcação dos pontos de abastecimento público de água.	24	Adaptado de Humberto Oliveira.
8	Meio de transporte utilizado até ao início do século XX, para levar a água do Chafariz d'El Rei e do Tanque do Azeite para a grande cisterna da fortaleza do Monte Brasil.	26	Adaptado de Pedro de Merelim.
9	Antigo edifício dos Paços do Concelho de Angra do Heroísmo.	29	Arquivo da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo.
10	Implantação primitiva do Chafariz do Alto das Covas.	30	Fotografia de autor desconhecido.
11	Chafariz do Cais da Alfândega. Gravura inglesa do século XIX.	31	Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, 2003.
12	Chafariz da Rua Direita. Vista do Jardim Duque da Terceira. Fotografia do início do século XX.	32	Autor desconhecido.
13	Chafariz do Largo de São Bento. Fotografia de finais do século XIX.	32	«António José Leite – Artista Fotógrafo».
14	Chafariz junto à entrada da propriedade do Conde da Praia da Vitória, Santa Luzia. Fotografia do ano de 1946.	33	«Santa Luzia de Angra Antiga».
15	Planta do sistema de abastecimento de água à cidade de Angra do Heroísmo existente em 1933.	34	Arquivo da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo.

16	Chafariz do Largo do Desterro.	36	Autor desconhecido.
17	Placa toponímia da Canadinha das Bicas.	51	Fotografia do autor.
18	Placa toponímia da Rua dos Canos Verdes.	51	Fotografia do autor.
19	Placa toponímia do Beco das Alcaçarias.	51	Fotografia do autor.
20	Placa toponímia da Rua do Pisão.	51	Fotografia do autor.
21	Placa toponímia da Rua da Ribeira dos Moinhos.	51	Fotografia do autor.
22	Placa toponímia da Canada do Moinho.	51	Fotografia do autor.
23	Ribeira dos Moinhos. Lavadeiras.	54	«António José Leite – Artista fotógrafo».
24	Troço final da Ribeira dos Moinhos. Rua do Faleiro.	56	«António José Leite – Artista fotógrafo».
25	Pormenor da carta da cidade de Angra. Demarcação dos moinhos e azenhas.	59	Adaptado de Humberto Oliveira.
26	Moinho de água – azenha – da Nasce Água.	61	Coleção particular de Luís Bettencourt.
27	Moinho de água – azenha – da Ponta do Muro.	62	Coleção particular de Luís Bettencourt.
28	Moinho de água – azenha – da Rua do Pisão.	63	«Arquitectura nos Açores – Subsídios para o seu Estudo».
29	Pormenor da carta da cidade de Angra, 1595. Demarcação do matadouro da cidade.	66	Adaptado de Humberto Oliveira.
30	Motor elétrico que foi instalado no Moinho da Ladeira de São Francisco, n.ºs 2 e 4.	68	Fotografia do autor.
31	Implantação primitiva do Chafariz Ao Salto, São Bento.	281	«António José Leite – Artista fotógrafo».
32	Implantação atual do Chafariz Ao Salto, São Bento.	281	Fotografia do autor.
33	Chafariz da Rua Direita, n.º 74, Sé. Obras de reabilitação.	282	Propriedade da fotografia: José Parreira – Arquitetos.
34	Chafariz da Rua Direita, n.º 74, Sé. Obras de reabilitação.	282	Propriedade da fotografia: José Parreira – Arquitetos.
35	Chafariz da Rua Direita, n.º 74, Sé.	282	Fotografia do autor.
36	Chafariz do Palácio dos Capitães Generais. Obras de reimplantação.	283	Propriedade da fotografia: Direção Regional da Cultura.
37	Chafariz do Palácio dos Capitães Generais. Obras de reimplantação.	283	Propriedade da fotografia: Direção Regional da Cultura.

38	Chafariz do Palácio dos Capitães Gerais. Obras de reimplantação.	283	Propriedade da fotografia: Direção Regional da Cultura.
39	Chafariz do Palácio dos Capitães Gerais. Obras de reimplantação.	283	Propriedade da fotografia: Direção Regional da Cultura.
40	Chafariz do Palácio dos Capitães Gerais. Obras de reimplantação.	283	Propriedade da fotografia: Direção Regional da Cultura.
41	Chafariz do Palácio dos Capitães Gerais. Obras de reimplantação.	283	Propriedade da fotografia: Direção Regional da Cultura.
42	Arquinhãs do Palácio dos Capitães Gerais.	284	Fotografia do autor.
43	Arquinhãs do Palácio dos Capitães Gerais.	284	Fotografia do autor.
44	«Chafariz Milagroso». Tourada à corda.	285	Propriedade da fotografia: António Santos e José Nunes.
45	«Chafariz Milagroso». Tourada à corda.	285	Propriedade da fotografia: António Santos e José Nunes.
46	Chafariz do Reguinho.	286	Fotografia do autor.
47	Troço da levada da Ribeira dos Moinhos. Convento de São Francisco.	286	Autor desconhecido.
48	Troço da levada da Ribeira dos Moinhos. Convento de São Francisco.	286	Autor desconhecido.
49	Troço da levada da Ribeira dos Moinhos. Convento de São Francisco.	286	Autor desconhecido.
50	Troço da levada da Ribeira dos Moinhos. Convento de São Francisco.	287	Fotografia do autor.
51	Troço da levada da Ribeira dos Moinhos. Rua Ribeira dos Moinhos.	287	Fotografia de Paulo José Mendes Barcelos.
52	Intervenção de limpeza no Chafariz do Alto das Covas.	288	Fotografia de José Pereira.
53	Chafariz da Casa da Roda dos Expostos.	288	Fotografia do Jornal <i>A União</i> de 21-8-2010.
54	Chafariz da Casa da Roda dos Expostos.	289	Fotografia do autor.
55	Interior do Moinho da Ladeira de São Francisco, n. ^{os} 2 e 4.	289	Autor desconhecido.
56	Interior do Moinho da Ladeira de São Francisco, n. ^{os} 2 e 4.	289	Fotografias do autor.

57	Interior do Moinho da Ladeira de São Francisco, n.ºs 2 e 4.	289	Fotografias do autor.
58	Moinho da Ladeira de São Francisco, n.ºs 2 e 4.	290	Fotografia do autor.
59	Recuperação do troço da Ribeira dos Moinhos do Moinho da Rua Frei Diogo das Chagas, n.ºs 11 e 13.	290	Fotografia do Gabinete de Arquitetura LBa.
60	Recuperação do troço da Ribeira dos Moinhos do Moinho da Rua Frei Diogo das Chagas, n.ºs 11 e 13.	290	Fotografia do Gabinete de Arquitetura LBa.
61	Moinho da Rua Frei Diogo das Chagas, n.ºs 11 e 13.	291	Fotografia do autor.
62	Levantamento de arquitetura da cave e dos pisos 0 e 1 da casa com Moinho da Rua Frei Diogo das Chagas, n.ºs 11 e 13.	291	Autoria do Gabinete de Arquitetura LBa.
63	Troço da levada da Ribeira dos Moinhos. Rua da Garoupinha, n.ºs 31 e 33.	291	Fotografia do autor.
64	Casa sobre um troço da levada da Ribeira dos Moinhos. Rua da Garoupinha, n.ºs 31 e 33.	292	Fotografia do autor.

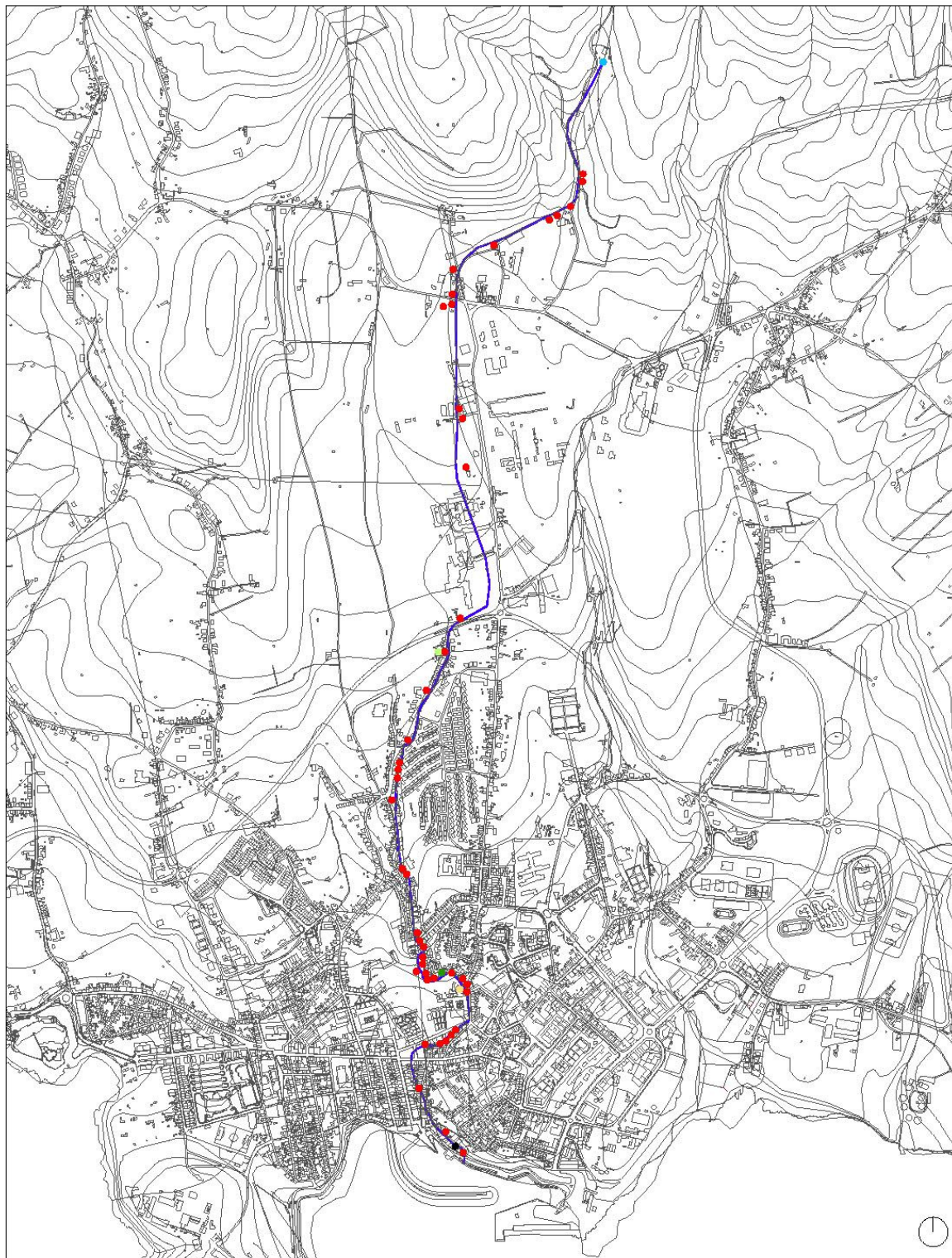
Anexos

Documento 1 – Carta da doação da Capitania de Angra a João Vaz Corte-Real.

«Eu a Iffanta D. Beatriz, tetor, e curador do Senhor Duque meu filho etc. Faço saber a quantos esta minha carta virem, que havendo eu por informação estar ora vaga a capitania da Ilha Terceira de Jesus Christo, do dito Senhor meu filho por se afirmar ser morto Jacome de Bruges, que até ora teve, do qual ha muito tempo que alguma nova se não ha, posto que já muitas vezes mandei sua mulher, que a verdade dello soubesse, e me certificasse, assignando-lhe para isso tempo dum anno, e depois mais; a qual em alguma maneira com todallas diligencias que nisso fizesse, me não trouve dello certidão alguma: pelo qual havendo eu por certo o que me assim é dito e esguardando o damno que é, a dita ilha estar assim sem capitão que haja de reger e manter em direito e justiça pelo dito Senhor, e como em ello pela dita causa se fazem algumas cousas que são pouco serviço de Deus, nem do dito Senhor meu filho; determinei prover a ello por descargo da minha consciencia e serviço do dito Senhor. E considerando eu d'outra parte os muitos e grandes serviços que João Vaz Corte Real, fidalgo da casa do dito Senhor meu filho, tem feitos ao Iffante meu Senhor e seu padre que Deus haja, e depois a mim e a elle, e confiando de sua bondade lealdade, e vendo sua disposição a qual é pera poder servir o dito Senhor, e seu entender a boa descrição pera a dita ilha governar e manter em direito e justiça, em galardão dos ditos serviços lhe fiz mercê da dita capitania da ilha Terceira, assim como a tinha o dito Jacome de Bruges, e lhe mandei dello dar sua carta antes desta. E por quanto da dita ilha não era partida amtre o dito João Vaz e o dito Alvaro Martins e a parti pela Ribeira Seca, que é aquem da Ribeira Fr. João, ficando a Ribeira de Frei João na parte d'Angra e da dita Ribeira Seca pella metade da dita ilha até outra banda, como se vai de Sueste ao Noroeste; e partida a dita ilha pela dita maneira, mandei ao dito João Vaz que escolhesse, e elle escolheu na parte d'Angra, e deixou a parte da Praia, em que o dito Jacome de Bruges tinha feito seu assento; e a mim prouve dello, e lhe ei por feito mercê da dita parte porque doutra mandei dar carta ao dito Alvaro Martins. E me praz que o dito João Vaz tenha por o dito Senhor a dita parte e a mantenha por elle em justiça e direito: e morrendo elle isso mesmo fique a seu filho primeiro ou segundo, se tal for que tenha o cargo pela guisa suso dita, e assim de descendente em descendente pela direita e sendo em tal idade o dito seu filho, que elle seja em edade para reger. Item me praz que elle tenha em a sobredita ilha a jurisdição pelo dito meu filho e em seu nome, do cível e crime, resalvando morte ou talhamento de membro que disto venha appelação ou agravo presente o dito Senhor; porem sem embargo da dita jurisdicção. a mim praz, que todos meus mandados, e correição sejam hy compridos, assy como em cousa propia do dito Senhor. Outro sim me praz que o dito João Vaz haja para si todos os moinhos de pão que houver na dita ilha de que asi dou cargo, e que ninguém não faça hi moinhos, somente elle, ou quem lhe aprouver, e isto não se entendam mó de braço, que a faça quem quizer, não moendo a outrem, nem atafonas não tenha outrem, somente elle ou quem lhe aprouver. Item me praz que haja de todas as serras d'agoa que se hi fizerem de cada to, como dito é. E em testemunho dello lhe mandei dar esta minha carta per mim asinada e asellada do meu sello. Dada em a cidade d'Evora a dous dias do mez de Abril, Rodrigo Alvarez a fez, anno de nosso Senhor Jesus Christo de mi quatrocentos setenta e quatro.»¹⁵⁸

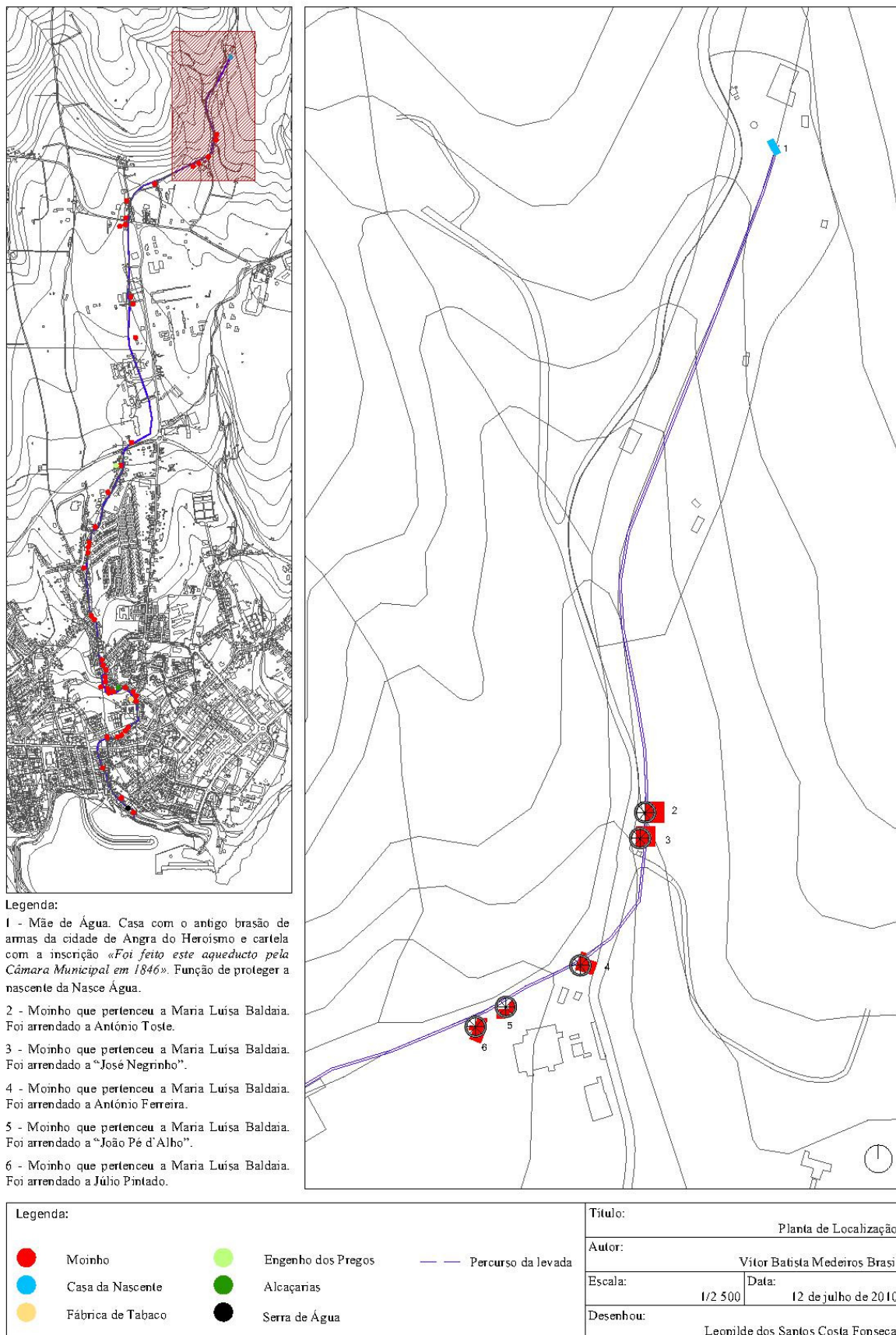
¹⁵⁸ Carta da Infanta D. Beatriz da doação da Capitania de Angra a João Vaz Corte-Real, passada em 2 de abril de 1474. In: *Archivo dos Açores*, vol. 4, pp. 159-160. Confirmada esta carta pelo Duque de Viseu, D. Diogo, a 3 de maio de 1483; e pelo Duque D. Manuel, a 6 de abril de 1488.

Documento 2 – Localização do antigo património das águas da Ribeira dos Moinhos.



Legenda:			Título: Planta de Localização	
● Moinho	● Engenho dos Pregos	— Percurso da levada	Autor: Vítor Batista Medeiros Brasil	
● Casa da Nascente	● Alcaçaria		Escala: 1/15 000	Data: 12 de julho de 2010
● Fábrica de Tabaco	● Serra de Água		Desenhou: Leonilde dos Santos Costa Fonseca	

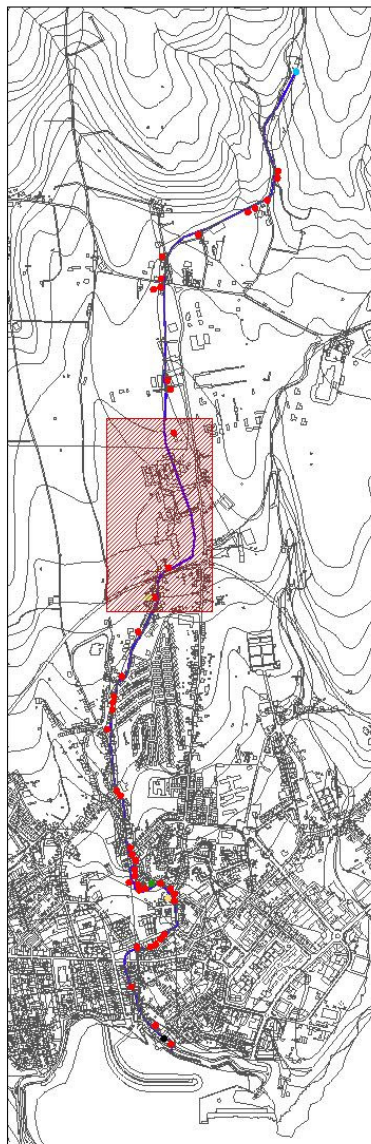
Documento 3 – Localização do antigo património das águas da Ribeira dos Moinhos.



Documento 4 – Localização do antigo património das águas da Ribeira dos Moinhos.



Documento 5 – Localização do antigo património das águas da Ribeira dos Moinhos.



Legenda:

14 - Moinho do Francisco Martins Alves.

15 - Moinho do “Rato dos Biscoitos” depois de Henrique Sózinho.

16 - Moinho que depois foi convertido em fábrica de pregos e fundição “A Perseverança”, popularmente conhecida por Engenho dos Pregos. Foi seu proprietário Paulo Azevedo.

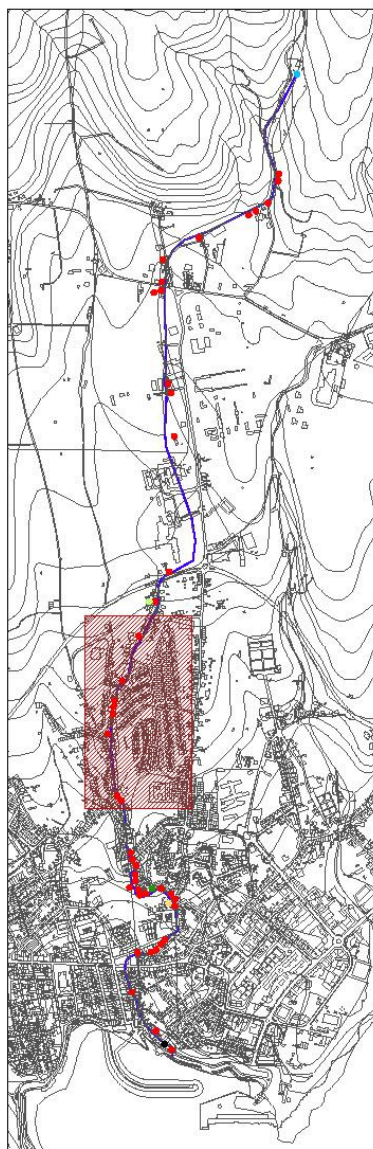


Legenda:

- | | | |
|---|--|--|
| ● Moinho | ● Engenho dos Pregos | — Percurso da levada |
| ● Casa da Nascente | ● Alcaçarias | |
| ● Fábrica de Tabaco | ● Serra de Água | |

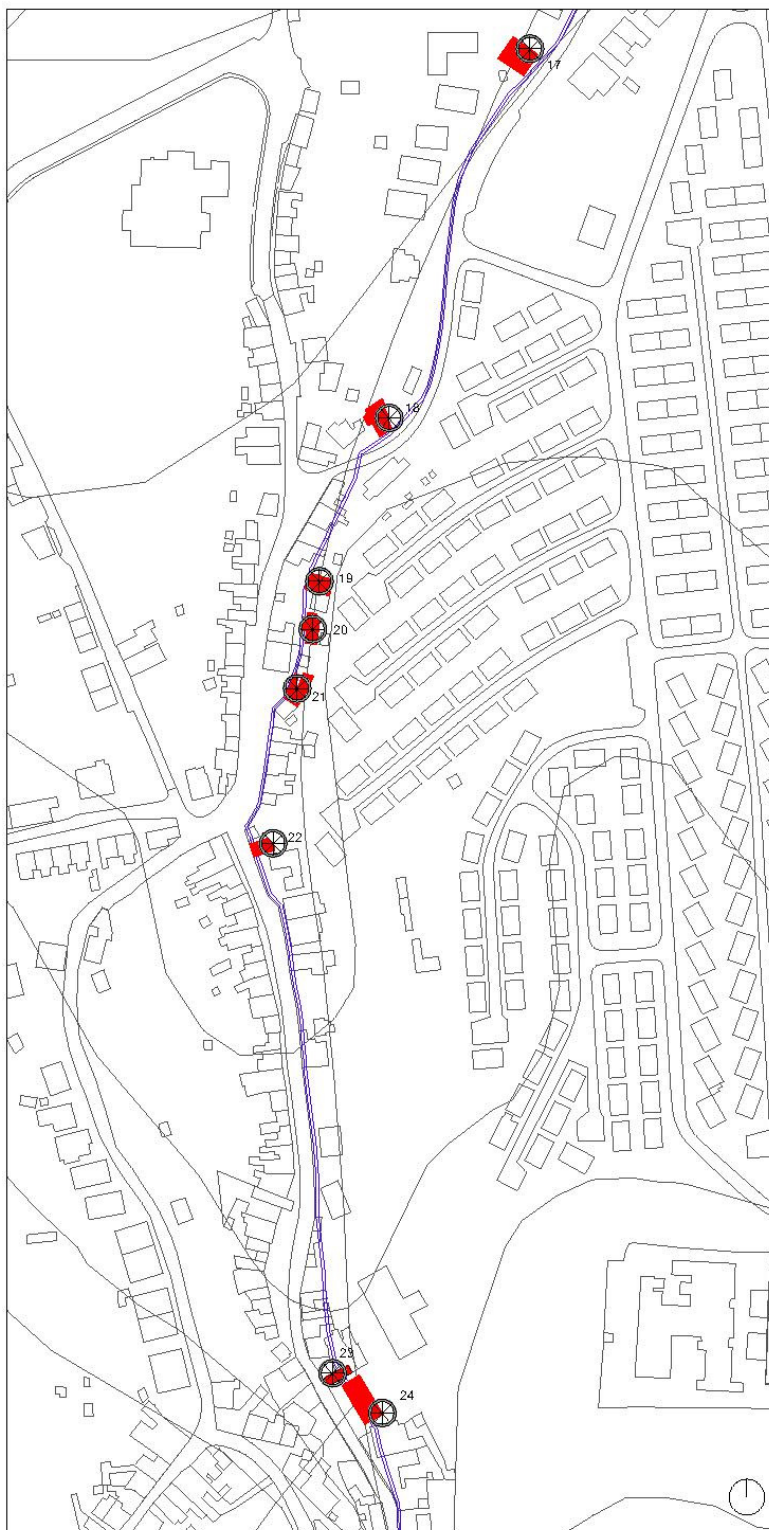
Título:	Planta de Localização	
Autor:	Vítor Batista Medeiros Brasil	
Escala:	1/2 500	Data: 12 de julho de 2010
Desenhou:	Leonilde dos Santos Costa Fonseca	

Documento 6 – Localização do antigo património das águas da Ribeira dos Moinhos.



Legenda:

- 17 - Moinho do “António Negrinho”.
- 18 - Moinho do Alberto Santos “Cebolinho”.
- 19 - Moinho do Francisco Lagarto.
- 20 - Moinho da “Tsabelinha”.
- 21 - Moinho do António Patrício.
- 22 - Moinho do António Graciosa depois de Joaquim Flores.
- 23 - Moinho do “Graciosa”.
- 24 - Moinho do José Augusto depois do seu filho Gilberto.



Legenda:		
● Moinho	● Engenho dos Pregos	— Percurso da levada
● Casa da Nascente	● Alcaçarias	
● Fábrica de Tabaco	● Serra de Água	

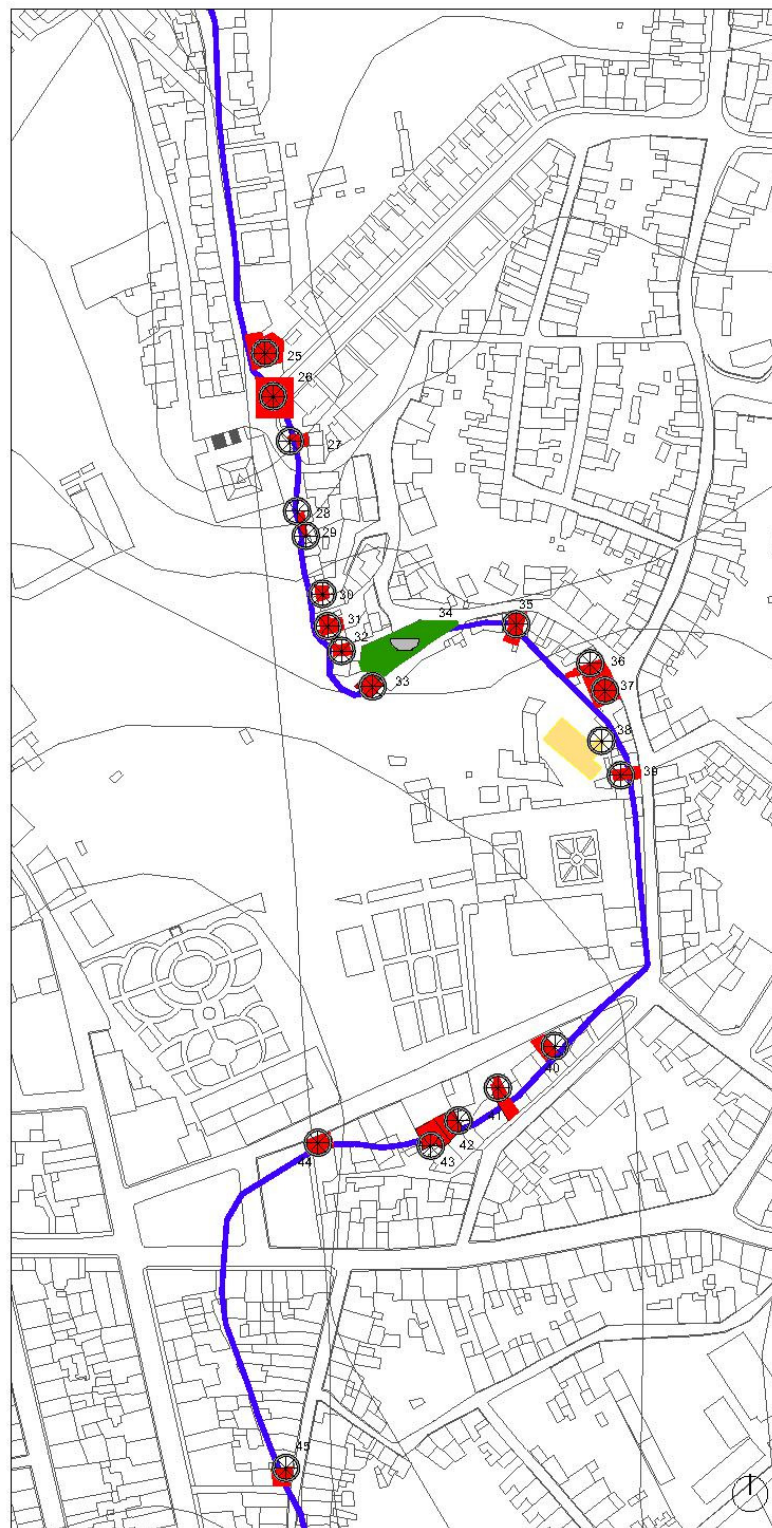
Título:	Planta de Localização	
Autor:	Vítor Batista Medeiros Brasil	
Escala:	1/2 500	Data: 12 de julho de 2010
Desenhou:	Leonilde dos Santos Costa Fonseca	

Documento 7 – Localização do antigo património das águas da Ribeira dos Moinhos.



Legenda:

- 25 - Moinho da "Mariazinha".
- 26 - Moinho do (?). Desaparecido por força da abertura da Rua João Baptista Machado (década de 60 do século XX).
- 27 - Moinho do João Dutra.
- 28 - Moinho do "Besugo" I.
- 29 - Moinho do "Besugo" II.
- 30 - Moinho do Guilherme Dutra.
- 31 - Moinho do "Besugo" III.
- 32 - Moinho do "Ramalho".
- 33 - Moinho de Fernando Faria. Imóvel transferido no ano de 2009 do Governo Regional dos Açores para a Câmara Municipal de Angra do Heroísmo.
- 34 - Alcaçarias.
- 35 - Moinho do Manuel Faria.
- 36 - Moinho do "Vieira da Aqualva".
- 37 - Moinho do (?).
- 38 - Fábrica de Tabaco Âncora
- 39 - Moinho do (?).
- 40 - Moinho do Francisco Vieira Saúde "Chico Americano" depois da viúva Maria José da Silva Saúde.
- 41 - Moinho da Balança, de Francisco Coelho Maduro Dias.
- 42 - Moinho do "Alfredo Cabeça" I depois da viúva Maria da Conceição Martins.
- 43 - Moinho do "Alfredo Cabeça" II depois da viúva Maria da Conceição Martins.
- 44 - Moinho do "Saboga", depois a Guilherme Martins de Castro, de seguida a Guilherme Dutra, adquirido pela Câmara Municipal de Angra do Heroísmo em 1994.
- 45 - Moinho do João Fernandes Miranda.



Legenda:		
● Moinho	● Engenho dos Pregos	— Percurso da levada
● Casa da Nascente	● Alcaçarias	
● Fábrica de Tabaco	● Serra de Água	

Título:		Planta de Localização	
Autor:		Vítor Batista Medeiros Brasil	
Escala:	1/2 500	Data:	12 de julho de 2010
Desenhou:		Leonilde dos Santos Costa Fonseca	

Documento 8 – Localização do antigo património das águas da Ribeira dos Moinhos.

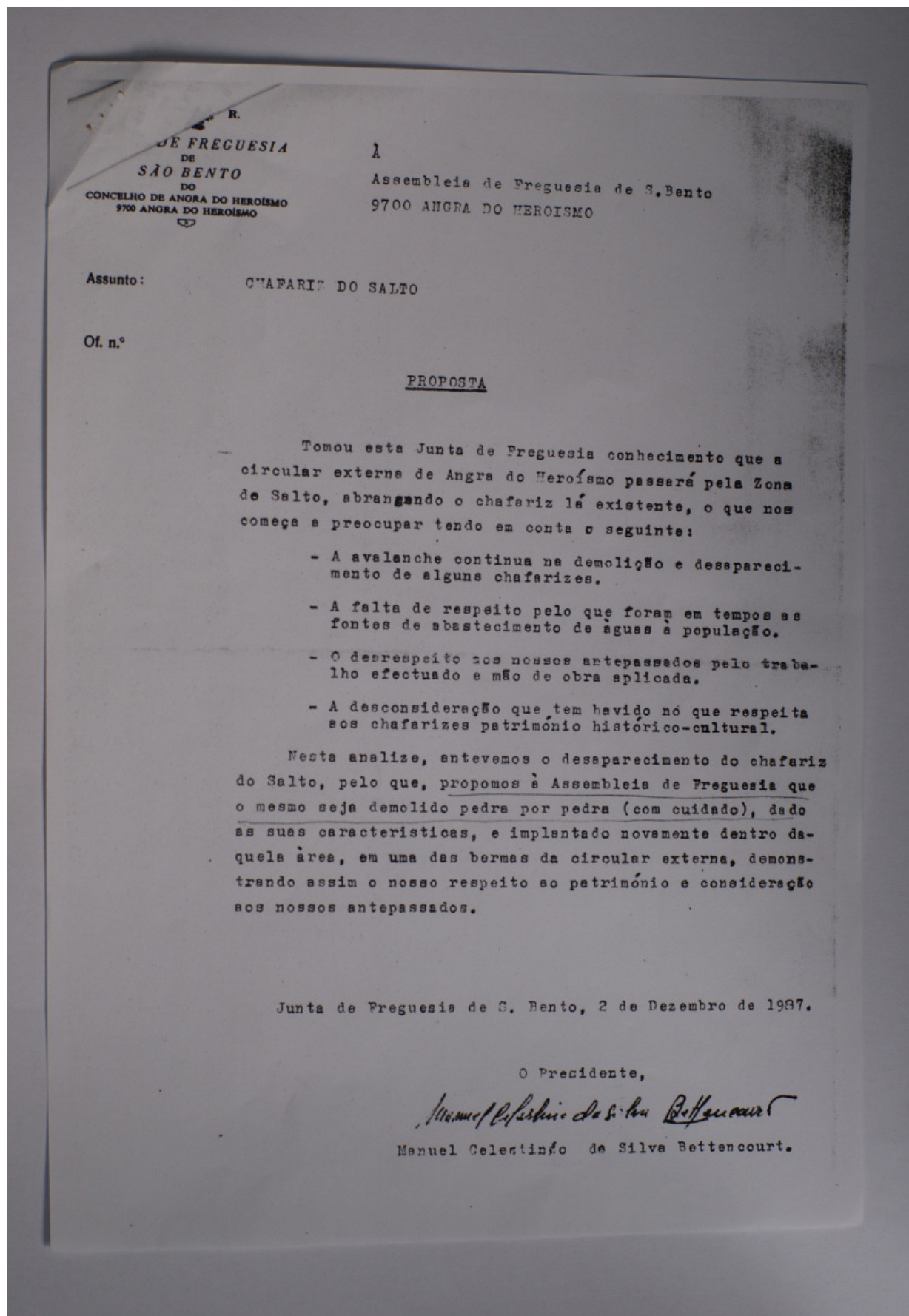


Legenda:

- 46 - Moinho do (??).
- 47 - Serra do Água de Basílio Simões.
- 48 - Moinho do Basílio Simões.

Legenda:			Título: Planta de Localização	
● Moinho	● Engenho dos Pregos	— Percurso da levada	Autor: Vítor Batista Medeiros Brasil	
● Casa da Nascente	● Alcaçarias		Escala: 1/2 500	Data: 12 de julho de 2010
● Fábrica de Tabaco	● Serra de Água		Desenhou: Leonilde dos Santos Costa Fonseca	

Documento 9 – Ofício da Junta de Freguesia de São Bento s/n.º, de 02/12/1987.



R.
JUNTA DE FREGUESIA
DE
SÃO BENTO
DO
CONCELHO DE ANGRA DO HEROÍSMO
9700 ANGRA DO HEROÍSMO

1
Assembleia de Freguesia de S. Bento
9700 ANGRA DO HEROÍSMO

Assunto: CHAFARIZ DO SALTO

Of. n.º

PROPOSTA

Tomou esta Junta de Freguesia conhecimento que a circular externa de Angra do Heroísmo passará pela Zona de Salto, abrangendo o chafariz lá existente, o que nos começa a preocupar tendo em conta o seguinte:

- A avalanche continua na demolição e desaparecimento de alguns chafarizes.
- A falta de respeito pelo que foram em tempos as fontes de abastecimento de águas à população.
- O desrespeito aos nossos antepassados pelo trabalho efectuado e mão de obra aplicada.
- A desconsideração que tem havido no que respeita aos chafarizes património histórico-cultural.

Nesta análise, antevemos o desaparecimento do chafariz do Salto, pelo que, propomos à Assembleia de Freguesia que o mesmo seja demolido pedra por pedra (com cuidado), dado as suas características, e implantado novamente dentro daquela área, em uma das bermas da circular externa, demonstrando assim o nosso respeito ao património e consideração aos nossos antepassados.

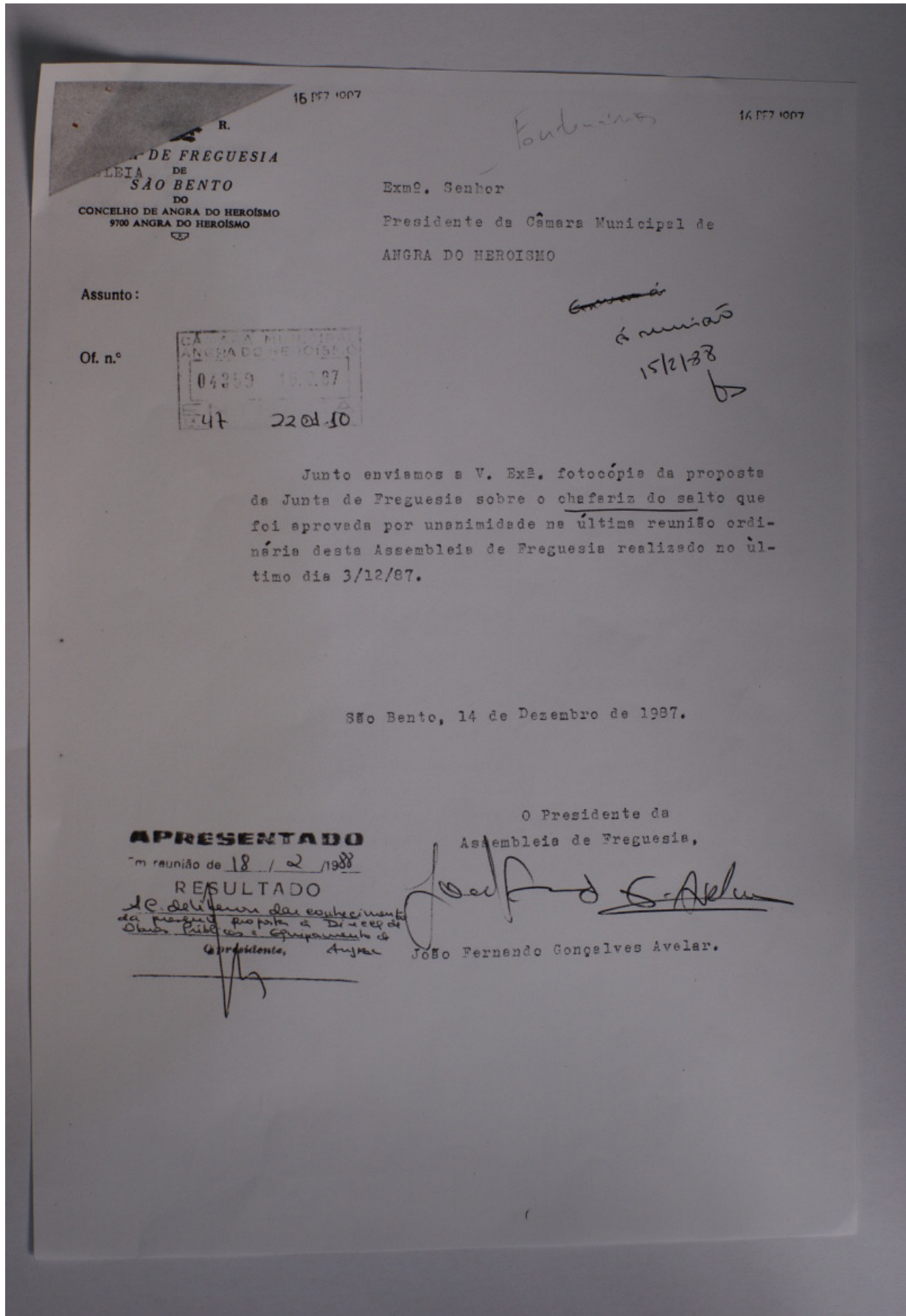
Junta de Freguesia de S. Bento, 2 de Dezembro de 1987.

O Presidente,

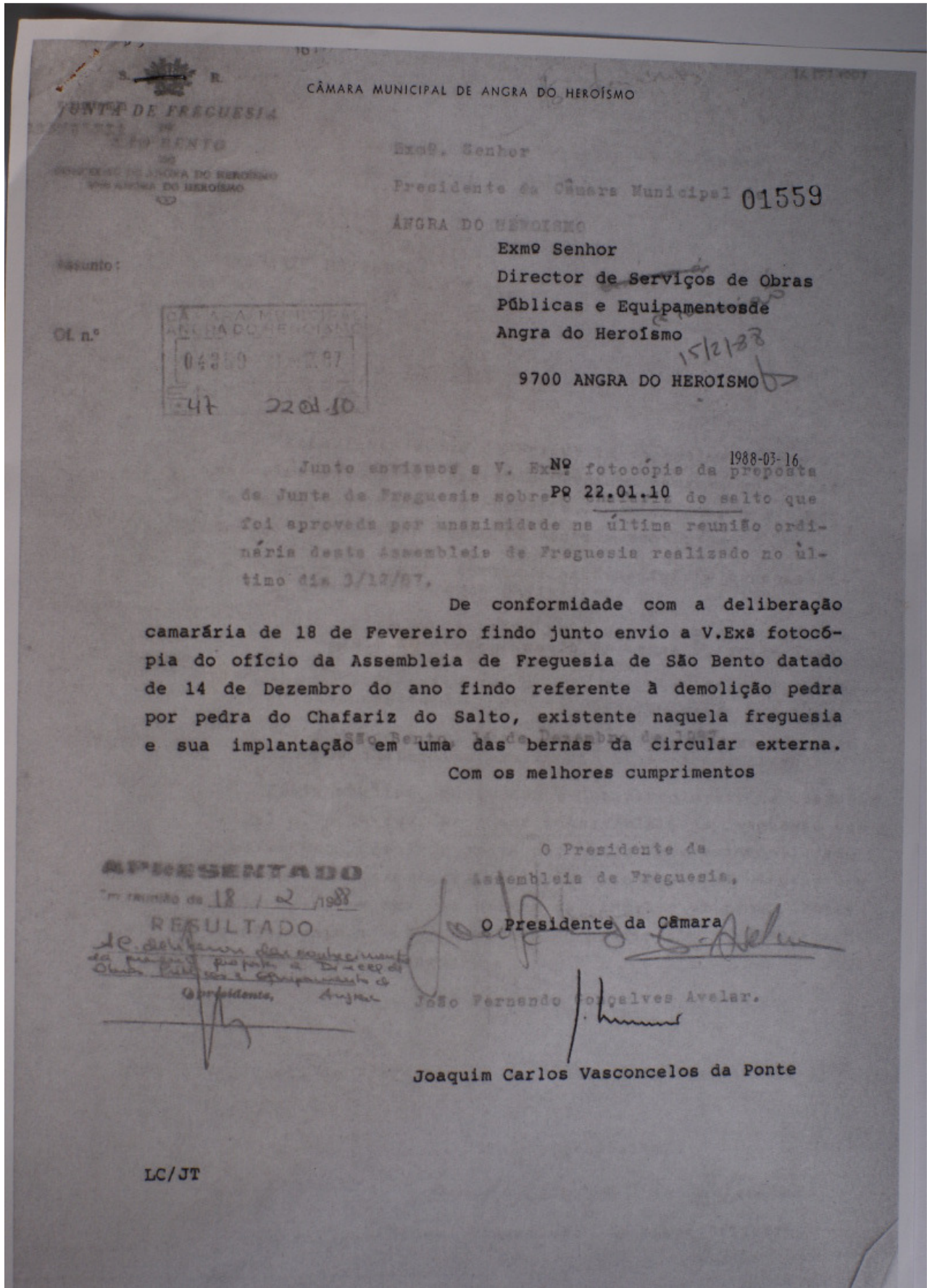
Manuel Celestino de Silva Bettencourt

Manuel Celestino de Silva Bettencourt.

Documento 10 – Ofício da Assembleia de Freguesia de São Bento s/n.º, de 14/12/1987.



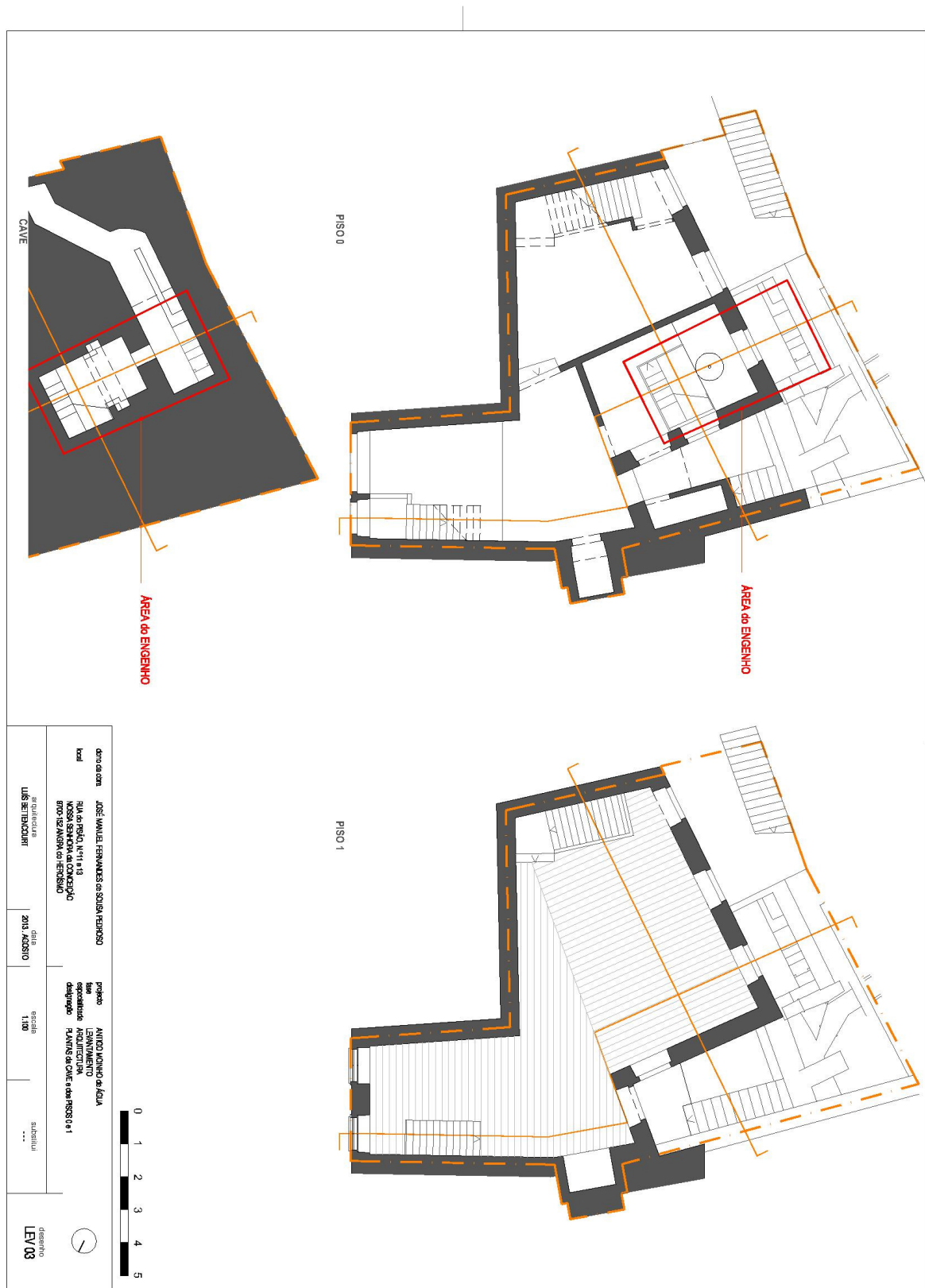
Documento 11 – Ofício da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo n.º 1559, de 16/03/1988.



Documento 12 – Levantamento de arquitetura do antigo moinho de água da Rua Frei Diogo das Chagas, n.ºs 11 e 13. Planta de implantação. Autoria: Luís Bettencourt.

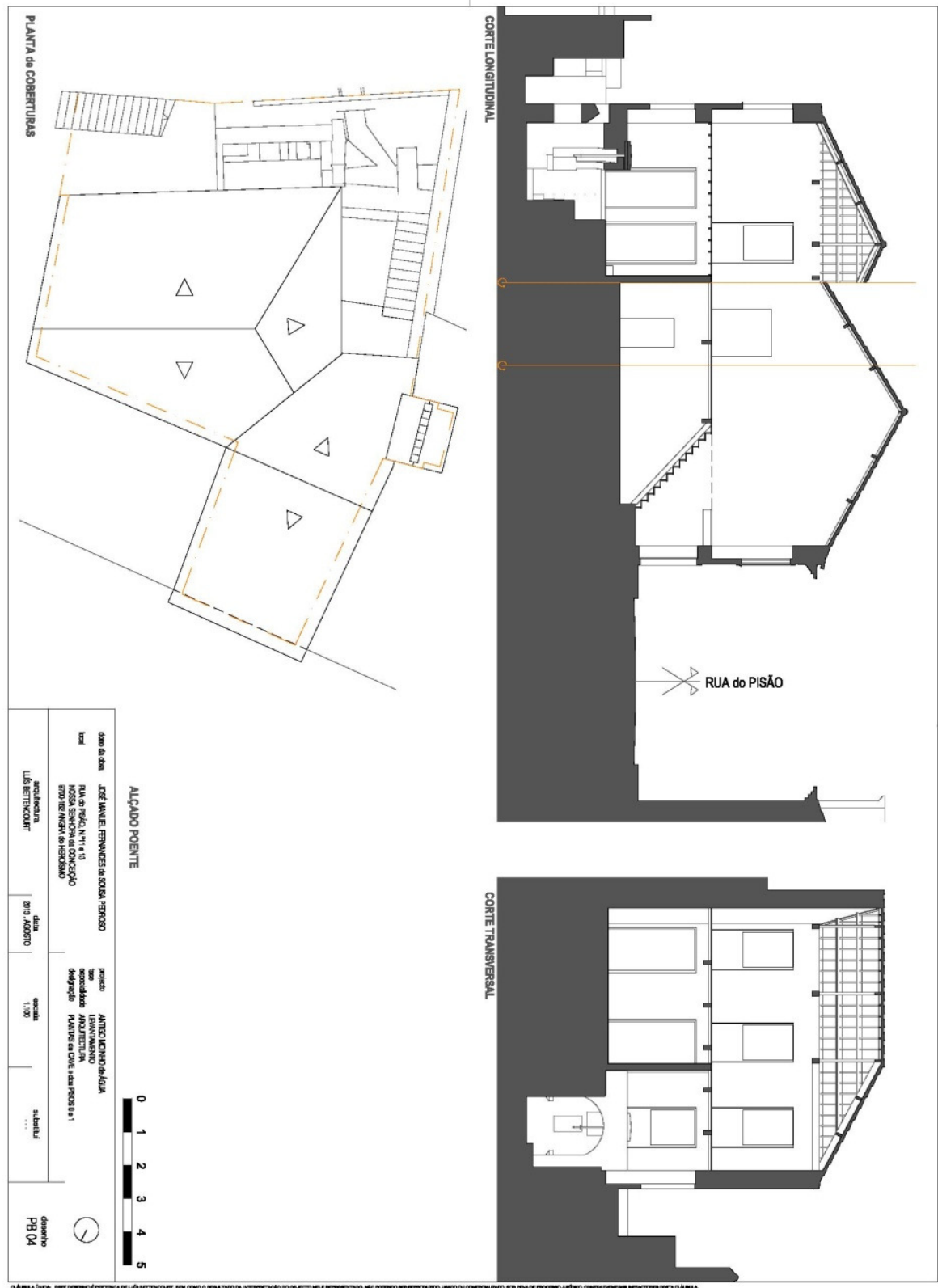


Documento 13 – Levantamento de arquitetura do antigo moinho de água da Rua Frei Diogo das Chagas, n.ºs 11 e 13. Planta da cave e dos pisos 0 e 1. Autoria: Luís Bettencourt.



QUALQUER FOTÓGRAFIA, CÓPIA OU CITAÇÃO DE PORTAÇÃO DE LUÍS BETTENCOURT SEM COMO RECONHECIMENTO DA INTERPRETAÇÃO DO OBJECTO DE PROTECÇÃO NÃO PODERÁ SER CONSIDERADA COMO UMA VIOLAÇÃO DE PROTECÇÃO DE DOUTRA NATUREZA PATRIMÓNIO DEPTA DA ARQUI...

Documento 14 – Levantamento de arquitetura do antigo moinho de água da Rua Frei Diogo das Chagas, n.ºs 11 e 13. Planta da cave e dos pisos 0 e 1. Autoria: Luís Bettencourt.



Documento 15 – Levantamento de arquitetura do antigo moinho de água da Rua Frei Diogo das Chagas, n.ºs 11 e 13. Planta de situação. Autoria: Luís Bettencourt.

